PEPETELA

JAIME BUNDA
Agente Secreto

Estória de alguns mistérios

kapulana
editora

JAIME BUNDA
AGENTE SECRETO

Estória de alguns mistérios

Pepetela

JAIME BUNDA
AGENTE SECRETO

Estória de alguns mistérios

(Edição revista e atualizada pelo autor)

São Paulo
2022

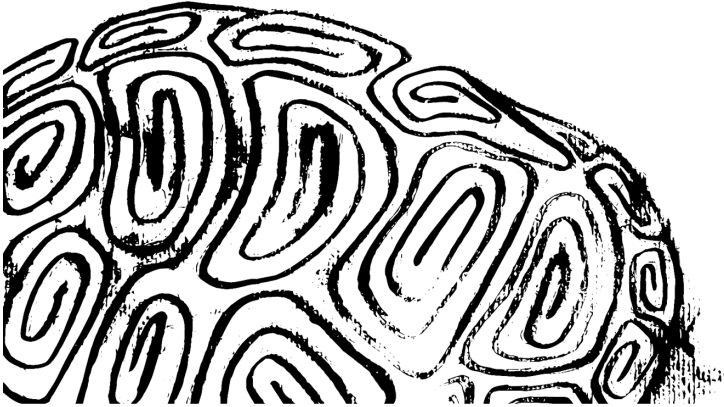
PRÓLOGO
(VOZ DO AUTOR)

A moça se despediu da amiga e avançou para a avenida. Ainda conservava nos lábios o sorriso da despedida, quando parou bruscamente, assustada com o automóvel preto. O carro também estacou de súbito. O condutor viu o sorriso desaparecer dos lábios dela. Mediu num relance o tamanho dos seios pontudos, querendo furar o vestido muito curto. Esperou gentilmente que se refizesse do susto e continuasse a travessia. Ela hesitou, mas depois agradeceu com um vago sorriso para os vidros escuros e correu à frente do carro, mostrando o corpo meio de menina meio de mulher, moldado pelo vestido justo. Uma gazela, uma cabra de rabo de leque, pensou o motorista, sentindo compulsivos apetites de caçador. Arrancou com o carro e seguiu até no fundo da Ilha.

No regresso, no sentido do fundo da Ilha para a cidade, o motorista viu a menina ainda na paragem do candongueiro. Era feriado e os táxis rareavam, autocarros então nem se fala. Parou repentinamente a viatura, desceu o vidro fumado do lado direito, e lhe fez sinal para subir. Ela sorriu, relembrando o gesto amável de há pouco, e acedeu. Quando sentou no banco, a saia curta deixou ver as coxas muito jovens. O motorista pôs o carro em movimento, olhando furtivamente para o bonito corpo da moça. O sol, enorme, lá à frente, baixava majestoso na direção dos coqueiros do Mussulo. O mar estava calmo, parecia preparado para dentro dele receber a estrela. Foi isso que pensou a menina, olhando o pôr do sol?

LIVRO DO PRIMEIRO NARRADOR

Onde, a passo de cágado ou de feroz formiga quissonde em campanha, se descobrem alguns mistérios e aparece um investigador intrigante. Onde também se revela uma personagem tenebrosa.

1

O ESPANTOSO JAIME BUNDA

Jaime Bunda estava sentado na ampla sala destinada aos detetives. Havia três secretárias, onde outros tantos investigadores lutavam contra os computadores obsoletos. Havia também algumas cadeiras encostadas à parede. Era numa destas, a última, que Jaime pousava a sua avantajada bunda, exagerada em relação ao corpo, característica física que lhe tinha dado o nome. O seu verdadeiro era comprido, unindo dois apelidos de famílias ilustres nos meios luandenses. Mas foi numa aula de educação física, mais propriamente de vôlei, que surgiu a alcunha. Às tantas, o professor, irritado com a falta de jeito ou de empenho do aluno, gritou:

— Jaime, salta. Salta com a bunda, porra!

A partir daí, ficou Jaime Bunda para toda a escola. De fato, as suas nádegas exageravam. Ele, aliás, era todo para os redondos, até mesmo os olhos que gostava de esbugalhar à frente do espelho, treinando espantos. A mãe é que não gostou nada quando ouviu colegas tratarem-no assim, és um mole, não devias deixar que te chamassem um nome ofensivo, mas ele encolheu os ombros, a minha bunda é mesmo grande, vou fazer mais como então?

A alcunha até o ajudou, pois o professor de educação física considerou-o um caso perdido para o desporto nacional e nunca mais insistiu em obrigá-lo a fazer coisas para as quais não sentia a mínima vocação. Jaime ficava a maioria das vezes sentado à sombra, enquanto os colegas se extenuavam a correr de um lado para o outro ou a saltarem em movimentos pretensamente sincronizados. Ele ia comendo o seu lanche, comentando sozinho as peripécias que notava nos outros. E gozando as falhas. Era muito observador, não deixava escapar nenhum gesto ridículo, por minúsculo que fosse.

Por isso ria para dentro ao ver o colega Isidro batendo no teclado do computador, os dois indicadores muito esticados, a língua de fora, a qual se mexia ao ritmo da batida lenta. Os anéis de ouro que o investigador Isidro usava nos dois indicadores faiscavam. Patrício não dá mesmo, pensou Jaime Bunda, o dinheiro que o Isidro ganha gasta-o em ouro. Anéis, pulseiras, fio grosso de ouro como usam aqueles corredores de 100 metros da seleção norte americana... Só falta um Rolex de ouro. Parece um desses novos-ricos que ultimamente engrossam por aí... Deve ser isso mesmo, quer passar por novo-rico, ele que não tem onde cair morto. A menos que... Sabia de alguns esquemas do Isidro, mas talvez não desse para enriquecer. Estava entretido nestas cogitações quando entrou na sala o contínuo, que se dirigiu a ele:

— O chefe está chamar. Diz para correr.

Os três colegas riram, alarves. Toda a gente sabia que o estagiário Jaime Bunda não corria, era contra os seus princípios de vida. Levantou-se com a maior dignidade, acertou o vinco das calças, saiu da sala sem uma palavra, vincando o seu desprezo pela escumalha inferior dos investigadores seniores.

— Tenho um caso importante para si — disse o chefe Chiquinho Vieira. — Espero que faça

o melhor que sabe...

Jaime encheu o peito. Finalmente, começavam a reconhecer o seu mérito. Não era ao Isidro que entregavam esse caso importante, era a ele, até aí sempre esquecido, atirado para uma das cadeiras da sala de detetives sem nada para fazer, só porque era "das famílias". Chiquinho Vieira um dia mesmo lhe tinha dito que só o mantinha no serviço porque recebia ordens do D.O., o Diretor Operativo. Mas que não tivesse ilusões, por ele, nunca passaria de estagiário. D.O. também era das famílias e tinha-o incitado a escolher a profissão de detetive, és muito observador, nada te escapa, vais ser um craque. D.O. mandou recrutá-lo, evitando as formalidades de praxe. Depois de admitido faria os testes e os treinos, abaixo a burocracia que impede o combate eficaz ao crime. Chiquinho Vieira e os outros, invejosos do seu parentesco com o D.O., nunca lhe davam ensejo de provar que era mesmo um craque, só lhe mandavam ir comprar cigarros. No máximo fazer cobertura a algum colega numa missão mais arriscada, mas sempre em papel subalterno. Ele esperava pacientemente na sala, sentado na mesma cadeira, vendo os outros escreverem relatórios sobre os assuntos que iam resolvendo ou não, eles diziam que resolviam mas os criminosos pululavam pelas ruas e os subversivos conspiravam contra o regime, enquanto ele ia amolgando a cadeira com o peso da sua bunda. Durante todos os meses que ali passava na sala, mais de vinte, aprendera a distinguir todas as moscas que entravam e saíam pelas janelas.

— Pode contar comigo, chefe. De que se trata então?

— Assassinato. Violação e assassinato. Uma menor de 14 anos. O corpo foi encontrado perto do Morro dos Veados.

— Como foi morta? — perguntou Jaime Bunda.

— Estrangulada. Deve ter sido num carro e depois o corpo foi camuflado entre os mangais.

— E foi violada quantas vezes?

Chiquinho Vieira olhou para o subordinado com má cara.

— Sei lá quantas vezes foi violada. Não estava lá para ver. E o laboratório de certeza que não tem meios para descobrir isso. Mas diga-me lá, que importância tem se foi uma, duas ou mais vezes?

— Muita — disse Jaime. — Só um tarado é capaz de repetir uma violação.

O chefe ficou a olhar para ele, atônito, sem responder. Este tipo ainda é mais parvo do que eu julgava. Ou então não é nada parvo, mesmo nada parvo, só disfarça.

— Pergunte aos tipos do Ministério do Interior. Eles é que estão com o caso em mãos.

— E nós? — perguntou Jaime.

— Como sempre, nós ficamos na sombra. Só tratamos diretamente certos assuntos, os importantíssimos. Neste caso, há a Direção competente do Ministério que investiga. Mas nós vamos seguir o caso e interferir se necessário.

—Ah, posso interferir...

— Claro. Mas com discrição. O Bunker não quer publicidade... Nem makas com os do Interior. Mas se vir que os tipos estão a fazer asneira, pode aconselhá-los, dar orientações mesmo, eles estão lá para o ouvir.

— Eles vão me ouvir?

— Claro. Nós estamos diretamente ligados ao Bunker e eles sabem disso. Não gostam, mas ouvem.

Jaime Bunda aquiesceu com a cabeça, numa ambígua atitude, entre a deferência para com o superior e a condescendência do professor em relação ao aluno que responde bem a uma questão. Chiquinho Vieira lhe aparecia agora de maneira diferente, simpático, camarada.

— Chefe, posso fazer-lhe uma pergunta?

— Faça.

— É uma pergunta pessoal... Bem, não é do serviço...

Chiquinho Vieira olhou de novo para Jaime Bunda, como se este fosse uma cobra surucucu. Que é que este songamonga tem de me fazer perguntas pessoais num momento destes? Nem percebeu por que razão anuiu, às vezes acontecia deixar falar o seu coração de bófia demasiado generoso, como dizia a sua mãe.

— Faça.

— Por que é que o chefe usa um atacador preto num sapato e um castanho no outro?

Chiquinho Vieira quase saltou para trás ao olhar instintivamente para os pés, escondidos embaixo da secretária. Levantou um sapato e depois o outro. Disse contra vontade:

— Tem razão, não tinha reparado. Como raios pode ter acontecido uma coisa destas?

Jaime Bunda levantou da cadeira postada à frente da secretária do chefe e deu a volta, para ficar ao lado dele. Até se abaixou para ver melhor e depois se ergueu com um sorriso triunfal.

—É o que me parecia, chefe. De fato, os dois são castanhos. Só que um recebeu tinta preta, provavelmente quando engraxou os sapatos. É o chefe mesmo que o faz? Com aquelas bisnagas que têm uma esponja na ponta?

— Exatamente — respondeu Chiquinho Vieira, espantado.

— É o perigo dessas coisas. Agora tem de também passar tinta no outro atacador e pronto, ficam iguais.

Jaime Bunda voltou a sentar confortavelmente à frente do responsável, o qual não parava de olhar para os sapatos e para o subordinado, completamente abuamado, diminuído na sua autoridade.

— O chefe dizia então que eles têm de me ouvir, porque dependo diretamente do Bunker. Em caso de dificuldade, posso relembrar-lhes isso? Eles devem ter um medo danado do Bunker... Até eu tenho.

— Pode relembrar, mas nem é preciso, eles sabem muito bem. Quem não tem medo do Bunker?

— O chefe tem?

— Claro... — nesse momento Chiquinho Vieira caiu em si, como podia estar a fazer confidências dessas a um inferior, ainda por cima aquele burro do Bundão? Levantou-se, furioso consigo mesmo. — Medo não. Respeito. O respeito que se deve. Bem... Trate desse assunto. É vital.

Jaime Bunda relutava em se levantar. Era a primeira vez que estava sentado à frente da secretária do chefe Chiquinho Vieira, uma autoridade nacional e quiçá afro-austral em assuntos secretos. Estar em ambiente de tanta familiaridade com tal personagem era um privilégio de que não queria abdicar facilmente. Ergueu o dedo indicador da mão direita.

— O chefe dá licença?

—Diga.

— Vou precisar de um carro.

— Claro. Fale com... Deixe, eu mesmo dou a ordem. Tem um carro à sua disposição com motorista, 24 horas por dia.

— Não preciso de tanto.

Só então Chiquinho Vieira se apercebeu do ridículo da sua situação. Ele é que estava de pé, por trás da secretária, enquanto o anormal se refastelava na cadeira dos visitantes, quase a pôr os sapatos em cima da secretária e a puxar por um charuto. Decididamente o atrasado primo do D.O. punha-o fora de si. Aquela coisa dos atacadores então... Com efeito, Chiquinho Vieira era conhecido pelo seu afã de elegância, só usava fatos dos melhores alfaiates de Paris ou, em situação de muito aperto, do Chiado de Lisboa. Como podia ter permitido que acontecesse andar com atacadores de cor diferente? E como é que o anormal, sentado do outro lado, descobriu? Pela segunda vez se perguntou, o gajo é mais burro do que eu julgava ou não é nada burro? Sentou-se pesadamente, pretendendo corrigir a humilhante situação de desvantagem. Mas falou suavemente.

— Pode começar a trabalhar. Vá apresentar-se ao inspetor Kinanga, do Interior, para ele lhe dar todos os detalhes da investigação.

Como Jaime Bunda se mantinha na mesma posição, agora olhando com exagerado interesse e alguma estranheza para um quadro na parede que representava uma natureza morta, antes que o subordinado matasse definitivamente o quadro ou descobrisse nele mais alguma coisa que o pusesse fora de si, repetiu:

— Pode ir, pode ir.

Como é que um tipo tão novo podia demonstrar tanto esforço e sofrimento para se levantar de uma cadeira? Os suspiros de Jaime Bunda eram de cortar o coração de qualquer outra pessoa, não do chefe Chiquinho, que só sonhava em o ver fora do seu gabinete, da sua repartição, da sua cidade, do seu mundo. Jaime finalmente ficou de pé, fez uma vênia e disse com toda a candura:

— Gostei muito deste bocado, chefe.

Virou em câmara lenta para a saída e nunca, nunca mesmo, o chefe Chiquinho viu alguém demorar tanto tempo até chegar à porta, abri-la e desaparecer. Coçou a cabeça, com riscos de desalinhar a carapinha, religiosamente penteada, voltou a olhar para os sapatos, agora filhos da vergonha. Já duvidava se tinha escolhido o homem indicado para o serviço recomendado pelo Bunker. Ao que lhe dera a ordem, ele garantira: “Tenho o homem certo.” Seria mesmo verdade?

[E será mesmo verdade que eu, o autor, devo deixar o talvez imprudente narrador pôr aqui esta frase do chefe Chiquinho Vieira? Não deveria ficar escondida até perto do fim? Dúvidas e mais dúvidas, esta vida é regida por elas.]

2

O INSPETOR KINANGA SERVE UÍSQUE

Mal Jaime Bunda desceu as escadas, viu o carro que lhe tinham destinado, o motorista sentado dentro. O carro parecia velho e maltratado. Certamente tinha um motor a funcionar à perfeição, o aspecto exterior era apenas para disfarçar, pensou o agente. Ninguém repara, pensa que é uma carcaça podre que pode entrar em qualquer musseque sem se fazer notado e afinal, quando é preciso encetar uma perseguição, vira bólide que nem os das corridas de Indianápolis. Deu a volta ao carro, examinando-o atentamente e com ar satisfeito. Só então o motorista reparou nele e lhe fez o gesto de entrar. Jaime Bunda hesitou. Devia sentar-se ao lado do motorista ou atrás? É melhor à frente, se for atrás chamo logo a atenção de que aqui vai uma pessoa importante a fingir que é pobre num carro velho. Com gestos lentos e grande sofrimento na cara sentou ao lado do Bernardo.

— Para a Direção Criminal. Rápido!

Bernardo fez um sorriso ambíguo. Distribuem para algumas horas um carro com motorista a um eterno estagiário e ele já pensa ser um muata. Mas o que Bernardo disse foi outra coisa:

— Quer sirene, chefe?

— Não, não é preciso.

— Também não tenho sirene, só os carros novos é que têm. E sem sirene, com este trânsito, não vamos rápido, como quer.

— Vá como puder.

— É isso mesmo, chefe, agora falou bem. Como puder... Acho que um dos barbantes que está a segurar o carburador vai partir a todo o momento. Veja aí se tem um barbante de reserva, faz favor.

O motor pegou à primeira, mas a negra nuvem de fumo que saiu do escape não enganava ninguém, era mesmo um carro vulgar, ótimo para não despertar suspeitas em Luanda. Jaime rebuscou o cofre do tablier, onde encontrou uma escova de dentes usada, camisas de vênus, papéis, notas de 500 000 kwanzas fora de circulação, um resto de sabonete, uma meia com buracos, duas balas 7.65, um velho cartão dando acesso ao talho nos tempos do socialismo esquemático, uns recibos antigos todos amachucados, dois rebuçados, um bloco de notas, uma esferográfica partida, e finalmente um resto de fio, que mostrou triunfalmente:

— É este?

— Positivo, chefe. Desculpe a desarrumação, mas assim é que se encontram as coisas. Agora já podemos arrancar. É uma chatice ficar parado no meio do trânsito, só porque não se tem um bocado de barbante para amarrar um carburador, não acha, chefe?

— Claro, claro — concordou, condescendente.

Jaime Bunda ajeitou-se mais confortavelmente no carro que partia, satisfeito pela forma

como o Bernardo o tratava. Até aí sempre chamara chefe aos outros e nunca ninguém lhe tinha nomeado dessa maneira. Era reconfortante. Bom moço, este Bernardo, se continuar assim vou propor a sua promoção, logo que eu resolva este caso importante. E em breve passarei a resolver os casos importantíssimos. Um dia, quem sabe, chegaria aos vitais. Era essa a nomenclatura dentro do serviço. Casos normais ou vulgares não havia, eram os resolvidos pela polícia comum, do Ministério do Interior, ou pelos serviços secretos do governo, que mudavam frequentemente de nome e eram vários. Tinha ouvido há tempos o primo D.O. dizer que o segredo era ter sempre vários serviços para o mesmo tipo de trabalhos, assim uns vigiavam os outros. E os SIG (Serviços de Investigação Geral), aos quais orgulhosamente pertencia, serviam de vigilantes acima de todos.

O "moço" Bernardo, pessoa de uns quarenta anos, que quase podia ser pai de Jaime e há muito perdera a esperança de uma promoção, meteu o carro pelas ruas atulhadas da cidade. No caminho o agente estagiário ficou a saber que ele tinha oito filhos vivos de duas mulheres, tendo três morrido de tenra idade. Que tinha uma casa no Cazenga, onde vivia com a primeira mulher, e um ximbeco no Golfe, onde estava a segunda, mais jovem mas já com três filhos. E o chefe? Jaime teve de confessar ser ainda solteiro e sem filhos, conhecidos, claro. Porque desses que a gente semeia por aí, como se vai saber? Bernardo também lhe disse que não fora sempre motorista, mas antes tinha sido polícia, do Ministério do Interior, mas aceitou este emprego de motorista nos SIG, que um primo lhe arranjou, pois como motorista ganhava cinco vezes mais que no Ministério. Cinco vezes, duvidou Jaime Bunda. É verdade, chefe, cinco vezes. E não tenho de ficar dez horas de pé a andar de um lado para o outro nas ruas, a apanhar sol e a ser injuriado por qualquer tipo que passa de carro e acelera, fazia mais como para ir atrás dele? Cinco vezes, Bernardo? É verdade, chefe, o chefe mesmo como investigador estagiário deve ganhar cinco vezes mais que um inspetor do Ministério. Quem vai encontrar lá? O inspetor Kinanga? Então pergunte ao inspetor Kinanga qual é o salário dele, vai ver. Nós somos privilegiados, não recebemos do orçamento do Estado, recebemos dos sacos azuis, o circuito paralelo. O paralelo é que dá, seja o mercado, seja a polícia, seja a igreja, sabedoria do Bernardo. Por isso é que os polícias têm de pentear as pessoas, quer os pedestres que vendem mercadorias quer os circulantes que têm documentos certos e carros na perfeição, mas que mesmo assim têm de escorregar gasosas para os polícias, senão perdem a carta de condução. Mas vão fazer mais como, então os polícias também não têm mulher e filhos para sustentar? É melhor pedir que roubar e é melhor roubar que ser roubado, não acha, chefe? Realmente, pensou Jaime Bunda, ele não tinha problemas com o seu salário, dava para viver. E os colegas não se queixavam disso também, diferentemente de todos os funcionários que conhecia e passavam o dia a carpir-se pois o dinheiro não chega nem para comprar veneno pra me matar, como dizia a canção do Paulinho.

Esta conversa elucidativa do Bernardo era pontuada por umas discussões rápidas e alguns insultos à mistura trocados com outros motoristas, pois no trânsito a regra principal para ter prioridade é avançar e buzinar e berrar e fazer gestos ameaçadores. Nestes momentos é que me arrependo de ter escapado da tropa para entrar na polícia, nos tempos, acabou por confessar o Bernardo. Devia ter ficado lá até ter arranjado um tanque. Entrava nestas ruas com o blindado e queria ver se não tinha sempre prioridade. E estiveram blindados à venda em

1991, mas na altura não tinha dinheiro. Era só empurrar os tipos contra as casas, esmagar-lhes os ossos, sacanas. Sonhos todos têm, disse filosoficamente Jaime Bunda. Eu por exemplo gostava que este carro tivesse um rádio, daqueles de falar para os outros carros e para a central. Dava jeito, lá isso dava, reconheceu Bernardo. Mas nem sequer tem um para ouvir música, veja lá a miséria, chefe.

Chegaram e Jaime Bunda exibiu o seu cartão mágico para ser imediatamente recebido pelo inspetor Kinanga. Fingiu que não ouviu o guarda da porta telefonar para cima, está aqui um bófia qualquer do Bunker para falar com o inspetor Kinanga. Mandaram-no subir logo, é no segundo andar. Como o guarda lhe apontou as escadas, Jaime perguntou com o ar mais arrogante que conseguiu arranjar, só para se vingar de ter sido chamado de bófia qualquer, o qualquer é que lhe chateava, então não têm elevador? Aí o que o guarda respondeu, que elevador é só para os muatas! Então mostra já onde é o elevador, estás a brincar comigo ou quê? O guarda tremeu debaixo da sua inimportância, é ali, e apresentou a porta que deu acesso à subida majestosa de Jaime Bunda, agente secreto.

O inspetor Kinanga era um tipo novo e magro, com uma barbicha tímida no queixo. Recebeu Jaime com o máximo respeito e algum temor, se notava. Mandou vir café e se quiser um cheirinho também se arranja, ao que Bunda respondeu, cheirinho não, quero um bafo completo, uísque bem cheio com gelo, havia que aproveitar do seu estatuto finalmente reconhecido de bófia do Bunker. Sentaram em duas poltronas, não à secretária como se fazia habitualmente nos SIG e nas repartições pobres. Havia de falar nisso ao chefe Chiquinho, como é que no gabinete dele não tinha poltronas, se os SIG eram mais importantes que o Ministério do Interior todo junto?

— O que há sobre o caso é pouco. Foi encontrada entre os mangais a Catarina Kiela Florêncio, de catorze anos de idade, estrangulada, com sinais evidentes de violação. Morava com os pais na Ilha e, segundo apuramos, saiu de casa para ir visitar uns amigos na antiga fábrica de sabão à Marginal, para o fim da tarde de dia 11, feriado. Ia apanhar o candongueiro, mas um carro preto, novo e reluzente, deu-lhe boleia. Foi o que apercebeu um vizinho, o mais velho Salukombo, antigo refugiado de guerra que se estabeleceu na Ilha há dez anos, vivendo com a filha, casada com um oficial da Marinha de Guerra. O corpo foi encontrado dia 13, já em estado de decomposição. Talvez ainda possa ver o corpo...

Jaime Bunda conseguiu controlar o instintivo gesto de repulsa.

— Tenho a certeza que fizeram bem a autópsia — esquindivou. — Suspeitos?

— Evidentemente... — o inspetor fez um gesto apressado para apagar a palavra, que podia parecer mostra de menosprezo. — O condutor do carro preto, não lhe parece?...

— Isso é o óbvio — disse Bunda. — E o real? Que inimigos tinha a moça?

— Inimigos? Com catorze anos? — mais uma vez o inspetor Kinanga fez o gesto de apagar o que tinha dito, só que já era tarde. Desconseguiu disfarçar uma ligeira tremura, diante dos olhos esbugalhados de Jaime Bunda que o fitavam como a osga fita o mosquito.

— Conheci um bebê de dois dias que tinha um inimigo mortal. A mãe. Deitou-o no contentor do lixo.

— Bem, visto por esse ângulo... — disse Kinanga, cada vez mais intimidado.

— Acho que é o ângulo certo. Os pais foram interrogados?

— Sim, claro, fizemos as perguntas habituais...

— E as outras? — perante o ar aparvalhado do outro, repetiu: — Não fizeram as outras?

— Bem, de fato, não nos ocorreu... Se pudesse ajudar-nos, enfim... dizer que perguntas devíamos...

— O médico legista que fez a autópsia pode dizer quantas vezes a menina foi violada? Repare que isso é muito importante.

— Não sei, vamos perguntar. Sabemos que ela era virgem, isso sabemos.

O inspetor Kinanga levantou e foi até à secretária, onde estava o telefone. Quase a suar e sentindo comichão no entrededos dos pés, sinal de nervosismo, pediu ligação para o médico legista, já vamos ter a resposta. Jaime Bunda saboreou o uísque e refastelou-se, satisfeito, na poltrona. Isto sim, isto é qualidade de vida. Talvez os salários destes gajos sejam baixos, mas o uísque é bom. E as poltronas cômodas, modernas. Mas, apesar disso, não largava a vítima, como o cão kabiri quando encontra um osso.

— Não percebo como não vos ocorreu isso... Este caso está a ser tratado com a importância que merece? Confesse lá, inspetor.

— Compreende, temos serviço a mais e quadros a menos... Sabe quantos crimes há todos os dias nesta cidade? Sabe, claro, deve saber.

— Hum, tenho uma ideia...

Calou-se, porque o outro entretanto tinha conseguido a ligação e falava com o legista. Desligou o telefone e respondeu a Bunda:

— Diz que é impossível saber. Com outros meios, laboratórios bastante especializadíssimos, talvez, enfim... E o corpo já foi entregue à família para o óbito.

— Negligência, negligência! Como entregaram o corpo do delito com o inquérito ainda a correr?

— Podemos retirá-lo. Mas isso vai dar maka com a família.

— Que dê. Ou prefere maka com o Bunker?

Positivamente, o inspetor tremeu. Até a barbicha de chibo tímido se sacudia vertiginosamente, acompanhando o movimento dos lábios.

— Vou mandar o corpo voltar para o frigorífico da morgue. Não foi negligência, senhor... senhor...

— Chame-me Jaime Bunda.

Kinanga estava demasiado nervoso para estranhar a falta de título ou o teor do apelido. Apenas se queria justificar.

— Compreenda, senhor Bunda... A morgue está sempre cheia, por vezes os corpos ficam de fora a apodrecer. Veio nos jornais...

— Sim, recordo...

— Por vezes temos de despachar as coisas, para não atafulhar ainda mais a morgue. E a família é muito pobre, compraram comida para o óbito, já a devem estar a gastar. Vamos obrigá-los a fazer duas despesas, como se tivessem dois óbitos...

— Compreendo tudo isso. Mas nunca ouviu dizer que *dura lex sede lex*, quer dizer, a lei dura muito e tem sede de lei? Frase do Aristóteles. Então! Mande guardar o corpo até que ele revele quem foi o seu assassino.

O inspetor foi de novo ao telefone e deu as ordens. Parecia haver resistência do outro lado, porque ele teve de elevar o tom, cumpra as minhas ordens e não pense, quem vos paga para pensar? Jaime Bunda gostava cada vez mais do Kinanga, era um moço muito talentoso. E ainda por cima tinha medo dele... Nunca me tinha acontecido alguém ter medo de mim. Era uma sensação estranha, quase tão boa como o primeiro orgasmo. Era parecido, sim, com o primeiro orgasmo. E a maka é que não sabiam se o violador tinha tido só um orgasmo... Questão essencial para a definição psicológica do personagem, pensou ele, mas só eu é que vejo o óbvio, tão claro que até cega? O inspetor voltou a sentar-se perto do visitante, visivelmente desanimado.

— No sítio onde estava o corpo, não encontraram nada?

— Nada — disse Kinanga. — Se havia alguma coisa a água levou. Mesmo se o carro saiu da estrada, o que é mais certo, pois já não se viola ninguém na estrada da barra do Kuanza, mesmo ao lusco-fusco... Aqueles terrenos são alagados duas vezes por dia, por causa da maré. Nem marcas de carro, nem marcas de pés, nada, só o cadáver...

— E quem o descobriu?

— Pescadores de domingo que passavam a corricar e viram o corpo numa posição estranha. Como a maré permitia, aproximaram-se mais e viram que a vítima estava morta. Mas nem desembarcaram, passaram só. Quando acabaram a pesca, telefonaram a avisar. E como é hábito, nem disseram o nome...

— Quer dizer que não sabem quem encontrou o corpo?

— É isso mesmo. Eles telefonaram para a sede da Samba a avisar. E deram todos esses detalhes de verem o corpo, se aproximarem etc. Mas também ninguém lhes perguntou o nome e nem sei se eles o dariam, caso lhes perguntassem. Então a Samba mandou um carro da polícia lá ver se era verdade. E os polícias encontraram o corpo.

— Quer dizer, mais uma pista queimada...

— Como assim, senhor Bunda?

— Não lhe ocorreu que o corpo pode ter sido lançado ali a partir de um barco? Exatamente desses que telefonaram? Por que pensar que o crime foi num carro e não num barco?

O inspetor respirou fundo para ganhar coragem. E procurou o tom mais humilde para responder:

— Pensei... Se fosse num barco, para que ter o trabalho de desembarcar o corpo e pô-lo em sítio onde facilmente se descobre? Não seria melhor lançá-lo simplesmente ao mar? Não ali naquela zona, entre o Mussulo e o continente, mas mais além, no alto mar? Nem corpo de delito haveria, seria apenas mais uma criança desaparecida.

— Correto, correto... — disse Bunda. — Com a verdade me enganas, como dizia o poeta espanhol Kirkegaard, já ouviu falar? Pode ter sido isso que o assassino pensou. Ele pode querer mesmo que pensemos assim, então fez pelo mais difícil. E agora andamos à procura de um carro, quando devíamos andar à procura de um barco. Topa a diferença?

— Estou a seguir... — disse o inspetor, não muito convencido.

— Vocês agarram-se apenas à tese do carro. Como a miúda foi vista pela última vez quando estava a pedir boleia, pronto, foi no carro que tudo aconteceu. Mas pode não ser.

— Ela não chegou à antiga fábrica de sabão. Pelo menos não foi ter com os amigos que tinha dito em casa que ia encontrar... Daí que supusemos...

— Diga-me uma coisa, inspetor. O que iam fazer a este inquérito? Entregaram o corpo à família, a miúda ia ser enterrada ainda hoje pois já cheira mal, e depois?

Kinanga mexeu-se na cadeira, pois tinha percebido a alusão implícita. Afastou os dois braços do corpo, com as palmas das mãos viradas para cima.

— Não há matrícula do carro, nem sequer certeza quanto à marca... Só que é um carro grande, preto e brilhante. Pode ser um Mercedes, um Volvo, um Studebaker...

— Ainda se fazem desses?

Jaime Bunda esbugalhava de novo os olhos, sonhador. O Studebaker e o Cadillac eram os carros da sua infância, de tanto ler livros policiais dos ianques. Que eu saiba, dizia ele, nunca Perry Mason andou de Mercedes. A sua imaginação de criança foi acalentada por livros de coleções que hoje já não existiam, com capas e títulos chamativos ("O Assassino só anda de noite", "Morte em East Side", "Os três tiros fatais", "Crime em vestido de noite" etc.), que o tio Esperteza do Povo, antigo guerrilheiro na luta contra o colonialismo e reconvertido para as fileiras policiais, lia e relia na esperança de aprender o novo ofício cuja ciência lhe escapava. Foram certamente esses livros que o levaram a aceitar a proposta do primo que era D.O. e que lhe levou para os SIG. E agora estava finalmente com um caso bicudo nas mãos. Um crime sem indícios. O crime perfeito? Nunca há crime perfeito, a justiça sempre triunfa, o Mal será vencido, tinha aprendido estas verdades absolutas nesses livros. Pois bem, ia mostrar que os seus ídolos Spilane, Chandler ou Stanley Gardner estavam cheios de razão e não há crimes perfeitos, há é investigadores imperfeitos.

— Foi um nome que me saiu de repente, porque é um carro grande — disse Kinanga, que já não tinha posição na cadeira, sem resistir aos olhares perfurantes do outro.

Preferiu não revelar que o nome lhe saiu de forma maquinal, pois encontrava muitos em Cuba, sobreviventes do tempo do ditador Fulgêncio Batista, andando milagrosamente com peças improvisadas, remendos e mais remendos, devido à falta de acessórios causada pelo infame bloqueio ianque à ilha de Fidel. Kinanga estudou técnica investigativa em Pinar del Rio, Cuba, Território Libre de América, como tinha orgulho de dizer. Não o diria ao visitante, pois este era dos SIG, admiradores declarados dos Estados Unidos.

— Como o Cadillac e o Pontiac — disse Jaime. — Já reparou que não se fazem mais maravilhas dessas? Os carros dos verdadeiros detetives...

— Desculpe, mas vi um Pontiac há tempos — disse Kinanga.

— Em Luanda?

— Aqui mesmo. Muito velho, com a tinta castanha toda descascada, parecia uma tartaruga.

Jaime Bunda suspirou de saudade. Decididamente, Kinanga era um excelente moço, iam dar-se muito bem e desvendar juntos aquele mistério. Mas agora não era tempo de distração mas sim de trabalho. Por isso endureceu o olhar, como tinha treinado à frente do espelho. Disparou de surpresa:

— Já temos um carro e um barco. Falta-nos o avião e o comboio. Ah, pois, a bicicleta e a moto.

Kinanga olhava para ele de boca ligeiramente aberta, decerto espantado com as suas

deduções, mais profundas que as águas atingidas pela máquina do comandante Nemo. Por isso Jaime sorriu condescendente e perguntou com simpatia:

— Não acha?

— Sim, claro, pois claro...

— A bem dizer, ainda não temos o carro. Muito menos o barco. Mas estamos bem encaminhados.

Kinanga apontou para o copo quase vazio de Jaime e fez sinal de o servir de novo, ao que recebeu a resposta também por gestos, os dois dedos juntos, paralelos ao chão. Encheu o copo e também se serviu, o que não tinha acontecido da primeira vez, nunca bebia com sol, só com lua. Mas hoje fez exceção, abananado pela lógica do interlocutor. Jaime Bunda se serviu ele próprio do gelo, bebeu um trago.

— Mas ainda não esqueci que vocês iam arquivar o assunto...

— Não, arquivar não íamos...

— Esquecê-lo...

— Mais ou menos... Há tanto trabalho... e este caso assim sem indícios...

— Se não fosse eu, este caso morria já aqui, não é?

— Mais ou menos... com efeito morrer não seria.

— Não seria morrer mas seria moribundar...

— Com efeito... — Kinanga pensava que não devia se ter servido do uísque, já começava a suar, apesar do aparelho de ar-condicionado estar ligado. — Uma coisa tem de entender, senhor Bunda. Não temos capacidade operativa para deslindar todos estes casos.

— Mas este vai deslindar.

— Com certeza. Vou dar prioridade máxima. Vou já investigar quantos carros pretos grandes e brilhantes passaram na Ilha no fim de tarde do dia 11...

— E quantos barcos saíram para a pesca nesse dia e nos seguintes. Todos os barcos ficam nos clubes e só há três clubes. Não vai ser difícil.

Lá vinha o gajo com o barco, pensou Kinanga. Mas era melhor concordar, nunca se sabe, o tipo tinha um método investigativo muito particular, no Bunker tem de estar a par de técnicas ultramodernas... Toda a gente do meio sabia que o Bunker não tinha orçamento, quer dizer gastava à vontade o dinheiro que fosse preciso. E a malta deles passava a vida em estágios de aperfeiçoamento nos Estados Unidos e no Brasil. Não era como ele, Kinanga, que fez um curso médio nos tempos do socialismo esquemático, dormindo numa camarata em Pinar del Rio com mais vinte tipos e comendo feijão e arroz a todas as refeições. Daí saíra como técnico médio de investigação criminal. Mandaram-no anos depois para um estágio na Bulgária pouco antes da queda do muro de Berlim, onde nada aprendeu. Ensino superior fizera-o no Ministério, a interrogar tipos bêbados e a ameaçar prostitutas. Porra, como descobrir um maluco que viola e mata uma miúda de catorze anos? Maluco? Provavelmente alguém muito bem na vida e muito respeitado socialmente. Não seria a primeira vez... mas que raio tinha o Bunker de se interessar por este caso tão banal? Sempre ouvira dizer que eles só tratavam de assuntos que tinham a ver com a proteção do Estado, espionagem, assuntos políticos, enfim, coisas importantes. Agora a morte de uma menina que nem sequer era filha de alguém conhecido...

— Desculpe a curiosidade, senhor Bunda... Se me permite...

O sorriso, ou careta parecendo sorriso, de Jaime encorajou-o a prosseguir. Ora, perguntar não ofende, como diziam os búlgaros, avança pois com a pergunta, Kinanga, pensou este mesmo.

— Por que é que o Bunker se interessa por este caso? Parece tão vulgar.

Jaime Bunda tinha aprendido uma coisa nos meses, meses uma ova, já vai quase para dois anos, em que andou a aquecer a mesma cadeira dos SIG, ouvindo e vendo os colegas a trabalhar. Nunca se podia revelar nenhum segredo, eis a norma. Quanto mais conspirativo se parecesse, mais misterioso se mostrasse, mais poder se tinha ou aparentava. Faz-te misterioso para seres temido. Por isso fechou a cara, apagou o sorriso encorajador, endureceu a voz.

— O Bunker interessa-se por tudo. Não é você que tem de dizer ao Bunker o que é vulgar ou não. O Bunker faz o vulgar ser importante e o importante vulgar. Assim falou Zaratustra...

— Desculpe, não queria...

— Eu sei, eu sei — Jaime Bunda voltou a sorrir, quase ternamente.

Gostava cada vez mais do Kinanga, tão humilde e cooperativo. Talvez ligeiramente ingênuo. Com o tempo haveria de lhe aconselhar algumas leituras, a começar pelo Conan Doyle, é sempre por aí que se começa, não? Olhou ostensivamente para o relógio, já ali estava há bastante tempo e a hora do almoço aproximava-se. Agora que tinha carro, iria diretamente ao restaurante do Kiko comer carne de pacaça, sem passar pelo serviço. Se tinha carro, também podia gerir o horário como quisesse, não faz assim um verdadeiro muata? Levantou-se e depois de apertar a mão do outro, a caminho da porta, disse:

— Um último conselho: *cherchez la femme*.

Kinanga percebia um pouco de francês, aprendido com a mulher que era regressada do Congo, onde crescera. Por isso perguntou:

— Que mulher vou procurar, senhor Bunda? Não estou a ver...

— Há sempre, há sempre, já os clássicos ensinaram.

E saiu do gabinete, deixando o outro ainda mais abananado. Para retomar os espíritos, Kinanga pecou mais uma vez contra os seus rígidos princípios, enchendo de novo o copo com uísque. Foi apanhado nesses propósitos pela secretária, que entrou com papéis na mão, mal se apercebera que Jaime Bunda tinha saído do gabinete.

— Quem era esse misterioso visitante, chefe, que eu não podia sequer passar-lhe uma chamada?

— Quanto menos souberes dos mambos, melhor será — disse o inspetor, olhando descaradamente para as pernas dela. E virou o copo de uísque como se fora vodca, das poucas coisas que tinha aprendido a fazer a sério na Bulgária. Uma verdadeira bulgaridade...

3

FUNJI DE PACAÇA, DISCOS VOADORES E CONSPIRADORES

Bernardo torceu o nariz, quando Jaime Bunda lhe indicou o sítio do Kiko's Bar, afamado restaurante de carne de caça, sito no Bairro Operário. Vou meter o carro naqueles buracos, chefe? As ruas interiores estão uma desgraça. Ora, Bernardo, quando leva o carro de caxexe para casa, não o mete nos becos do Cazenga? Também não estão em melhor condição. Nunca levo o carro para casa, chefe, ele tem de dormir no serviço, resposta que não satisfez Jaime Bunda, ainda todo insolente com a nova autoridade de que fora investido, deixe disso, Bernardo, no serviço só se dorme de dia, como diria o João Paulo, não o Segundo, mas o Belmondo. Vamos lá, vou lhe mostrar o único sítio onde se come carne de caça nesta cidade, mas o Bernardo era um chato, desculpe, chefe, único não, no Bairro Palanca se come macaco à farta.

Com esta discussão chegaram ao B.O. Relutantemente, o Bernardo tirou o carro do asfalto muito maltratado e meteu-o na terra batida, cravejada de poças de água. O carro parecia barco em mar de calema, o que fez recordar a Jaime a conversa com Kinanga, pois de certeza a solução do enigma estava no barco de recreio que andava a corricar. No meio do bairro, numa casa baixa e pintada de amarelo, coberta a chapas de zinco, se situava o Kiko's Bar. Venha me buscar às duas e meia, ordenou o investigador, pondo os óculos escuros e batendo a porta do carro com firmeza. Olhou em redor, investigando as ruas cheias de buracos e de crianças brincando, as bancas de mulheres vendendo pão, latas de chouriço, cigarros, cerveja e tomate. B.O. dos grandes tempos, como lhe contava o seu pai, saudoso do bairro de onde foi corrido para o Sambizanga, no tempo colonial, por falta de dinheiro para o aluguel da casa. No Bairro Operário nasceu o Ngola Ritmos, contava ele com orgulho, os fundadores da moderna música angolana e do nacionalismo. No B.O. viveu Agostinho Neto, o nosso primeiro Presidente... O pai era adepto ferrenho do Bairro Operário e morreu de tuberculose, triste por não ter acontecido aí o trespasse, mas no Sambizanga, para onde iam os deserdados dos deserdados. Apesar de ostentar um nome ilustre, de séculos, morreu pobre e esquecido. Mas tinha os livros e desde cedo entusiasmou Jaime a lê-los. Lê tudo, não importa que livro, sempre te ensinará qualquer coisa. E Jaime leu, leu, leu. Para não acabar como o pai mas para ser como ele. Sacudiu a cabeça, entrou no estabelecimento.

Só havia dois clientes, pois ainda era cedo. Reconhecendo-os de imediato, Bunda fez-se de desentendido e sentou numa das quatro mesas vagas. Eram Tiago dos Santos, escritor, e o Martins jornalista, habituais clientes das tascas do Bairro Operário, tendo até o primeiro escrito um livro sobre pessoas ilustres e acontecimentos ligados ao meio. Pela maneira reservada como falavam, deviam estar a se fazer confidências sobre kitias, que depois o segundo aproveitaria para pôr nas suas ajindungadas crônicas. Jaime conhecia os nomes e as

fisionomias, pois nos SIG havia um investigador especializado que passava a pente fino tudo o que era escrito na imprensa, procurando mensagens subliminares contra o regime. Honório, o censor, por vezes sublinhava em voz alta alguma frase que mais lhe tocara na sua atenta investigação, ouçam esta, “a mboa encostou a bunda feita cobra quechequelenta na perna do kota”, uma bunda desta é que o Jaime precisava. Todos riam, menos ele, Jaime Bunda, enterrado na sua cadeira de estagiário desocupado, desprezando soezes indiretas aos seus predicados anatômicos.

Veio a empregada e ele encomendou funji de carne seca de pacaça. Em seguida apareceu o Kiko, que o cumprimentou de longe, como a um freguês habitual e sem muita intimidade, e se foi sentar na mesa dos outros dois. Kiko apresentava uma avantajada barriga, de muita cerveja. A empregada foi lá levar mais uns finos. E as gargalhadas de Kiko modificaram o ambiente da sala, que antes estava num recatado rumor de confidencialidade e agora passou a uma conversa descarada, no entendimento de Jaime, pois Tiago dos Santos contava como o ministro das Pescas mergulhara de cabeça pela janela para os fundos do quintal da Fefa Trombuda quando o marido desta entrou em casa mais cedo que o previsto, tendo a cena sido topada pelo kandengue do vizinho que contabilizava as visitas feitas à Fefa quando o marido andava a fiscalizar os barcos da frota pesqueira a mando do ministro. O chefe Chiquinho devia ser informado destas conversas que manchavam a reputação de um membro do governo, não por aproveitar das ausências do marido da Fefa, coisa banal, mas por ter de saltar pela janela, isso é que era aviltante e não devia ser contado. Haveria também de avisar o Honório para estar mais atento do que nunca à próxima crônica do Martins, o qual ia certamente meter à sua moda esta estória no conhecimento do público, tudo para denegrir o regime. Cada gargalhada que saía da outra mesa era uma facada no coração de Jaime, indignado. Se não fosse o único sítio onde se podia comer carne de pacaça, a sua preferida, juro pela minha alma que não voltava a pôr os pés aqui. Mas os SIG têm o braço longo, oh, se têm... Como diria S. Sebastião, hão de sentir o peso de cada flecha que agora disparam.

Entretanto o Martins contava a estória de um tipo que, entontecido pelas pernas que uma garina mostrava na beira da estrada, parou o carro e lhe deu boleia mais a um amigo dela. Às tantas, os dois borlistas apontaram armas à cabeça do motorista, passa a roupa, as chaves do carro, os documentos e o dinheiro. E a boazuda, que antes de puxar pela arma, ia ao lado dele a lhe fazer festas na perna, sacou do postiço e afinal era um homem. Além de ser depenado completamente e acabar de cuecas na estrada, o tipo ainda ficou frustrado por sentir tal tesão por um homem... Os três riam e dizia o Martins, este é o tema da minha próxima crônica. Jaime Bunda considerou um tema provocador, na década anterior poderia ser rotulado de diversionismo ideológico. Era evidente que a estória devia ser lida de outra maneira, uma clara alusão a jogadas de bastidor, efeitos de ilusão, numa palavra, ataque ao governo, acusado sub-repticiamente de fazer de travesti para assaltar o povo.

A empregada trouxe o funji e Bunda retirou os óculos escuros, não lhe davam jeito para comer. Tinha comprado os óculos para se apresentar no primeiro dia no serviço, quando foi recrutado. Bófia que se preze tinha óculos escuros, só os kaíngas da rua é que andavam sem eles. Agora possuía uns seis pares, para não ter de andar à procura quando saía precipitadamente de casa ou do serviço. E se partisse alguns, ao perseguir um bandido ou ao

saltar de um carro em velocidade louca, isso não constituiria drama, seriam logo substituídos. O que lhe chateava mesmo é não andar armado, o chefe Chiquinho disse que ainda me podia magoar. Mas se tornava cada vez mais necessário, pelos contornos estranhos que o caso da menina assassinada ganhava a todo o momento. O que começara com um carro, já metia barcos, aposto que em breve um avião como nos filmes do James Bond. A este pensamento Bunda endireitou-se na cadeira, como se ficasse em sentido. Bond era um dos seus heróis, embora não gostasse das mudanças da cara dele de filme para filme.

A propósito de barcos, o que é que me disse mesmo o Kinanga? Que o mais velho Salukombo, a testemunha visual, tinha uma filha casada com um tipo da Marinha. Mais uma vez barcos, refletiu ao meter uma garfada de funji na boca. Hum, a Marinha de Guerra... Esses tipos andam sempre muito caladinhos, parece que não fazem nada, quem sabe se não estão a preparar alguma. O seu instinto policial indicava que havia qualquer ligação com a morte da garota, a ele cabia descobrir.

Mas o Kiko falou mais alto, com a sua voz de garrafão muito azedo, e Jaime esqueceu o caso do assassinato.

— O quê, vocês não conhecem a cena do disco voador que caçava pacaças? Hi... Foi mesmo verdade, eu assisti. E saiu mesmo num jornal de Portugal. Foi assim...

Tiago dos Santos já estava a rir e Kiko segurou-lhe no braço com a mãozorra, impedindo o outro de levar o copo de cerveja à boca.

— Espera só para rir, ainda não contei — continuou o Kiko. — Quando íamos para o sítio onde havia pacaças, mas que já há uns tempos não frequentávamos, sabem, é preciso bater outras áreas, nem sempre as mesmas... De repente o jipe parou. O motor deixou de trabalhar. Olhamos para cima e estava uma coisa luminosa, grande, grande?, eh, grandíssima, enorme, cheia de luzes, lá no ar, por cima de nós. Largamos o carro e corremos, cada um para seu lado. Eu meti-me numa moita, agarrado à espingarda. Então o disco voador foi embora, assim, fut, sem barulho, de repentemente. Passado o susto, cada um voltou ao jipe. O motor pegou. Prosseguimos, sem falar. Ninguém tinha mesmo vontade de comentar, éramos quatro e todos achávamos vergonha o cagaço que sentimos. Chegamos à lagoa e aí passava grande confusão. Havia um pescador velho que vivia sozinho numa cubata isolada. Pois nessa noite estava bué de gente lá, perguntamos o que passava, que vamos lhe enforcar, esse muadiê é muloji, feiticeiro. Mas é feiticeiro como?, esperem lá, não façam isso. Ele é que é o culpado de não haver pacaças, ele chama uma luz que vem do céu, essa luz captura as pacaças. Agora não tem mais nenhuma aqui na zona. Puxa daqui, puxa dali, começaram a discutir se era melhor enforcar, se era melhor usar catana, ou tiro, qual a melhor arma para muloji? Um de nós fez a ligação das coisas e começou a lhes explicar, não é nada feitiço, esse muadiê não tem nada a ver com o desaparecimento das pacaças, a luz vem de um disco voador, ainda há bocado lhe vimos, disco voador é avião fabricado em outros planetas, enfim, essas explicações... Só que a malta não sabia o que era planeta, ainda menos ovni ou essas coisas... E como é que luz que não faz barulho é avião? Era feitiço e o feiticeiro estava ali, isso sim, eles compreendiam, o problema era apenas que arma usar. Felizmente ia conosco o Aragão, tem uma lábia daquelas, ainda andou uns tempos a estudar Direito, explicou, explicou, fez desenhos no chão, explicou as ciências todas e a noite passou. De dia, os ânimos serenaram e lá deixaram o pescador na

sua cubata, foram embora. E não caçamos. Naquela área nunca mais houve pacaças.

— O disco voador levou... — disse o Martins, com uma gargalhada.

— É uma boa estória para escrever — disse Tiago dos Santos.

— Mas alguém já o fez, não é mesmo, Kiko? — perguntou o Martins.

— É. Um sacrista dum escritor, o Aragão até me mostrou o jornal. Mas ele exagerou no medo que tivemos, até pôs um de nós a se cagar nas calças.

— Marciano afinal gosta de funji de pacaça? — admirou Tiago.

— A fama da comida nacional vai longe — disse o Kiko, com legítimo orgulho.

Jaime Bunda comia cada vez mais lentamente, para não perder palavra daquela conversa subversiva. Assuntos que interessavam ao mais alto ponto a segurança nacional eram ali contados sem rebuço, em voz tão alta que se podia ouvir na rua. E metendo altas tecnologias, como essa de discos voadores caçarem pacaças. Este Kiko era mesmo suspeito, pena que fosse o único restaurante que servia aqueles pitéus, senão passava-lhe já as algemas. Bem, era maneira de dizer, pois não tinha arma nem algemas. Bunda se definia como um detetive cerebral, diferente dos que prendem e arrebentam. Tinha de contar todos os detalhes desta conversa no chefe Chiquinho, ele lá saberia o que fazer. E vigiar de mais perto os dois escribas, cúmplices descarados do dono do restaurante.

Saio daqui e vou à Ilha falar com o Salukombo. Jaime Bunda era perito nestas mudanças rapidíssimas de assunto, diferente dos outros três que ainda se riam e falavam acerca dos marcianos e das pacaças, deliciando-se nas suas conspirações contra o regime. Subversão descarada à frente de toda a gente, era espantoso como ninguém sabia interpretar corretamente as coisas, espanto de Jaime Bunda.

4

ONDE SE FALA DE UM SUECO NEGRO

Antes de ir à Ilha, Jaime Bunda teve de voltar ao gabinete de Kinanga, pois esquecera de perguntar como encontrar
Salukombo. O melhor é dar-me também os seus números de telefone, daqui e de casa, pois vou certamente ter de lhe ligar frequentemente, ideia que desagradou visivelmente a Kinanga embora disfarçasse, à vontade, ligue sempre. No carro, a caminho da Ilha, o detetive estagiário maldizia o chefe Chiquinho que não lhe dera um carro com rádio ou pelo menos um telemóvel. Como se podem fazer pesquisas rápidas, se não temos os meios? Na era das tecnologias... Como se fosse fácil encontrar um Salukombo qualquer numa Ilha a abarrotar pelas costuras.

Por acaso foi. Mais velho Salukombo estava mesmo à porta do ximbeco, apanhando fresco na sombra da figueira, por trás do que restava do mercado dos Trapalhões, famoso no princípio da década anterior. A barraca era sobretudo de madeira, mas tinha uma parede de tijolo, o dinheiro não tinha dado para mais. Coberta com chapas de zinco, o que sempre era melhor que os papelões de algumas casas vizinhas. Jaime Bunda não perdia tempo e mostrou logo o cartão de que tanto se orgulhava. Claro que o sekulo nunca tinha ouvido falar dos SIG, mas pouco importava, qualquer cartão provoca respeito se mostrado com autoridade.

— Você disse à polícia que viu o carro que deu boleia à Catarina. Verdade?

— Verdade.

— A marca do carro, sabe?

— Não sei ler.

— E não viu o condutor...

— Estava longe. Parecia era a Catarina, por isso reparei. Mas só vi o carro, preto, grande, brilhava.

— E de que cor era o condutor?

— Da sua. E da minha.

— Isso já é importante. Diga-me... A sua filha é casada com uma pessoa da Marinha de Guerra.

— É verdade, o Miguel.

— Quando é que posso falar com ele?

— É difícil.

— É difícil por quê?

— Ele está no Portugal. Está a fazer curso.

— Sukuama! Há quanto tempo?

— Desde o ano passado. Curso de oficial.

— Então ele não sabe do barco.

— Qual barco?

— Não interessa. Que chatice! Obrigado, mais velho.

Mas Jaime Bunda lembrou que nos livros os detetives enquadravam sempre as pessoas que interrogavam, para preencher papel nos relatórios. Tirou um pequeno bloco de notas que tinha no bolso de trás das calças e uma esferográfica. E fez um verdadeiro interrogatório, sentado num banquinho que a mulher de Salukombo trouxe entretanto. De vez em quando gatafunhava umas palavras no bloco, mais para impressionar, pois tinha confiança absoluta na sua memória. Bernardo, sentado ao volante do carro, a uns vinte metros de distância, devia estar impressionado com o zelo. Bunda apurou que o inquirido não sabia quando nasceu, mas que foi no Moxico, perto de Lumbala Nguimbo, tendo abandonado a sua aldeia por causa da guerra pela independência há muito tempo, tendo sido obrigado pela tropa colonial a fixar residência perto do Luso, hoje Luena, onde conheceu a sua atual mulher e já depois da independência, com três filhos, resolveu ir de comboio e toda a família para o Huambo, onde haveria maiores facilidades de trabalho, o que de fato não aconteceu durante muito tempo, até que finalmente conseguiu na Chianga, nas plantações experimentais da Faculdade de Ciências Agrárias, até rebentar a guerra no Huambo e a Chianga ser destruída pelos inimigos do povo e a própria cidade do Huambo em parte também, pelo que depois, já com cinco filhos, alguns quase adultos, avançou para Luanda, onde se fixou na Ilha, na esperança de sobreviver com o peixe que pescaria, mas isso se revelou uma ilusão, não era assim tão fácil encontrar meios de pescar, até que arranjou um emprego a descarregar coisas dos barcos de pesca grandes, podia ser peixe podia ser outras coisas, o que Bunda considerou ser atividade ilegal que o mais velho na sua ingenuidade assim denunciava, mas não estava ali para isso, não podia investigar tudo, continuou a tentar saber como vivia Salukombo, o qual passava muito mal, apesar de a mulher e os filhos trabalharem no pequeno comércio, comprando e vendendo latas de comida que ele nem sabia o que eram aquelas latas, compravam nos barcos e vendiam pelas ruas, misturadas com biquínis, certamente outra atividade ilegal pois cheirava a contrabando, mas Salukombo nem a palavra contrabando conhecia e ele não era da polícia fiscal, era um investigador de grandes casos, como o da Catarina, e por isso apurou mais que o velho Salukombo considerava os ilhéus uns grandes tribalistas que diziam que eles é que eram os verdadeiros donos da Ilha, já desde o tempo do Rei do Kongo, antes dos holandeses e do Salvador Correia de Sá, chamado O Restaurador pelos colonos dos tempos de antigamente, eles os ilhéus é que sabiam fazer os cultos convenientes para aplacar as fúrias de kianda, o espírito das águas, e agora estavam condenados a viver aos magotes, invadidos pelos matumbos do mato que lhes caíram em cima por causa da guerra e pelos estrangeiros, isto é, os de Luanda, que montavam só restaurantes e mais restaurantes e bares e lanchonetes, de maneira que já nem se podia respirar e os verdadeiros ilhéus em vez de expulsarem os invasores do seu território fugiam da Ilha e iam morar no Sambizanga, o que para ele Salukombo seria um bem, pois assim libertavam o negócio do peixe para os outros, acabava o monopólio que montaram há muito tempo atrás sem qualquer justificação, mas é claro que ele não utilizou a palavra monopólio, deu a entender, realmente o mais velho Salukombo apresentava alguns desvios ideológicos, apesar de ser da província heroica do Moxico onde o meu tio Belmiro, mais conhecido como Esperteza do Povo, combateu contra o exército colonial e o meu outro tio quase se encontrou

frente a frente com ele porque estava no exército colonial, mano contra mano, como depois aconteceu na guerra civil que trouxe tanta gente para Luanda como o velho Salukombo que ainda anda bastante perdido, camponês sem terra, cheio de mar à volta, ele mesmo me confessou, nada substitui o chão natal, só que esse está cheio de minas e vazio de gente, não tenciona voltar, até porque aqui sempre está mais perto do porto de Luanda, onde chega toda a comida e outras mercadorias que a família sempre vai escoando, mas do motorista do carro preto não sabe nada, só que é da sua cor, o que é um notável avanço no inquérito, pois podemos eliminar os brancos, mulatos, indianos e filipinos...

— Restando só doze milhões de suspeitos — riu o chefe Chiquinho quando ele contou a sua magna descoberta. — E outra coisa... Ao fim da tarde, dentro de um carro, visto de cem metros ou mais e contra o sol, até um sueco parece negro.

Jaime Bunda logo desapreciou a falta de sigilo existente no serviço pois passado pouco tempo veio o Isidro, rodando no pulso a sua pulseira de ouro e com um sorrisinho sacana, então descobriste um sueco negro? Se tivesse direito a fazer críticas, o detetive estagiário haveria de chamar a atenção de Chiquinho Vieira para o perigo de vazar levianamente confidencialidades. Esse derrame de informações podia chegar a maus ouvidos, por exemplo de uma certa imprensa pretensamente controlada pelo Honório, que disseminaria os indícios por tudo quanto é canto, perigando o já de si difícil inquérito.

5

DE CAVALEIROS TEUTÔNICOS A UMA DISCUSSÃO LITERÁRIA

Inquérito que estava completamente emperrado, por isso Kinanga tinha autorizado que o corpo fosse entregue à família para o funeral. Agora retiraram o corpo e voltaram a fechá-lo num dos poucos frigoríficos da morgue. A família fez uma canvanza dos diabos. Ouvindo as lamúrias do seu subordinado Rodrigo Altino da Glória, aqui geralmente conhecido por Altino, Kinanga reconheceu às vezes é melhor ser chefe, custa menos mandar que fazer. Foi isso mesmo que disse ao Altino, você obedece e acabou, os mambos vão aquecer ainda muito mais, temos o Bunker à perna com este caso, mas por quê, chefe?, e é isso mesmo que quero perceber, por que se mete o Bunker nisto e mandam para cá um agente incrível, incrível, chefe?, sim, é o único termo que encontro, sou incapaz de saber o que ele é e o que ele sabe, quando estamos a pensar que ele vai para um lado muda subitamente de direção, espantoso, calmo das águas profundas, mas imprevisível, inconstante, quase sinistro, um sorriso terno com palavras veladas de ameaça, uma rapidez de pensamento que me deixou agoniado, como se andasse num barco à deriva, o barco, Altino, o barco, temos de encontrar o barco, o bófia dá muita importância ao barco, aparentemente mais que ao carro, mas vá-se lá saber o que é importante para um bófia.

Altino ainda não estava recomposto dos empurrões e xingamentos que tinha recebido ao retirar o corpo da miúda do lar paterno. Parecia a Ilha toda estava lá, montes de gente sentada nas sombras das figueiras da Índia, em cadeiras, em bancos, nas esteiras ou mesmo diretamente na areia, pois no quintal só as autoridades couberam, representadas pelo soba, o administrador da comuna, os delegados do Ministério das Pescas e do Comércio e Turismo, o padre Delfim, donos de restaurantes e lanchonetes e bares, o gerente do hotel, o do motel e os das pensões e demais donos da tradição, da política, das crenças ou do dinheiro. O povo em geral ficou espalhado cá fora, pelo terreiro e ruas adjacentes, esperando que os comes e bebes que as autoridades tinham começado a provar também chegassem às massas populares. Entre estas estava Dona Filó, de nome de santa cristã, a mais respeitada interlocutora dos espíritos das águas, mas que não foi admitida no quintal por lá estar o padre Delfim, alérgico a promiscuidades teológicas, ficando assim afastada do pitéu. E as autoridades deixaram de provar as iguarias, para passarem a comer descaradamente. Foi provavelmente isso que provocou maior revolta. Quando o povo percebeu que os dois carros de polícia vinham para lhes sonegar o corpo, o que implicava o fim do pitéu, sentiu que era uma grande injustiça, pois nessa altura já as autoridades iam enchendo as barrigas. Aliás, enquanto o administrador da Ilha e o soba negociavam com Altino, apoiando a família, viu-se o austero padre Delfim meter quatro pastéis de bacalhau no bolso da surrada batina, enquanto mastigava uma coxa de galinha e acabava a garrafa de cerveja, tudo em segundos. Mesmo os donos de restaurantes,

que tinham fornecido alguma mercadoria para animar o óbito, aproveitaram a confusão gerada pela chegada dos kaíngas para esvaziar as bandejas com comida, como se não a tivessem de sobra nos seus estabelecimentos. Era um reflexo natural que Kinanga percebia muito bem, também ele o teria, reflexo de kaluanda que passou muita fome, desforrando-se em kombas e casamentos com entradas à pato para compensar. O povo é que não queria perceber nada e considerava uma desfeita à família nem sequer a deixarem chorar à vontade a filhinha morta. Foi preciso ameaçar com as pistolas e pôr as sirenes dos carros a funcionar para conseguirem sair dali. Com efeito e para ser honesto, o que Altino era acima de tudo, devia confessar que não sairiam se o padre e o soba não dessem dois berros, outra guerra não, já chega de guerras, pois alguns populares ameaçavam correr já para os ximbecos buscar as armas que todos têm nesta cidade desgraçada, é mais fácil encontrar uma Kalashnikov que um funcionário honesto. O padre Delfim ainda limpava os bigodes, que os tem fartos, berrando imprecações, deixem os polícias sair, depois o corpo volta e temos mais comida, corrigindo logo a seguir, teremos mais óbito, poderemos chorar à vontade, mas o mal estava feito, ele pronunciou a palavra que provocou a saudade no estômago dos pescadores e peixeiras que estavam no terreiro e o soba arrematou que a polícia prometera devolver o corpo rapidamente, tinham de confiar nas autoridades, o que permitiu que o cadáver entrasse no furgão e os polícias nos carros, sendo Altino o último, o qual bem ouvia as pessoas dizerem que confiar nas autoridades confiavam só que não tinham confiança nenhuma, porque quem confia é enganado e as autoridades não faziam outra coisa. Mas que confiar, confiavam, destino de povo.

Retirado o corpo, e segundo informadores que logo se prestaram a cumprir a sua nobre função de telefonar para a polícia, o povo retirou rapidamente da casa dos pais da vítima, precedido pelas autoridades, altura em que se constatou que nenhuma comida sobrara, apenas algumas grades de cerveja depositadas na casa de um vizinho, o que fazia o pai da falecida lamentar, e como vamos arranjar dinheiro para mais um óbito e o funeral?

Esse era o problema que Kinanga quisera evitar. Mas com o Bunker não se brinca e Jaime Bunda tinha sido particularmente firme, o corpo tinha de voltar para o gelo da morgue até revelar o nome do seu assassino. Não ia ser fácil.

Fácil também não tinha sido desvendar o caso do alemão e do inglês, assassinados a sul de Luanda, ainda antes da barra do Kuanza, que ele conseguira elucidar. O caso valeu-lhe alguma notoriedade, sobretudo um louvor do Ministro do Interior, geralmente muito parco em felicitações e sorrisos. O alemão e o inglês foram encontrados mortos a tiro e numa posição estranha, os dois totalmente nus e com o alemão a abraçar o inglês pelas costas, numa das últimas praias antes do rio. As primeiras averiguações logo concluíram que as vítimas eram amantes, especialistas em viver romances em praias desertas, sendo unânimes as testemunhas, o inglês era a fêmea e o germânico de Rostock o macho. Aliás a própria posição em que os corpos foram encontrados mostrava que o alemão devia ser descendente longínquo dos célebres e tenebrosos cavaleiros teutônicos, só que naquele momento montava animal mais frágil que um corcel de combate. Teriam sido seguidos e, quando estavam em outros combates, abatidos friamente por profissionais do crime que lhes levaram o jipe e as roupas. O problema era encontrar os profissionais que interrompiam barbaramente tão pacíficas

cavalarias. Foi o que Kinanga realizou com esmero. Ajudou-o uma célebre fotografia dos jardins de Potsdam e da fachada da Orangerie, que foi encontrada numa certa vivenda do Miramar e que conduziu aos assassinos. [*Os meandros da investigação não entram no âmbito deste relato e é inútil insistirem com o narrador, reconhecidamente teimoso e que não vai revelar mais pormenores, eu não o deixo, senão distraem-se do Jaime Bunda, que é o verdadeiro personagem e estrela desta estória*]. De realçar que contrariamente às previsões e preconceitos habituais, os profissionais não eram provenientes do Cazenga ou do Sambizanga, ou qualquer outro bairro popular, mas do aristocrático e diplomático Miramar. De vez em quando punham fardas e partiam com armas num jipe, do qual camuflavam a matrícula em certa altura, cometendo os piores desmandos. O resultado do roubo não ia diretamente para o Miramar, como é evidente, só os lucros.

Descobertos os autores, o problema foi prosseguir o inquérito. Pois eram filhos de gente muito bem situada na vida, com muito poder. Valeu a Kinanga o fato de a Voz de América e a Deutschwelle, rádios muito escutadas, insistirem na necessidade de o caso ser desvendado rapidamente para o governo ganhar alguma credibilidade internacional. Como este fazia tudo para isso, mesmo pedir credibilidade emprestada, acabou por levantar as restrições ao prosseguimento do inquérito. Estranho foi o quase silêncio da imprensa inglesa, normalmente fazendo muito barulho quando algum expatriado sofre um acidente em África. Pairou a suspeita que se devesse ao fato de a vítima não ter sabido manter uma imagem respeitável para cooperante representando o reciclado Império de Sua Majestade, pois era conhecido nos meios europeus da Nguimbi com a alcunha pouco dignificante de “Cu roto”. Mas foi só mujimbo, muito provavelmente lançado por uma potência rival, invejosa dos êxitos retumbantes da língua de Shakespeare a sul do Mediterrâneo.

Política internacional à parte, Kinanga conseguiu concluir o inquérito e meter os culpados na cadeia. Apanharam pesadas penas, vinte anos kuzuo cada um, embora por vezes apareçam em cabarés e passem os fins de semana no Mussulo. Mas as famílias responsabilizaram-se em os restituir à cadeia sempre segunda-feira de manhã. Até agora têm cumprido razoavelmente e já passaram dois anos. O incumprimento mais notado foi na altura do último Natal, em que os detidos estiveram ausentes da cadeia por três semanas. Mas tinham uma justificação, pois foram passar férias com a família à África do Sul e o Natal é sagrado. Um deles já ameaçou Kinanga, uma vez em que se encontraram numa discoteca, ainda vou secar a tua pele ao sol, vais ver. Kinanga não é de se intimidar mais que o normal, mas começou instintivamente a fazer contas ao que ganha e ao que arrisca, haka, ninguém é de pau, e qualquer dia vai haver mais uma anistia e os tipos saem da cadeia. Vale a pena ser zeloso? Eram estes os pensamentos que corriam naquela cabeça ainda razoavelmente socialista, quando Jaime Bunda subiu de novo para o ver, perto do fim da tarde, agora sem se fazer sequer anunciar, pois o porteiro lá de baixo pôs-se logo em sentido e foi a correr para lhe abrir a porta do elevador, o mujimbo já tinha corrido que o bundão era um muata importante, merecia ser bem tratado.

Jaime Bunda entrou no gabinete de Kinanga pela terceira vez nesse dia. O outro levantou-se de imediato.

— Esqueci-me de lhe perguntar qualquer coisa... Mas o curioso é que agora não me lembro do que esqueci.

Foi logo sentando numa poltrona, fazendo o gesto de dois dedos que indicava o nível de uísque exigido. Kinanga percebeu e encomendou gelo pelo intercomunicador. Foi a um armário buscar a garrafa e os copos. Nesse momento tocou o telefone e ele atendeu. Desligou dizendo eu já calculava, nos outros foi a mesma coisa.

— Más notícias, senhor Bunda. Nenhum dos clubes pode informar quais os barcos que saíram no sábado ou no domingo para a pesca e quais não saíram.

— Não controlam o movimento dos barcos? — perguntou Jaime, com ar carrancudo.

— Não. Podem eventualmente lembrar-se que A ou B saíram. Mas não têm nenhuma lista nem qualquer espécie de registro. Limitam-se a baixar os barcos para o mar e a levantarem-nos para terra. Têm pessoal para isso. Portanto, em princípio, todos foram ou nenhum foi, é a mesma coisa. Se houvesse suspeitos, podíamos interrogar o pessoal, lembram-se que aquele barco saiu, a que horas etc. Mas sem suspeitos nem temos como fazer as perguntas corretas.

— Disse uma grande verdade, sabia, Kinanga? A verdade é essa. É preciso sempre saber fazer as perguntas corretas. Muita gente confunde e fica à espera das respostas corretas. O que interessa são as perguntas. Já leu o Conan Doyle? Explica isso tudo.

Kinanga estava aterrado com a perspectiva vislumbrada. Jaime Bunda iria obrigá-lo a interrogar todos os sócios dos três clubes para conseguir uma lista dos prováveis descobridores do cadáver? O tempo que se ia perder... Nem ouviu a pergunta.

— Não me respondeu... Já leu Conan Doyle?

— Ah, do Sherlock Holmes? Claro que sim.

Jaime Bunda ficou encantado, encontrava finalmente um polícia culto, uma alma gêmea. E Spilane? E Highsmith? Concordaram os dois que os livros que Perry Mason protagonizava eram especiais, Bunda não vendo defeitos mas Kinanga defendendo que eram no entanto pouco realistas, pois nem sempre em casos reais o assassino está no tribunal prontinho para ser desmascarado como Mason sempre fazia, o que para o outro era um detalhe insignificante, o que interessa é a fábula nele contida. Kinanga cometeu o erro de falar em Simenon como um dos seus preferidos, o quê?, um europeu, os europeus nunca souberam escrever policiais. Kinanga, aquecido pela conversa e pelo uísque lembrou que Conan Doyle era inglês, logo europeu, mas logo Bunda arrematou, esse não conta, fala inglês, língua de gringo. Continuariam por ali se não batessem à porta e aparecesse Altino, morrendo de curiosidade em conhecer o bófia do Bunker.

— Entra, entra, apresento-te o senhor Jaime Bunda.

Altino veio cumprimentar sua excelência o visitante e justificou a sua presença, dizendo o que todos nós sabemos já, leitores incluídos, os quais são sempre os últimos a conhecer os mambos:

— Não há maneira de ter uma lista dos barcos que saíram no fim de semana.

— É muito aborrecido, é — disse Bunda. — Mas como diria o Dick Tracy, temos de pôr as meninges a trabalhar. O que me incomoda é não lembrar o que vim cá fazer.

Os outros se entreolharam, surpreendidos. E mais ficaram quando Bunda se levantou, bem, vou andando, que ninguém me paga horas extraordinárias, e avançou para a porta, amanhã certamente me têm cá de novo.

— Mas que veio ele cá fazer? — perguntou Altino, sentando no lugar que o outro deixara.

— E eu sei? Não ouviste, ele também disse que não sabia.

— Mas que fizeram então?

— Falamos de literatura policial. Será que ele só veio beber o uísque?

— Têm melhor no Bunker com certeza.

Altino tinha sido colega de Kinanga na Bulgária, daí a familiaridade de trato quando estavam sem testemunhas. Kinanga tornou-se seu superior por causa do esclarecimento do caso do alemão e do inglês, que o levou a uma promoção rápida. Kinanga sentiu um frio súbito na coluna e disse, com um arrepio:

— Até parece que o tipo me anda a espiar. O Bunker tem algo que desconfia de mim? Três vezes que esse tipo cá veio hoje. Como se viesse tatear, farejar...

— Sabe ao menos de literatura policial?

— Só conhece a norte-americana.

— Claro, é a moda no Bunker.

— Pode estar a enrolar-me. Mas não mostrou grandes conhecimentos nem mesmo da literatura americana. Ou então fixa-se a detalhes que me escapam... Parece ser mais isso. Por vezes dá a ideia de ser ingênuo, logo a seguir tem uma frase assassina. Como a do "Enigma do Faraó empalador" que ele diz escrito pelo Hemingway. Nunca tinha ouvido falar, nem conhecia o Hemingway como escritor de policiais.

— O meu primo emprestou-me um livro dele, era sobre um velho que pescava um peixe grande... Não havia crime nenhum.

— Nunca, mas nunca, tinha ouvido tal coisa. Mas quem sou eu?... A propósito de peixe grande, estamos encravados com este inquérito. Não há pista nenhuma, nada. E se serve de pretexto para o Bunker me observar... está-se mal.

Altino também era grande consumidor de livros policiais. Por isso disse com fé:

— Vai aparecer alguma coisa. É sempre assim, quando o inquérito está num impasse sempre surge qualquer indício ou uma testemunha. Admira-te se amanhã te entrar alguém por essa porta a dizer que sabe muita coisa...

— Amanhã só vai entrar por essa porta o Bunda com aquele sorriso gelado...

6
PODIA SER UM JANTAR ROMÂNTICO

Não entrou pela porta. Telefonou. [*Mas este narrador tem uma pressa! Vamos primeiro saber o que Jaime Bunda fez à noite, pois o telefonema será só no dia seguinte.*]

Morava na Vila Alice e foi aí que Bernardo o depositou. Bunda saiu do carro com ar importante. Esperava que muitos vizinhos reparassem na sua triunfal chegada, pois pela primeira vez vinha num carro do serviço. Ficou desapontado, nem a tia Sãozinha estava na varanda para ver. Normalmente ficava irritado, porque a senhora parecia não fazer mais nada do que estar sentada na varanda para controlar todas as idas e vindas. Pois logo hoje, que queria encontrá-la ali com os olhinhos coscuvilheiros, primava pela ausência. Talvez então começasse a considerá-lo mais, vendo-o chegar daquela maneira. Entrou pelo portão da vivenda, atravessou o quintal e foi abrir a porta do seu quarto, que ficava no anexo. Bondade do tio Jeremias, irmão de seu falecido pai, que o convidou para morar na casa dele, embora no quintal, sempre era melhor que ficar no ximbeco do Sambizanga, minúsculo para tanto mano, e longe de tudo. A tia Sãozinha não concordou com a oferta, queria alugar o quarto, sempre valia uns dólares, bué de dinheiro. Mas o tio Jeremias foi firme, é para o meu sobrinho e acabou. A tia Sãozinha nunca se conformou. Por isso não o convida para comer lá em casa, só o tio é que de vez em quando vai bater na porta do quintal, vem jantar conosco.

O quarto tem ao lado uma pequena casa de banho. Eram as instalações do criado, no tempo do colono. Nas convulsões antes da independência, o colono fez as malas e bazou para longe. Jeremias, que morava do outro lado da vala, numa barraca de madeira e adobe, agiu rapidamente. Instalou a família na vivenda, escreveu no muro "Ocupada por camarada do MPLA[1]". Tia Sãozinha estava com medo, nos vão pôr na rua e já nem a barraca recuperamos. Mas quem é que tem coragem?, escrevi que é do MPLA, ninguém mais brinca conosco. De fato, ninguém reclamou. Muito depois da independência, fez contrato com o Estado, que entretanto tinha confiscado as casas abandonadas pelos donos, e passou a pagar uma renda muito baixa. E quando nos anos 90 começou o processo da venda dos imóveis estatais, comprou a vivenda por um preço ainda mais simbólico. O trabalho foi ter de andar desta repartição para aquela e levar documentos de um funcionário para o outro, dentro da mesma repartição, durante meses, num processo burocrático de assustar o mais corajoso dos guerreiros. Não desistiu, perdeu dias e mais dias de trabalho, o que de fato não era grande problema, quem perdia não era ele, era o mesmo Estado para o qual trabalhava e que criava uma teia inextricável de burocracia para se desembaraçar das casas que já não queria administrar. Tempos depois de ter adquirido o imóvel, com escritura passada e tudo, chamou o Jaime para lá, era uma forma de ajudar a parte da família caída na desgraça.

Jeremias por vezes confidenciava a Jaime que o falecido irmão talvez pudesse ter utilizado melhor o nome de família para subir na vida, mas não tinha mesmo jeito para isso. Ele,

Jeremias, tinha aproveitado, era chefe de Departamento, tinha a casa, comprou o carro no serviço quando ao fim de alguns anos foi mandado abater à carga, tinha alguns produtos que eram fornecidos pela repartição para a sua cozinha, um bom cabaz no fim do ano, enfim, poucas coisas mas que melhoravam em muito o seu nível de vida. O pai de Jaime não, repetia sempre tenho vergonha de dizer que sou primo deste ou daquele para conseguir qualquer coisa, obtenho porque valho, senão recuso, era um intelectual, no fundo o teu pai era um intelectual embora sem tantos estudos assim, gostava de ler e de saber coisas, se contentava com o emprego sem futuro onde foi cair no tempo colonial, acabou por ser expulso do Bairro Operário e lá conseguiu o ximbeco no Sambizanga, mas não tentou voltar à cidade do asfalto quando expulsamos os tugas, ficou conformado, chupando o cachimbo e lendo os seus livros, será que ele escrevia? Jaime Bunda não sabia, nunca tinha visto o pai com algum caderno onde apontasse poemas ou outra coisa, gostava era mesmo de ler e lhe passou o hábito, mas Bunda foi ficando pelos policiais. Tinha no quarto alguns livros do pai, enciclopédias e romances, no entanto tinha desistido deles, muito cansativos, melhor era mesmo os policiais americanos, os seus grandes mestres.

O detetive estagiário arrumou o quarto, se lavou e mudou de roupa. Escolheu uma das melhores camisas, pois ia jantar com Florinda. Noite decisiva. Florinda tinha de decidir de vez se ficava com o marido ou com ele. Não aceitava mais a bigamia dela. Tinha o marido no apartamento da Marien Ngouabi e a ele no quarto do tio Jeremias? Homem é que tem Luanda 1, a principal, e Luanda 2, a secundária. Em mulher isso pega mal, moral de Jaime Bunda.

Florinda era mais velha que ele, ia já na casa dos trinta e tantos. Casada com Antero Lopes, empresário. Assim se apresentava ele, mas de fato ia à Lunda levar umas mercadorias, geralmente cerveja, e trazia de lá o produto mais valioso que os lundas tinham, diamantes. Tráfico ilícito, pois claro, enquadrado no artigo tal do Código Penal. Em dias de grande honestidade intelectual, o estagiário tinha de reconhecer que nem sabia se ainda era tráfico ilícito, pois tão generalizado estava. Além do mais, a kamanga era legalizada quando convinha politicamente ao governo, por uma razão que lhe escapava, para logo a seguir voltar a ser criminalizada, por outra razão ainda mais obscura. Era com o dinheiro da kamanga que iam jantar essa noite, Jaime não tinha kumbú para a levar a restaurantes finos. Fechava os olhos, que remédio. Mas desta vez ia dar um basta, ela tinha de escolher. Vestiu a camisa com gestos decididos.

Florinda era muito pontual e passou à hora combinada para o apanhar. Guiava um carro novo, vermelho reluzente. Ao entrar no automóvel, antes mesmo de cumprimentar, ele atirou:

— Ah, ah, carro novo.

— Oferta do Antero. Já estava prometido há tempos. Mas só hoje me telefonaram do stand para o ir buscar. E o querido nem está...

— Querido, é?

— Então, não é? Ofereceu-me um carro. E vamos comprar uma vivenda.

— Os negócios estão a correr bem — disse Bunda, sem esconder o amargo que sentia na boca.

Ela sorriu e arrancou com o carro. Só depois de meter a terceira, replicou:

— Uns negócios melhores que o habitual. E outra boa notícia. Ele partiu ontem para a

Lunda para acertar uma combina. Vai ser sócio numa mina.

— Mina de diamantes?

— Havia de ser de quê? A kamanga sempre tem os seus riscos, não é legal, ele vai deixar disso, prometeu mesmo. Arranjou um sócio importante e vão mandar vir uma lavaria, parece que é uma máquina que cava, lava e escolhe logo os diamantes. Já têm o terreno legalizado. O Antero vai ser um empresário acima de qualquer suspeita.

— E o sócio quem é?

— Ele nem quer falar. Mas é um general. Não sei mais nada.

O jantar foi melancólico, pelo menos para Bunda. Florinda olhava para todos os lados, evitava que ele lhe tocasse sequer na mão. Era um restaurante da moda, por coincidência também propriedade de um general, meio que Florinda pelos vistos começava a frequentar mais assiduamente com Antero. Tinha medo de ser apanhada em relações mais íntimas com um homem que não era o marido? Pareciam mesmo duas pessoas apenas amigas que jantavam juntas. Bunda nem ouvia metade da conversa da namorada, toda virada para o futuro, viagens que ia fazer, coisas que ia comprar. Pensava na atitude dela, de aparente distanciamento. Será que depois do jantar, quando estivermos no quarto, continua assim fria? E ele que queria lhe pôr a faca na barriga, tens de escolher, ou ele ou eu.

As coisas entre Florinda e Antero andavam mal quando Jaime a conheceu. Ou melhor, quando estreitou relações, pois conhecer sempre a conhecera. Ela é que não reciprocava, por causa da diferença de idades. Florinda cresceu no Sambizanga, umas ruelas ao lado da casa de Bunda. Tornou-se numa bonita mulher e desapareceu do bairro, Bunda ficou só com a saudade, miúdo ainda. Finalmente, o ano passado, foi ajudar Isidro e outro bófia a passar uma busca num apartamento da Marien Ngouabi, habitado por um conhecido kamanguista. E quem lá foi encontrar, amedrontada, eu não sei de nada, eu não sei de nada? Pois é, a boazuda da Florinda. Isidro até agitou os ouros à frente dos olhos dela, mas a mulher estava mais que assustada. O marido andava em viagem, não sabia o que procuravam. Nem mandato tinham, mas revistaram tudo. Jaime ficou de lado e procurava não desarrumar demasiado. De vez em quando lhe lançava uns sorrisos de solidariedade que ela acabou por captar. Não encontraram nada, diamantes escondem-se facilmente, não é como um caminhão. Isidro aparentemente não se preocupou muito, isto é só um aviso ao seu marido, diga isso mesmo a ele. Mais tarde Jaime veio a saber que Isidro tinha sido sócio de Antero numas negociatas mas o outro passou-lhe a perna. Não voltaram a fazer revista ao apartamento nem aconteceu mais nada, portanto Antero deve ter compreendido o aviso e corrigido o erro. Isidro comprou uma nova pulseira de ouro. Mas, dessa vez em que reencontrou Florinda, Jaime à saída cumprimentou-a amavelmente e ela agradeceu, baixando os olhos. O estagiário voltou lá no dia seguinte e contou a Florinda que a operação tinha sido uma vingança e um aviso, para ela ficar calma, não havia nada de grave. Ela falou mal do marido, que não tinha juízo, queria enriquecer rapidamente, estava farta, voltava para o Sambizanga. Encontraram-se mais vezes. E Jaime ficava muito atento no serviço, sempre que se falava de kamanga, para poder avisá-la a tempo, se a trovoada a ameaçasse. Ela passou a retribuir as gentilezas, no quarto do tio Jeremias, onde de vez em quando se refugiava.

— Este ano vamos fazer férias nas Ilhas Seychelles — disse Florinda.

— Quem? — perguntou Bunda, despertando.

— Eu e o Antero, claro.

Agora ela não falava mal do marido, deixara de se queixar. Até já faziam planos de férias juntos. Algo tinha mudado nas relações do casal e Jaime não se apercebera. Só então se perguntou, mas devo mesmo lhe pôr a faca na barriga? Nem teve tempo de responder, pois ela dizia:

— Bem, agora vou levar-te a casa e voltar logo para a minha. Quero deitar-me cedo hoje.

— Por quê? Não entras no meu quarto?

— Não. O Antero chega amanhã e quero estar fresca para o receber.

Ela pagou a conta, saíram do restaurante e ainda Bunda pensava no que devia dizer ou ter dito. Tudo por causa de um carro novo? Era isso que devia perguntar. Mas não descoseu a boca, nem quando o miúdo que ficou na rua a guardar o carro refilou, só isso que me dão, os brancos dão mais. Florinda respondeu qualquer coisa ao miúdo mas Jaime só sentou no carro, pensando mas se então ela não entra no quarto não lhe vou falar nada, tinha pensado lhe pôr a faca na barriga, na cama, depois do amor. Depois do que não haverá também não tem lugar para faca. O que ela estava a precisar era de uma verdadeira catana, mas no pescoço. Provavelmente seria a reação do Isidro, mas ele era um investigador cerebral, não homem de ação. Foi calado até à Vila Alice e calado recebeu um casto beijo de despedida na face. Ficou a coçar a face, enquanto o carro de Florinda arrancava.

Quando entrou no quintal, viu os dois velhos na varanda. Essa tia Sãozinha nem queria ver televisão, só para o controlar, pensou Bunda. E conseguiu arrastar o tio Jeremias para os mosquitos da varanda.

— Então, a tua amiga não entrou? — perguntou a velha. — Deve ir dar mais uma volta com o carro novo.

Jaime não respondeu, disse só boa noite, continuou para o seu quarto. Mas ouviu o tio Jeremias reclamar:

— Deixa lá o rapaz.

— Deixo nada. Como é que traz mulher casada para casa de família? É falta de respeito.

Laurinha devia estar na sala, pensou Jaime, abrindo a porta do seu quarto. Laura era a única filha que morava com os seus tios, por ser a caçula, nascida já quando não contavam com mais nenhuma gravidez. Tinha agora dezesseis anos. Os outros irmãos eram bem mais velhos e montaram casas próprias. O rapaz a seguir a ela morreu de cólera, quando Laurinha tinha três anos e ele quinze. Foi pouco tempo depois de o filho morrer que o tio Jeremias convidou o sobrinho para viver com eles. Vinha pouco a propósito, mas Jaime Bunda já nos habituou a saltos no raciocínio e por isso ninguém se surpreenderá se souber que, ao fechar a porta do quarto, ele pensou Laurinha é só dois anos mais velha que a menina assassinada...

---

1 MPLA: Movimento Popular de Libertação de Angola.

7

UM FRIO VINDO DA ESPINHA

[... *A qual menina está completamente esquecida e por isso o narrador vai pôr Jaime Bunda a telefonar a Kinanga, para retomar a estória que nos interessa.*]

Entrou com um ar desenvolto no gabinete dos detetives, atirou um bom dia a todos bem mais alto que o habitual e em vez de se sentar na cadeira de sempre, a que tinha o assento mais abaulado que as outras por sustentar durante o dia inteiro o peso da sua bunda, pegou no telefone que estava em cima da secretária de Isidro e ligou para Kinanga, então como vão as coisas? Estava tudo na mesma, a menina no frigorífico e o inquérito sem novidades. Já vi que vocês não avançam, tenho de tomar medidas. E desligou, com o ar ainda severo, reparando então que todos os colegas olhavam para ele, fascinados pelas novas maneiras.

— Essa malta do Interior está muito parada, têm de ser sacudidos — disse, como a desculpar-se.

E saiu, com um adeus vago.

— Vocês viram isto? — perguntou Isidro, acariciando pensativamente a pulseira de ouro, grossa como o bracelete de um relógio.

Honório voltou a pegar nas pinças para folhear o jornal que examinava. Nunca tocava com as mãos nuas nesses jornais independentes, que ele só chamava de pasquins, senão era apanhado por portentosos e infindáveis espirros. Quando isso acontecia tinha logo de se assoar ao “Jornal de Angola”, o diário governamental, para curar a alergia. Por isso o serviço recebia sempre o “JA” a duplicar, não fosse o caso de ele inadvertidamente tocar em outro jornal. Resmungou:

— O Bundão ainda vai descobrir outro sueco negro.

— O rapaz finalmente tem algo por que se interessar — disse Armandinho. — Tem de ficar agitado, é normal.

Armandinho era um baixote e gordinho que tinha uma atração fatal pelas nádegas de Jaime, embora não o confessasse. Era uma espécie de Land-Rover nos SIG, tratava de todos os assuntos. Se era preciso abrir um cofre ou uma porta de determinada residência ou gabinete, ele era chamado. Suspeito particularmente perigoso para interrogar? Armandinho fazia-o confessar tudo e mais alguma coisa. Onde encontrar o vinho mais barato? Ele descobria imediatamente, pondo em campo a sua rede numerosa de informadores. Com Armandinho perto, os SIG podiam dormir confiantes.

E era mesmo em Armandinho que Bunda pensava, ao entrar no carro. Talvez lhe pudesse dar algumas pistas, já que os do Ministério do Interior se revelavam uma decepção, nem uma lista de barcos suspeitos conseguiam arranjar. Imagina se tivermos de chegar aos aviões e às bicicletas! Bernardo estava mal disposto e foi logo dizendo, hoje ainda vamos mais devagar, corre o mujimbo que os combustíveis vão subir e toda a gente anda com os carros a encher os

depósitos antes que aconteça. De fato, Jaime Bunda constatou as enormes filas nas bombas de gasolina, algumas mesmo dificultando o trânsito. Não tinha reparado quando vinha para o emprego, distraído a pensar na noite de ontem, com a debandada que teve de operar quando tinha planejado o assalto final contra Florinda.

O que o trazia para a preocupação principal. A noite mal dormida lhe tinha ensinado uma coisa, estava quase a perder a amante. Truques baixos de mulheres conhecia ele, vinham em todos os bons livros policiais. Aquela estória de não dormir com ele porque queria estar fresca para o marido era uma kíbua monumental, é como quando elas se queixam de dor de cabeça, hoje não dá, querido, tenho uma enxaqueca horrííííivel, nem posso olhar para ti. Felizmente estudava os livros com muita atenção, muito mais que nos tempos de escola, e neles aprendera a eterna psicologia feminina. Tinha de se precaver e atuar conforme as suas suspeitas e interesses. Impunha-se um golpe definitivo.

— Mas estamos a andar, a andar, e ainda não me disse onde vamos, chefe.

— Pois é — concordou Jaime. — Pode ser sempre em frente... Até na Ilha.

Quando não se sabe para onde ir, vai-se para a Ilha, cultura de kaluanda com carro. Gostou do pensamento, devia ter estudado filosofia. A observação de Bernardo tinha-o arrancado dos fúnebres presságios, tenho de pensar no inquérito. Vou fazer uma visitinha aos pais da falecida, devem dar alguma pista. O Kinanga não deve ter feito as boas perguntas, ele disse que fez as habituais. Ou alguém por ele, não me parece que o Kinanga saia do gabinete dele. Eu também não saía se tivesse um gabinete daqueles, com uísque velho e tudo. Mas aquela gaja da Florinda, armada em homem banto... Sim, porque só o homem pode ter duas mulheres, nunca o inverso, isso é adultério. Já que está tão interessada no marido agora, acho que antes de ele legalizar o negócio vou eu fazer-lhe uma visita, sei de coisas, por isso o melhor é você ir passar uma temporada no estrangeiro, e sozinho, para não levantar suspeitas. Assim ela fica aqui e esquece o tipo. Pois é, o problema é o sócio general. Se se trata de general com tropas é uma chatice, esses tipos não gostam de brincadeiras. Estão habituados à violência, li isso num desses pasquins que fazem espirrar o Honório, têm a cultura da violência, mais porrada menos porrada tanto lhes faz, mandam bater por dá cá aquele capim. Mas têm medo do Bunker, quem não tem? A menos que seja um dos generais ligados ao Bunker e aí... Pois é, uma chatice, é mesmo uma chatice. E o marido chega hoje com o negócio fechado. Bom, ainda demora para legalizarem as coisas, mesmo com generais pelo meio. Tenho tempo de lhe provocar uns calafrios.

Entraram na Ilha e Jaime orientou o motorista nos becos do lado da baía. Tinha uma ideia de qual seria a casa, pelas explicações que tinha ouvido no Ministério do Interior. Se tivesse dificuldades em encontrar, conhecia a casa de Salukombo e ali alguém informaria. Mas não foi preciso, o óbito estava na praça. Muitas mulheres de preto, com os panos sobrepostos do luto, sentadas nas sombras das figueiras, um portão que dava para o quintal onde se via gente a entrar e a sair, quem tem dúvidas? Bernardo parou o carro e Jaime dirigiu-se ao portão com o seu novo ar decidido, interrogando frontalmente cada rosto.

Fizeram-no entrar para o quintal. As cadeiras estavam dispostas ao longo do muro, a maior parte delas ocupadas. Só havia mulheres, eram as que dormiam no óbito. Os maridos ou estavam a chegar do mar ou a dormir em casa. E agora vinha o matabicho, as canecas de café

eram distribuídas à profusão. Na boleia, Bunda apanhou logo uma, o pão já vem aí. Foram chamar o pai da vítima, que apareceu à porta ainda a esfregar os olhos, obviamente acabava de acordar e provavelmente com tremenda ressaca da véspera. Jaime mostrou-lhe o cartão de identificação, mas o homem nem reagiu.

— Sou da polícia — disse o agente.

— Outro? Mas eu já falei tudo...

— Eu sou de outra polícia. Podemos conversar com calma? Mais a mamã...

— A mamã não pode, está na cama a viuvar.

O detetive estagiário coçou a cabeça. Precisava de interrogar os dois, nem seria normal só o fazer a um. Mas não podia também infringir os costumes. E se há óbito em casa, a mulher do falecido, ou a mãe do falecido, ou as irmãs, ou as filhas, alguém tem de ficar sete dias deitado na cama a viuvar. No mínimo. Era mesmo melhor não insistir, nunca se deve despertar os calundus porque se infringiu um preceito ou uma kijila, lhe tinha ensinado a avó já falecida, muito respeitadora das crenças da terra, embora fosse do sul.

— Vamos para o largo, para não nos interromperem — disse Jaime.

Se encaminharam para o portão, Bunda com a caneca na mão. Dona Filó, a kimbanda famosa na Ilha, se intrometeu:

— Quem é esse, Florêncio?

— Polícia. Deixa só.

A velha cuspiu no chão e muxoxou. Bunda ainda a ouviu resmungar, são mesmo esses que nos levaram a falecida. Mas se afastou para o lado e eles passaram. Do outro lado do largo havia umas pedras vagas à sombra. Florêncio se dirigiu para elas, o agente atrás. Sentaram os dois.

— Sei que já lhe fizeram perguntas. Vou ser breve. A sua filha costumava apanhar boleias?

— Como toda a gente. Sabe quanto custa o candongueiro? Se alguém dá boleia, vale a pena aproveitar.

— Portanto podia não ser uma pessoa conhecida.

— Hum! Salukombo disse era um carro grande, de rico. Não conheço ninguém com carro desses.

— Mas ela podia conhecer — insistiu Bunda.

— Não acredito.

— Ela nunca disse que havia alguém que lhe queria fazer mal?

— Não.

— Nem um homem que andava atrás dela, a lhe falar coisas...

— Não.

— Quem era a maior amiga dela?

— A Maria. Mora ali.

E apontou uma das casas ao lado, um pouco mais bem tratada que a sua. O quintal também era maior.

— A polícia falou com a Maria?

— Não sei.

Mas já tinha falado. Bunda desgostou de notar que Kinanga estava à frente dele. A

catorzinha não assustou, estava tremendamente à vontade. Ficaram no quintal da casa dela, à sombra da mandioqueira, sentados em dois banquinhos. Maria pasmava a olhar a bunda dele sufocar o banco. Afogar era literalmente o termo, pois se derramava por todos os lados à volta do banquinho, não o deixando respirar. A mãe de Maria, que naquele momento estava para ir no óbito, ficou de casa a vigiar a conversa, os polícias são os piores e Maria era assanhada, nem sabia a quem tinha saído assim, há muito notara como ela sabia compor e descompor a saia, quase mini, conforme as conveniências.

— Então a Catarina não tinha namorado?

— Nada.

— Nem assim um homem mais velho que lhe falava?

— Nada. Muito quieta mesmo.

— Não é como tu, estou a ver.

— Xê, isso se vê então?

A parte chata com estas catorzinhas é que elas são absolutamente previsíveis. Esta está a pensar que me leva para algum lado, com a sua experiência de criança. Por isso só me interessam mulheres feitas. Ah, Florinda, Florinda...

— Olho de polícia nota tudo.

— Então pruquê que ainda não apanharam o que lhe fez aquilo?

— Isso demora sempre mais. Mas, diz lá. A Catarina podia ter conhecido alguém, combinado com ele para lhe vir apanhar aqui...

— Nada. Aquela?

— Tu podias.

— Catarina não. Sossegada mesmo. Quando algum homem se metia com ela, ia logo queixar na mãe. Tinha muito medo de padre Delfim, ia sempre na igreja.

— Tu não.

— Também vou na igreja. Mas não tenho medo de padre.

— Nem de nada.

A miúda olhou-o, desafiadora. Disse baixo, deitando uma olhadela para a janela de onde a mãe controlava a conversa.

— De nada? Tenho, sim, de calema.

Jaime Bunda percebeu que não levava nenhuma informação importante dali. Tudo indicava que a miúda Catarina tinha apanhado uma boleia casual de algum desconhecido. Precisava de apertar o Kinanga, o segredo estava nos barcos e não ali. Levantou a custo do banco, agarrado ao tronco da mandioqueira, perante os olhos fascinados de Maria, que nunca tinha visto alguém tão novo ter tanta dificuldade em se levantar de um banco, parecia mais velho Pascoal, que estava todo torto de reumatismo nos seus oitenta anos passados na umidade da Ilha.

Bunda voltou lentamente a casa da falecida, a pretexto de se despedir do senhor Florêncio. De fato ia verificar se já estava servido o matabicho, ninguém tem o estômago suficientemente cheio na cidade de Luanda e é preciso compensar a agitação da vida. O dono da casa agradeceu o que ele pudesse fazer para descobrirem o assassino, embora sem grande convicção, vingança não nos devolve os mortos, o que revelava educação religiosa. No entanto

disse a uma cunhada para servir o agente, o qual se sentou ao lado de Dona Filó com nova caneca de café e um prato com omelete e chouriço assado. A velha já tinha comido, pois palitava os dentes.

— Meu filho, diz só. De que polícia tu és?

— SIG.

— Hum, é onde?

— Na Cidade Alta.

— Não conheço. Mas ontem atirei búzios. E estive a ver o rastro na areia feito pelos caranguejos.

Jaime Bunda comia o mais rápido que podia para escapar da conversa da velha, completamente cacimbada. Olhava apenas para as mãos dela, todas estriadas e de veias salientes, brincando com uma caneca vazia.

— Ai é? — fez ele, ainda de boca cheia.

— Quem foi eu não sei, desconsigo de descobrir. Mas uma coisa eu sei, tu não vais descobrir. O medo cobre o rosto do assassino, tu vais olhar no lado, não vai lhe ver.

A velha estava mesmo a variar, riu ele para dentro. Não conheciam Jaime Bunda, agente secreto.

— Eu vou descobrir, mamã — disse ele, enchendo o peito.

— Meu filho, quando estiveres perto, vais ter medo, bué de medo.

— Como é que sabe? Eu estava no rastro dos caranguejos?

— Também estavas.

Jaime riu, descrente. Encheu a boca com o resto de comida. Dona Filó muxoxou, provavelmente irritada com o riso escarninho dele. A cara da velha era toda enrugada, rugas sobre rugas, algumas parecendo cicatrizes profundas, marcas de muitos anos de sol e salitre.

— Podes rir. Mas tu estavas lá, te reconheci quando entraste aqui a primeira vez. E vais ter muito medo. Aí, te vais lembrar de mim. Meu nome é Filó, Filomena no papel, nome de santa, não esquece. Quando tiveres medo de te mijar pelas pernas, lembra de mim.

Não era ameaça nenhuma, era dito até com muita ternura. Por que aquele frio que começou na espinha, acima da bunda e lhe fez arrepiar? Teve vontade de se benzer, gesto reflexo de quem foi a muita saída de missa topar as garotas, mas travou às quatro rodas. Entregou o prato vazio a Dona Filó, levantou e saiu para o largo, respirando fundo. Raio da velha, era feiticeira ou quê? Com nome de santa?

[*Neste momento, Jaime ainda não sabia, mas sim, Dona Filó tem poderes, por alguns chamados paranormais. Felizmente, poderes relativos, nem sempre infalíveis, pois senão este relato perdia todo o interesse. Onde já se viu estória policial em que se afirma logo que o fantástico detetive desconsegue de apanhar o horrível assassino? Ou será mesmo isso que desperta o interesse do leitor que se diz, já agora quero saber como é que este escritor de meia tigela vai evitar que eu comece a bocejar ao fim de duas páginas? Confesso que não sei e a minha ignorância excita-me, confissão de escritor.*]

Jaime Bunda resolveu, já que estou na Ilha, vou procurar o mais velho Salukombo. Esse ao menos tem uma conversa interessante e não me atrapalha com misticismos estúpidos.

8
O TENEBROSO SENHOR T

[*Adiei, adiei, travei ao máximo a apressada mão do narrador, mas chegou o temido momento em que tem de ser apresentado um personagem tenebroso. Ponham os paraquedas ou apertem os cintos de segurança. E nada de preconceitos: um personagem tenebroso não é forçosamente o assassino da estória. É tão poderoso, tão poderoso, que nem o nome dele ouso mandar escrever. Ficará, pela minha covardia, apenas como senhor T ou simplesmente T. Não é ministro nem membro de nenhum Comitê Central, nem bispo, nem sequer deputado. Mas a sua presença nos faz tremer. Apenas saberemos que é conselheiro no Bunker e isso vai bastar também aos leitores, que mais dados não deixo revelar, pois ainda a pessoa em causa pode descobrir que a ela me refiro. Dirão vocês: gente dessa não lê literatura de segunda categoria. Pois não, nem de terceira ou quarta. E da de primeira, ah, fogem dela como o Cristo da cruz. Mas sempre há algum caxico que lê e lhes vai zongolar. Nem na morgue de Luanda, lugar tenebroso e malcheiroso por excelência, bom para perigosíssimas conspirações, deixo revelar dados sobre T, senão os estritamente necessários.*]

Face larga e angulosa, feia, com boca de peixe, dessas se encurvando para baixo dos dois lados da cara, tosco de corpo, baixo e entroncado, sem pescoço, rude de maneiras, T é no entanto um engatatão. Tem várias mulheres, espalhadas por alguns bairros, em casas mais ou menos ricas, conforme determinados fatores que não vêm ao caso. E algumas são muito bonitas. Claro que tudo acompanhado de numerosos filhos, pois Angola é muito vasta e pouco povoada, o verdadeiro patriotismo é fazer gente para preencher os vazios demográficos do país, como teve ocasião de defender em debate televisivo sobre políticas contraceptivas, que ele condenava, obviamente, como subproduto cultural do ocidente imperialista. A propósito desse debate, uma organização feminina criticou-o, chamando-lhe de garanhão reacionário e papista. A organização foi dissolvida dias depois, por suspeitas de ter recebido doação de uma congênere europeia, o que pressupunha influências ideológicas estrangeiras, quiçá atividades subversivas. O senhor T não teve nada com o assunto, foi um ministro que tomou a medida e de forma absolutamente independente, supõe-se. Mas T riu à socapa, merda de mulheres, em vez de ficarem em casa a tratarem dos maridos e dos filhos, armam-se em intelectuais a exigirem emancipação, julgam que ainda estamos no tempo do socialismo esquemático?

Nesse tempo, o senhor T era um militante dedicado ao socialismo, nunca faltando a nenhuma reunião de célula do Partido. Nos comícios, arranjava mil artimanhas para ficar na primeira fila a gritar as palavras de ordem com verdadeiro entusiasmo e muitas vezes aos saltos, para que os dirigentes, sentados na tribuna, nele reparassem e no seu fervor. O que não era difícil de acontecer, dada a sua figura ridícula aos berros e pulos debaixo daquele sol infernal. Aconteceu quase como uma fatalidade histórica. Um dia foi convidado a abandonar o seu serviço, onde subia muito lentamente, para ir trabalhar no Bunker, na Cidade Alta. O salário não era melhor, mas naquele tempo todos os salários se equiparavam, aliás o salário

para pouca coisa servia. O verdadeiro salário era o cartão azul ou verde ou rosa que dava acesso às diferentes lojas onde se podia abastecer de cerveja e comida. O cartão do Bunker era dos privilegiados, se levantava bué de cerveja com ele, pois dava acesso à Loja dos Dirigentes, melhor que a Loja dos Responsáveis, por sua vez incomparavelmente melhor que as lojas dos Quadros, um paraíso em comparação com as do Povo-em-geral. T passou a viver como os grandes. Com a revenda da cerveja à saída da loja, foi acumulando mulheres e casas, estas fornecidas evidentemente pelos responsáveis que iam temendo as suas intrigas palacianas. Personagem discreta, nada lhe podia ser apontado, nunca. Mas os responsáveis a quem ele pedia favores olhavam para aquela cara, o sorriso que mais parecia esgar de peixe seco, e tremiam. Nem precisava ameaçar, nem sugerir nada com sua voz mansa. Bastava olhar para eles. E ministro gosta daqueles cadeirões em que se senta, são confortáveis, por que arriscar uma volta forçada para a cadeira de tampo de pau? Diretor idem. T obtinha facilmente um apartamento para uma kitia, com renda oficial, quer dizer baratinha, baratinha. E a esperança de um dia também poder comprar o apartamento ao Estado, a preço da chuva. Bendito socialismo esquemático, não sei como alguns reclamam, se dizia todo o tempo, lúcido da saudade que sentiria um dia.

Mas T agora andava preocupado, algumas coisas não lhe tinham corrido como desejava. E um político tem de estar sempre atento à sua carreira, etérea como um fuminho que qualquer brisa pode dispersar. Por isso resolveu ir consultar um kimbanda de que se falava muito nas altas esferas. Sugestões, alusões, nunca nada direto, pois nenhum político pode dar a entender que é tratado por kimbanda, esses bantuismos só dão para ignorantes falidos, nunca para quem tem nome e carreira a preservar. Mas o Bunker tinha provas que muitos políticos iam receber conselhos e tratamentos numa casa determinada de um musseque recente, lá para os lados do aeroporto. T não perguntou a ninguém qual era o endereço. As informações chegavam a ele quando as queria, por isso era poderoso. E decidiu ir. Que arriscava? Bastava ter precauções especiais, usando o carro de vidros fumados com uma matrícula desconhecida que ele mudava sempre que queria, tinha várias na garagem de casa.

O musseque crescera enormemente nos últimos anos, com construções ilegais coladas umas às outras, por vezes separadas apenas por vielas, o que dificultava o acesso dos carros. No meio daquelas casas de um só piso, mal rebocadas e nunca pintadas, de repente sobressaía um grande muro branco, com três metros de altura e arame farpado por cima. Um portão de ferro maciço, verde, cortava o muro do lado direito. T parou o carro mesmo à frente do portão e um guarda saiu da guarita para ouvir a senha que o condutor por telefone combinara com o kimbanda. O guarda abriu o portão e o carro entrou. Com vidros fumados e óculos escuros, nada se revelava ao guarda, apenas uma voz lhe dando a senha. T parou o carro ao lado de uma porta aberta e olhou para a casa, imponente vivenda de dois andares, absolutamente camuflada no bairro miserável. Entrou pela porta aberta e logo um homem de cabeça rapada e envergando uma túnica da África Ocidental o recebeu, indicando-lhe uma sala. T entrou para a sala e olhou para o outro, que só conhecia de fotografias existentes no ficheiro do Bunker. A cabeça era grande e regular, brilhante na sua nudez. A face também estava escanhoada com cuidado. E a túnica era verde, debruada com fios de ouro, muito larga.

— Pode ter a certeza que ninguém o viu, discrição total — disse o kimbanda. — Quer

sentar-se?

T seguiu a sugestão e sentou numa poltrona. O outro imitou-o. O visitante examinou os móveis caros, diretamente importados da Europa. A sala estava decorada com muito artesanato tradicional, e havia pendurados na parede quadros de dois famosos pintores angolanos.

— A sua casa é muito boa — disse T. — Eu julgava que vinha encontrar uma cubata.

— Talvez estivesse mais de acordo com a minha arte, não é isso? Mas de fato quase comecei por uma cubata. Era casa de pau-a-pique e com cubatas à volta. À medida que as coisas começaram a correr bem, fui expandindo. Comprando um bocadinho de terreno ao lado, depois uma cubata do outro lado e fui aumentando a casa. Mas o terreno não chegava para tudo. Por isso, ao arranjar clientes mais influentes, fui conseguindo que os vizinhos mudassem para casas da cidade, a troco da sua cubata. Foi então que construí o muro. Depois, cá dentro, a casa foi crescendo. E agora já posso oferecer privacidade total aos meus clientes. Claro que estes também foram sendo cada vez mais importantes. Agora vou mandar construir uma piscina no terraço.

— Julgava que você era um kimbanda tradicional...

— E sou. Não se deixe iludir pela minha linguagem e o meu conforto. Tenho estudos, sim. Mas não esqueci a educação que me deu o meu avô. E conservei todos os seus poderes, que recebi por herança. Aliás, como verá, quando trabalho, abandono esta linguagem de preto calçado, como diz um dos nossos escritores mais sarcásticos.

Levantou e se aproximou da secretária. Tirou de trás dela uma figura de madeira, um nkisi do Congo, crivado de pregos enferrujados. Pousou a escultura com cuidado em cima da secretária.

— Esta é a nossa testemunha. Um original. Se é que em artesanato se pode falar de originais... Pouco importa. O nkisi testemunha sempre as minhas consultas, sendo provavelmente a peça mais valiosa que tenho neste consultório. Valiosa no referente ao preço, porque em valor simbólico e artístico sem dúvida que o é.

Foi de novo atrás da secretária e trouxe um cesto repleto de coisas. O cesto era feito de entrançado de mateba. O kimbanda voltou a sentar na poltrona, à frente de T e meteu o cesto entre as pernas e as duas mãos dentro dele, mexendo suavemente. T podia ver uma série de calhaus pequenos, ossinhos de animais, bocados de tecidos velhos, unhas de leão ou onça, figurinhas de madeira, tufos de pelos, pedaços de pele seca, uma caveira de cobra, botões, uma pata de galinha, um bico de ndwa, e muitas outras coisas indecifráveis.

— Este é um ngombo verdadeiro da Lunda. O cesto de adivinhação dos tahis da Lunda, o meu avô foi um dos grandes. Bom, vamos começar...

Agitou pela última vez o ngombo e ficou parado, muito concentrado, estudando as figuras. Apesar do ar-condicionado, T começou a suar. Tentava aperceber na cara inexpressiva do outro o que este descobria. Largos minutos ficou o adivinho estudando as figuras, sem tocar nelas.

— Hum, homem importante, homem importante, mas está com medo, acha fez asneira, está com medo... Outros eram importantes, fizeram asneira, caíram, hoje andam aí... Homem importante... Mete medo nos outros mas tem medo. Tem medo do chefe. Medo que chefe

sabe.

O kimbanda olhou para T com intensidade. Este baixou os olhos. Suava profusamente. O adivinho perguntou com voz mais profunda:

— Falei verdade?

— Sim — disse T, com sua voz mansa, mas agora muito sumida.

O kimbanda agitou o cesto e voltou a olhar para as figuras. Agitou de novo. Ficou minutos parado, estudando as posições respectivas.

— Muitas mulheres, muitas mulheres. Não tem grandes problemas. Uma sim, uma dá maka.

— É a Guida — disse T. — A mais nova.

— Hum, hum, não é nova. Tu não lhe conhece, é uma velha, da Ilha, te pode dar problema...

— Da Ilha? Não conheço lá ninguém.

O kimbanda olhou para T fixamente e este sentiu-se mal. O suor agora caía em gotas do queixo para as mãos. A camisa estava colada ao corpo, toda molhada. O olhar do homem não o largava, parecia lhe queria arrancar a alma ou todos os segredos, o que é a mesma coisa.

— Toda gente conhece alguém de alguma parte. Tu conhece. Diz só não lembra. Essa velha eu posso fechar os caminhos dela, os caminhos dela para ti. Hum! Tem mais, tem mais coisa na Ilha, a Ilha não é boa para você.

Voltou a agitar o ngombo e disse umas palavras que T não percebeu. Depois iniciou uma cantilena, em voz muito baixa, enquanto agitava e olhava o ngombo. Devia ser uma língua do leste de Angola, pelos vistos era originário da Lunda, mas T só dominava o português e mal o francês. Também de certeza que a cantilena não era feita para ser entendida por ouvidos profanos. Esse pensamento fez T ficar mais descontraído, o que acontecia aliás quando os olhos do kimbanda não procuravam os seus. Finalmente este falou:

— Asneira, muitas asneira... Político não pode fazer asneira assim... Chefe fica chateado, e depois? Tua força está ficar fraca, inimigos estão aumentar, inimigos a ficar forte, pode cair, pode cair.

De repente, T viu a sua carreira destroçada, as mulheres a fugirem uma a uma, sobretudo a Guida, a mais reguila, que só foi apanhada com ameaças aos pais de perseguições sem conta, em compensação se a vossa filha me aceitar podem ter tudo o que quiserem, carro, casa boa, tudo posso arranjar, mas têm de fazer pressão na Guida, ela não pode me repudiar como se eu fosse um miserável, estas ameaças e promessas acrescentadas por umas boas prendas e a Guida acedeu, embora sempre dizendo eu gosto do meu namorado e vou deitar na mesma com ele, não vem com manias que sou só para ti, isso é mesmo nunca. Concordou, que remédio. Se a sua carreira acabar, a Guida corre às gargalhadas para o namorado, com quem sempre se encontrou, não tem ilusões, as mulheres são umas falsas, até a sua mãe, que lhe deixou com uma irmã e foi viver para Kolwesi, Congo, nos tempos da sua infância.

— Tu está muito arriscado. Tem de fazer tratamento forte, muito forte mesmo.

O kimbanda devassava de novo os seus olhos. T estava pronto para tudo. Perguntou, num fio de voz:

— Forte mesmo?

— O mais forte que tem.

— Tem perigo?

— Nada.

— O que eu faço?

O kimbanda procurou de novo os olhos de T até que conseguiu fixá-los. O conselheiro do Bunker não baixou os seus, sabia que o outro queria manter uma comunicação qualquer, talvez hipnotizá-lo.

— Você não faz nada, eu é que faço — disse, mirando-o sempre nos olhos. — Baixa as calça e as cueca, põe as mão no braço da cadeira, afasta as perna e fica quieto.

T levantou da poltrona e ficou com a mão no cinto das calças. Travou o gesto e perguntou, mais ousado agora que estava de pé e o outro sentado.

— Para quê me despir?

— Eu é que sei. Tratamento para fechar teus caminhos todos. Ninguém que depois vai descobrir as asneira que você tem feito.

T despiu as calças e as cuecas, virando-se um pouco para ocultar o sexo. Depois pensou, parvoíce, ao médico se pode mostrar tudo, não há vergonhas. Afastou as pernas e inclinou-se para a frente, apoiado pelas duas mãos no braço da poltrona. O kimbanda então levantou, passou para trás dele. T ouviu o barulho de panos a serem manuseados. Sentiu uma coisa tocando no seu ânus.

— Mas que é isto?

— Fica quieto. Não quer tratamento de fechar corpo? Então?

T provou ser decididamente um homem moderno, pois o que lhe ocorreu instantaneamente foi uma preocupação nova, nascida das muitas prevenções que ouvira e vira na televisão:

— E o sida[2]? Não põe camisinha?

— Não tem sida nenhum que entra — disse o kimbanda, forçando a porta. — Eu tenho o corpo fechado para tudo. E tu também vai ter.

T gemeu com as dores. Mas ainda arranjou coragem de insistir:

— Era melhor com camisinha.

— Xê, cala a boca. Este é um enrabanço puramente banto. Como é que vai pôr camisinha, essa coisa dos branco, aí no meio?

E realizou o tratamento, sem mais protestos de T, confuso mas suportando estoicamente. O kimbanda não calava grandes manifestações de prazer, falando em línguas estranhas, certamente a invocar todos os espíritos milenares da Lunda. O nkisi, em cima da secretária, testemunhava tudo com seus olhos de espelho.

Quando terminou o tratamento, o kimbanda ajeitou a túnica, muito prática para essas situações. E falou quase ternamente.

— Podes vestir. Mas não lava o cu durante um dia. Para fazer efeito.

T obedeceu. Pensava, mas será que as cuecas aguentam o líquido, ou as calças vão ficar molhadas? Bom, também ninguém vai me ver, entro diretamente no carro e vou a casa mudar de roupa.

— Outra coisa. Tu nunca mais vai comer pescoço de galinha. Galinha pode comer,

pescoço não. Tem kijila. E outra coisa. Tem de usar sempre na rua uma roupa branca. Se não é camisa é calça. Se não é calça é cueca. Se não é cueca é lenço. Mas tem de usar sempre uma coisa branca. Senão o remédio perde força. Dentro de casa não precisa, dentro de casa pode andar até nu. Ou todo de preto, não faz mal. Não esquece isso, nunca.

O kimbanda foi a um armário, retirou copos e uma garrafa de uísque 15 anos, enquanto T se vestia.

— Aceita certamente um bom uísque, depois de tantas emoções — disse calmamente e retomando a sua fala habitual. — Sente-se, por favor. Vamos beber tranquilamente e conversar sobre outras coisas. Isto é assunto arrumado, já é passado, devemos olhar para a frente.

Conversaram sobre outras coisas, particularmente política. Como kimbanda da respectiva classe, era lógico que se interessasse e conhecesse muitos dos segredos da profissão de T. Acabou por revelar ter feito um mestrado em Filosofia no Brasil, onde passou para a teoria muitos dos conhecimentos empíricos do seu avô, renomado tahi da Lunda. Mas o seu vício era a política, não fazer, apenas analisar e discutir. Quanto ao pagamento da consulta e tratamento, nem falemos disso, apenas quero a sua consideração e amizade, quem sabe um dia vou precisar da sua influência... Não, não se tratava de um comércio, era uma arte a que ele se dedicava com devoção verdadeiramente sacerdotal e que acabava por ser compensada pelos amigos, um dia, quando precisava, quais generosos e desinteressados mecenas que apoiam o artista, limitado a um momento dado por estúpidas dificuldades materiais que o impedem de realizar a Obra. T ouvia, não falava, ia bebendo o uísque rapidamente, para se livrar da conversa e da companhia, embora tivesse de a reconhecer agradável. Terminada a bebida, despediu-se com humildade. O servo perante o senhor, pensou o homem importante, diante de quem muitos tremiam. Entrou rapidamente no carro, travou as portas, deu meia volta e saiu pelo portão previamente aberto. De repente, deu uma gargalhada nervosa e falou para o boneco que estava pendurado no retrovisor de dentro do carro:

— Por isso é que ninguém diz que veio consultar este gajo, ninguém sabe de nada, só há sorrisos dissimulados. Deve ter enfiado a azagaia em muito cu. Será que este tratamento resulta? Porque se for mentira... Ah, se for mentira, o cabrão vai pagar. Mas paga devagarinho vagarinho para doer mais...

E deu um murro no volante. Sentiu-se melhor, pois retomava a sua energia vital, humilhada pelo tratamento de choque. Se desembaraçou das vielas do bairro, entrou na estrada asfaltada. E decidiu, não vou ainda a casa mudar de roupa, primeiro dou uma volta à Ilha. Ele não disse a Ilha é território perigoso? Tenho lá uma inimiga, uma velha, pelos vistos. Mas agora tenho o corpo fechado, blindado, à prova de invejas e intrigas. Posso dar o meu passeio habitual sem riscos.

E foi por isso que, estando Jaime Bunda a insistir com Salukombo para dizer o que este não sabia, o mais velho estendeu o braço e disse, olha, o carro era igual naquele que está a passar, apontando para o de T.

— Era aquele carro?

— Não, eu não disse isso. É como aquele. Parecido.

Jaime Bunda deixou o velho e correu para o automóvel de Bernardo, siga aquele carro, não o perca de vista. O que era fácil, pois o outro ia lentamente, desfrutando da paisagem, do ar do

mar. Não, com os vidros fechados e com ar-condicionado, não sentia mar nenhum, pensou Bunda. A perseguição continuou, monótona, deixa outros carros no meio, Bernardo, para ele não nos topar. Realmente o motorista via poucos filmes policiais, pois senão devia saber que não se faz uma operação daquelas com o nariz de um automóvel colado ao rabo do outro. Mas quando saíram da Ilha e entraram na Marginal, foi preciso mesmo ficar próximo, pois com a confusão de tráfico que havia a partir daí, os riscos de perder o outro de vista eram muito grandes. Atravessaram a cidade baixa, subiram para o Kinaxixi, continuaram, continuaram, até entrarem no bairro de Alvalade. Deve ser aqui que ele vai parar, achou Bunda, cuidado, deixa muito espaço, ele vai parar por aqui, Bernardo, o que o motorista já tinha percebido e por isso ia o mais devagar que podia. O outro apontou para um portão e os dois seguranças que estavam à frente da vivenda abriram o portão. O carro desapareceu lá dentro. Jaime Bunda anotou o número da casa, depois ia saber de quem se tratava. Já tinha um suspeito.

[*Bem sei que alguns espíritos mais exigentes vão encontrar neste episódio um erro de técnica narrativa, de foco narrativo para ser mais preciso. Também me insurgi contra o responsável, mas resolvi deixar que ele seguisse o caminho que escolheu. Há uma vantagem nisso: se muitas forem as críticas, poderei argumentar que o culpado é o narrador, o qual deve ter a sua margem de autonomia. E ele próprio sempre poderá dizer que mais cedo ou mais tarde Bunda terá de cruzar com T e por isso escolheu este momento do relato para introduzir o sinistro personagem. Se tudo parecer muito forçado, o narrador até poderá se resguardar com a intuição do detetive estagiário, que lhe mandou ir atrás de T. No limite, o culpado é sempre o personagem. Eu é que não tenho nada com isso, sou apenas defensor das liberdades.*]

---

[2] SIDA: Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (em Inglês AIDS, Acquired Immunodeficiency Syndrome).

9
A ALEGADA ESPINHA DE PEIXE

Jaime Bunda não teve dificuldade em saber o nome do proprietário da vivenda do Alvalade, cujo carro perseguiu. Conseguiu com um telefonema para o Registro de Imóveis. Mas uma coisa era o proprietário, outra era o motorista do carro, o qual podia ser o dono da casa ou apenas um utente. O nome em si não lhe dizia nada [*não é como a nós, que até nos faz tremer*] e foi consultar fichários. Ia espantar o chefe Chiquinho Vieira, apresentando-lhe já um suspeito, e só a ideia o fazia sorrir de gozo. Nos arquivos do Bunker, as pessoas estavam classificadas de uma maneira muito própria: empresários, sacerdotes, intelectuais, dirigentes, funcionários, oposicionistas etc. O que significava que o tal proprietário podia estar catalogado em muitos sítios. Eliminou à partida as categorias de sacerdote e intelectual, pois muito dificilmente teriam um carro daqueles. E procurou nas outras. Não encontrou. Em desespero de causa, foi procurar na dos sacerdotes. Algumas seitas enriqueciam rapidamente os seus responsáveis, era conhecido. Mas nada. E na dos intelectuais também não, obviamente.

Os colegas estavam espantados com a atividade de Jaime Bunda. Nunca o tinham visto sentado a uma mesa a lidar com um computador. Onde tinha aprendido? De fato, nunca ninguém lhe tinha perguntado, nem na altura da admissão. Ele tinha seguido um curso e de vez em quando olhava para os outros, quando procuravam alguma informação nos ficheiros. Reteve os princípios gerais da organização das informações e até mesmo as palavras de passe necessárias. Por isso se tinha sentado à frente de um dos que estava livre e começado a trabalhar. Nos quase dois anos que passou sentado na cadeira do canto, observando os outros, muitas vezes podia ter ido para um computador vago e, para passar o tempo e desenfastiar, fazer uns jogos. Nem isso, não achava piada nenhuma a esses jogos. Portanto a surpresa dos camaradas era total.

Armandinho, o único colega que tentava um relacionamento com ele, talvez atraído apenas pela sua bunda, notou o ar de desalento.

— Que se passa, Jaime? Não encontras o que procuras?

— O arquivo do Bunker não tem o nome dum tipo. E pelo carro e pela casa deve ser um tipo importante... Estranho.

— Nem todos os nomes estão aí nesse ficheiro. Há o ficheiro especial. Mas a esse ficheiro só os chefes têm acesso. Pode ser que o chefe Chiquinho te ajude.

— E por que uns fazem parte desse ficheiro especial?

— Ninguém sabe. Critérios do Bunker, ordens superiores. Ou porque é gente da pesada, mas da primeira linha mesmo, ou porque há uns dados que tocam gente da pesada, ou porque estiveram implicados nalgum caso que pode levar a gente da pesada. Por vezes um tipo desaparece do ficheiro normal e passa para o especial. Por quê? Ordens superiores...

Bunda agradeceu a explicação, mas contrariado. Não era a mesma coisa. Ele queria

apresentar a Chiquinho Vieira já o suspeito com a ficha completa. Assim ia pedir-lhe a ficha a ele, chefe. Como se fosse Vieira a descobrir o suspeito.

Nesse momento Isidro atendeu o telefone e estendeu-o a Jaime, é para ti. Nova surpresa na sala, Bunda nunca recebia telefonemas. O rapaz estava a crescer, pensou Armandinho. Olha o gajo, a sair-se, pensou Honório, sempre ocupado com os jornais independentes.

Era o Kinanga, para o informar, já que eram amigos, que os seus superiores tinham recebido uma delegação da Ilha, soba e padre Delfim à cabeça, exigindo o corpo da falecida. E pediam que o Estado, responsável pela despesa inútil do fracassado óbito, financiasse o funeral e respectivo beberete, o que é evidente nunca será aceite, porque o Estado anda a apertar a corda que segura as calças, pois até o cinto já roeu, toda a gente sabe. Chamado a depor, tive de informar os meus superiores que a ordem partiu de si, que eu próprio não via em quê é que o corpo ia ajudar a esclarecer o caso, pois já tinha sido autopsiado, mas podia ser que o Bunker tivesse outros métodos de análise, compreenda, não havia alternativa, tive de dar o seu nome. Em suma, o Ministério do Interior vai pedir ao chefe dos SIG para autorizar a entrega do corpo e que se faça o funeral, com vista ao sossego na Ilha. E antes que isso acontecesse ele telefonava para que Jaime Bunda não fosse apanhado desprevenido, devia-lhe isso por um dever de lealdade.

— Fez muito bem, fez muito bem. Mas podem entregar o corpo, já não tem o mínimo interesse. Tenho um suspeito.

Não foi só Kinanga que ficou surpreso com a revelação. Também na sala dos detetives os outros ficaram. Esperemos que não seja o sueco, pensou Isidro, maldosamente. Convenhamos que não havia só maldade no homem dos ouros, mas um certo despeito. Como tinham posto aquele atraso de vida a deslindar um caso, pelos vistos importante, pois seria preciso ir ao ficheiro especial para procurar o raio do nome que ele tinha? Ele, Isidro, sempre possuía mais experiência e quase a ser promovido chefe de qualquer coisa. Dão o inquérito a um estagiário que só se nota porque tem bunda grande e é primo do D.O., só visto, uma verdadeira desfeita a toda a metodologia da investigação criminal.

— Continuem a procurar do vosso lado, que eu vou pelo meu — continuou Bunda ao telefone. — Hoje à tarde passarei por aí para conversarmos.

Bunda desligou o telefone, ficando ainda a olhar para o objeto. E todos os detetives olhavam para ele.

— Bom moço, este Kinanga, bom moço.

E saiu da sala, meio absorto, em direção ao gabinete do chefe. Os outros ficaram a olhar uns para os outros, calados. Isidro nem ousou lançar a sua piada do sueco. Que diria o ilustre Professor Alarcon y Jimenes, mestre de Investigación Operativa, destes sucessos? Suspirou e voltou a escrever o seu relatório sobre as movimentações de alguns banqueiros angolanos, suspeitos de estarem ligados à máfia ucraniana de armas pesadas. Os serviços secretos do governo andavam a seguir as maquinações equívocas dos banqueiros e Isidro, pelos SIG, andava a seguir as investigações dos serviços secretos do governo, assim ninguém se podia queixar de ser esquecido. Entretanto Honório voltou com as pinças aos seus jornais. Armandinho, esse, ficou com ar sonhador, olhando para a porta onde sumiu a bunda portentosa.

A qual penetrou no gabinete do chefe Chiquinho, depois de bater. Seria de enfado o ar amarelado do chefe quando viu de quem se tratava? Se era enfado, desapareceu imediatamente quando ouviu o nome da ficha que Jaime solicitava.

— Para que quer saber desse senhor?

— Pode ser um suspeito.

Chiquinho Vieira não estava a comer nem a beber. Como conseguiu engasgar-se? Havia coisas que Bunda não entendia no chefe. Deu-lhe um tal ataque de tosse que o agente estagiário teve de dar a volta à secretária e ir bater-lhe pancadinhas nas costas, já passa, chefe, já passa. Mas não passava e ele foi ao lado pedir à assistente um copo de água, o chefe está a morrer sufocado, o que provocou o natural pânico no gabinete, acudam ao chefe Chiquinho, mandem vir uma ambulância. Engoliu uma espinha?, perguntou ingenuamente a belíssima Solange, que também só tinha esse predicado, burra que nem uma casa, como diziam as colegas, despeitadas datilógrafas sem esperanças de saltar para os joelhos do disputadíssimo chefe. Quando voltou ao gabinete de Chiquinho Vieira, com a assistente munida do copo de água e uma secretária que tinha tirado o cursinho de primeiros socorros, carregando a sua malinha, e mais a bela Solange a olhar de caxexe pela porta, mas se não há peixe como se engasgou com uma espinha?, o ataque estava a passar. O chefe Chiquinho bebeu a água, os olhos vermelhos e chorosos, reclinou-se para trás na cadeira, respirou fundo várias vezes e só então notou a enorme densidade demográfica no seu gabinete, explodindo mas que estão todos a fazer aqui, fora, fora. Jaime também ia seguir o movimento, talvez fosse melhor deixar o trabalho para outra altura, o chefe ainda lhe morria nas mãos e ele era acusado de homicídio involuntário e pior, inconsciente. Mas já em nítida manobra de recuo foi surpreendido pela voz de Chiquinho Vieira, você, Bunda, fica aqui. E lhe fez sinal para sentar.

Jaime obedeceu, ficando sentado à frente dele, observando atentamente os esforços que o outro fazia para se recompor. Primeiro passou as mãos pelo cabelo, que continuava impecável, negro e brilhante, de carapinha larga, provavelmente com algum produto gelatinoso. Depois assoou-se a um lenço enfeitado pelas suas iniciais bordadas a azul claro, ainda se usava coisas dessas?, ele só tinha visto em livros e filmes antigos. O chefe demorava a retomar a conversa, ainda ofegante, por isso tinha todo o tempo para continuar as suas minuciosas observações. Notou com agrado que os atacadores eram iguais e os sapatos estavam primorosamente engraxados. Chiquinho Vieira era uma elegância, valia a pena ter um chefe assim. E ainda por cima uma simpatia...

— Que brincadeira foi essa? Acha esse senhor suspeito?

— Suspeito ainda não. Mas tem um carro igual ao principal suspeito.

— Conte-me o que sabe.

Jaime Bunda, envaidecido por conseguir reter a atenção do chefe, contou como estava com Salukombo quando passou o carro e o mais velho lhe disse que o outro tinha um carro igual, como ele imediatamente perseguiu o suspeito, o que não é nada fácil, chefe, o Bernardo não tem técnica nenhuma para essas operações e o carro também não ajuda muito, como chegaram ao Alvalade, como ele anotou o número da casa e telefonou para o Registro dos Imóveis e assim ficou a saber o proprietário. Só que o nome não consta dos ficheiros normais do serviço, por isso não lhe podia trazer a ficha completa, tinha de lha pedir, ou pelo menos

autorização para consultar o ficheiro especial. Tudo isto foi descrito minuciosamente, procurando as palavras, pois Jaime não era muito versado em artes oratórias e o chefe precisava recuperar o fôlego, ainda se ouvia a sua respiração ofegante.

— É tudo o que sabe? Quer dizer, nada.

— Aquilo é peixe graúdo, chefe.

— Só porque lhe dizem, e ainda por cima um velho analfabeto, que o carro é igual ou parecido, para ele todos os carros grandes e pretos devem ser iguais, já arranja um suspeito? Não lhe ocorreu que pode haver mil carros parecidos?

— Eu não disse que é suspeito. Pode ser suspeito. Primeiro é preciso verificar.

— Não vai verificar coisíssima nenhuma. Essa pessoa não tem ficha aqui.

— No arquivo especial?

— No arquivo especial.

Jaime Bunda assobiou. Esparramou-se ainda mais na cadeira, assombrado. Fez aquele ar que começava a assustar o chefe, pois da concentração mental do subordinado nunca sabia o que ia sair. Atirou:

— Quer dizer que está acima das pessoas importantes?

— Não quer dizer nada. Esqueça esse nome. Você nunca ouviu esse nome, no Registro não lhe disseram esse nome, ouviu bem?

— Não sei se me está a perguntar se ouvi bem agora ou se ouvi bem quando me disseram o nome ao telefone, chefe.

— Porra, não lhe disseram nome nenhum ao telefone — berrou Chiquinho Vieira, sentindo de novo a garganta a contrair-se.

Jaime Bunda estava admirado pelo ar excedido do chefe, ultimamente sempre tão cordial. Estaria doente e o engasganço uma primeira manifestação? Há casos assim. Cancros do pulmão que sobem até à garganta, como as lianas das matas de Nambuangongo. Talvez fosse melhor pedir outro copo de água. Se tivesse o uísque do Kinanga ali à mão, aquilo cura um morto...

— Está a ouvir? Não lhe disseram nenhum nome ao telefone...

— Bem, chefe, o nome foi esse, tenho certeza.

Chiquinho Vieira pensou num fugaz momento, logo atirado para trás, abro a gaveta da direita, pego na pistola e enfio um tiro nas trombas deste cretino. Reflexo condicionado que logo abandonou, ainda sujo o gabinete e quem sabe o próprio fato. Procurou controlar-se. Instintivamente, instinto de polícia. Respirou fundo três vezes, o que o levava a assobiar perante a atenção interessadíssima do estagiário. Falou com a voz mais suave que podia inventar no momento:

— Olhe, o melhor é continuar a investigar. Mas deixe esse nome para trás...

— Chefe, posso fazer-lhe uma pergunta? Fuma muito?

O discurso que Chiquinho Vieira se preparava para fazer lhe passou à frente dos olhos, como se de fato estivesse escrito, só que a página ficou em branco, tal a rapidez da passagem. E a contragosto respondeu nunca fumei, você é que me provoca asma ou lá o que é isto.

— É que os seus pulmões devem estar cheios de buracos. Conheci uma pessoa que respirava assim e foram ver... O ar a passar com força pelos buracos até assobia...

— Deixe os meus pulmões! Procure outros carros pretos e grandes, há muitos empresários que os têm, os dos deputados são assim, os dos membros do governo, dos diplomatas. Haverá mais de mil em Luanda. Ou dez mil, sei lá. Por que haveria de ser o mesmo a passar no mesmo sítio?

Foi ouvindo com prazer crescente o seu próprio discurso, afinal sempre conseguira proferi-lo, não era um caso completamente perdido, ainda tinha capacidade de segurar uma situação. Mas devia reconhecer, o estagiário fazia sempre a agenda das discussões, o que prefigurava uma incompreensível supremacia. Não teve muito tempo para analisar mais aprofundadamente estas considerações, pois Bunda voltou de imediato à carga:

— Chefe, o criminoso sempre volta ao local do crime.

— Nem sequer em todos os livros...

— É uma pulsão... incontrolável. Esquece o que diz o
Stephen Kane?

Jaime Bunda afundou-se ainda mais na cadeira, estando agora quase deitado. Observava com curiosidade a cara do chefe, a qual passava do estupor à raiva para cair na frustração e na sensação de impotência. Não havia dúvida, Chiquinho Vieira apreciava os seus conhecimentos de técnica policial, pena era ter tão pouco tempo para lhe dedicar, sempre tinham umas conversas muito agradáveis. Entretanto, o chefe rebuscava na inteligência maneira de fazer o cretino compreender que devia mudar o curso do inquérito, pois pressentia o perigo de acionar uma bomba atômica. Mas sem que o outro percebesse os seus reais motivos.

— Pelo caminho que está a ir, não chega lá. Deixe a Ilha, está fixado na Ilha, procure outro sítio...

— Foi lá que tudo começou.

— E os barcos? Está a avançar nessa via?

— Numa coisa o chefe tinha razão, parabéns — disse Bunda, mudando de assunto inopinadamente. — Naquele carro, a uma certa distância, não se pode notar se o motorista é louro ou bumbo.

— Claro... eu bem dizia — gaguejou o chefe Chiquinho, baralhado com o elogio paternal e inesperado.

— Andamos meia hora atrás dele e nem consegui ver se tinha óculos escuros ou não. Só o carro, a matrícula e a casa...

De repente, Jaime Bunda saltou da cadeira. Literalmente. O chefe mais pasmado ficou, pois sabia a dificuldade que o outro tinha em se levantar, nunca ninguém era tão lento e demonstrava tão visível máscara de sofrimento. Desta vez, picado por uma surucucu ou lacrau, o certo é que o agente estagiário se pôs de pé num instante, pediu desculpa, chefe, lembrei-me agora de uma coisa vital, e saiu quase a correr, deixando o superior de novo sem fôlego ao ver a agitação que percorria aquela bunda a alcançar a porta.

Que não demorou um segundo a passar a porta de saída e a aterrar dentro do carro de Bernardo, voa até à Direção de Trânsito. A maka era exatamente o trânsito, congestionadíssimo àquela hora, já agora não é melhor ser depois de almoço, chefe? Felizmente era muito perto e bem antes que o exigente estômago de Jaime começasse a reclamar com fome, já o agente tinha sido introduzido no gabinete de um dos responsáveis,

graças à identificação do Bunker, que abria todos os caminhos.

— Queria saber a quem pertence este número — e entregou ao outro o papel onde tinha anotado a matrícula do carro preto.

O funcionário disse já mando saber, mas olhou melhor para o número, nem vale a pena, não temos registro dessa matrícula. E sorriu. Bunda deve ter tido uma luz assassina no olhar, pois o responsável da divisão de trânsito da capital recuou logo no sorriso, disse:

— É uma matrícula vossa, por isso não temos registro aqui.

— Que brincadeira é essa?

— Então não sabe que o Bunker tem reservada uma série de placas para sua utilização? Placas que não estão registradas...

Notou que Bunda tinha ficado perturbado, sem fala. Aproveitou instintivamente para se desforrar da arrogância dos tipos dos SIG, que metiam medo a toda a gente, e continuou, usando a menos sutil das ironias:

— O amigo deve ser novo no serviço, por isso ainda não reparou. Mas vocês têm as matrículas todas seguidas, as que põem nos carros e as que guardam para utilizar em momentos especiais, quando querem camuflar qualquer coisa. Esta é uma matrícula do Bunker. Por isso não encontrará em nenhum registro. Eu é que tenho boa memória.

Bunda ia fazer mais como? Agradeceu, ainda tonto, saindo lentamente da polícia de trânsito, o carro é do Bunker, por isso o tipo não tem ficha, ele é um dos que manda fazer as fichas. Por isso o chefe Chiquinho disse para procurar noutro lado, não quer que eu perca tempo com colegas. E ainda por cima deve ser um *boss*, só pode, com aquele carro e aquela casa. Um *boss* acima de qualquer suspeita.

— Então, chefe, onde é hoje o pitéu? — perguntou Bernardo, quando ele entrou no automóvel.

— Roque Santeiro — respondeu maquinalmente.

— O chefe vai almoçar lá?

— Conhece sítio mais barato?

Bernardo fez o ar mais infeliz que se conhece, o Roque Santeiro ficava num extremo, a sua segunda residência no outro. Com hora de ponta a todas as horas, como poderia ir a casa almoçar? Já sabia, tinha de ficar no carro a esperar pelo agente, no meio daquela confusão, raio de vida de motorista de bófia falido. Cototó, é o que é, com o salário que tem quer poupar indo almoçar no Roque Santeiro, onde já se viu? Bernardo avançou em disposição de combate contra os milhares de veículos desgovernados que se amontoavam pelas ruas da cidade. Sonhando com o tal blindado.

10

ROQUE SANTEIRO, ONDE TUDO PODE ACONTECER

O maior mercado ao ar livre de África, de nome de novela brasileira. Pelo menos era o que dizia a propaganda oficial, como se a incapacidade de construir um grande mercado coberto fosse razão para aquecer o orgulho nacional. Jaime Bunda nunca tinha podido conferir, mas todos os amigos diziam é verdade, nunca se viu coisa maior, nem os do Cairo ou de Lagos, cidades onde também reina a total confusão e caos. Betinho tinha estado em Joanesburgo e concordou, lá havia mais delinquência que no Roque Santeiro, mas como mercado nem pensar. Se calculava, cem mil pessoas estavam lá juntas na hora de maior afluência, quer dizer, ao meio-dia. E um milhão passava todos os dias. Se dizia, porque estatísticas, números, afirmações objetivas e verificáveis, isso nada.

Tinha respondido instintivamente ao Bernardo que ia aí almoçar, porque estava em baixo, desmoralizado, abuamado com a desanimadora notícia que acabara de receber. No fundo, se compreendia muito bem, era como voltar a casa paterna quando algo nos corre mal. Ele cresceu ao lado e com o Roque Santeiro. Era muito criança e vivia com os pais no Sambizanga, quando alguns vendedores, escorraçados de outros mercados da cidade, fechados *manu militari*, aproveitaram aquele terreno vago no alto da barroca, depois da lixeira acima do porto, para montarem as primeiras bancas. Zona privilegiada, as mercadorias escapavam do porto, roubadas ou contrabandeadas sem pagar alfândega, ficavam logo ali à venda. Além disso, pela estrada vinham os produtos agrícolas dos lados do Cacuaco. E como, sobretudo, as autoridades não controlavam nada, apesar de haver duas esquadras a menos de quinhentos metros, de um lado e do outro, o mercado foi crescendo em clandestinidades abertas aos olhos de todos. Não havia dia sem aparecer banca com novos produtos. Depois foram barracas feitas de paus e luandos. Nesse tempo dos começos, princípio dos anos 80, era muito seguro. Vinham senhoras dos bairros ricos, sozinhas, fazer as compras. Aqui tinham certeza de tudo encontrar, mesmo o que não aparecia em nenhuma loja, mais barato que em qualquer sítio e em total segurança. Depois chegou o progresso: bares, restaurantes, negócios de prostituição, venda de drogas, ladrões, assassinos a soldo, imigrantes indocumentados, falsificadores de passaportes, de cartas de condução, cassinos, enfim, uma Nova Iorque de esteira, poeira e lixo.

Quem precisasse de um carro de segunda mão, muitas vezes roubado mas de origem impossível de identificar, no Roque o podia comprar e mais à carta de condução e ainda tinha uma lição rápida, pelo menos para aprender a levar o veículo até casa. Quem quisesse ir aos Estados Unidos mas estivesse por alguma razão incapacitado para tal, não tinha maka, comprava passaporte já com visto de entrada, gentileza de um americano que viera para Angola ensinar democracia em cursos de duas horas e tivera acesso aos carimbos protegidos pelo FBI, CIA e PQP. Quem procurasse dois tipos para darem uma lição a um rival, desde a

carga de porrada até ao escalpe a frio, com desaparecimento eterno, era só saber procurar nas tendas da especialidade. Daí o célebre provérbio, que outros depois copiaram, se não tem no Roque é porque ainda não foi inventado. Aqui se encontrava a verdadeira bolsa de valores de Angola, onde se estabelecia o curso real das moedas e o preço dos produtos. E de onde partiam as mercadorias para os outros mercados e para os vendedores de rua da cidade.

Bernardo não se comoveu, não, chefe, aí não entro com o carro, bem pode gritar que é do Bunker, desmontam-no na mesma e quem paga? Exagerado no seu zelo, deixou Bunda na estrada, foi encostar o carro numa sombra qualquer, esperando. Era tarde demais para ir até no Golfe, almoçar e depois voltar. Jaime avançou pela confusão dos vendedores a pé, que sustentavam os produtos no colo horas a fio, evitou pisar nos que sentavam no chão, a mercadoria exposta em cima de um pano, até chegar aos mais sofisticados que tinham banca e sombra. O pó levantado pelos milhares de pés em movimento constante dominava o ambiente. O pó, os cheiros fortes de comida, fumo, catinga, perfumes, e o ruído. Este era uma trovoada constante, produzida pelas vozes de regateio dos preços, os gritos dos cambuladores tentando atrair clientes para uma venda, e a música de centenas de aparelhos de som, uns mais potentes que os outros, provando a alta qualidade do produto.

Antes de se dirigir para a zona dos restaurantes, o estagiário resolveu passar pela das roupas. Centenas de barracas ostentavam tecidos e vestuário dos quatro cantos do mundo, desde as garridas e largas túnicas do Senegal ou Costa do Marfim, até aos saris indianos, passando pelas roupas frescas e ligeiras do Brasil. Mas a maior quantidade era de jeans, blusas e casacos europeus. Jaime não sabia o que procurava. De fato não procurava nada, ia olhando distraidamente para as roupas, saltando de uma preocupação para outra, de Florinda para o *boss* do Bunker, do marido kamanguista acabado de chegar para Chiquinho Vieira. Não estava ali para comprar, apenas para se aquietar em recônditas regiões tranquilas da memória. Um vestido ou um quimono lhe lembravam constantemente Florinda, prestes a se escapar de vez com o marido, agora estabelecido na legalidade e na vida, deixando-o sozinho. E ele que sonhara arrastá-la para o quarto do tio Jeremias, até arranjar um apartamento definitivo onde morarem. Fumos, fumos, sonhos volatilizados. Tinha de lutar, tinha de impor a sua vontade. Não, Florinda não lhe escapava assim das mãos e do destino.

Dirigiu-se finalmente para a zona das comidas, com a barriga a exigir atenção. Sentou numa mesa branca de plástico do primeiro restaurante que encontrou. As paredes eram de troncos e esteiras e o teto coberto por folhas de palmeira. Como todos os outros restaurantes, dispostos em comboio. Muitas vezes ficava no de Dona Lucinda, mas hoje aterrou no primeiro que encontrou. Do outro lado havia algumas barracas que abrigavam vendedores de serviços. De uma destas logo se destacou um indivíduo que veio a direito e se sentou decididamente na mesa de Bunda, mesmo à frente dele. O estagiário não disse nada, mas desagradou-lhe que viessem ocupar o seu lugar da frente, quando havia tantas mesas vagas.

— Não me estás a conhecer?

Era um homem da sua idade. Rosto vagamente familiar. Jaime mirou o outro atentamente, sim, a sua cara diz-me qualquer coisa.

— Pois tem de dizer. Sou o Antonino. Morava perto de ti, aqui no Sambizanga.

Bunda lembrou, o Antonino Das Corridas, como lhe chamavam. Nunca se tinham dado

muito, os pais advertiam-no constantemente, cuidado com esse Antonino e os irmãos, andam em más companhias, não estudam, a mãe passa a vida a se queixar. Por isso, tantos anos depois, teve dificuldade em o reconhecer.

— Foste embora para a cidade há bué de tempo— continuou Antonino. — No outro dia ouvi falar de ti e agora encontro-te, não é mistério?

A senhora veio saber o que queriam e Jaime encomendou kalulú. O outro pediu apenas uma cerveja, ainda é cedo para comer, dona, mais logo. Se via era cliente habitual, pela maneira como a senhora lhe olhou, de quem conhece. Olhar não muito amigável, ou de algum receio, observou no entanto o investigador estagiário.

— Me disseram és bófia.

— Sim — concordou Jaime, sem hesitar. Tinha muito orgulho no que fazia. — Mas num serviço especial.

— Ministério do Interior?

— Não. Cidade Alta.

A dona do restaurante veio ela própria servir as cervejas. O kalulú ainda estava a apurar, faltava pouco, era só o tempo de tomar a cerveja com o seu amigo. Bunda encontrou na fala dela alguma ironia. Ou era preconceito criado pela mãe quando ele era pequeno e não gostava de ser encontrado a conversar com Antonino Das Corridas?

— Somos quase colegas — disse Antonino, quando ela se retirou.

Jaime Bunda não mostrou surpresa, embora tenha sentido alguma. Muito teria que mudar Antonino Das Corridas para merecer ser polícia. E por quê?, se perguntou logo a seguir. Até parece que não há gente de todas as espécies em todos os lugares. Já tinha perdido as ilusões. Quando era miúdo e tinha o exemplo do tio guerrilheiro que se esforçava inutilmente por ser um bom polícia, achava que todos eram puros e desinteressados. Talvez fossem nessa altura, quem sabe. Mas foi crescendo e descobrindo primeiro na literatura e no cinema, depois na vida, que havia polícias delinquentes, corruptos, sem se diferenciarem nada dos bandidos. Agora lidava todo o tempo com esses e nada o admirava. Por que não Antonino?

— A minha empresa é aquela — disse, apontando para uma das barracas que ficavam à frente de Jaime. — Como vês, sou empresário.

A barraca, igual a todas as outras, tinha um letreiro escrito à mão e pintado de maneira ingênua, com muitas cores berrantes, “Confia — Agência de Segurança”.

— Ah — disse Bunda. — Tens empresa de segurança. Guardas lugares, casas, ou quê?

— Todos os trabalhos. Depende do cliente.

— Que queres dizer?

— Se o cliente quer que nós guardamos a casa dele, nós guardamos. Mas isso não é bom, as empresas do asfalto ficam sempre com os melhores negócios. A minha especialidade é fazer serviços especiais...

Bunda percebeu. Se quisesse mandar dar cabo da cara do senhor Antero Lopes, marido de Florinda e kamanguista diplomado, bastava só contratar Antonino Das Corridas. O que já lhe tinha passado pela cabeça várias vezes, devia confessar, só que então não tinha o homem indicado para realizar a operação.

— E fazem mesmo tudo?

— O necessário — disse o outro, com uma gargalhada.

— Deve ser muito caro. Já agora, Antonino, diz-me uma coisa. Entre colegas... Se por acaso tu fazes um serviço para um cliente e se a polícia descobre que foste tu. Se te prende e interroga... Tu dizes o nome do cliente?

— Nunca, nunca de nunca. Esse é o princípio número um. O negócio só pode funcionar com confiança. A empresa se chama Confia. Se eu der o nome do cliente, acabou o negócio, nunca mais ninguém mais vai confiar em mim. Quando eu trato com um cliente, só ele e eu sabemos, mais ninguém. Nem os meus empregados, que vão fazer o trabalho comigo, sabem quem é o cliente. Graças a Deus, tenho bom nome na praça. Nunca que vou sujar esse nome assim. Um advogado com quem eu tratei um dia... Esse advogado me ensinou, isso se chama ética profissional.

— É isso, sim. Quer dizer... Se eu te apanhar num negócio, mesmo que te torture, tu não falas.

— É isso aí, meu.

— Claro que esse não é o meu trabalho — disse Bunda. — O meu trabalho é mais... de ficar de longe a ver as coisas. Como a polícia funciona, como devia funcionar, trabalho intelectual, estás a topar?

— Mais ou menos...

Não estava nada, mas isso não preocupava Bunda. Até porque a senhora lhe trouxe o kalulú, acompanhado daquele odor estonteante que conhecemos. Quase esqueceu Antonino, mergulhando imediatamente em plena função. O outro ficou calado, acabando a cerveja, apreciando o espetáculo requintado da refeição de Jaime. Este não deixava uma espinha sem ser chupada até ficar absolutamente branquinha. E absorvia o molho com algum barulho proveniente de uma ótima saúde e ainda melhor apetite. No meio da sua árdua e suada tarefa, enquanto encomendavam mais cerveja, Bunda pensou, mas este tipo estava ali à frente, reconheceu-me, veio falar, só porque me conhecia ou quer alguma coisa? Sabendo que sou bófia, deve querer reatar laços antigos, os quase colegas devem colaborar. Será isso? Está metido nalgum sarilho e pensa que vou safá-lo? Veremos então o que sai daqui. Mas não saía nada. Ele acabou de comer, sempre em silêncio, o outro terminou a cerveja, não, não quero mais, ainda tenho trabalho hoje, se preparava para as despedidas. Foi nessa altura que Jaime perguntou, e os preços?

— Depende. Do cliente e sobretudo do serviço.

— Se é por exemplo, apenas para exemplo... Ameaçar um gajo, pregar-lhe tal susto que o gajo arrume as imbambas e vá para fora por uns tempos.

— Depende... Pode ser quinhentos, pode ser mil. Se o tipo é importante, o serviço é mais arriscado. Se é um tipo qualquer, o risco é pequeno, sai mais barato. Depende do serviço e do risco.

— Preço discutido sempre caso a caso — disse Bunda.

— É isso aí, meu.

Jaime sentiu que tinha de dar uma justificação por mostrar tanto interesse nas atividades do outro. E compensar a sinceridade de Antonino, pois sabendo que ele era bófia se confessou espontaneamente, arriscando uma qualquer delação.

— Às vezes tenho umas pessoas que precisam serviços desses. E é bom saber. Assim posso indicar a tua empresa.

— Te dou uma comissão por cada cliente que me arranjas — propôs Antonino, entusiasmado. Jaime Bunda achou exagerado tanto entusiasmo, mas percebeu em seguida. — Deves arranjar bons clientes. Toda a gente sabe, lá em cima vocês andam todos à porrada uns com os outros.

— Lá em cima como? Te referes à Cidade Alta?

— Também. Os muatas se andam sempre a espetar facas nas costas uns dos outros, a se dar de rasteiras. Um kota está bem no poleiro, toda a gente diz esse é *boss*, manda bué, de repente se sabe, trás cataprás, caiu com estrondo, já não é nada, retirando do terreno com pesadas baixas. Aí uns querem se vingar dos outros, me deram bassula na traição, nem sempre arranjam gente conveniente para resolver as makas, tu podes segredar, tenho um kamba de toda a confiança e tal... Te pago uma comissão, quinze por cento do preço do serviço.

— Se souber de algum camarada que esteja a precisar... Aliás, o sítio é fácil de chegar.

— Mesmo aqui ao pé da estrada. De fato, os clientes nem precisam de entrar no Roque, basta pararem na estrada.

— Muitos têm medo. Por causa dos ladrões.

— Erro. À frente da minha barraca pode parar, ninguém faz nada. Ou somos segurança ou não. Os miúdos que dão esticão e os outros que ameaçam de faca, eu tenho os gajos controlados, nos meus clientes eles não tocam, ainda lhes protegem se for preciso. E olha. Do lado da estrada, o meu letreiro é maior, mais bonito, se vê logo. Aqui, deste lado, é nas traseiras...

Antonino levantou, foi pagar as suas bitolas, amigos se dividem as despesas. Bunda ficou a pensar, a pensar, este era o homem ideal para resolver o problema com a Florinda. Dava uma carga de porrada no Antero, da próxima vez se te apanho é para matar, desaparece, e o Antero apanhava um cagaço daqueles, desaparecia mesmo por uns tempos. O tempo de ele, Jaime, resolver o problema de vez com a mboa. E se ela fosse atrás do Antero e dos seus diamantes? A maka é essa, com as mulheres nunca se sabe até quanto são fiéis. O sócio general não deve oferecer perigo, o Antonino não abre a boca para denunciar o nome do mandante, garantiu. Ou será só propaganda, como esses programas de televisão e rádio que dizem o governo vai fazer Angola crescer e depois ela mirra ainda mais? Quem lhe confirmava que Antonino Das Corridas era mesmo gente séria, de palavra? Em criança não era, fama do bairro. Tomando o café, Bunda hesitava. Tinha de resolver de vez aquele problema da Florinda e era hoje, agora, há bocado, não dava para atrasar mais. O fato de Antonino em criança ser já ladrão, e de agora ter um negócio meio para o ilegal, melhor, muito ilegal mesmo apesar de ter letreiro e tudo, não queria forçosamente dizer que não tivesse a sua ética e honra, e não defendesse até ao fim a confidencialidade dos clientes. Bandido sem coragem não é grande bandido e empresário que não cuida da sua imagem também não vai longe. Lhe parecia, Antonino tinha preocupação com o seu prestígio, insistira mesmo nisso.

Pagou rapidamente a conta, quase correu para a barraca da “Confia”. Antes que o medo lhe fizesse mudar de ideias. Entrou sem bater e encontrou Antonino Das Corridas sentado a uma mesa, olhando o nada. Uma Kalashnikov estava encostada à parede.

— Olha, tenho um serviço para ti.

E explicou ao outro o que desejava. Só uma boa carga de porrada, para aleijar mas não estropiar, com ameaças que da próxima vez é a valer e que desapareça já no estrangeiro. Quanto ao preço, Antonino fazia uma quantia de amigos, bolas, se conheciam de miúdos, quase vizinhos mesmo, e além disso se Bunda ficasse contente com o serviço ia arranjar mais clientes, quinhentos estava bem. Jaime torceu a boca, quinhentos era bué, um quarto do seu salário, mas Florinda valia isso e muito mais, então quando é o serviço? Calma, tenho de ir estudar o terreno primeiro, ver os hábitos, saber da segurança do outro. Que não tinha problema, Jaime sabia dos hábitos, deve andar sempre sozinho, aquele não confia em ninguém. Em dois ou três dias resolvo a maka, prometeu Antonino Das Corridas. Tenho de ser avisado logo que o serviço esteja feito, exigiu Bunda. O aperto de mão selou o acordo. O investigador estagiário saiu da barraca, olhando para todos os lados, não fosse o diabo tecê-las. Chegou à estrada, foi caminhando no meio da multidão até à sombra onde Bernardo esperava em atitude de motorista vigilante, muito direito atrás do volante. Dormindo.

11
ONDE SE REVELAM SEGREDOS DE ESTADO

Dormir lhe apetecia a ele, depois daquela funjada. Mas devia pensar no inquérito, pois até aí evitara pôr o cérebro nessa direção, entretendo-se com a conversa ilícita que travara e a decisão delinquente que tomara. Agora estava mais tranquilo para resolver o outro problema: seguia ou não a ordem do chefe Chiquinho para abandonar o interesse pelo senhor T? Entrou no carro, disse vá andando, sem indicar o endereço, mas por enquanto não era urgente, só havia um caminho para regressar ao centro da cidade, que Bernardo tomou, ainda um pouco sonolento pela fome e o calor. De repente, Jaime sentiu uma saudade enorme do esplêndido uísque de Kinanga, vinha mesmo a calhar depois do funji e do café. E servia para aquecer os carburadores, antes de mergulhar nas imbricações do caso.

Bernardo estava com pouca paciência para se meter no tráfego desgraçado da Avenida Hoji ya Henda. Refilou. Bunda teve de lhe dizer serviço é serviço, camarada. O motorista levou-o até ao Ministério do Interior, mas foi sempre rezingando, a mudança do nome é que provocou essas desgraças, no tempo do colono se chamava Avenida do Brasil e era boa de andar, larga, via rápida, alimentava o bairro do Rangel e o Cazenga. Depois a FNLA[3] pôs ali a sede, começaram as confrontações e a FNLA prendeu e matou as pessoas do Eme, o povo lhe chamou Avenida dos Massacres. Começou então o massacre da avenida: candeeiros da luz a serem derrubados pelos carros a cem à hora, valas a serem abertas para procurar canos de água furados e que não mais eram tapadas, buracos que nasciam todos os dias. Depois criaram uma comissão para estudar a toponímia da cidade. Em vez de voltarem ao nome antigo, não. Estupidez, até porque o Brasil, país irmão, foi o primeiro a reconhecer a independência de Angola. Como paga, tiraram de vez o nome de Brasil à avenida, deram o nome de Hoji ya Henda. Está bem, aceito, Henda merecia o nome numa grande avenida, é um herói maior embora esquecido, mas por que esta? Com a vergonha, agora, não sabem onde pôr o nome de Brasil. E esta rua é a desgraça que se vê, cheia de buracos, de trânsito à toa, choques... Só porque um tipo da comissão tinha tido uma miúda brasileira que lhe pôs os cornos e por isso passou a odiar o Brasil e as brasileiras, todas umas putas, vê se pode, por isso não voltaram ao nome antigo. Mas foi mesmo essa a razão, perguntou Bunda, ao que Bernardo esquivou, certeza não tenho, foi o que me disseram na altura, mas neste país tudo é possível, sim, já se viu pior, concordou o investigador. O motorista ainda não tinha terminado, pois se lembrou de um fato que até tinha aparecido num jornal, chefe, sabe que aqui havia uma oficina de reparações de carros e como as pessoas do bairro se habituaram ao nome que o povo pôs à avenida, o dono chamou à oficina “Auto-Massacres”, se deu mal, claro, quem vai pôr um carro numa oficina com esse nome?

Com isso chegaram. Bernardo tinha descarregado um pouco a irritação ao refilar contra a

mudança do nome da avenida e ousou perguntar, com um sorriso cúmplice:

— Chefe, conta demorar um bocado? Para ver se posso dar um salto a casa, almoçar.

Bunda estava em maré de generosidade. Concordou, mas que seja rápido, também não posso ficar aqui todo o tempo. Ficaria, se dependesse dele, desfrutando do cômodo gabinete, do bom uísque e da simpatia do Kinanga, realmente um bom moço, que o recebeu satisfeito, pois tinha novidades sobre o portentoso trabalho que a polícia tinha feito.

— Há uma testemunha que viu o carro parado na zona onde foi encontrado o corpo.

— Ah, bom, finalmente — disse Bunda, refastelando-se na poltrona habitual e fazendo o gesto de dois dedos, encomendando uísque.

Mas Kinanga devia estar mesmo entusiasmado, pois não reparou no gesto.

— Interrogamos toda a gente que mora por ali à volta. O povoamento é disperso, como sabe. Um indivíduo diz que de fato viu um carro parado perto dos mangais ao entardecer desse dia 11. Temos sorte numa coisa. Como foi feriado, as pessoas lembram-se mais facilmente dos fatos.

— E a testemunha é de confiança?

— Como, de confiança? Não deve ter razões para mentir. É um dos tipos que apanham mabangas ali nos quilômetros.

— Já é alguma coisa — reconheceu Bunda.

— Confirma a nossa teoria de que o crime foi mesmo no carro, ao lado dos mangais onde encontraram o corpo.

Kinanga se arrependeu imediatamente do tom irônico da sua fala. Mas o outro nem reagiu, mais preocupado com outra coisa, o olhar vago pousado no armário onde estava guardada a garrafa de uísque. Para o distrair definitivamente do ar triunfante que levianamente tinha utilizado, o polícia perguntou com a maior gentileza que conseguia, aceita uma bebida?

— Depois de almoço não cai nada mal — respondeu Bunda, despertando do que o afligia, pelo menos foi o que pareceu a Kinanga. — Mas sem gelo, assim mesmo seco.

Enquanto o inspetor ia buscar a garrafa e servia o uísque, Bunda pensava, será que o Antero vai apresentar queixa à polícia e é o próprio Kinanga que faz a investigação para descobrir quem lhe deu a carga de porrada? Tinha piada que o Kinanga apanhasse o Antonino Das Corridas. Que faria ele, Jaime Bunda? Deixava que o outro tivesse oportunidade de revelar a sua ética profissional e não denunciasse o cliente? Ou arranjava uma justificação qualquer para o mandar soltar antes que despejasse tudo cá para fora? Não se ia chatear com a resolução do dilema antes que ele acontecesse. Mas já Elton White, o traficante de droga do livro “Como o sangue escorre”, disse no momento da sua detenção, se não as montanhas pelo menos as vidas das pessoas se podem sempre cruzar...

Para esquecer esse assunto, Bunda se lançou numa explicação complicada de como os romances policiais podem ajudar os avanços da teoria da investigação policial e que dispenso de reproduzir para os leitores inteligentes, um pouco fartos das prolongadas e inúteis visitas de Jaime a Kinanga. [*Repararam que obriguei o narrador a fazer um cumprimento à vossa inteligência? Foi apenas com o intuito de agradar ao leitor e incitá-lo a recomendar este livro aos amigos; longe de mim a ideia de fazer qualquer alusão à suposta falta de operacionalidade dos nossos órgãos de segurança.*]

Jaime Bunda ficou na conversa com Kinanga até ter a certeza de que Bernardo estaria em baixo à sua espera. Teve assim tempo de derrotar três doses de uísque puro, o qual se misturou harmoniosamente com a cerveja do almoço e lhe dava uma vontade louca de agir. Na despedida, Kinanga estava nervoso, perdida a boa disposição do início. Boa disposição ou uma certa euforia por ter apresentado a prova de que tinha razão no caso e pôr a claro que a hipótese de o corpo ter sido atirado de um barco se revelava simplesmente absurda. Jaime parecera nem reparar nisso. E não abrira o jogo quanto ao suspeito de que falara ao telefone. Kinanga ficou nervoso pois percebeu uma série de alusões ao seu fraco empenho no deslindar do caso. Como interpretar de outro modo a insistência do bófia nos livros americanos, na forma expedita como os detetives ianques descobrem os criminosos, na superior eficácia do FBI, na falta de cultura dos nossos polícias que não leem os americanos preferindo estupidamente os europeus etc. etc.? E quase era diretamente acusado de se ter formado nos países socialistas, hoje considerados medíocres em tudo. À medida que Bunda falava, ele ia adquirindo a certeza que ou descobria imediatamente o assassino ou seria demitido do seu posto e atirado para a província mais longínqua da capital, por pressão do Bunker. Pressão? Nem precisavam de a fazer. Bastava sugerirem aos seus chefes que algo não lhes tinha agradado.

Os chefes só tinham uma preocupação, adivinharem a todo o momento o que agradaria ao Bunker e em especial ao seu comandante, desconhecido de todos. Kinanga já ouvira as mais desencontradas informações, mas a mais comum era que o muata vivia numa cave reforçada com todas as proteções, paredes de betão capazes de resistir a um bombardeamento nuclear, ligada por túneis secretos a vários edifícios da Cidade Alta, havendo mesmo um que vai dar à Praia do Bispo, utilizando aliás parte do célebre e nunca descoberto caminho subterrâneo por onde os padres se escapuliam das suas tristes celas para irem namorar as madres do convento da Samba, em pleno século XVIII. Foi esta versão que deu o nome ao organismo, hoje absolutamente generalizado: o Bunker, o centro, o cérebro, o miolo. O que originou um verbo muito em voga, mesmo em documentos oficiais. Até uma criança sabe que se diz bunkerizar para centralizar e desbunkerizar para o antônimo. Se conta também que à custa de viver tantos anos debaixo da terra o grande muata do Bunker perdeu a cor dos antepassados e ficou cinzento-acastanhado, como os descendentes de africanos criados nos países do norte da Europa. E que os olhos são enormes, redondos, como os das osgas. Mujimbos de confirmação impossível, se ninguém o vê. O comandante contata com o mundo exterior apenas através de telefone e e-mail. Evidentemente que não se lhe conhece mulher, mas correm boatos que de vez em quando virgens desaparecem misteriosamente nos labirintos que levam ao Bunker. E nunca mais voltam.

Kinanga relembrava tudo isto, desde que Bunda saiu do gabinete. Relembrava para si e mesmo assim com algum receio. Os oficiais do Ministério do Interior não podiam divulgar estas informações ou mujimbos ou lá o que fossem. Ninguém lhes tinha proibido, não era necessário. Nada do que tocava o Bunker estava codificado, mas todos sabiam que lei respeitar: a do silêncio. De vez em quando um responsável do ministério soltava uma frase, sugerindo que os olhos do chefe eram redondos como os das osgas ou que ele gostava de virgens, mas nunca era uma afirmação, apenas uma mensagem subentendida. Assim ninguém

podia ser acusado de ter revelado um segredo de Estado. E os mujimbos corriam pelo país rapidamente, sempre apresentando um aspecto curioso do comandante do Bunker, mas sem nada revelar de essencial. E quando alguma coisa corria mal ou se tomavam decisões absolutamente disparatadas, o que Kinanga tinha de reconhecer ser frequente, logo era divulgado pelas mesmas vias que o chefe não estava ao corrente, eram os conselheiros ou adjuntos que tinham feito a borrada, uns verdadeiros incompetentes.

Nesse aspecto o maior sacrificado era o porta-voz, que de vez em quando tinha de dar a cara e explicar as razões de alguma medida mais controversa. Era um tipo alto e com um passado de magro mas agora a pender para o muito gordo, como todos os quadros superiores do Bunker, incapazes de se conterem perante as lautas refeições em que se atascavam. Sofreguidão muito explorada pelos diplomatas estrangeiros, que passavam a vida a convidá-los para almoços e jantares finamente regados, onde se abriam as bocas repletas de comida e segredos eram revelados com a maior simplicidade. O dignitário em questão apresentava visíveis problemas de fígado e alguma dificuldade de alocução, não só devida ao escasso vocabulário, mas também porque nunca tinha aprendido a falar corretamente, já na escola revelando um forte atraso. As más línguas diziam que do seu cargo de porta-voz só conhecia a obrigação de andar com uma mala diplomática onde estava embrulhada em cambraia um CD com a voz do dono. Já tinha acontecido o porta-voz abrir a célebre mala diplomática e de lá tirar a comunicação que leria aos órgãos de informação para, poucas horas depois, aparecer aos mesmos órgãos um conselheiro do Bunker afirmando que não era de acreditar no porta-voz, um incompetente colocado no posto para servir apenas de rebenta-minas. O mais curioso é que o porta-voz não pedia a demissão, numa verdadeira prova de fidelidade canina, nem era demitido, numa prova que o comandante gostava de se rodear de desculpas ambulantes. Os mais malévolos diziam, esse muata gosta de ter uma bunda pronta para levar pontapés, quando precisa de espalhar a irritação.

Kinanga fez tudo o que pôde para afastar estes pensamentos vagamente heréticos, sobretudo o último, o que a sua mulher no escondido dos lençóis lhe costumava segredar, se os assessores são incompetentes é porque quer, então não é ele que os escolhe? E por que razão os que mandam o mantêm lá há décadas? Também a crítica que era mais generalizada, embora sussurrada, de haver organismos a mais, pois todos tinham as suas réplicas e tréplicas, o que levava a diluir responsabilidades e multiplicar os postos de trabalho. Para cada organismo criado, havia outro que o controlava e ainda outro para controlar este, numa perfeita paranoia de suspeição. Era só ideia do chefe do Bunker?, lhe perguntava a mulher. Se tudo está tão bunkerizado, quem decide no fim de contas? Pergunta mefistofélica, que o arrastava inconscientemente para a heresia. Num rasgo de temeridade absolutamente invulgar, Kinanga pensou que o chefe do Bunker era um tremendo cara-de-pau, se de fato cara tivesse. E ao mesmo tempo um desgraçado. Apertou logo a boca com as duas mãos, como se as palavras sacrílegas lhe pudessem escapar entre os lábios cerrados. Levantou da cadeira, saiu do gabinete, foi ao da secretária pedir um copo de água, maneira de evitar mais ciladas do seu intelecto.

Mas deixemos Kinanga e as suas dúvidas, talvez fruto de algum despeito por não fazer parte do Bunker e ser por ele estreitamente vigiado. Interessa-nos mais ver o que faz Jaime

Bunda, já bem aviado com três uísques em cima da cerveja do almoço, ainda por cima um portentoso funji de peixe como tive ocasião de referir. [*Este narrador por vezes tem pouco cuidado com os adjetivos, senão nunca poderia utilizar "portentoso" para um kalulú à moda de Luanda; qualquer benguelense sabe qual é o único kalulú que merece tal adjetivo.*]

Jaime Bunda encontrou o carro e o motorista onde deviam estar. Se antes dormia por causa da fome, Bernardo agora dormia por causa do almoço. O investigador lhe deu a morada de T. Ia montar guarda até que ele aparecesse. E o chefe Chiquinho Vieira que se lixasse, ia mesmo saber o que o manda-chuva fazia. Tinha um carro suspeito, por isso era suspeito. E o dever do detetive era escarafunchar até afastar as suspeições dele. Mais razão ainda se era um *boss* do Bunker, tinha de estar acima de qualquer desconfiança. E o chefe Chiquinho não precisava de saber. Bernardo também não. Bunda tinha suficiente experiência do serviço para saber que o motorista tinha todos os dias de fazer um relatório, até mesmo para controlarem a gasolina que gastava. Não convinha pois que o destinatário do relatório juntasse os fios e percebesse que Jaime ia espionar T. Mandou estacionar o carro numa esquina, de modo que podia ver duas ruas, entre as quais a da casa de T. Sempre podia justificar que o Alvalade era muito grande, tinha gente importante em cada casa, que perseguia outra pessoa.

Mas um carro parado num bairro de vivendas, quase todas com segurança, acabava por atrair curiosidades. Ainda por cima um carro com dois tipos sentados dentro uma tarde inteira tinha de chamar a atenção. E a desconfiança. Um segurança de uma empresa privada saiu do portão onde montava guarda e começou a passar à frente do carro, ostensivamente olhando para os dois. Bernardo começou a ficar agitado, chefe, esse tipo está a desconfiar, ainda vem nos chatear. E tinha razão, pois o guarda se inclinou para dentro do carro, qué que estão a fazer aqui? Tens com isso, a rua é tua?, respondeu Bunda com ar ameaçador. O segura deu a volta ao carro, parou do lado de Bernardo.

— Não podem ficar todo o tempo aí parados.

— Quem disse? — replicou Bunda, elevando a voz. — Você toma conta da casa, é para isso que te pagam. E não chateia quem está na rua.

— Estou a fazer segurança...

— Da casa. Não da rua. Você não é polícia. Polícia somos nós e te cangamos por desrespeito à autoridade.

Nem foi preciso mostrar o cartão milagroso. O segurança abriu os braços em gesto de paz e se afastou. Mas ficou a controlar de longe.

— Não é melhor irmos para outro sítio, chefe? Toda gente está a reparar. Até as crianças...

De fato, uns miúdos que brincavam na rua tinham parado e se encostaram a um muro, observando. Em breve mais dois que vinham de bicicleta se encostaram no mesmo muro, comentando. Felizmente o Alvalade não é bairro comercial, pouca gente anda nas ruas entre vivendas. Por isso a afirmação de Bernardo era nitidamente exagerada. Mas Jaime preferiu fazer-lhe a vontade.

— Não podemos ir já senão o segura ainda pensa que nos meteu medo. Daqui a bocado vamos para a outra esquina.

O que Bernardo fez em breve. Do novo sítio não eram vistos por aquele segurança, mas por outros. E pelos mesmos miúdos que andavam sempre de um lado para o outro. Bunda

calculou que terão demorado uns dois minutos para darem a volta e se posicionarem de novo. E se nesse tempo tivesse saído o carro de casa? Ou, o que até era o mais provável, se T tivesse chegado a casa? É preciso confiar na sorte, sem sorte não há detetive brilhante, nesses dois minutos nada aconteceu, garantiu a si próprio. Bernardo não tinha dessas preocupações, não sabia nem queria saber para que estavam ali. Pena é que não houvesse roulotes de vender cerveja, sempre passaria melhor o tempo do serviço. E um rádio para ouvir música no carro, já agora.

Estava a escurecer quando a viatura chegou. Encostou ao passeio e dele saiu um homem forte e atarracado. O guarda abriu o portão de entrada e o homem parou por altura do portão, olhando para o carro de Bunda, encostado a cinquenta metros. O guarda devia estar a explicar que aquele automóvel ali estivera toda a tarde, em atitudes estranhas. O homem atarracado ficou uns instantes nessa posição, tentando ver as duas silhuetas que se deviam destacar no carro. Foi assim que Jaime Bunda travou relações com o senhor T. Um fio de suor escorria pela coluna do detetive. Bernardo nada notara, pois continuava a assobiar o hino nacional. T acabou por entrar na casa e Bunda teve um pensamento sagaz, vai voltar a sair, senão guardaria o carro na garagem. Resolveu continuar à espera, apesar de fortes convulsões que sentia na barriga.

Meia hora depois e já noite escura, dois vultos saíram da casa e entraram no carro de T. Ao volante parecia ser o próprio, o que se instalou ao lado devia ser um guarda-costas. Curioso, ele de dia anda sozinho, sem segurança, reparou Bunda. Os faróis de T, nos máximos, despertaram Bernardo e assustaram Jaime. Este foi-se metendo para dentro do banco, à medida que o outro carro se aproximava. Quase parou à altura deles, enquanto T e o outro miravam com toda a atenção. Devem ter fixado bem a cara de Bernardo, que se expunha inocentemente aos olhares. Jaime disfarçadamente pôs a mão esquerda a encobrir os óculos escuros. Ainda teve tempo de ordenar:

— Quando esse carro virar na esquina, dê meia volta. Vamos atrás deles.

Bernardo executou o melhor que pôde. Subiram para a avenida Comandante Jika, com um carro de intervalo.

— Agora há muito trânsito. Não se cole atrás dele, deixe sempre um ou dois carros no meio. Mas também não fique muito para trás.

— Conheço, chefe. Mas se eles quiserem podem nos despistar, têm um carro potente. É o mesmo, não é, chefe?

Era isso mesmo que Bunda não queria. Mas como evitar que Bernardo reparasse? Esperemos que no relatório ele não entre em detalhes, senão estou frito. Já imaginava o chefe Chiquinho, eu não lhe disse para deixar esse senhor? De fato, o chefe não tinha sido assim tão claro. Tinha sugerido que havia muitos carros parecidos, que se não devia fixar apenas na Ilha... Não era o que fizera? Tinha agora mudado para o Alvalade, toda a tarde passara nele. De fato, vendo bem, não estava a descumprir ordens, nem ordens precisas havia. Conselhos paternais do chefe Chiquinho, apenas. Que podia seguir integralmente ou não, dependia dos indícios que fosse descobrindo. Respirou livremente. Bernardo até podia fazer o seu relatório à vontade, não tinha importância, ele continuava a perseguir o *boss* do Bunker.

O que foram fazendo, com maior ou menor dificuldade. Até ao Hotel Presidente. T

estacionou no sítio reservado às autoridades e desapareceu no hotel, ficando o guarda-costas a tomar conta do carro. Bunda saltou do seu e também entrou no hotel, ainda a tempo de ver o outro tomar um elevador. Reparou então em muita gente vestida de cerimônia a avançar para os elevadores. Percebeu que havia uma recepção, pois as pessoas apresentavam um cartão de convite. Um funcionário explicou que era um coquetel dado por uma embaixada. Não podia entrar sem convite, ainda por cima vestido como estava, sem fato e de sapatos cambaios. Voltou para a rua, procurando o carro. Bernardo não tinha encontrado lugar para estacionar ali perto. Todo o largo estava ocupado pelos carros dos que iam à recepção e mais os hóspedes do hotel e os que andavam para ali abandonados perto do porto. Teve de andar à volta do largo e depois na Marginal, até que encontrou Bernardo em segunda posição, fazendo jogo de para e avança, por causa de um polícia que aplicava multas em quem estacionava mal.

— Vamos embora, Bernardo, já trabalhamos muito.

— Também acho — disse o motorista.

No trajeto para casa, Bunda pensava que toda a tarde tinha sido inútil. Para saber apenas que T ia a recepções diplomáticas? Bolas, se era um muata... Mas não ia ficar toda a noite à espera dele, não lhe pagavam para tanto. Combinou com Bernardo para o apanhar em casa muito cedo, pois voltariam para o Alvalade bem antes de T sair de casa.

---

[3] FNLA: Frente Nacional de Libertação de Angola.

12
CONTINUAM AS REVELAÇÕES

O motorista era exemplar e às seis da manhã já estava à frente da casa do tio Jeremias, esperando Bunda. Este teve dificuldade em acordar, passara uma má noite, mas lá se pôs ao lado de Bernardo no carro. Foram postar-se na primeira posição da véspera, a que chamou a atenção do segurança. O guarda tinha sido rendido e o novo estava mais interessado em observar as curvas das moças que passavam apregoando produtos. Jaime aproveitou a calma da rua para descansar. De fato, a noite fora péssima. Depois de ter feito um jantar simples, foi espiar a casa de Florinda. O apartamento tinha as luzes apagadas e decidiu esperar. Só serviu para ficar maldisposto, pois viu quando ela chegou às onze da noite, muito alegre e toda agarrada ao kamanguista do Antero, como dois verdadeiros amantes depois de um lauto e romântico jantar. Foi para casa na maior frustração, a pé. Era uma grande distância, afinal. Tão cansado chegou que dificilmente pegou no sono e este foi agitado por pesadelos onde a Florinda corria entre pilhas de lixo do Roque Santeiro, com T atrás aos saltinhos de balé, o que em vez de ser ridículo como devia, um gordo aos saltinhos nas pontas dos pés como um porco dançarino, era sinistro por causa das gargalhadas do abominável personagem.

Às nove horas abriu-se o portão de T e o carro saiu. Ao passar por eles, o homem do Bunker olhou os perseguidores fixamente e de má cara. Mais uma vez Jaime se fez pequeno no banco. Bernardo nem esperou pela ordem e arrancou em perseguição.

Obviamente, T dirigia-se para o trabalho. Passou a Maianga e meteu-se para a Cidade Alta. Nada que espantasse Jaime. Mas quando ele estacionou mesmo à frente dos SIG e se dirigiu para o edifício, algo dentro do investigador estagiário lhe disse estás lixado, é mau augúrio. Ficou no carro à espera, roendo as unhas. Menos de vinte minutos depois apareceu T no alto das escadas, deitou um olhar circular, viu o carro de Bunda, fez um sorriso alarve de desprezo e se dirigiu para ele. Falou pela janela, fala que fez Jaime se arrepiar todo:

— O melhor é ir falar com o seu chefe, o Chiquinho Vieira. Está ansioso por lhe arrancar a pele, meu rapaz.

T se meteu no carro e partiu sem mais delongas. Bernardo tinha ouvido e estava com ar pesaroso, mas sem fazer nenhuma pergunta. Motorista de bófia nunca sabe de nada, não ouve nem vê, só faz depois o relatório. Que fazer? O melhor era mesmo ir saber se o chefe Chiquinho lhe queria falar ou se não era apenas fanfarronice do gordo sem pescoço. Ao relembrar a cena, Bunda não evitou um segundo arrepio. Haka, como diria a sua avó do sul, esse muata é mesmo feio. Pelo contrário, a voz era extremamente suave, sinistramente suave.

— Espere aqui. Vou lá ao serviço.

O coração batia com muita força e a barriga doía. Tinha poucas esperanças de que fosse mentira. Se dirigiu diretamente para o gabinete de Chiquinho Vieira. Desta vez nem ousou bater à porta, foi perguntar ao grupo de apoio se o chefe o procurava. A bela Solange fez um ar

de espanto, como quem vê um cazumbi, ainda não foi falar com ele? O chefe berrou, berrou, queria apanhá-lo agora mesmo, morto ou vivo. E foi logo abrindo a porta da sala de Chiquinho Vieira, está aqui o senhor Bunda, chefe. Um ronco vindo de dentro da sala assustou ainda mais Jaime. Ia certamente defrontar um candidato à extrema unção. Que nada, encontrou um tipo na melhor das saúdes, louco de dinamismo, isto é, se descontarmos a raiva que o fazia gaguejar.

— Com que então não respeita as minhas ordens? E agora anda a perseguir os nossos responsáveis? Eu não lhe disse? Ponho-o na rua, ouviu? Ponho-o nas cordas... Ponho-o...

O chefe deve ter pensado que o seu poder não ia até aí, respirou fundo, moderou um pouco a voz. Mas não mandou Bunda sentar. Bem que o estagiário olhava para a cadeira, mas estava parado, assustado, os olhos redondos a revirarem e sem coragem de sugerir.

— Fui chamado ao diretor para esclarecer por que os serviços vigiavam um responsável do Bunker. E fiquei verde, a arranjar desculpas. Eu não lhe disse para se virar para outro lado? Arma-se em espião e nem sequer sabe perseguir sem chamar a atenção...

— Desculpe, chefe, mas como é que ele descobriu?

— Pelo número da matrícula. O seu carro tem um número do Bunker, seu estúpido. Veio logo direitinho aqui para reclamar. Não lhe disse para esquecer esse senhor?

— O chefe não foi assim tão claro, chefe.

— E afinal o que descobriu sobre este senhor? Nada, de certeza que nada.

— Ontem á noite foi ao hotel Presidente, a uma recepção.

— Sei. Eu também lá estava. E que mais?

Jaime Bunda ficou sem fala. Então o chefe Chiquinho também ia a recepções diplomáticas? A espiar quem? Não perguntou, porque o humor do outro desaconselhava. Mas um dia haveria de esclarecer isso. Entretanto o telefone tocou e Chiquinho Vieira atendeu. Ora possas, disse para o telefone. Desligou com raiva o aparelho e ficou a olhar com a mesma cara para Bunda. Este se preparava para o pior, pois até já tinha havido ameaça de cordas, o que era obviamente no sentido figurado, ali não se amarrava ninguém, só se usavam algemas. Agora ia anunciar que lhe escamava a pele se não deixasse T em paz. O chefe Chiquinho é um arrebatado, não mede as palavras, teve ainda tempo de pensar Jaime, com alguma ternura pelo outro. Apesar de estar de pé, posição que sempre detestara e o levara a fugir da tropa para não ficar em sentido, ainda era capaz de apreciar as maneiras elegantes do superior.

— O D.O. quer falar consigo. Mas eu ainda não acabei. Volto a dizer-lhe pela última vez, vire a sua pontaria para outro lado. Investigue a sério e faça o Kinanga investigar também. E deixa de ter um carro à disposição. Quando precisar de se deslocar a algum sítio, vá à seção dos transportes pedir um carro. Para uma missão precisa. Isso de ter carro todo o dia e toda a noite faz-lhe armar em detetive e andar a perseguir pessoas indevidamente.

Jaime Bunda ia tentar convencer o chefe de que sem carro não podia investigar nada. Às vezes há missões urgentes e a seção de transportes não tem nenhum carro disponível. Mas se lembrou de outra coisa, em total despropósito à primeira vista:

— A propósito, chefe, já há uma testemunha que viu o carro parado ao pé dos mangais.

— Quem? — a voz era aguda demais.

— Um apanhador de mabangas...

Mas então por que o chefe Chiquinho não mostrou contentamento com o avanço do inquérito e ficou com essa cara de desconfiado? Ou seria cara de desconcerto? Difícil de identificar. Mas contente não ficou, não.

— Por que não me informou logo?

— O chefe nem me deu tempo.

— Siga de perto esse caso, conheça a testemunha, onde se aloja, como se chama, tudo isso. Não deixe que os do Interior façam tudo sozinhos. Isso sim, é importante. E não perseguir pessoas acima de qualquer suspeita. Esqueça de vez esse senhor. Se não obedecer, vai se lixar, ouviu?

Bunda ouviu humildemente o discurso. Mas achou que havia uma nota dissonante, Chiquinho Vieira assobiava demais as palavras, parecia uma cobra a falar. Não uma venenosa buta, mas a própria, a mãe de todas as cobras, a terrível surucucu. Nunca o achara tão sibilante.

— Vá falar com o D.O., de certeza vai lhe tirar o escalpe.

Bunda saiu, aliviado. O D.O. era parente e aí eram outros mambos. Sorriu para a bela Solange, que abria a boca, certamente de admiração por ele estar tão bem disposto quando devia vir sem pele e a arrastar as duas pernas estropiadas.

— O senhor Diretor de Operações quer falar consigo.

— Sei. Questões de família, não te preocupes.

Solange abriu ainda mais a boca. Só então Bunda reparou como ela era apetitosa, um autêntico bolo de chocolate com denso creme de baunilha dentro. Quem sabe, um dia te saboreio toda, lhe disse com os olhos que usava a partir do meio-dia, ao contemplar uma boa jinguinga de cabrito. Ela baixou os seus, pudica. Mil vezes melhor que Florinda. E jovem, carne fresca. Com a vantagem de ser conhecida como burra, o que implicava pouca capacidade de armar em evoluída independente, a dizer constantemente ninguém manda em mim, como começavam a surgir alguns exóticos personagens agora, herdeiros do finado processo revolucionário e da dita campanha de emancipação da mulher.

Bunda nunca tinha estado no gabinete do primo. O chefe direto dele era Chiquinho Vieira e o D.O. não queria parecer demasiado solícito em relação ao parente, afastado, diga-se de passagem. O chefão era do ramo favorecido da família, que dava ministros, generais e embaixadores a granel. Jaime não era propriamente filho do quintal, linguagem que tinha ficado na tradição da família para diferenciar os da casa, filhos das esposas do chefe da família, e os filhos das escravas, nascidos no quintal. Mas o seu ramo não soubera aguentar a desleal concorrência aos empregos da função pública feita pelos colonos portugueses a partir dos anos trinta. A família foi perdendo estatuto e sendo atirada para os escalões mais baixos de emprego e paulatinamente afastada do centro da cidade. O ramo do D.O. soube negociar cumplicidades, mantendo um estatuto diminuído, nada comparável com o que fora nos séculos anteriores, mas de qualquer modo estável. Se dizia que eram mestres na arte de ter um pé em cada um dos campos que se digladiavam. Más línguas falavam de oportunismo e colaboracionismo, eles diziam ter sido apenas luta pela sobrevivência. O certo é que depois da independência foram os já antes protegidos que se deram melhor.

O gabinete não tinha nada a ver com o de Chiquinho Vieira. Poltronas, uma mesa para

reuniões, além da indispensável secretária de mogno. Certamente teria também um daqueles uísques. Mas ficou respeitosamente de pé, à espera que o outro levantasse os olhos de uns papéis que lia. O parente fez um gesto com o braço para as poltronas, senta-te, continuando a ler. Jaime experimentou uma poltrona, deliciado. Logo o D.O. se levantou da secretária e se deixou cair na outra, dando-lhe uma palmadinha no ombro na passagem.

— Já sei que hoje criaste grande confusão na casa — disse, bem-disposto.

Jaime baixou a cabeça, fazendo ar compungido. Ia tentar se desculpar, quando o parente continuou:

— Conta-me lá o que conheces desta estória toda. Está à vontade, a conversa fica entre nós.

Ignorando como se situar no assunto em relação ao primo, Jaime contou tudo o que sabia e como chegara até T, dizendo sempre que não tinha provas nenhumas, andava apenas a investigar levado pelo instinto. O D.O. só assentia com a cabeça, encorajando-o.

— Pois é, muito estranho. Tens razão em desconfiar de alguma coisa, é tudo muito estranho. O Chiquinho Vieira é da mesma camarilha desse senhor. Por que ficar assustado pelo fato de alguém dos SIG o vigiar? Um telefonema bastava, dizendo, que se passa, agora andam atrás de mim? Mas veio cá, assustado. Cruzei com ele no corredor, quando foi falar com o diretor-geral, vi o medo nos olhos dele. Eu nem sabia de nada, informei-me depois. Acho que mexeste em ninho de marimbondo.

— Já levei umas ferroadas...

— Do Chiquinho Vieira? Não ligues... E por que o Chiquinho te pôs a investigar esse caso de uma menina violada e assassinada? Em quê esse crime pode interessar os SIG?

— Ele disse que era um caso importante.

— Para quem? Mistério...

Jaime Bunda não queria fazer intriga, mas agora que o primo lhe falava nisso, de fato desde o princípio achava que havia coisas estranhas nesta estória, a começar pela posição do chefe Chiquinho, uma simpatia de moço, mas mais preocupado com a sua aparência que com a eficácia e que até nem apreciara a notícia de se ter já uma testemunha que vira o carro e talvez pudesse identificar o assassino, restava saber. O D.O. ouviu muito atentamente estas observações de Jaime, acrescentadas pela queixa de não ter querido dar as informações sobre T, quando delas Bunda precisara, dizendo que o nome não existia no ficheiro especial. O D.O. sorriu, claro que o nome está no ficheiro especial, até eu tenho uma ficha lá, e o diretor-geral e toda a benemérita confraria... Por isso o chefe do Bunker me pôs aqui, para vigiar esta escumalha.

— O chefe?... — gaguejou Bunda. — O chefe do Bunker, o próprio?

— Sim, o próprio, o comandante... Ele bem que desconfia que lhe andam a pregar alguma. E andam sempre. Quando os SIG foram criados, para substituir os SRD, que tinham tomado o lugar dos SPU, ele mandou nomear-me para aqui, pois sabia que estes serviços são muito atreitos a conspirações e traiçõezinhas. Bom. Acho que devias continuar as tuas investigações, mas à tua maneira e não à maneira do Chiquinho Vieira.

— Ele agora amarrou-me. Tirou-me o carro.

— Não tem problema. Não digas nada a ninguém. Mas tenho aqui um carro sem matrícula

do Bunker. É absolutamente vulgar, mas em ótimo estado. (Neste passo, Jaime Bunda ia se derretendo, finalmente o tal carro do verdadeiro detetive.) Andas com ele. E não largas esse senhor. Ele vai cometer um erro e vai mostrar-te o que teme que descubras. Agora pensa que ninguém o persegue, vai rapidamente cometer o erro. Cola-te a ele.

— E como sei onde ele está?

— Eu sei — e explicou qual era o prédio da Cidade Alta onde T se devia encontrar. — De qualquer modo espera um pouco, vou confirmar.

O D.O. foi à secretária e marcou um número de telefone. Falou com alguém, sabes onde está aquele bagre fumado que deixou a irmã da tua cunhada com um filho nos braços? Tens a certeza? Pronto, obrigado. Pousou o telefone e disse para Bunda:

— Está mesmo lá, foi visto agora. Toma as chaves e os documentos, não o largues nem um minuto, mas com cuidado.

— E o chefe Chiquinho?

— Caga nele. Se te chatear muito, diz que estás doente, dá baixa. Eu cubro-te, não tenhas medo. Sempre quis apanhar esse gajo.

— O chefe Chiquinho?

— Não, o figurão, o bagre fumado. O sacana lixou-me uma vez, agora vou descobrir-lhe os podres e entregá-los de bandeja ao comandante. Sempre quero ver se continua a protegê-lo.

Jaime Bunda recostou-se melhor na cadeira, disposto a saber como T tinha lixado uma vez o seu parente D.O. Mas este não estava para mais confidências e disse, põe-te a andar, grande detetive, o que encheu o estagiário de orgulho e vontade de arrasar uma montanha, se preciso fosse. Assim ficou a saber uma coisa de que nunca suspeitara na sua inocência, no Bunker nem todos se amavam muito. Quem tinha razão era Antonino Das Corridas, havia muitas perspectivas de trabalho sujo para o dono da Confia. Ia a sair quando o parente lhe disse, uma coisa ainda, se precisares de algum apoio imediato, fala com o Armandinho. É a única pessoa aqui no serviço em quem podes confiar inteiramente. Está ligado a mim, é parente da minha mulher.

A sair do gabinete, Jaime se admirou, vejam só como são as coisas, ainda ontem pensei em pedir conselho ao Armandinho, a mais ninguém. Deve ser isto a tal intuição do verdadeiro detetive. Atirou a chave do carro ao ar, voltou a apanhá-la, e se meteu pela escada que ia dar à garagem subterrânea a que só os muatas tinham acesso.

O guarda da garagem fez a sua parte de bófia desconfiado. Mirou e remirou os documentos do carro que Bunda lhe apresentou, o D.O. lhe emprestou mesmo? Pelos vistos, não era frequente, talvez até fosse a primeira vez, pensou Bunda, todo vaidoso. Por fim o guarda deixou-o seguir. Jaime tinha tirado a carta de condução quando foi admitido nos SIG, pois mais cedo ou mais tarde teria de guiar o seu próprio carro, nunca tinha tido dúvidas. Agora que recebera diretamente o apoio do primo, podia começar a fazer economias para comprar o ruca, como dizia o subversivo jornalista que encontrara no Kiko's Bar. Foi guiando com cuidado, tinha pouca prática e não queria amolgar logo o automóvel da família. Mas o sítio onde ia era perto demais para se exercitar. Em breve teve de parar para observar a saída do edifício. No passeio, entre outros iguais, estava o carro que perseguira várias vezes. Estacionou em lugar próprio para controlar a saída e se lembrou de arranjar um disfarce.

Tinha os óculos escuros, mas nas atuais circunstâncias não serviam para nada, T já o vira com eles. Um chapéu ou um boné é que disfarçavam mais. Seria mesmo muita sorte que estivesse ali um miúdo a vender esse gênero de produtos. Claro que não estava, quem andaria pelas ruas da Cidade Alta a vender chapéus? E no entanto não era tão má ideia assim. Devia haver cidadãos que apreciariam estar abrigados por um chapéu quando tinham de enfrentar horas numa fila de atendimento de uma das repartições que ali se concentravam. Ficava a ideia, na primeira ocasião comprava um chapéu, para fazer uma perseguição cuidada a T. Pensou no primo D.O. e não evitou um sorriso agradecido, agora sim, agora começava a verdadeira investigação ao assassinato da Catarina Kiela Florêncio. O chefe Chiquinho ainda ouviria falar dele, só para morder os próprios dedos. A propósito, por que raio o Chiquinho Vieira não gostou de saber que havia uma testemunha, primeiro, e depois o mandou saber tudo sobre ela? Para o desviar de T? Claro que ia apertar a testemunha, o Kinanga tinha de lhe dar os meios de a encontrar. Se tivesse tempo. O que se tornava difícil, pois devia seguir a todo o momento T, não o largar nem um minuto, foram as instruções do D.O. Entre este e o chefe Chiquinho, a voz do sangue falava mais forte, cago mesmo nele, como disse o parente. Neste momento dos pensamentos, teve de os deixar a descansar, pois do edifício saiu o vulto atarracado de T, o qual se meteu no carro. Era impressão de Jaime Bunda ou com ele também saiu para a rua uma nuvenzinha de enxofre?

13

DA NATAÇÃO A OUTROS ENCANTOS

T avançou decididamente para fora da Cidade Alta e Bunda experimentou muita dificuldade em segui-lo. Pouca prática de conduzir, muito trânsito e caótico, razões que iam passando pela sua cabeça enquanto, de língua de fora, fazia mil esforços para não perder o outro de vista. T foi pela rua da Samba diretamente para a saída sul da cidade. Passados os primeiros sustos, Jaime acabou por estabilizar a perseguição, pois havia muitos carros e se andava devagar, sem grandes hipóteses de ultrapassagem. Deixou sempre duas viaturas no meio. Chegaram à Corimba. Diminuía o tráfego, o que preocupou Bunda, o perseguido ia notar a constância do mesmo carro no seu encalço. A menos que estivesse tão seguro de ter definitivamente afastado os SIG que nem para trás olhasse. De qualquer modo, nunca ia colado ao outro, embora a velocidade fosse aumentando. Deve ir para o Futungo, pensou Bunda. E como é muata, entra por ali dentro sem dificuldade, enquanto eu vou ter de disfarçar para não levar uma rajada de aviso. Engano. T desviou do Futungo, foi dar a volta obrigatória dos cidadãos comuns que nem podiam olhar a Presidência, pelo perigo de ficarem ofuscados pela intensa luz do Poder de Estado. Por essas razões humanitárias, de preservação da boa visão dos súditos, era interdito passar à frente da Presidência da República, antiga estância balnear confiscada pelo primeiro governo para servir de residência oficial ao chefe de Estado, o que aumentava de uns tantos quilômetros e muitos minutos a distância para se sair da cidade pelo sul. Alguns ingratos reclamavam dessa benemerência que os tinha afastado do mais belo passeio que se podia fazer em Luanda, contornando toda a orla marítima e apreciando as ilhas amarelas e verdes no mar azul, mas a segurança dos cidadãos está acima de tudo, sobretudo deles próprios. Quando voltaram à estrada marginal, que ligava a capital ao sul do País, Bunda olhou para o indicador de gasolina. O depósito estava cheio. Sorriu, sim senhor, o parente é um verdadeiro bófia, sempre prevenido, como mandam as regras. T podia andar o tempo que quisesse, ele aguentava atrás. Só que foi obrigado a deixar uma grande distância, pois não havia carros de permeio.

Quando Bunda se sentia já mais confortável a conduzir, para lá do Museu da Escravatura, o outro desviou para a praia. O coração de Jaime quase explodiu, tinha sido por ali o assassinato da Catarina. O criminoso voltava ao local, como Sherlock Holmes ensinou. Mas não, pensou a seguir com alguma frustração, já tinham passado há um bom bocado o sítio do crime, estavam nos locais menos frequentados. Nem reparou na bela paisagem que dali se contempla, de um lado os morros com imbondeiros e cactos, do outro a baía do Mussulo e suas ilhas e ilhotas, com a restinga à frente, pejada de coqueiros. Parou o carro na estrada, pois chamaria a atenção do outro se também apanhasse a picada. Saiu e espreitou, vendo T desaparecer entre as árvores. Voltou ao carro e se meteu também pela picada, não tinha alternativa. Mas parou muito antes do mar e camuflou o carro atrás de um largo imbondeiro.

A pé percorreu o resto do caminho, uns trezentos metros. Viu o automóvel de T junto ao mar, numa praia onde há uma série de cabanas feitas pelos pescadores para alugarem nos fins de semana aos banhistas. Muito excitado pelas revelações que ia certamente obter, Bunda se encostou a uma árvore e apurou a vista. Viu T se despir (mas o que é que ele faz?), deixar a roupa na mala do carro e vestir um fato de banho preto ou azul escuro, pois não se distinguia da pele. O tenebroso entrou na água de mergulho.

Bunda foi se aproximando da praia. Que raio vai ele fazer na baía do Mussulo a esta hora? Encostou a uma nova árvore, ficou vendo T se afastar rapidamente. De repente deu meia volta e nadou para a praia. Jaime se camuflou melhor atrás do imbondeiro. T saiu da água, correu para o carro, abriu o cofre com uma chave que tinha amarrada por um fio ao pulso esquerdo, tirou de lá um lenço branco, amarrou o lenço ao pulso onde tinha a chave, usando os dentes para apertar com força. Correu para a água e voltou a mergulhar. Em breve estava longe, graças a braçadas vigorosas. Que estória é esta?, se perguntou Jaime.

Mas os leitores sabem do que se trata. Ou estão a ler isto tão distraídos que nem repararam numa recomendação do feiticeiro a T, usar sempre uma peça de roupa branca quando estivesse fora de casa. Bunda ignora, ainda não leu o livro, mas vocês foram informados, gentileza deste vosso amigo. [*Que raio de narrador petulante fui arranjar? Começo a estar arrependido, mas sou demasiado preguiçoso para o demitir a meio do jogo e ter de inventar outro*.] O problema com T é que esteve de qualquer modo alguns momentos sem nenhuma roupa branca, portanto o feitiço foi anulado, está sem corpo fechado. Teoricamente, pelo menos. Não é por se lembrar atrasado e correr para corrigir o erro que vai evitar o desastre, há falhas que não se anulam. Assim já estamos prevenidos, se for atropelado por um caminhão ou o chefe dele o puser na cadeia, foi porque infringiu o preceito, a kijila, e desmanchou a sublime operação de blindagem. Estas armações nunca falham por o feiticeiro ser um charlatão. Com ciências antigas nem dá para duvidar, ainda vos cai o teto de casa em cima.

T nadou para muito longe. Bunda bem olhava para todos os lados, tentando compreender o objetivo do outro. Um encontro clandestino? Só se fosse com um submarino. Impensável nesta baía tão fechada, com tantos baixios. Nos tempos da guerra contra a África do Sul do *apartheid*, os muatas da bófia se assustaram com o mujimbo sobre um plano mirabolante dos bôers racistas que iam chegar com um submarino de bolso mesmo à frente do Futungo e desembarcar um comando suicida. O fito dos odiosos carcamanos seria matar ou raptar o Presidente da República. Mujimbo louco ou não, o certo é que alguém acreditou. Durante uma semana foi proibido qualquer barquinho navegar na baía. Só os dongos dos pescadores podiam, não há comando terrorista que desembarque de um dongo feito de um tronco de árvore escavado, movido por um remo. O que não impediu que os dongos sofressem apertada vigilância por binóculos instalados em todos os montículos de terreno à volta da extensa baía.

Se T não ia se encontrar com um submarino, então aonde iria? Atravessar a baía e ir passear as suas clandestinidades pela península do Mussulo? Podia flectir para norte e apanhar a ponta da Ilha dita dos Padres. No entanto ele seguia a direito. Grande nadador me saiu o cara feia. E ousado, não tinha medo das barracudas ou tubarões. Uns anos atrás dois homens foram mortos em duas semanas consecutivas, nunca se soube por que animal, uns apostavam em tubarão, outras na barracuda de dentes afiados, alguns falaram mesmo de peixe-lua. Era muito

raro haver desses acidentes, mas aconteciam. T parecia não os temer. Mas quando Bunda já desesperava, pois ia certamente perder o tal erro de que falara o D.O., o experimentado nadador deu meia volta. Primeiro Jaime não se apercebeu. Depois começou a notar a espuma que os braços faziam na água azulinha e a cabeça que parecia mais nítida. Sim, T voltava.

Quer dizer então que está só mesmo a nadar? Um chefão do Bunker, conselheiro ou lá o que é, sai a meio da manhã do trabalho, guia durante meia hora só para vir dar umas braçadas? E que braçadas. Depois volta todo fresquinho para o serviço? Pode lá ser! Aqui tem maka, eu é que não estou a ver qual é. Mas como diria Albert Camus, um decadente francês, não há peste sem pústulas. Diga-se de passagem, reconheceu Bunda, que o tempo estava mesmo a pedir um mergulho. Calor e água azul, sem ondas, apenas um ou outro remoinho aqui, um restolhar de corrente ali, com o fundo verdamarelo dos coqueiros do Mussulo. Mesmo eu mergulharia, se não tivesse a missão de vigiar o tipo. Bem, mergulhar também não, que é um movimento violento. Mas entrar devagar na água e sentar-me no chão fresco, isso sim, é uma maravilha.

Para desconsolo de Jaime Bunda, o outro chegou a terra, abriu a mala do carro, se embrulhou numa toalha e ficou encostado à viatura, olhando para o mar. E agora que faço? Se fosse antes para o carro, podia perder qualquer coisa que T estivesse a congeminar. Se ficasse a vigiar ali, não teria tempo de percorrer a distância até ao carro e encetar a perseguição. Optou por uma posição intermédia. Começou a recuar para a sua viatura, olhando sempre para as costas do conselheiro. O terreno era a subir e cheio de armadilhas, sobretudo para quem ia andando sem olhar para os pés. Tropeçou duas vezes e caiu uma. De cada vez achava que tinha perdido algo. Mas não, T continuava na mesma posição. Recuperando o fôlego a curtir a imagem do mar? Devia ser. Chegou a meio caminho entre a praia e o seu carro. Se encostou a um novo imbondeiro, respirando forte, nunca tinha feito um exercício físico tão rude. Mesmo a tempo de ver o outro começar a se vestir. Ninguém acreditaria. Um tipo de fato e gravata vem a um sítio isolado e vai nadar. E depois volta a pôr fato e gravata, traje oficial dos muatas e muatinhas, empresários e vigaristas. E aparece no serviço com os sapatos brilhantes, as calças sem um vinco e a carapinha bem penteada. As coisas que um agente de investigação tem de suportar...

Ficou parado, assistindo às cuidadosas operações de T, primeiro limpando muito bem os pés com a toalha para pôr as meias e os sapatos sem deixar um grão de areia, depois colocando a gravata com todo o cuidado e finalmente abrindo a porta do carro para se pentear usando o espelho retrovisor de dentro. Bunda deixou que o outro desse ao arranque para começar a subir para a sua própria viatura, sempre encostado às árvores para não ser descoberto. T passou por ele e ganhou a estrada asfaltada. Jaime percorreu os últimos e cansativos metros, deu por sua vez ao arranque, no auge do cansaço. Mas como tinha escondido o carro fora da picada, foi preciso chegar a ela vagarosamente a corta-mato e quando alcançou a estrada não havia obviamente vestígios do conselheiro. Meteu para Luanda por instinto. Era pouco provável que T continuasse para sul, em direção à Barra do Kuanza. Acelerou, rezando para que a intuição não o tivesse enganado. O ponteiro chegou aos cem quilômetros por hora, velocidade que ele nunca tinha atingido na vida, pois nas aulas de condução em Luanda não se ultrapassam os quarenta quilômetros e já é uma aventura terrível para o instrutor. No fim de uma curva com descida prolongada, que Bunda fez quase saindo da

estrada, viu o carro do outro lá à frente. Foi progressivamente diminuindo a velocidade e retomando a respiração, deixando uma grande distância entre os dois automóveis. T nunca suspeitaria de ser perseguido.

O resto do caminho foi feito sem incidentes. Voltaram à Cidade Alta. Um surpreso Bunda viu T reentrar no edifício de onde saíra antes e onde tinha um dos seus gabinetes, conforme lhe tinha dito o D.O. Surpreso por ter imaginado antes exatamente a cena do funcionário que sai de fato e gravata para tomar um banho e volta, sem dar explicação a ninguém, como se tivesse ido à esquina comprar um maço de cigarros. Assim se gastava o orçamento do Estado. A dificuldade maior foi encontrar um sítio conveniente onde estacionar e poder observar o carro do outro. No primeiro que encontrou, ainda por cima embaixo de uma árvore frondosa, não ficou nem dois minutos. Logo apareceu um polícia, esse lugar é para o carro do senhor ministro. Não tinha placa nem nada, o lugar devia ser mundialmente conhecido, por isso o tal ministro nem se dava ao trabalho de mandar colocar um sinal de proibição de estacionamento. Teve de andar às voltas, com riscos de perder de vista T, furioso contra o polícia, espero que um pássaro cague o carro do ministro, o que também não adiantava muito, se a pintura começasse a ficar com defeito logo ele mudava de carro, para isso serve o orçamento do Estado. E como havia vários ministros que jaziam por aqueles edifícios, nem soube de qual se tratava. Realmente, se estava marimbando. Ao fim de duas voltas, que podiam parecer suspeitas a tantos bófias e seguranças menores que se encostavam a todas as esquinas, árvores e portas, encontrou um lugar. Mas dali não via a saída do edifício, onde T estaria, fresquinho, a repousar de tanta natação. Provavelmente com um ótimo uísque na mão. Teve de sair do carro e dividir uma esquina com um desconhecido colega que devia estar a vigiar outro suspeito. Ao sol. Bem que Bunda olhava para todos os lados, mas não tinha local de observação à sombra, suficientemente perto do carro para o poder atingir no caso de T aparecer. Porque ele ia aparecer. Ou almoçava no serviço? Essa é que seria uma grande partida. Sair do gabinete só lá para as dez da noite, obrigando Jaime Bunda a derreter uns quilos de peso, por causa do sol e do jejum rigoroso. Na Cidade Alta estavam proibidos os vendedores ambulantes, pois um carrinho pode representar um perigo para um sítio onde está o Palácio do Governo, o Episcopado e vários ministérios e serviços vitais para o país. Nunca se sabe o que estará junto das salsichas e sanduíches, traiçoeiramente escondido, pronto a explodir. Jaime Bunda bem podia rezar para que T saísse logo, a hora do almoço aproximava e o seu estômago era exigente, como já tivemos ocasião de constatar.

Nem chegou a rezar, o outro afinal também tinha um estômago pontual. Recomeçou a perseguição, de que pouparei o enfastiado leitor, para dizer que Jaime fez milagres e não perdeu o outro de vista até um restaurante da Ilha (de novo a Ilha, mas se é um sítio turístico por excelência, como evitar que os muatas a frequentem nas suas cansativas atividades?). Aí Bunda não teve dificuldade em estacionar. Mas tinha de saber se T ia comer sozinho ou acompanhado, podia ser uma informação vital. Não podia entrar no restaurante e sentar-se a uma mesa. Ainda de manhã o outro tinha visto a sua cara, sabia quem era. E se lembrou de novo do chapéu. É isso mesmo. Não longe dali se vislumbrava uma banca de artigos de praia, deviam ter bonés, coisas assim. E tinham mesmo uns chapéus de pano que há muito Jaime ambicionava. Comprou um e voltou para perto do restaurante. Podia usar o chapéu de um

lado ou do outro, cinzento ou azul. Escolheu o cinzento, era mais de cerimônia. Puxou o chapéu para os olhos e entrou no restaurante. Se encostou logo ao bar, percorrendo a sala com os olhos.

Viu imediatamente T, sentado a uma mesa, com um casal de brancos. Reparando melhor no homem, lhe pareceu árabe. E a mulher também não parecia branca da Europa, se é que se pode distinguir assim. Ela não estava sentada de frente para Jaime, mas dava para ver, um rosto perfeito emoldurado por um cabelo muito negro, comprido, com reflexos azulados. Bunda não se demorou em tão linda cara, atraído pela do companheiro. O homem não lhe era estranho, já o tinha visto em algum lado. Se virou de costas, pois T podia reconhecê-lo facilmente, mesmo com o chapéu. O que tinha a fazer era esperar. Mas entretanto pediu uma cerveja e uma sanduíche. O cheiro da comida que passava nas bandejas dava-lhe voltas ao estômago. Era um bom restaurante, tinha sido aí que pela primeira vez jantou com Florinda. O que o fez pensar na perfídia das mulheres, pois agora Florinda andava toda engalfinhada com o marido delinquente, remetendo-o a ele, homem íntegro e que só queria o seu bem, para o contentor do lixo. Deu cabo do sanduíche com duas dentadas e encomendou mais um. Para enganar o estômago que até chiava de raiva. E para morder alguma coisa, com o ódio que criara ao Antero. Mas também não faltava muito, Antonino Das Corridas já devia estar a preparar a operação de limpar honra e terreno.

Terminado o segundo sanduíche e a cerveja, pagou e voltou para o carro. Podia almoçar no balcão, de costas para o grupo, mas achou mais prudente não demorar ali e sofrer. De fome canibal.

Uma hora depois saía T do restaurante. Curiosamente, o branco árabe se despediu de T e avançou para um ruca parado mais à frente, deixando a mulher ser acompanhada pela tosca personagem até ao hotel da frente, o novíssimo Hotel Ilha de Luanda. T entrou no hotel com a mulher e o árabe pôs o motor a funcionar. Qualquer outro investigador ficaria calmamente à espera do seu perseguido. Pelo tempo que este demorasse até podia supor libidinosos conciliábulos com mulher alheia, com consentimento do marido. Mas Jaime Bunda não era um investigador qualquer, tinha muitas leituras. Num golpe de intuição e audácia, foi atrás do árabe. Queria saber de quem era aquela cara que já vira algures. A perseguição durou certo tempo, embora agora fosse mais fácil, pois o perseguido não o conhecia e podia se aproximar quanto quisesse. O outro parou à frente de um banco e Jaime estacionou do outro lado. Quando entrou no banco, viu o árabe desaparecer num gabinete lateral. Era pessoa importante, dispensava atendimento de balcão, feito para o comum dos mortais.

Havia uma moça muito bem-vestida sentada por trás de uma secretária ao lado do balcão. Nos lábios dela ainda ficou o sorriso com que cumprimentara o cliente importante. Bunda se dirigiu para ela, com o mais atraente dos olhares.

— Por favor, pode fazer-me um favor? Conheço aquele senhor que entrou naquele gabinete, mas esqueci o nome dele. Pode dar-lhe um recado quando ele sair? É que não tenho tempo de o esperar...

— Com certeza. Qual é o recado?

— É para dizer ao senhor... Haka, como é que ele se chama mesmo?...

— O senhor Said?

— Esse mesmo, um senhor árabe que entrou naquele gabinete...

— Sim, sim. Qual é o recado então?

Bunda tinha de inventar alguma coisa. A moça, uma daquelas gazelas que se implanta quase à porta dos bancos e comércios importantes para atraírem clientes com preocupações estéticas, olhava para ele, sorridente, disponível, mostrando um bom treino de relações públicas.

— Que ele deixou a chave do carro lá dentro. Ainda tentei avisá-lo, mas...

— Esteja descansado, dou-lhe o recado.

Ela tinha feito um trejeito na boca que denotava estranheza. Temos de reconhecer que era um recado um pouco disparatado. Para que a moça não pensasse muito no caso e deixasse as dúvidas de lado, Jaime passou ao ataque, com uma manobra de diversão.

— Desculpe, menina. Mas nunca concorreu a Miss Luanda?

Ela riu, agradada. Olhando-o apenas.

— Vou abrir conta neste banco, já decidi.

— Será sempre bem atendido — disse ela. Com promessas nos olhos?

Ele fez uma vênia e retirou, antes que o árabe aparecesse. Voltou para o carro, pensando em Said, nome que ele também já ouvira. Árabe, Said, Said quê? De repente, lembrou nitidamente, Said Bencherif. Libanês expulso dois anos antes por suspeita de tráficos ilícitos, provavelmente espionagem também. Fora um caso muito noticiado. Bunda foi admitido nessa altura nos SIG e tivera ocasião de ver as fotografias dele circularem pelo serviço. Os colegas comentavam abertamente muitos aspectos que a um estagiário pareciam altamente sigilosos. Se dizia que ele estava bem encostado, poucos apostavam na sua expulsão e ainda menos num julgamento. Afinal foi mesmo expulso, talvez para se evitar uma inquirição que poderia implicar pessoas importantes. Isso afirmavam à boca cheia os kuribotas políticos e os jornais que Honório analisava à lupa. E então Said Bencherif estava de novo no país? E almoçava com o senhor T? Muito interessante. Antes de informar o primo D.O. devia confirmar uma coisa. E se lembrou de Armandinho, a pessoa indicada para o ajudar.

Perto do banco havia um telefone público, se tivesse sorte podia utilizá-lo antes que o libanês saísse do banco. Foi até lá, felizmente andava com o respectivo cartão. Devia reclamar junto do parente, por que nunca lhe tinham dado um telefone móvel para estas missões? Já deixou de ser luxo, assim pensa certamente, se ainda for vivo, o superior da ordem dos Peregrinos Calçados, igualmente grande apaixonado por romances policiais, cujo nome não lhe ocorria. Armandinho atendeu o telefone e Jaime lhe pediu para saber qual era a situação oficial de Said Bencherif, que ele seguia neste momento. O outro assobiou, tens a certeza? Absoluta, mas era segredo entre os dois, que não comentasse com ninguém, desejo do D.O., depois voltaria a telefonar para saber do resultado. Está descansado, meu anjo, vou já tratar disso. Voltou para o carro ainda a tempo de ver o libanês sair do banco. Retomou a perseguição, que o conduziu de novo ao Hotel Ilha de Luanda. O carro de T ainda estava estacionado no sítio onde o deixara. Said Bencherif entrou no hotel e Jaime ficou a cogitar no que fazer. Era muito arriscado ir até à recepção. Se T o visse estava tudo estragado. Mas precisava de saber mais coisas para as oferecer de bandeja ao parente. Entrar disfarçado de mulher? Se tivesse uns panos pretos podia passar por uma bessangana da Ilha. Mas onde

arranjar panos pretos? E uma bessangana ainda chamava mais a atenção do que entrando ele próprio disfarçado de agente secreto. O James Bond resolvia logo o assunto com um aparelho qualquer, mas ele era um James Bond subdesenvolvido, o único aparelho disponível era um dos miúdos que por ali estacionavam à espera de algum carro para lavar. Chamou um deles, o que lhe parecia mais vivo.

— Viste aquele branco que entrou no hotel agora? Que anda com esse carro ali?

— Sim, vi.

— Ele se chama Said. Vai lá dentro para ver se ele está sentado com uma mulher branca e um bumbo gordo.

— Sentado onde?

— Aí no hotel tem uma sala com mesas e cadeiras onde as pessoas sentam à espera de outros. Quero saber se estão esses de que falei.

— E como entro?

— O problema é teu. Se me deres essas informações te dou dez.

O miúdo ficou a conversar com o segurança da porta, que não o deixou entrar. Mas o segurança olhou para dentro. Disse qualquer coisa ao miúdo. Este veio falar a Bunda:

— O segurança vai lá ver, eu não posso entrar. Mas ele quer quinze.

— Está bem, te dou vinte para dividires. Mas quero saber tudo sobre esse libanês e a mulher e o outro. E se estão na sala de espera ou se foram para o quarto.

O miúdo arrancou todo satisfeito. Falou ao segurança e este foi lá dentro, abandonando o posto de vigilância ao miúdo. Cheio da sua importância, o lavador de carros fazia gestos aos companheiros e a Bunda, mostrando que agora era ele o guarda. Jaime percebeu muito bem que o miúdo tinha aumentado o preço do segurança, não eram nada quinze, ia ficar dez para cada um. Mas nem quis discutir, o que interessavam eram as informações. Momentos volvidos, voltou o segurança e falou para o miúdo. Retomando a sua função oficial, o guarda ficou a olhar insistentemente para o carro de Jaime, enquanto o miúdo se dirigia para ele.

— O tal Said está nesse hotel com a mulher dele, Malika. Mas ela entrou primeiro com um kota e foram para o quarto. Agora chegou o Said e também foi para o quarto. Não estão na sala. Chegaram no hotel tem três dias. De manhã vão sempre na praia. O kota que entrou com a dama já veio cá no outro dia lhes trazer quando eles chegaram, vinham com malas.

O miúdo ficou calado, esperando que Bunda lhe pagasse. O que este fez com alguma relutância, embora reconhecesse utilidade nas informações. O lavador de carros foi entregar a parte devida ao guarda, que a meteu rapidamente no bolso e voltou a fazer a cara de vigilância que se conhece. Que queria dizer o fato de o kota, isto é T, ir logo para o quarto com a mulher do outro? Apenas para ficar à espera que Said voltasse do banco e porque o quarto era mais protegido de olhos curiosos? Ou aproveitavam a ausência do marido para outras natações? E que negócios tinha ele com Said? Revelava muitas intimidades, pois T já os tinha trazido para o hotel. Do aeroporto? Devia ser. O detetive estagiário puxou o banco para trás, esticou as pernas, aumentou o som da música, pois este carro tinha rádio, e se dispôs a esperar. Nada mais tinha a fazer.

Corria o risco de cochilar para enganar a fome, quando foi despertado pela figura de T no enquadramento da porta do hotel. Se despedia de Said. Entrou no carro e seguiu para o fim da

Ilha. Bunda não foi atrás, pois antes já tinha a viatura virada na outra direção e lhe bastava esperar, a sinistra criatura tinha de voltar por ali. Por prudência, apenas mudou o chapéu, pondo agora a parte azul escura virada para fora. E deixou que T o ultrapassasse para arrancar e ir atrás dele. Até à Cidade Alta, no mesmo edifício da manhã, o qual parecia ser o quartel-general da tenebrosa personagem. Estacionou o carro no primeiro buraco que encontrou e foi a correr a um telefone público ali perto. Pediu a Armandinho para vir ter com ele, era só um salto.

Voltou para o carro, com um olho na porta do edifício onde estava T e com o outro na esquina por onde iria surgir o colega. O qual demorou dois minutos, se tanto. Na Cidade Alta tudo é perto, sendo o melhor exemplo o fato de o Palácio do Arcebispo estar mesmo ao lado do Palácio do Governo, poder temporal e espiritual irmãmente vizinhos, ligados provavelmente por algum subterrâneo ou porta camuflada para os encontros secretos.

Armandinho nem cumprimentou, deu logo a notícia que ainda tentou transmitir pelo telefone, só que o outro tinha pressa de voltar ao carro e desligou a chamada. Era isso, oficialmente o senhor Said Bencherif não estava no país, não havia registro de nenhuma entrada sua em qualquer fronteira. Bunda assobiou, mas que quer isso dizer?

— Que te enganaste e não é o mesmo. Ou então alguém o meteu cá dentro sem registro. Isso faz-se, sabias?

— É mesmo o tipo. Quando ouvi o nome Said relacionei logo com as fotografias que andaram pelo serviço. E antes já eu sabia que tinha visto aquela cara algures.

— Então meteram-no cá.

— Como?

Armandinho deu a volta ao carro, abriu a porta do lado e sentou-se. Sorriu. Deu uma palmadinha na coxa roliça de Jaime Bunda.

— Que ingênuo que me estás a sair, menino. Alguém poderoso vai ao aeroporto, entra com o carro pela passagem reservada às viaturas oficiais, espera-o à porta do avião e leva-o pelo mesmo portão. Nem apresenta passaporte nem nada. Oficialmente nunca entrou no país. E depois sai pela mesma via.

— E a mulher? Chama-se Malika. Podes verificar se foi registrada?

— Posso. Mais alguma coisa?

— Preciso de falar com o D.O. Mas não posso abandonar a caça, tenho de estar aqui à espera que o meu cliente saia.

— Quem é o suspeito? O mesmo que querias procurar no arquivo especial?

— Sim. Mas é ultrassecreto. O Chefe Chiquinho não sabe, ordens do D.O.

— Conheço o bicho, tentou lixar o D.O. aqui há tempos. Se quiseres, fico no teu lugar enquanto vais lá falar com o chefe. Se o bicho sair eu vou atrás. E depois ligo-te de onde puder.

E foi assim que Jaime Bunda mais uma vez procurou o gabinete do parente. Perdido estava o hábito de visitar Kinanga, parecia.

14
DEMISSÃO INESPERADA

A visita, no entanto, agradou ao D.O. que abriu o mais largo sorriso jamais visto por Jaime. Também é preciso dizer que Bunda tinha estado poucas vezes com ele.

— Então o nosso homem tem negócios com o Said Bencherif? Muito interessante. Dizes que ele o levou para o novo hotel da Ilha? Com certeza diretamente do avião...

— Deve ser, nem passou pela Polícia de Fronteiras, não há registro...

— Claro, claro. Bom trabalho, bom trabalho. Mas não devias deixá-lo.

— Ficou o Armandinho a vigiá-lo enquanto vinha aqui. É que assim é muito difícil. Ele conhece a minha cara e por isso não posso fazer uma perseguição muito próxima. E depois nem um telemóvel tenho, nem rádio no carro. Devíamos ser dois. Não pode destacar o Armandinho para me apoiar, com outro carro?

— Poder, posso. Mas o Chiquinho Vieira ia saber e ficava desconfiado.

Meteu a mão numa gaveta da secretária e tirou de lá um telefone portátil. Carregou em botões, levou-o ao ouvido.

— Está a funcionar. Fica contigo. Mas controla a bateria, pode ter pouca carga. O meu número é este, não o dês a ninguém. E o teu é este.

Escreveu os dois números num papel autocolante e entregou-o a um Bunda muito orgulhoso, sem parar de remirar o seu primeiro telemóvel, o brinquedo da moda.

— Vai para o carro e manda o Armandinho aqui. Vou arranjar-lhe um carro do serviço e telefone. Mas tenho de inventar um motivo para que o Chiquinho Vieira não desconfie de nada. Tu, entretanto, não vens mais aos SIG, pois depois vais ter de dizer que estavas doente. Amanhã manda avisar o teu chefe que ficaste incomodado e ainda continuas. Paludismo, é sempre a melhor desculpa. E não te aproximes muito do nosso homem, deixa o Armandinho ficar mais perto, pois o Chiquinho Vieira pode desconfiar que continuas a segui-lo e vai dizer-lhe para redobrar a vigilância. Ele já cometeu o erro que eu esperava, mas tem de cometer mais.

— Pedi ao Armandinho para saber se a mulher do Said está oficialmente no País. Só sei que se chama Malika.

— Deixa, encarrego-me pessoalmente disso. Depois informo-te. Vai para a caça, grande detetive.

Bunda saiu dali colado às paredes para que ninguém o visse. Como se fosse possível... em casa de bófia todos se vigiam e não podia passar despercebido que ele entrasse duas vezes no mesmo dia no gabinete do D.O., ao qual poucos tinham acesso. E, de fato, em dois anos de serviço nunca lá tinha posto os pés. No momento em que saiu para a rua, todo vaidoso pelos elogios do parente e com o seu novo estatuto de portador de telemóvel, já alguém tinha certamente contado ao chefe Chiquinho que Bunda não aparecia em lado nenhum porque

andava em cochichos com o Diretor de Operações. Bunda era mesmo muito ingênuo e se sentiu livre de vigilância só porque reencontrou o calor do sol.

Substituiu Armandinho ao volante, o qual regressou a correr para o serviço, depois de ouvir as boas novas. Formavam agora uma equipe, embora clandestina. Bunda entretinha-se a ouvir música e a examinar o telemóvel. Se tinha pouca carga na bateria tinha de arranjar um carregador. Quem tinha um era Florinda. É verdade, como iriam os mambos pelo lado do Antonino? Já se preparava para terminar o serviço ou ainda andaria no reconhecimento? As coisas estavam a correr tão bem que igualmente por esse lado tudo daria certo. Antero, em estado de choque, pior que um rinoceronte que enterrou o chifre numa mulemba, a pedir perdão, que abandonava tudo, os diamantes, o carro, a mulher, o país, só que parassem de lhe abonar, por favor, não me tirem os dentes todos, já me arrancaram o de ouro. Nesta fase dos sonhos idílicos, Bunda despertou. Será mesmo que Antero tinha dente de ouro? Pouco provável, nunca tinha estudado na União Soviética. Lá é que dente de ouro era o maior luxo de novo rico, todo estudante ansiava por um. Por isso desapareceu a União Soviética, incapacitada de fornecer um dente de ouro a todos os estudantes, autóctones e estrangeiros.

Um mutilado de guerra, sem uma perna, bateu na porta do carro, me ajuda um coche só para comer. O homem se apoiava mal nas muletas. Ou se cansara demais ou ainda não tinha hábito de andar de muletas. Estava com farda do exército, como todos os outros mutilados, mesmo os que nunca fizeram guerra. Mutilado sem farda coçada e esburacada não era mutilado reconhecido. Jaime Bunda, talvez amaciado pelos pensamentos maravilhosos que tivera, lhe deu uma rara esmola. Mas não deixou de pensar, a concorrência está dura, os mutilados já vêm para a Cidade Alta em vez de ficarem pelos cruzamentos principais da cidade.

Foi nessa altura que T saiu para a rua. Vinha acompanhado de um jovem, aparentando uns dezoito anos, o qual entrou para o carro com todo o à-vontade. A pose dele indicava familiaridade com T. Bunda foi atrás. Puxou o chapéu para os olhos, pois agora o tráfico era intenso e tinha de andar quase colado ao outro. Se dirigiram diretamente para o Alvalade, para a casa de T. Jaime se postou numa esquina, à espera. Tocou o telemóvel e era Armandinho, onde estás, meu? Já tenho carro e telefone. Bunda anotou o número do móvel. E deu o endereço, onde Armandinho devia vir substituí-lo. Quinze minutos depois, o carro da bófia parava atrás do seu. O outro veio sentar-se ao seu lado. Bunda indicou a casa de T.

— Ele entrou lá com um jovem. Ficas aqui e não o largas, se ele sair. Eu aproveito ir descobrir o que faz o casal de libaneses.

— O D.O. diz que a tal Malika também não entrou legalmente — contou Armandinho.

— Foi recebida também na porta do avião, claro. Que achas se eu provocar qualquer coisa e lhe pedir para mostrar o passaporte?

— E eles ficam a saber que andamos de olho neles? Vai ver o que o casal faz, mas sem dares a entender que já os topamos.

Esse Armandinho não era nada burro, reconheceu Bunda. Iam fazer uma equipe de primeira. O colega foi para o seu carro e Jaime partiu para a Ilha. Com uma preocupação, no entanto. O carro do outro ostentava uma matrícula que ele sabia agora pertencer ao Bunker. Quer dizer, T também o descobriria rapidamente. Telefonou para Armandinho, para lhe avisar

desse inconveniente, mas também desejoso de experimentar o telemóvel. Não te aflijas, pá, é só para esta emergência. Quando for a casa troco a matrícula, tenho lá uma porção delas. Então Armandinho não era o desenrasca da bófia? Decididamente, o D.O. tinha-lhe arranjado boa companhia.

Teve de atravessar toda a Baixa da cidade para entrar na Ilha, no que perdeu mais de meia hora. Mas quando chegou ao hotel encontrou ainda o mesmo segurança que fazia a guarda à porta. Se dirigiu diretamente para ele. Ia dizer quem era, mas o outro reconheceu-o logo, precisa de mais alguma coisa, chefe?

— Vou lá dentro deitar uma olhada. Mas fica atento a esses libaneses. Tenta saber tudo sobre eles. E mais o outro que veio lhes trazer. Se me deres boas informações, o kwanza corre. Mas sem ninguém saber de nada, OK?

— Sempre, chefe.

Bunda entrou e se dirigiu para a recepção. Estava ali um rapaz e uma mulher gorda, mulata. Falou para o rapaz:

— Não está aqui alojado um senhor libanês, chamado Said Bencherif?

O rapaz nem precisou de consultar o computador. Respondeu logo:

— Bencherif, não. Está o senhor Said Benselama e a esposa. No quarto 128.

A mulher avançou um passo para o lado, cara fechada, e falou para o rapaz, com rispidez:

— Não tens nada que dar essas informações. Só que o senhor Said Bencherif não está aqui no hotel. Não era isso que queria saber, senhor?

— Era isso mesmo. Procuro o senhor Bencherif.

— Pois não está aqui.

— Já sei, obrigado. Mas posso ir tomar uma cerveja no bar?

— Claro — disse o rapaz.

A mal-encarada só resmungou qualquer coisa. E ficou a olhar para Bunda com maus modos. O agente secreto não se importou, já tinha a informação que queria, o Bencherif se fazia passar por Benselama. Sentado a uma mesa de onde se via a escada por onde poderia aparecer o casal, se descesse para o rés do chão, bem como a recepção e a porta de entrada, cogitou na irritação da mulata. Foi por o rapaz ter dado informações a mais ou porque tinha instruções para encobrir o libanês? Se era isso, está-se mal, pois então ia avisar o outro que a sua verdadeira identidade já tinha sido descoberta. Terei metido o pé na poça? Ficou com redobrada atenção nos gestos da mulher e tinha a certeza que ela não tivera tempo nem fizera menção de telefonar. Poderia esperar pelo Said para o avisar de viva voz, olho no olho. Pois bem, Bunda esperaria, sem perder um gesto da gorda, e ficaria a saber se asneara.

Depois de beber parte da cerveja, ligou para Armandinho. Daquele lado não havia novidade, tudo parado.

— Ele está aqui inscrito como Said Benselama e não Bencherif.

— Já tens dúvidas se é o mesmo?

— Não, é o Bencherif de certeza.

— Se eu pudesse, ia aí para na primeira oportunidade lhe tirar uma foto. Tenho sempre comigo uma máquina minúscula. Aí acabavam as dúvidas.

— É boa ideia, para entregar ao chefe — disse Bunda. — De preferência com o figurão ao

lado, o bagre fumado. Serve de prova para o futuro. Mas tenho a certeza que é ele. Achas melhor avisar o D.O. para ele saber se entrou oficialmente com esse nome?

— Acho que sim.

Jaime Bunda terminou a cerveja, mandou vir outra. E depois ligou para o D.O. Explicou o que descobrira. O outro lhe disse que ia já investigar e lhe telefonaria imediatamente a dar a informação. E o responsável rematou, só se fosse burro é que se registrava aí com o verdadeiro nome, já lhe basta pôr Said. O que acalmaria os secretos temores de Bunda, se este por acaso os tivesse. Ficou bebendo, enquanto a noite caía sobre Luanda. Ainda pensou, devia saber algo sobre Florinda. Ora, ainda é cedo para haver novidades, Antonino só a partir de hoje poderá atuar. Mandou vir outra cerveja e o tempo foi passando.

Foi então que o casal desceu pela escada. A árabe vinha vestida como para uma festa, de vestido comprido azul claro, gargantilha de brilhantes e fumando boquilha. Ao lado dela, o tal Bencherif se pulverizava, se dissolvia no ar, minhoca insignificante no seu fato creme. Se Malika estivesse de vermelho, faria lembrar outra descida célebre numa escadaria em curva que Bunda vira no cinema. Só que estava de azul e a escada do hotel nada tinha de monumental. Mas a beleza da protagonista rivalizava. Engoliu rapidamente a cerveja e fez sinal ao criado para trazer a conta. O casal entregou a chave na recepção e a mulata gorda nem lhes falou, o que eliminava de vez as preocupações do agente estagiário. Fez rapidamente as contas e achou que podia esperar ainda uns momentos antes de ir atrás deles. O carro do libanês estava parado na direção da ponta da Ilha, portanto tinham de ir até lá e depois voltar para a direção de Luanda. Como Bunda tinha já o carro virado para Luanda, ganhava tempo. Vantagem de termos uma ilha com apenas uma avenida. E assim não aumentava possíveis suspeitas da gorda, o que aconteceria se fosse logo atrás do casal. Por isso, quando passou pela recepção dois minutos depois, não chamou a atenção de ninguém. Só avisou o porteiro, fica de olho, que te dou boa gasosa.

Entrou no carro quando o casal libanês passava por ele, caminho do centro da cidade. Tudo bem calculado, constatou com orgulho. Foi atrás, informando Armandinho da sua deslocação.

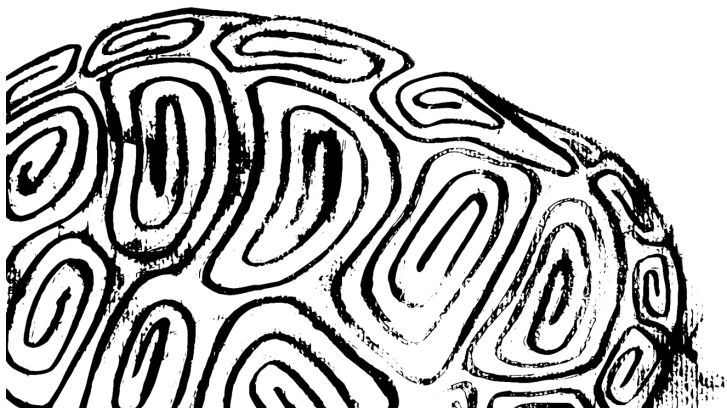
[*E lá vamos nós entrar em nova perseguição... Este narrador dá-me cabo dos nervos, é mais chato que tribo de quissonde a mudar de formigueiro. Nunca viram? Essa formiga de mandíbulas aceradas, quando decide mudar de castelo, demora horas e horas a passar pelo meio do acampamento ou sanzala, o que for, que encontre pelo caminho. Com aquele som de trovoada longínqua que anuncia todos os perigos. São milhões e milhões a passar, com o mesmo passo de soldado do Terceiro Reich, em filas compactas, com as sentinelas de pé nos bordos da fila, terríveis mandíbulas para cima, garantindo a segurança. Na aparência da monotonia está o perigo. Ai de quem caia na tentação de cochilar um pouco, pode acordar já com o bando a passear por cima. Não sei se morrerá, nunca vi, mas já me garantiram que sim. Mas fica sem substanciais partes da sua anatomia, isso garanto.*

Pois bem, este narrador tem a monotonia de um exército de quissonde a passar. Sem a vantagem da agressividade da formiga preta, que ao menos não deixa nada na mesma. Neste relato, pelo contrário, nem a areia do fundo fica revolvida nem algum caminho se cria. E todo o capim permanece. O fato de o oportunista ter ido a correr buscar uma referência a um dos meus

filmes preferidos não lhe vai salvar o emprego. Pelo poder absoluto que só eu possuo, demito irrevogavelmente o narrador.]

LIVRO DO SEGUNDO NARRADOR

Como não é só a Natureza que tem horror ao vazio, também aqui alguém pega logo na palavra vaga. Mesmo se a voz pode no princípio soar estranha...

1

A BAILARINA DE DANÇA DO VENTRE

Desde que chegamos eu percebera, embora me fizesse de desentendida, que o Said me empurrava para os braços de Ezequiel. E fazia de desentendida só para o aborrecer, pois constava do nosso contrato. Na vida já tinha consentido sacrifícios, mas nunca tinha ido para a cama com quem me repugnava. Não o faria, por muito que isso atrapalhasse os negócios do Said. Haveria de me acusar de desrespeito ao combinado, pouco me importava. Com Ezequiel, não. Muito haveria de protestar Said, entrado clandestinamente nesta terra para recuperar o que lhe tiraram da outra vez em que foi expulso, segundo ele para lhe ficarem com o negócio e a fortuna. Alguém invejava o muito dinheiro que acumulava com o empreendimento de importação e venda de cerveja aos contentores. Também tinha montado uma rede de kínguilas, que trocavam dólares por kwanzas nas ruas. Estava encostado em algum graúdo, só assim se faz negócio aqui, conforme dizem. O sócio arranjou visto de permanência, contatos, um armazém não longe do porto nem do mercado Roque Santeiro, os dois pontos mais importantes. Quando os contentores se alinhavam às dezenas à frente do armazém e ia começar a recuperar o dinheiro investido na importação, a polícia de fronteiras apareceu e levou-o para o aeroporto. Sem uma muda de camisa. Atiraram-no para um avião e foi expulso para Libreville, Gabão. Acusado de tráfico de diamantes, drogas e, se refilasse muito, também de armas para a rebelião.

Assim ele contou, quando me conheceu em Dakar. A polícia nem lhe deixou avisar o sócio, o que de qualquer modo não faria, pois este fingiria não o conhecer. Os negócios eram legais (ou ilegais mas consentidos, como o do câmbio de rua). O sócio, porém, não queria ficar com a imagem associada a um libanês, empresários de péssima reputação no país, com quem os angolanos tratam sempre às escondidas. Nenhum angolano apresenta um libanês (mesmo se for sírio, iraquiano ou saudita, é chamado libanês) e diz, este é o meu sócio e amigo fulano de tal, pois é razão para ficar sem relações e na boca do mundo. E o sócio tinha uma carreira a defender e muito futuro pela frente. Said teve de engolir o roubo descarado que lhe faziam e procurar refazer a vida na África Ocidental, de onde partira para tentar a aventura em Angola. Mas, dizia ele em Dakar, um dia voltaria a Luanda para reaver a verdadeira fortuna que deixara. E cobrar juros. Não só do dinheiro, mas também castigar o que mexera os cordelinhos com a polícia para se aboletar com os contentores cheios de cerveja. Ia retalhar o corpo do traidor a golpes de navalha e gozar a vê-lo se esvair em sangue até ficar seco como um bacalhau norueguês.

Do que conheço hoje do Said, os negócios não eram tão inocentes como ele dizia, mesmo descontando a flagrante ilegitimidade de montar uma rede de kínguilas para fazer concorrência às casas de câmbio legalizadas. E foi mesmo o sócio que lhe ficou com tudo, sabemos agora. Pelo menos assim afirma o Ezequiel e este tem meios de se informar sobre as

coisas. O mesmo Ezequiel que nos apanhou no aeroporto e desde então não nos larga. Entramos no país sem passarmos pela fronteira, ele com nova identidade de Said Benselama e eu como sua esposa. No entanto, desde que chegou, Said não se sente em
segurança. E quer conquistar a tranquilidade, metendo-me embaixo do Ezequiel. Arranjasse um sócio menos asqueroso e até podia ser. Não sou nenhuma virgem, já tenho trinta anos bem vividos. E por muito virtuosa que se seja, não é possível trabalhar num cabaré de Dakar em dança do ventre sem aceitar de vez em quando o convite de um cliente poderoso e entesado. Mas que tenha pescoço, porra. Que não seja um cepo tosco de uma árvore abatida numa das muitas florestas que este país tem. Até veste os mais caros fatos e usa elegantes fios de ouro. Mas mete asco, que Alá seja misericordioso. Fiz tal esforço para almoçar na mesma mesa dele sem vomitar que até a barriga me doía. E depois vim para o quarto com ele, esperando o Said que foi ao banco. Não tentou nada, mas os olhos mediam os meus gestos e me despiam peça a peça. Muitos o fizeram e por vezes até dá gozo sentir que me desfolham mentalmente, mas não com este. Por que o Said foi ao banco e me disse para ficar com o Ezequiel, fechada num quarto? Podíamos esperar em baixo, na sala. Que não, estava enganada, garantiu depois, no quarto era mais discreto para aguardar. Mas eu sei que ele me quer ver embaixo do repelente sócio que arranjou. O sócio de boca de peixe. Poderoso, sem dúvida. Que pode fazer-nos milionários, não duvido. Que até pode ajudar o Said a cortar o pescoço ao Meritório Tadeu que o denunciou. Mas que me causa urticária. E comigo a estética também conta nos negócios.

No segundo dia da nossa estadia, íamos só os dois no carro de regresso ao hotel, Said e eu. Pouco depois de entrarmos na Ilha, havia do lado direito da estrada rapazes a vender peixe. Pegam nos peixes pela cabeça e apontam-nos aos carros que passam, mostrando a boa qualidade do produto. Um peixe grande chamou-me a atenção e pedi para estacionar, o que Said fez com muita estranheza. Os jovens correram para o carro, trazendo peixes de toda a espécie, santolas e lagostas. Eu apontei para o peixe grande que me fitava com os seus enormes olhos mortos. Pedi a Said para perguntar como se chamava aquele bicharoco. Ele tinha aprendido algum português na sua anterior estadia. Disseram que era um pargo e eu respondi, devia ser Ezequiel o nome do peixe. Said arrancou a toda a velocidade, furioso comigo. Talvez também preocupado.

Percebi logo ao chegar que Ezequiel era nome de código, combinado com Said, o qual sabe o verdadeiro. Achei graça por duas razões. A primeira é que escolheu nome de profeta bíblico, talvez como provocação por sermos muçulmanos. E a segunda é o ridículo de usar nome falso para nos contatar, quando a coisa mais fácil do mundo é descobrirmos o seu verdadeiro. Terá feito clandestinidade na luta pela independência e ficou-lhe o vício da alcunha de guerra? Ainda lhe vou perguntar se participou na guerra. E vai ser mesmo hoje, pois nos dirigimos a casa dele, iniciativa do Said. Espero que o meu companheiro não esteja a fazer uma asneira e o Ezequiel-Boca-de-Pargo aprecie a nossa aparição imprevista. Se quer manter a nossa relação meio escondida, pode não gostar que lhe invadamos a casa. Mas o Said foi logo respondendo à minha dúvida, que nada, até vai adorar a surpresa, eu é que conheço os angolanos, são muito hospitaleiros, fazem tudo para ter a casa cheia de gente. Disse-me isso o próprio Said que muitas vezes me explicara que libanês era malvisto, não era companhia prestigiante para um angolano. Só porque bebeu dois uísques no quarto? Ou a sua relação com Ezequiel está acima

de todos os preconceitos? Não me parece, é de fresca data. Ou será o fato de eu ser argelina que pode abrir todas as portas? Do que percebi, Said teria tudo a ganhar se fosse apresentado como argelino. Sem mostrar nenhum documento, que até agora ninguém nos exigiu nada. Para que dizer que é libanês? Já que passa por meu marido, também podia adotar a minha nacionalidade. Não é desonra para ninguém ser da terra verde e branca, como as cores da nossa bandeira. E evitava constrangimentos. Ele anda com passaporte falso. Será que é mais fácil falsificar passaporte libanês que argelino? Talvez seja essa a razão. Nem lhe pergunto, vai responder à boa maneira muçulmana, deixa o assunto comigo, o que quer dizer, deixa o assunto entre homens, mulher serve muito bem na cama, para fazer o cuscuz e remendar roupa, não para política ou negócios.

— Tens a certeza que seremos bem recebidos? Pode ter visitas importantes e caímos lá sem convite...

— Deixa de receios, ele vai adorar. E tu com esse vestido comprido vais ser sensação.

Said podia ao menos esconder um pouco o jogo. Não está apaixonado por mim, nunca esteve, qual é o árabe de mais de vinte anos que cai amoroso de uma mulher que faz em público a dança do ventre? Mas podia ao menos ter pudor e ocultar os seus projetos. Também não estou apaixonada por Said, nunca estive, mas não o coloco mal atirando-me a qualquer homem à frente dele. Porém não respondi à sua grosseria, pois de pequena me ficou o terror de falar ao motorista. Talvez por ir naquele fatídico autocarro que descia a íngreme rua de El Biar para o centro de Argel, quando ele se desgovernou, subiu o passeio, atropelou três pessoas e se espatifou contra a montra de uma loja de roupa. Quatro passageiros mortos, mais dois dos três atropelados no passeio e uma cliente da loja que ficou esmagada contra a parede do fundo. E quinze feridos. Tantas vítimas quanto as de qualquer ataque terrorista a uma aldeia, anos mais tarde. As pessoas vinham todas a gritar com o motorista, que conduzia anormalmente rápido, e ele berrava para elas e gesticulava, soltando por vezes o volante. Pressenti agoniada o inevitável. Tinha cinco anos e estava sentada no colo da minha mãe. Até hoje lembro que a minha mãe deu um grito, me rodeou com o braço esquerdo, enquanto o direito, todo esticado, segurava fortemente o banco da frente, para não sermos esmagadas com a batida. O braço direito ficou partido no embate e o joelho esquerdo, apesar de protegido pelos panos com que se cobria, também se fraturou. Coxeia até hoje. O motorista ficou incólume. Nos interrogatórios se justificou sempre com o nervosismo e cansaço provocado pelo Ramadan. As pessoas no Ramadan ficam agressivas, isso é sabido. Todo o dia sem poder levar nada, mas absolutamente nada, à boca, e depois toda a noite a comer e a beber para recuperar, é regime para esticar ao máximo os nervos de qualquer um. Não sei se foi castigado ou já esqueci. Sei é que, por o motorista ir a discutir com os passageiros, sete pessoas morreram, a minha mãe ficou coxa e eu com medo de autocarros. Hoje culpo também esse hábito medieval de se fazer um jejum radical durante um mês inteiro. Nem um comprimido de aspirina se pode tomar enquanto houver luz do sol, que feitiçaria ridícula... Mas é melhor calar a boca, não vá algum fundamentalista adivinhar os meus pensamentos satânicos. E se como mulher nem tenho direito ao Paraíso, quanto mais morrendo por blasfêmia contra o Profeta...

Já saímos do hotel faz algum tempo, devemos estar a chegar. Senti uma pontada no ventre,

algo me diz que não seremos bem recebidos. Esta minha intuição feminina... Said é um impulsivo, dizia em Dakar naquele cabaré junto do porto onde me conheceu que o verdadeiro homem consulta a sua barriga e atua. Queria com isso dizer que não era homem quem refletia bastante antes de agir. Filosofia da merda! Por isso lhe passaram a perna em Luanda, apesar de todo o desprezo com que se referia à gente deste país. Desprezo que se manifestou quando lhe perguntei, mas por que queres que vá contigo? Poderia até dizer que era por me querer manter junto dele, era uma mentira simpática. Podia dizer que era por gratidão, já que o sustentei durante meses enquanto não recebia o esperado apoio da família estabelecida na Guatemala. Disse, vou ter o prazer de te arranjar um marido milionário, aqueles negros novos-ricos perdem a cabeça quando uma branca abre as pernas para eles. E tu, apesar de morenita, podes passar por branca. Abres um pouco as pernas, fazes apenas o ventre dançar, até te darem a aliança de noivado. Abres um pouco mais quando for anunciada a data do casamento. E na noite de núpcias, então sim, escancaras quanto quiseres. Nesse dia do casamento passarei a tratar-te como simples amiga, deixamos de dormir juntos. Compreendes, convém para os negócios apresentar-me como casado, dá outra respeitabilidade. E sobretudo mostra confiança nos sócios. Um tipo queimado como eu não voltaria lá com uma mulher, se fosse para dar um bote e escapar. Ia haver muito dinheiro em jogo e por isso a família devia acompanhá-lo num gesto de esperança nos destinos da terra. Pelos vistos, Said queria casar-me mesmo com Ezequiel. Uma aliança à prova de bala. Associados nos negócios e com mulher em comum até o negro ficar sozinho com os restos. Cego pela paixão, pensando apenas com a tesão, Ezequiel-Boca-de-Pargo deixaria que tudo corresse conforme os desejos do meu pretenso marido. Por isso Said lhe foi logo revelando que não éramos casados e tratou de mostrar desprendimento, como quem diz, terreno livre, é só avançares. Será que Ezequiel cai no engodo? Eu devia ficar numa posição dúbia. Por um lado, se o levasse a perder a cabeça e realizar o desejo de Said, provaria que sou uma mulher muito apetecível, ainda com atrativos capazes de interessar gente importante, portanto com muita possibilidade de escolha. Pelo lado contrário, daria razão a Said e ao seu racismo. Mas eu nem estou nesse dilema: repugna-me o Boca-de-Pargo e pronto, questão resolvida.

Entramos no Alvalade e o meu companheiro hesitou, procurando nomes de ruas. Foi avançando devagar, depois disse, ah, é esta rua. E pelo número, que as casas ainda ostentam, lá chegamos.

A minha dor de barriga estava equivocada. De fato Ezequiel mandou-nos logo entrar e mostrou satisfação. Estava acompanhado de um jovem, logo apresentado como seu afilhado. E este jovem... Ah, não foi dor de barriga que senti, nem náusea, nem sei lá o quê. Foi um estouro no peito, um cavalgar do coração. Mais belo que o Profeta. Pelo menos como eu posso imaginar Maomé, montado num corcel branco, a cortar cabeças de infiéis com sua brilhante cimitarra. O jovem também olhou para mim de uma forma... bem, todos sabemos como. O que obviamente me lisonjeou. Ezequiel mandou-nos sentar, serviu ele próprio bebidas. Era a hora do jantar e não havia sinais de preparativos, pelo menos na vasta sala em que nos encontrávamos. Said ia fazer-se convidar para o jantar? Não me sentia muito bem nessa situação, tenho maneiras. Mas o meu companheiro, muito à vontade, ria com o sócio. E ia aproveitando do uísque. Pelo meu lado, aceitei apenas um sumo natural, por razões de dieta e

não religiosas. Apesar de educada na religião muçulmana, bebo de vez em quando o meu trago e sem remorsos. Mas raramente, senão o ventre alarga demais e adeus dança. Os homens da minha terra até gostariam, preferem as bailarinas com alguma gordura na barriga e coxas redondas. Dizem que são assim muito mais sensuais que as francesas (a eterna comparação!), secas como figo do deserto, sem mamas, sem nádegas, sem carne que se possa agarrar. Fico-me pelo meio termo: nem gorduras nem magrezas de modelo anoréctico.

Tozé, o afilhado de Ezequiel, que bebia uma laranjada, em breve começou a trocar comigo breves conversas com os olhos, apenas com os olhos. Mas que órgão é mais eloquente que os olhos? Bastam para todos os discursos. Primeiro de uma forma dissimulada, me deitava miradas de lado. As quais se foram transformando pouco a pouco em olhares acompanhados de sorrisos, pontuando alguma piada que Said ou o padrinho diziam, porque só os dois falavam. Tozé entendia o francês, língua que estava a ser utilizada na conversa, perfeitamente pelo meu companheiro, horrivelmente por Ezequiel. Pelo menos o jovem sorria nos momentos certos. Acontece que pessoas que não entendem patavina do que se fala à sua frente, riem quando os outros o fazem, mas um observador percebe que estão apenas a fazer teatro. Não era o caso. Demasiado acertado e rápido. Mais tarde soube que de fato ele dominava perfeitamente a língua. Mas nesse momento eu limitava-me a fazer conjecturas, olhando para ele cada vez menos naturalmente, menos naturalmente, até começarmos a conversar com os olhos.

E depois o Ezequiel pediu desculpa e puxou Said para um canto. Havia mais um conciliábulo secreto. O silêncio, que até aí nos servia de veículo para o diálogo, pesou-nos finalmente. Ficamos como desprotegidos, já olhando menos um para o outro, intimidados. Aproveitei para beber o sumo e ordenar as ideias. Eu era mais velha, mulher madura, que ganhara a vida em muito lado e tendo de lutar sozinha. Achei ridícula a minha situação de virgenzinha tímida à frente de um quase adolescente. Tinha de dizer qualquer coisa e disse, utilizando o que serve de bengala nestas situações, perguntei se sabia mesmo falar francês. Foi então que ele me explicou que tinha vivido dois anos em Marselha, com uma bolsa de estudos. Podíamos agora olhar-nos de frente, enquanto as bocas iam debitando as palavras maquinalmente, pois o cérebro e os sentidos estavam com outras preocupações. Não podia ter mais de vinte anos, com a sua cara de arcanjo. Perguntei arrojadamente, assumindo a autoridade de adulta. E ele confirmou envergonhadamente, tinha dezenove anos. Tão envergonhado pela sua pouca idade que duvidei se não acrescentou um ano. Em cheio. Baixou os olhos lambezudos e declarou finalmente ainda não ter feito os dezenove, mas estava quase. Pobre querido.

Foi ganhando firmeza na voz e contou-me a sua história. Quando o pai morreu, na guerra contra os sul-africanos, era ele muito pequeno, foi protegido por Ezequiel, amigo da família e que sempre chamou de padrinho. Um verdadeiro padrinho se revelou. Apoiou a mãe, em dificuldades para criar sozinha os quatro filhos. E resolveu sempre os problemas de Tozé, indo ao ponto de conseguir uma inscrição na Aliança Francesa, aos dez anos de idade, para aprender na perfeição essa língua que Ezequiel bem gostaria de dominar. Aos quinze conseguiu-lhe uma matrícula num colégio em Marselha, onde ficou em regime de internato. O jovem não sabe bem explicar quem arcava com as despesas, passava por ser o padrinho, o qual

de certeza lhe enviava de vez em quando um cheque, para ter dinheiro de bolso. Mas Tozé deu-se mal em França. Ao fim de um ano, escreveu várias cartas desgostosas quer para a mãe quer para o padrinho, não suportava estar longe da família e da terra, preferia estudar aqui. A resposta era sempre a mesma, haveria de se habituar e agradecer os sacrifícios consentidos. Mas ele foi insistindo. As notas caíram a pique, houve também casos de indisciplina, nunca criados por ele, jurava. O diretor do colégio escreveu ao padrinho, explicando que havia problemas de adaptação. Resolveram então aceder aos seus rogos e mandaram-no vir de volta. Estava agora a estudar em Luanda, esperando entrar no ano seguinte na universidade.

Esta era a versão dita oficial. A minha curiosidade levou-me a dizer, mas houve outras coisas, não foi só isso que aconteceu, não pode, não desistirias por tão pouco. Pouco? A experiência fora traumática, estava inscrita no modo como me encarou ao ouvir a palavra pouco. O que reforçou a minha convicção, ele não contara tudo à família. Tinha sempre contado tudo, desde que chegara, assegurou ele. Não nas cartas, nunca se sabe em que mãos podem cair, ou as respostas que podem indiciar as queixas. De fato nas cartas não referia os casos de racismo que sofrera, talvez por isso a mãe e o padrinho não levassem muito a sério as suas reclamações. Contou tudo só à chegada. Fora agredido numa tarde de folga em que foi passear até à zona do porto. Eram dois cabeças rapadas vestidos de couro preto e deslocando-se numa moto. Primeiro tentaram atropelá-lo, depois encostaram-no a uma parede e bateram-lhe até ele cair. Mais uns pontapés e foram embora, gritando volta para o mato. No colégio recebia regularmente cartas anônimas, dizendo que estava a tirar o lugar a algum francês, ou a algum branco, ou a algum ser humano, o que pressupunha que ele não o era. Por vezes a sua cama aparecia desfeita e com escritos racistas, como "retourne à la brousse"4. Tinha amigos entre os colegas, mas tinha vergonha de se queixar a eles ou à direção. Preferiu suportar tudo em silêncio, talvez o esquecessem. Mas não. De vez em quando lá lhe chegava às mãos um papelinho com "sale nègre"5. Um dia ficou assustado consigo próprio. Estavam no refeitório, onde havia um quadro que servia para se afixarem informações ou escreverem avisos. Um colega escreveu com giz, na hora do almoço, a sigla SN e todos riram. Julgou tratar-se de uma ofensa diretamente dirigida a si, ao "sale nègre". Afinal não era nada, percebeu pela conversa seguinte, se referiam a uma moça muito bela vizinha do colégio, a arrasadora dos corações juvenis ali fechados, e que se chamava Simone Noiret. Ficou assustado, entrava em paranoia. Foi então que insistiu mais no pedido para voltar a Angola.

Fiquei eu também preocupada. Embora nunca tivesse posto o pé em França, conhecia, praticamente desde o berço, as estórias contadas pelos meus patrícios. Qual é o argelino que duvida do racismo, envergonhado para uns, hipócrita para outros, dos franceses, tão diferente do de outros europeus que esses não o escondem, muitas vezes até fazem gala de o exibir? Mas parecia haver exagero na narração do Tozé. Ou então amplificava a sua incapacidade de ultrapassar essa atitude de uma minoria, o que revelava uma personalidade muito fraca, sugestionável em demasia. Um arcanjo frágil como cristal. Que vontade me deu nesse momento despi-lo totalmente e descobrir no corpo dele os sinais de todas as violências da História. Também beijá-las, melhor, sugá-las. Eu sou mulher de rompantes, já deu para perceber. Mas estava em casa alheia e contive os impulsos.

Conversamos muito tempo? Sei lá, foi até os outros voltarem para junto de nós. Uma hora

ou minutos, não faço ideia. Deu para saber que ele morava com a mãe e os irmãos, num apartamento que Ezequiel lhes arranjara há muitos anos, alegando que o pai morrera em combate contra os racistas sul-africanos. Mais tarde compraram o apartamento ao Estado, a preço simbólico. Deu tempo também para trocarmos os números de telefone, o que era mais importante ainda.

Ezequiel afinal veio ter conosco para se desculpar com um jantar fora. Agradecia muito a visita mas tinha de mudar de roupa e até já estava atrasado. Maneira simpática de nos pôr na rua. Ou talvez tivesse mesmo o tal jantar. De qualquer modo, aproveitei para sugerir que podíamos levar o Tozé a casa. O rapaz agradeceu muito e os outros dois acharam bem. Fiquei assim a saber que ele morava na Baixa e adorava nadar na Ilha.

Depois de o termos depositado na Mutamba, prosseguimos para o hotel. Said certamente ia propor que jantássemos num restaurante ali perto, andava com pouca imaginação. E a seguir íamos ver televisão ou dormir, pois ele achava que não devia abusar da sorte e frequentar muito sítios públicos, onde estava demasiado exposto. Por isso ainda nem tinha ido a uma discoteca ou cabaré. Para quem era profissional de casas noturnas significava radical mudança de hábitos, mas que fazer? Ele deixar-me-ia ir com Ezequiel, era evidente, mas nunca sozinha. E Ezequiel ainda não o propusera. Nem eu aceitaria, claro. Podíamos ter convidado o Tozé para jantar e eu depois arranjaria um pretexto para sair com ele. Difícil, mas não impossível, dado que era um protegido do Boca-de-Pargo. No entanto, não ousei convidá-lo para o jantar, era cedo para deixar revelar as minhas inclinações secretas.

No caminho para o hotel, reparei que o Said tinha os olhos colados no retrovisor. Passamos pelo sítio onde devíamos parar e continuamos até ao fundo da Ilha. Bom, talvez ele quisesse mudar de restaurante. Mas não parou em nenhum outro. Continuou, depois de dar a volta na ponta da Ilha. Mas afinal jantamos na cidade, intuí em voz alta. Só estou a ver uma coisa, já voltamos para o hotel, disse ele. Podia ao menos perguntar, preferes um restaurante da cidade, mas nada, era um verdadeiro árabe muçulmano. Na segunda rotunda, deu a volta e regressou. Sempre olhando pelo retrovisor. Suspirou e continuou em frente, olhando menos para o espelho. E parou o carro à frente do hotel. Que se passou? Nada, fica calma, estava só a verificar uma coisa. Atravessamos a pé a avenida de duas faixas para entrar no mesmo restaurante do almoço, eu não dizia que ele estava sem imaginação? Pensavas que estavam a seguir-nos, afirmei eu. Com estes gajos, todo o cuidado é pouco, respondeu Said, sorrindo. Finalmente o achei mais descontraído. Mas, descontraído ou não, mantinha o mutismo quanto aos seus negócios escuros com Ezequiel. De que tráfico se tratava? Diamantes, armas, marfim, droga, mercenários para alguma guerra ou golpe de Estado, mercúrio? Quem sabe se escravas virgens para um sultanato do Golfo? Morria de curiosidade, devo confessar. Mas era mais proveitoso interrogar a múmia daquele faraó cujo nome já esqueci que descobriram no Egito quando eu lá estava a aperfeiçoar a minha arte. Oh, foi pouco tempo, fugi logo que pôde, pois não passei de um cabaré de terceira categoria para decrépitos turistas alemães.

---

4 [Fr.] Volta para o mato.
5 [Fr.] Negro sujo.

2

OS DEGOLADORES

O querido ligou-me logo de manhã, para saber em que praia eu ia estar. Faltaria às aulas, não era grave. Grave foi que o Said ouviu o telefone tocar no quarto, pensava ser para ele e estranhou muito que alguém me chamasse. Tive de lhe dizer a verdade, era o miúdo de ontem à noite, quer vir mostrar como nada bem, parece que chegou a ser campeão quando era mais novo, mas depois andou pela França, Marselha, nem sabes o que lá passou, e nunca mais treinou. Mas diz que ainda tem idade para a natação e talvez recomece, para ir aos Jogos Olímpicos, sonho de todos os atletas. Por mais que eu falasse das habilidades desportivas de Tozé, em estilo materno, utilizando todas as palavras sinônimas de criança, miúdo, adolescente, etc., exatamente para desviar a atenção do Said, mais ele carregava os olhos. Said era o típico pretenso marido, desprendido quando se servia do meu corpo para reforçar uma aliança, ciumento nas outras alturas, quando suspeitava de uma possibilidade de prazer meu. Afinal conversaste muito com o miúdo ontem, disparou com azedume. Pois, vocês afastaram-se para combinarem os vossos secretos negócios, que querias que fizesse? E se ele quer vir encontrar-se conosco na praia, tem mal?

Mal não teria se o Tozé fosse mais discreto. Mas perdeu a cabeça com o meu corpo de bailarina, não parava de o contemplar. Eu até sentia comichões por todo o lado, mas sobretudo sentia o calor que vinha da areia, através da toalha, e me chegava ao sexo. Ele tinha um belo corpo, brilhante, sobretudo quando saía da água, cheio de força a atirar gotas-diamante por todo o lado. Said fazia contas com a sua barriga pálida e descaída, os pelos do peito já meio grisalhos, as pernas finas em comparação com o tronco, comparava e se ia ofendendo cada vez mais. Mas sobretudo era a forma como Tozé me olhava, na sua inocência, ou então no seu espantoso atrevimento de criança, que mais devia irritar Said. Estavam a devorar com a vista a sua pretensa mulher, mesmo ali à sua frente, sem medo nem respeito, e ainda por cima um garoto, um imberbe. Imaginei o que podia estar a passar pela cabeça do meu companheiro de aventura. Deitei-me de barriga para baixo e fingi adormecer, talvez desanuviasse o ambiente.

Os dois homens não se falavam. Deviam estar a contemplar distraidamente o mar, olhares cuidadosamente paralelos. Mas talvez Tozé tenha de novo desviado a vista do mar para o meu corpo, pois ouvi a irritada voz de Said:

— Já chega de praia. Vamos mudar de roupa.

— Vais fazer alguma coisa? — perguntei, cheia de esperança que ele tivesse marcado algum compromisso para antes do almoço. — Eu fico ainda um pouco.

— Vamos — disse ele, levantando-se.

Tive de lhe obedecer. Porque teoricamente era meu marido e não lhe podia fazer uma cena, ainda por cima em público. Mas talvez tenha sido apenas reflexo condicionado, atavismo de muitos séculos de cultura de submissão da fêmea ao macho. Levantei-me com raiva do

Said, com raiva da sociedade em que nasci, com raiva da religião em que fui educada, com raiva de mim que não tinha coragem de dizer chega, não sou tua mulher e mesmo que fosse, tenho o direito de ficar na praia mais tempo e não ter de seguir os teus caprichos arrogantes de macho amuado. Mas dei uma olhadela triste (suponho) para o espantado Tozé e fui atrás do meu companheiro oficial. O jovem ainda fez um gesto incrédulo, mas ficou com o braço estendido, vi pelo canto do olho. Atravessamos a rua e entramos no hotel.

No quarto ele agarrou-me pelo pescoço e ameaçou, com voz ciciada:

— Tu só andas com os homens que eu quero, ouviste? E esse homem é o Ezequiel, mais nenhum, por isso vieste para este país de merda. Corto-te o pescoço se não me obedeces.

Houve, sim, um segundo em que pensei dar-lhe um pontapé nos tomates e fugir. Um mísero segundo de liberdade de pensamento. Porque logo a seguir baixei os olhos, incapaz de me revoltar. Murmurei está bem, ele abrandou a pressão no meu pescoço, mais tarde veria que me tinha feito equimoses e passei a usar lenço para disfarçar. Mas nesse momento estava demasiado aterrorizada, a voz dele não enganava. Sobretudo os olhos. Iguais aos do meu pai quando me quis degolar para limpar a honra da família. Olhos de matador. Pior, de degolador. Há muito mais ódio e desprezo nos olhos dos que matam pela faca do que nos enforcadores ou fuziladores. A vítima, pior que um inimigo, é alguém que tem de ser humilhada até à morte pela repulsa que se distila do matador. Ódio e frieza, frieza muito maior que a do gume da faca. Por isso o degolador não se considera um assassino, apenas um justiceiro, geralmente braço armado dos poderes do além, que exigem reparação por uma ignomínia imperdoável cometida pela vítima. O braço de deus, qualquer que seja a divindade, nunca é culpado pelo sangue derramado, pois está a restituir a pureza ao mundo.

Ele soltou-me e repetiu, nunca esqueças. Como se eu pudesse... as palavras sim, essas vão com o vento do ar-condicionado. Mas os olhos... Como nunca esqueci outros olhos, os do meu pai, no dia em que lhe disseram que eu andava a me encontrar com um outro rapaz que não o "meu noivo".

Tinha eu catorze anos. Já estava comprometida desde os onze, noivado negociado pelas mulheres da família, a minha mãe, Aicha, e a segunda mulher do meu pai, Djamila, as minhas duas mães. O "meu noivo" — e ponho entre aspas, porque passei a considerá-lo assim desde que conheci o Rachid — era filho de uns parentes afastados de Djamila, comerciantes abastados. Era uma boa aliança para o meu pai, pobre artesão que nunca passou disso, um miserável estofador de pufes. Fora do mundo árabe, muita gente desconhece essas verdadeiras obras de arte que são os pufes, almofadas altas e duras, revestidas de couro, onde as pessoas se sentam, em algumas se deitam. O meu pai era muito novo quando foi expulso do campo pelas convulsões da luta pela independência e pela miséria. Aprendera com o pai e o avô a fazer os pufes e a decorar o couro com motivos piedosos, isto é, versículos do Corão, desenhados habilmente pelo cinzel. Instalou-se na casa de um tio na casbah de Argel, até arranjar um cubículo perto onde montou o negócio. Casou com a minha mãe depois da independência e três anos depois com Djamila. Um desgraçado que não tinha onde cair morto, com um negócio para passar tempo, uma casa de dois quartos e uma salinha, sem sítio onde tomar banho, vivendo no bairro mais degradado de Argel, abandonado pelos franceses a si próprio pois os colonos não conseguiam nele penetrar, muito menos dominar, arranjou duas mulheres

e onze filhos. Fui o décimo segundo rebento. Já tinha despachado as outras filhas com casamentos miseráveis, faltava eu, a mais acarinhada, por ser a última ou talvez por ter um compromisso melhor, noiva de um herdeiro de comerciantes, o sonho dourado do meu pai. Só que aos doze anos conheci o Rachid na escola e o outro passou a ficar entre aspas. As minhas irmãs mal tinham aprendido a ler. Entraram tarde na escola, esta não era feita para mulheres, achava o meu pai, que no meu caso consentiu uma exceção, talvez por ser a caçula. O meu namoro clandestino com o Rachid durou dois anos. Dois anos de idas ao cinema às escondidas, de beijos e apalpadelas no escuro do cinema, de conversas na escola. E mais nada. Era demais para o atrasado do meu pai. Quando alguém delatou o meu namoro com o Rachid, ele e as suas mulheres bateram-me até eu desmaiar, queriam que confessasse a perda da virgindade. Mas continuava virgem, de fato. O que foi comprovado pela velha que foram buscar à aldeia de origem, uma tia do meu pai e portanto de toda a confiança e máxima circunspecção, a qual me examinou com os olhos e com o dedo. Era ainda virgem, decretou. O meu pai e as suas mulheres ficaram mais tranquilos. Mas para mim acabou a escola. Passei a usar véu na cabeça e um lencinho de rendas amarrado à cara, como as outras mulheres casadas ou comprometidas, deixando só os olhos de fora. Mesmo tapada da cabeça até aos pés, nunca podia sair só. A minha mãe tentava fazer-me conformar à sorte que a sociedade reservava às mulheres. Aceleraram os preparativos do casamento, eu ia ter um bom marido, dizia ela, bom marido e rico. Marido que só conheceria no ato do casamento, evidentemente, como mandava a mais pura tradição. De quem eu gostava era do Rachid, cuja cabeça bonita conhecia, cujo desejo sentira. No princípio passava o dia a chorar. Saudades da escola, do Rachid e da rua. Sempre que me via chorar, o meu pai batia-me, ao menos teria razão para chorar, dizia ele. Numa casa tão pequena e tão atravancada, pois alguns dos meus irmãos solteiros ainda lá viviam, nem sítio tinha onde chorar. Só à noite, com todos deitados, mas sem soluços, pois alguém ouviria certamente.

Até que me revoltei. Não ia chorar mais o Rachid e o meu destino, pois não adiantava nada. Ia fugir. Tinha ficado tão humilhada pela cena da velha a examinar-me com o dedo que jurei perder a virgindade na primeira oportunidade e nunca seria com o "meu noivo". Foi com o mozabita da loja da esquina, um dia em que a minha mãe se descuidou e me mandou ir comprar azeite. Não estava ninguém na loja. Só o mozabita que dela tomava conta, filho do dono, um jovem acabado de casar. Tinha os olhos tortos e as pernas arqueadas, como todos os mozabitas que conheci até então, por se cruzarem só entre eles durante séculos, nos seus oásis do deserto do Saara. Este era um pequeno comerciante, como todos eles, que sempre dominaram o mercado de retalho da *casbah* e depois de toda Argel. Ele nem queria acreditar quando eu abri a porta do lado, que sabia ser um pequeno depósito, onde havia sacos e latas e garrafas, e me deitei sobre um saco e levantei os véus e saias que me cobriam. Fechou rapidamente a porta da rua e veio para cima de mim. Doeu-me, não tive prazer nenhum. Mas estava vingada da humilhação.

No entanto, não tinha sorte nestas minhas buscas de liberdade em relação ao meu pai. Ele soube mais uma vez. Como descobriu? Todos se conhecem e todos se vigiam na *casbah* de Argel. E agora a velha tia dele ia descobrir a falta do hímen. Enchi o peito de ar e gritei, sim, fiz com o mozabita da esquina, e agora? Agora ia sendo o fim. Ele agarrou-me pelos cabelos

compridos, que a minha mãe passava uma hora por dia a escovar. Atirou-me para o chão, sempre presa pelos cabelos e a mão voou para a banca da cozinha, onde estavam os facões. Aicha se agarrou ao braço dele, não, não. Veio depois Djamila ajudar e um meu irmão. Nos olhos dele li a determinação fria de quem vai eliminar um herege satânico. Ódio metálico. Que se embaciou rapidamente, ao me soltar os cabelos e ao envelhecer dez anos em segundos, ali, à frente do meu terror.

A honra da família estava definitivamente manchada e deixei de ter noivo. Era agora tratada pior que um cão pelos homens da casa. A minha mãe e Djamila tentavam ajudar-me, quando só elas lá estavam. O que era raro, pois a salinha era a oficina do meu pai e ele só ocasionalmente saía. Numa dessas saídas eu disse a Djamila que queria ir embora de casa e da cidade e da vida deles. Que o mozabita tinha a obrigação de me ajudar. A minha segunda mãe tentou convencer-me do contrário, para onde iria e que iria eu fazer? O teu pai deve ter falado com ele, deve-o ter ameaçado, embora não tivesse exigido um casamento para reparar os estragos, pois senão eu saberia. Embora fossem árabes e muçulmanos, o meu pai não considerava os mozabitas gente como nós. Até podiam ser mais ricos, mas ele achava-os inferiores, talvez por serem de outro ramo do Islã ou por terem vivido durante séculos confinados ao deserto, na sua cidade dos sete oásis, a mítica Gardaia. Ou, quem sabe, apenas pelo fato de a endogamia ter provocado tantos casos de estrabismo. Nunca o meu pai aceitaria um casamento de uma filha com um deles, penso que nem lhe passou pela cabeça. Mas exigiu certamente um desagravo. Em dinheiro, pois como havia de ser?

Foi este mozabita, contatado por Djamila, que me ajudou a fugir. Para ele revelava-se uma boa solução, pois era recém-casado e não queria mais problemas por minha causa. Podia algum dos meus irmãos, ou mesmo o meu pai, fazer uma espera à noite numa das ruelas e meter-lhe uma faca na barriga. Ou apenas as tradicionais duas chapadas com uma lâmina de barbear entre os dedos que marcava nas faces os sulcos indicadores da infâmia. Enquanto eu estivesse por perto havia sempre o perigo de a honra manchada se virar contra ele. Arranjou-me algum dinheiro e meteu-me no comboio para Orão, para casa de um amigo dele. Não sem que antes me voltasse a deitar em cima dos sacos do seu pequeno armazém, mas desta vez com mais calma e muito maior prudência. Reconheci algumas sensações que tinha quando o Rachid, no escuro do cinema, me acariciava as coxas, o mesmo fogo no ventre. Só que desta vez deu para sentir o esperma do mozabita a entrar em mim. Gostei. Embora mais tarde me tenha apercebido que não era isso ainda o orgasmo. Partindo de Argel, perdi a oportunidade de conhecer a cara do "meu noivo", o que não lamento nada, será bom desde logo esclarecer.

Fui para casa do amigo dele em Orão, que também era mozabita, mas, para meu espanto, não tinha a aparência deles. Alto e de olhos direitos. Nem vestia como eles, com um pano entre as coxas arqueadas. Mustafa vestia à maneira ocidental, era solteiro e aceitou-me como criada. E amante, a partir do segundo dia. No entanto, cuidadoso, usava sempre preservativo, devemos evitar más surpresas, dizia, escolher sempre as boas. Senão vamos queixar-nos um dia de algum *djin* malévolo que nos pregou uma partida. Ele ensinou-me muitas coisas do amor e da vida, durante os três anos em que vivemos juntos. O prazer que sentia com ele levava-me a pensar que estava apaixonada. Hoje nem sei. Mas que foram bons tempos, lá isso foram. Tinha lá em casa muitas fotografias e filmes sobre a sua região de origem, o M'zab, de

onde vem o nome do seu povo. E falou-me muito na cultura das gentes de Gardaia, dos jardins interiores das suas casas senhoris com pátios refrescados por plantas e repuxos de água. Mostrou-me nos livros como era organizado o espaço interior da cidade original que só podia ser pisada pelos autóctones. Eu lá seria estrangeira e teria de ficar na parte exterior da cidade histórica, fora dos sete oásis, na cidade dos estranhos. Como ele não era casado e tinha boa posição social, arquiteto jovem mas com emprego estável, várias mulheres lhe tratavam da residência, uma vivenda branca acima do mar. Com catorze anos, por ser sua amante, passei a mandar nas outras serviçais, embora o governo da casa ficasse reservado a Mustafa. Ele trabalhava num organismo estatal, mas sonhava com o seu próprio gabinete de arquitetura. Soube que conseguiu mais tarde. Nunca falamos sobre isso, mas era evidente que ele nunca casaria comigo, uma rapariga que já não era virgem. Tinha aliás um compromisso não muito firme com uma família de Gardaia, cidade que visitava duas vezes por ano. Um dia pedi para me levar com ele, mas a sua recusa foi peremptória, Orão era uma parte da sua vida e Gardaia outra, as quais não se deviam nunca misturar, água e azeite. Soube então que a nossa relação terminaria um dia, provavelmente quando ele casasse. Essa intuição causava-me antecipada saudade e algumas lágrimas escondidas. Compensava, deleitando-me com os livros e as fotografias de Gardaia, a pérola mais bela e mais guardada do deserto, que me estava interdita para sempre.

Uma das serviçais era Fatma, uma simpática cinquentona que dançava admiravelmente. Eu tinha aprendido nos casamentos a fazer a dança do ventre. Nas núpcias as mulheres ficam num pátio e os homens no outro, dança-se muito, mas sempre com separação dos sexos. Desde pequenina que eu dançava, um pano amarrado nas ancas e arrancando aplausos das outras bailarinas. Mas a de Fatma era outra arte. Tinha sido profissional, muitos anos antes. E quando terminava o trabalho, juntávamo-nos no jardim de trás e Nouria tocava um pequeno tambor, enquanto nós cantávamos e batíamos palmas. Então Fatma dançava. A nossa pequena vida se transformava, crescíamos por dentro, libertávamos os *djins* que estavam dentro de nós, julgávamos por momentos entrever o paraíso. Fui aprendendo com ela, observando, imitando depois sozinha à frente do espelho.

Durante os três anos que passei em Orão, os meus pais pareceram desconhecer onde me encontrava. Nunca tentaram uma aproximação. E talvez não soubessem mesmo, pois eu nunca os informei e duvido que o meu primeiro amante o tenha feito. Para meu pai era um conforto certamente. A filha espúria tinha desaparecido, morta possivelmente, isso lavava a honra da família. Em caso de muita necessidade, quando fosse absolutamente impossível escapar de falar em mim, deveria dizer a minha falecida filha fez ou disse... Era-me perfeitamente igual que ele me considerasse morta; aliás, se não fosse a minha mãe que, ultrapassando o aleijão no joelho, conseguiu travar-lhe o braço justiceiro, a esta hora estaria mesmo embaixo da terra. Nunca mais o queria ver, nem recordar os seus olhos metalizados pelo ódio. E evitava mesmo recordar qualquer cena em que ele interviesse. Rezava apenas para um dia cruzar com ele na rua e não o reconhecer.

Quando me senti preparada, dancei para Mustafa. Foi numa noite em que ele elogiou particularmente o cuscuz com molho de lentilhas preparado por Nouria, no fim do meu terceiro ano em casa dele. Tinha comprado uns véus transparentes, uns azuis e outros

brancos. Pus no gira-discos uma música da Kabília que ele apreciava particularmente, vesti rapidamente os véus e dancei à sua frente. E vi os olhos dele mudarem, da curiosidade para o espanto, do encantamento para o mais poderoso desejo. Fizemos amor ali mesmo na sala, por cima dos pufes, com as janelas abertas para deixarem entrar a brisa do Mediterrâneo. Nunca ele foi tão terno e apaixonado. Só depois me felicitou pela minha arte. Expliquei-lhe como aprendera. E ele disse com a maior tranquilidade:

— Já tens uma profissão. Podes viver disso, sabes?

— Não tenho a intenção.

— Quem sabe se não vais precisar... Compreendes, qualquer dia vais ter de sair aqui de casa. Terás de trabalhar noutro sítio. E não precisas de ser criada, nem trabalhar na casa de ninguém. Danças num cabaré e pronto, tens a tua vida arranjada. Bonita como és e dançando tão bem, podes ganhar muito dinheiro.

Nunca tinha pensado nisso. Mesmo nos catastróficos sonhos que me tomavam às vezes, com Mustafa pondo-me na rua aos berros e pontapés, culpando-me de qualquer erro ou insuficiência, sempre esquecera a arte que podia trazer o meu sustento futuro. Mas esta conversa entristeceu-me. Depois de tanto amor, ele dizia claramente que mais cedo ou mais tarde teria de ir embora e ganhar a vida de outra maneira, longe dele. Estava ali apenas provisoriamente, ocupando um espaço reservado para outra. Destino de mulher muçulmana?

O destino se concretizou depois de uma ida dele a Gardaia. Ficou duas semanas ausente e nós dançávamos mais do que nunca, com o dono fora de casa. De fato não era um dono exigente nem opressivo. Tinha sempre uma palavra amável para todos e respeitava particularmente as mulheres, nas palavras pelo menos. Mas sempre era o senhor e tínhamos outro à-vontade em casa quando ele se ausentava. Na noite da chegada, depois de fazermos amor, disse abruptamente que tinha acertado o casamento para daí a dois meses. O sogro era proprietário de vários hotéis em Gardaia e no Grande Sul. Dava para dote da filha mais velha uma quantia que chegava para ele montar um gabinete moderno de arquitetura e pagar salários ao pessoal por um ano. O gabinete com que tanto sonhara. Queria encher Orão de casas com as características das de Gardaia, queria espalhar o estilo mozabita pelo norte do país, a começar na sua cidade de adoção, a mais bela e cosmopolita da Argélia, na sua opinião. Para isso tinha de ter o seu gabinete, independente, onde pudesse aplicar livremente as suas ideias. Só lhe perguntei, conheceste-a? Claro que não, isso só na noite de núpcias, e virou-se para dormir. Odiei essa moça, talvez vesga e de pernas cambaias, que me expulsava da vida dele. E de Orão.

Outro qualquer proporia um acordo. Ele casava, mas eu continuava lá em casa, aparentemente como serviçal mas realmente como concubina, já que nunca poderia aspirar ao estatuto de segunda mulher. Mustafa aliás não era muito favorável à poligamia, tínhamos discutido isso várias vezes. O seu argumento era curioso. Dizia ele que segundo a nossa religião, um homem podia ter até quatro mulheres, mas devia conceder-lhes os mesmos direitos e tratá-las da mesma maneira. Ele era contra a poligamia porque achava ser impossível um homem ter o mesmo sentimento por várias mulheres. Haveria sempre uma preferida. Claro que a religião considerava apenas a igualdade em aspectos materiais, para evitar que uma tivesse mais riqueza que outra, ou mais comida, ou os seus filhos maiores regalias

económicas. Mas Mustafa interpretava a igualdade como devendo ser absoluta porque de origem divina. E um homem que arranjasse uma nova mulher, seria mais terno para ela, ou a procuraria mais vezes na alcova que às outras, já desinteressantes pelo uso e tédio. Não podendo manter a mesma relação sentimental com todas, o melhor então era ter só uma, arranjando as concubinas que quisesse.

No entanto, no meu caso, percebi logo que nem isso. Teria de me afastar. Nunca o discutimos, por isso nunca conheci as suas verdadeiras razões. Mas o meu orgulho criava suposições: ser-lhe-ia demasiado difícil viver com a mulher oficial, estando eu ali por perto, confinada à cozinha e a um quartito dos fundos. O que ele gostava era de me ver por todos os cantos da casa, reclinada nos sofás, abrindo a janela do quarto ao alvorecer, ainda quente da cama, cantarolando pelos corredores, dançando a minha juventude no pátio interior iluminado pelo sol que nele batia indiretamente. Numa palavra, era a mim que ele amava. Não podendo ser a Mulher, então tinha de partir. Demasiada petulância da minha parte, fruto da imaturidade dos dezessete anos? Até hoje não me decidi. Achamos sempre que os nossos homens são incapazes de amor verdadeiro por uma mulher, a qual no fundo eles veem como pouco mais que uma escrava. Mas não é verdade. Basta ler a poesia árabe, desde a clássica do tempo de Maomé até à atual. Os poetas exageram sempre os sentimentos, mas não os podem inventar a partir do nada. Eu, que sempre fui uma leitora inveterada de poesia árabe, fosse do norte de África ou do Oriente, comovendo-me tanto com os sentimentos latidos nesses versos, sei do que falo.

Pouco dias depois de voltar de Gardaia, tivemos uma conversa séria. Mustafa disse-me que devia sair de casa. Para isso me daria uma quantia decente de forma a subsistir nos primeiros tempos até me estabelecer. Propôs também ir falar com o dono do mais seleto cabaré de Orão, para me arranjar um emprego de bailarina. Declinei. Já que ele me queria ajudar, então que me fizesse chegar a Marrocos, relativamente perto dali, de onde vinham ecos das famosíssimas noites em Casablanca. Com a morte na alma, dizia-me o coração, entrou em contato com amigos de Casablanca e conseguiu-me um emprego no célebre Andalou. Tratou-me dos papéis, o que não foi nada fácil, pois era menor e fêmea. E pagou-me a viagem. O que não pôde pagar foi a dor causada por me obrigar a despedir da Fatma e da Nouria e da casa, e de Orão. Para não falar da tragédia de o perder. Ainda me deve isso, até hoje. Embora tenha feito de mim uma mulher. E embora me tenha amado, sei, sempre me disse o coração. Continuo a pensar, os homens casam e fazem filhos numa mulher, mas suportam-na por razões diferentes do amor, por aliança de famílias, dinheiro ou por causa dos filhos machos. De fato, o amor deles é reservado às concubinas.

Tendo tido Mustafa, quanto me rebaixei até hoje passar por mulher do infame Said! Que ficou a olhar para mim, a fazer contas, talvez a tentar adivinhar se eu era sincera quando dizia que lhe obedeceria e não aceitaria outro homem senão Ezequiel. Claro, se pudesse, trairia imediatamente a minha palavra, conseguida à força de ameaça de morte. Tivesse uma oportunidade e ia ensinar muitos dos prazeres orientais, aprendidos com Mustafa e muitos outros amantes, ao jovem quase imberbe e inexperiente que fora obrigada a deixar na praia. Sem nenhum remorso por ter prometido uma coisa a Said e feito o seu contrário logo a seguir. Em primeiro lugar, fora uma promessa forçada, não tem valor. Em segundo lugar, em questões

de amor não há honra, não há palavra, há só desejo. Mas tinha de ser prudente, não manifestar muita ansiedade. Por isso me sentei na cama e acendi um cigarro.

— Uma coisa não entendo, Said. Queres que eu tenha uma relação com o Ezequiel, até chegaste a dizer que me casavas com um novo rico negro. Mas então por que passarmos por marido e mulher, ficarmos no mesmo quarto aqui no hotel?

Said imitou-me. Acendeu um dos seus horríveis cigarros de tabaco preto, que empestam o ar durante horas. Distendeu-se e sorriu. Apontou para mim com a mão que segurava o cigarro.

— Quem tem as boas informações tem metade do poder. A outra metade vem da inteligência com que se usam essas informações. Soube, e não interessa como, que o nosso amigo só se interessa por mulheres comprometidas. Uma maluquice como outra qualquer. Não pode ver uma mulher casada ou noiva, fica logo cheio de tesão. Dão-lhe uma virgem e ele nem olha para ela. Há tipos assim. Complexo de corno. Para se vingarem de alguma que lhes fizeram, só caçam a mulher de outro, mesmo se for mais feia que o próprio Ezequiel, o que é difícil de imaginar, reconheço. Portanto, para o interessar em ti, tinha de aparecer contigo como casado.

— Mas já lhe disseste que não somos...

— Sim. Vi logo que ele tinha mordido o anzol. Mas talvez não avançasse por ter medo de um conflito por tua causa complicar os negócios. Ele já não é criança, já sabe conter a tesão quando ela é prejudicial ou inoportuna. Claro que ficou louco quando te viu, logo notei os olhos famintos à porta do aeroporto, mas podia parar aí. Tive de abrir jogo, mostrar que temos algum compromisso mas não eterno. E como ele já tinha mordido o anzol, continuou preso. E agora com toda a liberdade de movimentos. Por isso te aviso de novo: o único homem por quem vais mostrar interesse é por ele. Mas devagarinho, para fazer render o peixe. Alá é minha testemunha, corto-te o pescoço como a um cordeiro, se não fizeres tudo como combinamos.

Resumindo e concluindo, vim para Luanda como peça de um plano friamente elaborado. No fundo já o sabia. Só que não tinha atingido totalmente a frieza do raciocínio que imaginara uma estratégia tão diabólica. Tinha de ter cuidado, Said era muito mais perigoso do que imaginava. Porque até se prestava a parecer corno, só para amarrar Ezequiel a si. E Deus sabe como um árabe suporta mal a ideia de ser corno, mesmo se for só na aparência. Numa cultura em que o homem tem o direito de matar a mulher supostamente adúltera sem nada lhe suceder, recebendo ainda por cima o reconhecimento de toda a sociedade, é preciso ser muito determinado e frio, diria serpentino, para congeminar o plano de Said. A minha vida para ele só tinha sentido como isca para o Boca-de-Pargo. Se o traísse, desembaraçava-se de mim com toda a tranquilidade, ai não. E como eu não existia oficialmente em Angola, ainda era mais simples. Matava-me e deixava-me numa rua. Ninguém me conhecia, não tinha presença legal. Como poderia a polícia chegar até ele? Nunca, mas mesmo nunca. Mais uma vez concluindo, eu tinha de ter muito juizinho, estava inteiramente nas mãos de Said, o-do-cheiro-a-tabaco-preto, sem um ombro amigo onde repousar a cabeça e os pressentimentos.

Vestimo-nos para sair, embora eu não soubesse aonde ia. Segui-o e entramos no carro. Fomos para a Baixa. Ele parava num sítio, saía, trancava as portas e ia tratar da sua vida. Voltava mais tarde e ia a outro sítio. Mesma operação. E eu sempre trancada, como uma

prisioneira. Claro que podia abrir uma porta por dentro, mas para quê? Se perguntado, diria que era para minha segurança, podiam roubar o carro comigo dentro. Said tinha essa psicose, mas eu não conseguia considerar Luanda mais insegura que qualquer outra cidade do mundo. Estava ali só há uns dias, mas as pessoas pareciam gentis e pacíficas. Saí do meu país antes de ele viver a violência que se sabe. Imagino as pessoas tensas, em suspeição constante, por poder haver um atentado a qualquer momento. Quem me contava eram as pessoas que lá tinham ficado, uma espada sobre a cabeça, apenas desejando que a degola fosse rápida e sem dor, mesmo sem saberem por que teriam de ser imoladas. Esse clima eu não sentia em Luanda, apesar de todas as guerras que sabia existirem e terem existido. Mas Said não facilitava o trabalho dos bandidos, tinha a experiência de Beirute, a sua cidade natal. Para ele todas as cidades eram cruzamento de Beirute e Chicago, a destruição e o crime. E eu ficava a ouvir música no carro, enquanto ele andava em conciliábulos secretos.

Chegou a hora do almoço e voltamos para a Ilha. Para o mesmo restaurante à frente do hotel. Não há outro, perguntei, de mau humor. Gosto do peixe deste, respondeu Said, como se conhecesse todos os outros e o peixe deles. Sempre fora um homem da noite e do vício. Homens assim gostam de experimentar comidas e restaurantes diferentes, não se agarram apenas a um estabelecimento, o qual, diga-se de passagem, nem era nada de especial. Só podia haver uma razão para tanta insistência. Ele esperava descobrir alguém ali ou tinha um encontro marcado de há muito. Quando acontecesse eu ficaria a saber. Pensei no rapazinho bonito que deixara na praia ali ao lado. Se fingisse ir à casa de banho, podia deitar uma mirada para ver se ele ainda estava na areia. Mas não arrisquei. Said não escondia a irritação. Por minha causa e do Tozé? Ou porque os negócios não estavam a correr como deviam? Parecia mais calado que habitualmente, embora comigo tivesse já há tempos abandonado as grandes conversas. A partir do momento em que decidiu arranjar-me marido? Tinha sido antes de Luanda e depois de combinarmos vir para cá. Deve ter sido na altura em que congeminou o diabólico plano de se servir de mim para obter uma aliança indestrutível com Ezequiel. Nessa altura perdi a condição de amante para ser apenas um corpo negociável. O grande sacana!

3

PRAZERES PROIBIDOS SÃO OS MELHORES

Finalmente Said encontrou quem procurava. O meu companheiro viu-o logo que chegamos, estou certa disso. Não fez nenhum gesto revelador e sentamo-nos. Mas eu notei qualquer coisa, estava menos tenso, quase alegre. Até disse uma frase simpática acerca do meu vestido, o que ia sendo muito raro. Pediu-me licença, vai encomendando uma bebida para ti, pois tinha de falar com uma pessoa. Foi sentar-se à mesa do outro, um tipo alto e magro com estilo típico da África ocidental. Ele estava quase de frente para mim, com uma mesa de intervalo. Podia estudá-lo à vontade. Teria uns quarenta anos, usava fato e gravata e não os trajes largos e bordados da região de onde eu vinha. Mas não era angolano, uma pessoa acaba por distinguir. O tom era mais escuro e as feições também eram diferentes. Puseram-se a discutir em voz baixa mas em tom acalorado. Conheciam-se há muito tempo, não havia dúvidas. E o assunto era sigiloso. Sentados à frente um do outro, olhavam frequentemente para os lados, a certificarem-se de que ninguém estava a distância de poder ouvir o que discutiam. Separados por apenas uma mesa, eu nem conseguia perceber que língua falavam, embora pela colocação dos lábios me parecesse francês.

O criado veio saber o que eu queria e excepcionalmente mandei vir um uísque com gelo, o aperitivo mais comum nos restaurantes de Luanda. De quinze anos, pois então! Teria de cortar qualquer coisa na refeição, para compensar as calorias do álcool. Mas uma vez não eram vezes e senti inexplicavelmente necessidade de sentir o calor do uísque entrando-me pela garganta, para corrigir o gelo que me ficava de saber o Tozé tão perto sem poder respirar o ar que saía do nariz dele. Vi que Said encomendava o mesmo, na outra mesa. Mas o outro, já servido, bebericava uma laranjada, à espera que lhe servissem o almoço. Mais uma razão para ter a certeza de ser afro-ocidental, muçulmano evidentemente. Sou muito intuitiva, engano-me por isso muitas vezes. Os homens cultivam o preconceito de que as mulheres analisam as coisas com subjetivismo excessivo. É um estereótipo, muitas vezes sem corresponder à verdade, mas eu seria a confirmação objetiva dele. Juro que adivinhei um gesto de repulsa e opróbrio no "senegalês" de Said. Intuição ainda mais confirmada quando o criado nos serviu. Sempre que o meu companheiro oficial levava o uísque aos lábios, eu sentia o outro ranger os dentes de reprovação. Seria capaz de degolar alguém por devoção religiosa? Não me parecia violento, tinha uma figura muito distinta, como os senegaleses têm normalmente. E os senegaleses não matavam uma pessoa só por esta beber álcool ou não seguir todos os preceitos do Livro Sagrado. Pelo menos os senegaleses que eu até então conhecera.

Said terminou o uísque, deu uma palmadinha no ombro do outro e voltou para a nossa mesa. Se sou muito intuitiva, tenho no entanto o hábito de tentar rapidamente confirmar as minhas intuições, como se nelas de fato não confiasse. Afirmei ousadamente:

— O teu amigo é muçulmano. E senegalês.

Estava à espera de uma das habituais frases colocadoras de Said. Chamo-as assim, porque me colocam logo no meu lugar, o de utensílio sem vontade e sem raciocínio chamado mulher. Enganei-me.

— De fato é muçulmano.

— Vi a maneira como ele te olhava enquanto bebias. Com muita reprovação.

— O Bubacar? Está é de ressaca. Bebe cerveja que nem um camelo bebe água. Mas é muito crente, lá isso é verdade. Foi dos que mais contribuíram para a mesquita do bairro dele.

— Aqui em Luanda?

— Em Koutiala, no Mali. Porque te enganaste, não é senegalês, é maliano...

— Não foi grande erro. São vizinhos e primos.

— E em Luanda também contribuiu para a mesquita, suponho. Já vive cá há uns largos anos.

Said estava muito bem-disposto, há muito tempo não conversava tanto comigo. Bubacar devia ter dado boas notícias, fosse lá do que tivessem falado. Negócios, evidentemente. E provavelmente à margem da lei. Deste país e de todos os outros. Estava sinceramente orgulhosa: a minha intuição não tinha errado na região do outro, embora falhasse a nacionalidade. De fato nem na religião errara. Apenas interpretei mal a maneira como ele olhava para o copo de Said, com desejo e não repulsa. Temos de considerar que eram atitudes contrárias, mas no conjunto estava satisfeita com a minha capacidade de observação. E contente com o fato de Said conversar comigo. Tive de contrariar imediatamente essa atitude. Fraqueza de mulher habituada a ser desprezada pelos homens, como o cão martirizado que tudo esquece só por lhe terem acenado com um osso.

— Conheceste-o da outra vez que estiveste cá?

Said resmungou um sim, consultando a carta do restaurante. Já não lhe tiraria mais informações sobre Bubacar, atingira um limiar qualquer de segurança. Ele fixava um ponto a partir do qual se calava, chovesse no deserto ou fizesse o sol de todo o ano. E se eu insistisse sibilava para me meter na minha vida, para dançar para o espelho ou outra resposta indelicada semelhante. Em tudo era assim. Eu nunca sabia onde estava o ponto limite onde podia ir a conversa. E ia forçando com perguntas. Até que sabia tê-lo atingido. Era um olhar, uma mudança de voz, um encolher de ombros, qualquer coisa que me indicava, estás a ir longe demais, trata das panelas que este assunto não é da tua conta. Agora foi o resmungo. A seguir eu ia obviamente perguntar qual era a ocupação de Bubacar e ele antecipou-se, fazendo-me saber que devia parar ali com a curiosidade. Amanhã até poderia dizer tranquilamente que o amigo era traficante de joias roubadas. E emburraria se eu lhe perguntasse como as vendia. E no dia seguinte podia apresentar-me um tipo e dizer, este, sabes, é quem compra as joias ao Bubacar. Said nunca debitava muitas confidências de uma vez. Habituado a clandestinidades. E estava parcimonioso demais desde que desembarcamos em Luanda. Lembranças da má experiência anterior? Medo?

Medo tinha eu que ele se lembrasse da cena com o Tozé e voltasse a ficar zangado. Andei toda a manhã de um lado para o outro, sobretudo a ver as vitrines sujas das lojas dos Combatentes, fechada no carro, apenas porque ele não queria deixar-me com o Tozé na praia.

Agora que o nevoeiro da má vontade se tinha dissipado, convinha manter o bom relacionamento, a confiança tranquila. À espera de uma oportunidade.

A qual apareceu depois do almoço, quando fazíamos a sesta no quarto. Said anunciou-me que tinha de sair, dar umas voltas um pouco fora da cidade. E eu? É melhor ficares no hotel. Anuí. Sem me importar mesmo nada. Ele andava de um lado para o outro, falando com gente que parecia árabe ou indiana, geralmente comerciantes. E eu ficava no carro a ouvir música, sem mesmo direito a ar-condicionado? Antes no fresco do hotel. Podia até ir dar uma espreitadela à praia, quem sabe Tozé ainda lá estava. Enquanto Said se arranjava, perguntei, mas vais para fora da cidade, não é perigoso? Que nada, também não ia longe, apenas a uma zona periférica onde havia uns armazéns. Percebi, tinha ouvido falar em conversas anteriores dessa zona onde havia uma certa concentração de senegaleses, libaneses, malianos e congoleses, todos metidos em negócios de submundo, tráfico de divisas, contrabando, diamantes garimpados à margem da lei etc. Nesses armazéns, construídos de um dia para o outro a peso de ouro, desembocavam mercadorias a grosso, descarregadas à noite dos navios fundeados na baía para botes que aportavam à praia sem passar pelo porto nem pela alfândega, mercadorias depois vendidas a mulheres que as levavam para o Roque Santeiro. Nessa transação ganhavam milhões, embora Said mostrasse agora um certo desprezo por uma atividade que ele antes apreciava. Talvez por ter sido brutalmente afastado dela.

Ele foi embora e vesti-me rapidamente. Pus um leve vestido branco, apropriado para quem vai à praia, e um chapéu de palha. E atravessei a avenida. Tozé ainda estava na areia, exatamente a arrumar as coisas para ir apanhar um candongueiro e regressar a casa. Mais cinco minutos e já não o encontrava. Alá fora generoso para esta pobre mulher sedenta de ternura, tinha de reconhecer.

O rapaz pareceu petrificado. De susto ou de esperança? Depois sorriu, talvez por se certificar que vinha sozinha. Acabou de arrumar as coisas na mochila, em silêncio.

— Não almoçaste? — perguntei.

Apontou uma roulote de venda de comida e bebidas, estacionada no passeio. Uma rapariga estava lá dentro, preparando qualquer coisa para um cliente.

— Comi um cachorro-quente. Daqueles grandes. Dá para aguentar todo o dia. E o Said?

— Foi tratar dos negócios. Disse que demorava. Já ias para casa? Vamos tomar uma bebida em qualquer sítio?

Ele concordou em silêncio. Restaurantes e esplanadas era o que mais havia. Entramos na primeira. Sentamo-nos na sombra de um njango, como chamam aqui às grandes sombrinhas de teto cônico de capim e sem paredes, apenas uma grande trave vertical no centro que sustenta toda a construção. Perto do mar é uma maravilha, pois se vê tudo e é fresquíssimo. A esplanada tinha vários destes njangos assentes sobre plataformas de madeira apoiadas diretamente na areia da praia e ligadas entre si e ao corpo principal por carreiros de tábuas. Pedi sem hesitações nem remorsos um gin-tônica, a bebida mais apropriada para a praia, e Tozé a eterna laranjada.

— A muçulmana sou eu e afinal és tu que não bebes álcool.

— Não gosto. Não gosto mesmo.

— Por acaso raramente bebo álcool. Por causa da linha. Mas hoje não sei o que me deu, já

é a segunda dose.

Não me perguntou qual a causa de tal descumprimento de regras pessoais. Nem se referiu à cena da manhã. E eu também não toquei no assunto. Pode ser que tivesse compreendido erradamente as coisas, que tínhamos mesmo de ir a algum lado, sem se aperceber da imposição que eu sofrera. Embora Said não tivesse escondido a sua irritação ao mandar-me segui-lo. Era discreto o jovem, devia ser isso. A intimidade não chegara ainda ao ponto de questionar os comportamentos que estranhava.

A conversa não avançava muito, havia constrangimento no ar. Eu sabia o que era, desejo mútuo ainda não declarado. Mas era necessário proclamar o óbvio? Fui bebendo calmamente o meu gin, enquanto ele me imitava, sorvendo em pequenos goles a laranjada, olhando-me, como se fosse a mim que bebesse. Discreto mas direto, o rapaz. Ficamos em silêncio o tempo de esvaziar os copos. Então fui eu o mais direta possível, não tinha tempo a perder.

— Há algum motel aqui perto?

Ele ficou alguns segundos silencioso. Depois esboçou um ligeiro sorriso e apontou com a cabeça para a sua esquerda.

— Ali, ao lado.

Fiz sinal ao criado para trazer a conta. Paguei e Tozé deixou-me fazer. Eu tinha convidado, era normal que pagasse. Mas não seria normal para um machista qualquer, o qual pelo menos faria o gesto de levar a mão ao bolso, com alguns fracos protestos. Levantamo-nos e caminhamos sem uma palavra para o motel. Que eu também pagaria, claro está. Os prazeres gratuitos são de evitar, acabam sempre por ficar mais caros.

E aquilo foi realmente um prazer. Nunca tinha conhecido intimamente um jovem quase virgem. Quando aceitava um homem é porque ele me trazia algum conforto ou segurança, o que significava gente madura e com algum poder, de que espécie fosse esse poder. Pela primeira vez escolhera alguém simplesmente por me agradar, fizera eu o papel de conquistador. Já isso dava uma sensação particular, uma vingança sobre o gênero machista. E acariciar aquele corpo em flor era duplamente agradável. Guiar docemente as suas mãos, ensinar os segredos do prazer sem o parecer fazer, de forma a deixá-lo à-vontade e com o orgulho intacto, eis uma experiência que nunca tinha tido. Tozé queria parecer mais conhecedor do que de fato era, sobretudo porque estivera apenas com moças sem experiência alguma e para as quais tudo era maravilhoso. Em mim ele sentira a mulher madura e ficou no princípio intimidado. Percebia-se nos arrepios de tensão que percorriam o seu corpo. Só a ternura desembrulharia nervos e músculos. O que fiz. E tive a paga na fúria que o tomou e em que me consumi.

Mas o medo de Said voltar e não me encontrar no hotel obrigava à brevidade desta nossa primeira descoberta. Com muitas promessas de novos encontros no mesmo sítio. Para maior segurança combinamos umas senhas para o telefone, de modo que o meu suposto marido não desconfiasse de nada. Ele era capaz de todas as violências se descobrisse o prazer que eu ia procurar enquanto ele montava os seus esquemas financeiros. Enfeitá-lo de falsos chifres podia, mas só com Ezequiel, o seu apetecido sócio de boca-de-pargo.

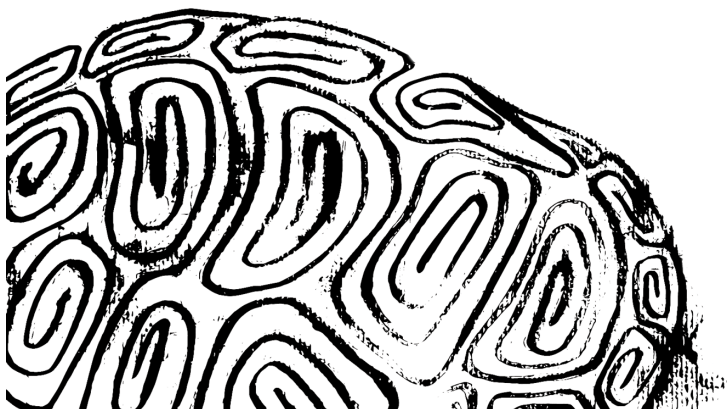
[*Desde já agradeço esta simpática narradora pelo trabalho que produziu, mas tenho de a dispensar, com a alma condoída, devo confessá-lo. A razão para a minha atitude é ponderosa. Se continuamos*

com ela, vamos provavelmente entrar pelos fabulosos haréns de sultões e califas, dignos das Mil e Uma Noites. Sabemos que esteve no Marrocos e no Egito. Daí até um califado do Golfo é só um salto, facilmente transponível pela ficção. E quem não gostaria de penetrar nos segredos de um harém, com as suas belas e vaporosas concubinas, eunucos para todos os gostos, e cimitarras camufladas em espessas almofadas? Mas perderíamos o espantoso Jaime Bunda e sua infatigável luta contra os horrendos crimes cometidos em Luanda, razão dos nossos propósitos. Há momentos na vida em que optar, por outras palavras, exercer a liberdade, é um ato doloroso. Mas necessário. Por isso convoco outro narrador.

E porque todos devem ter uma segunda oportunidade na vida e o sofrido tempo que vivemos é de proclamar paz e tolerância, darei de novo a palavra ao narrador que iniciou este relato, na esperança de que tenha aprendido com seus erros e minhas críticas. Veremos se indulgência compensa.]

LIVRO DO TERCEIRO NARRADOR

Onde se ouve uma voz parecida com a primeira, embora com os necessários acertos e infindáveis recomendações.

1

TIA SÃOZINHA FICA ADMIRADA

Jaime Bunda estava sem comer há mais de vinte e duas horas, isto é, desde o jantar de ontem. Porque não foi o parco matabicho da manhã, um pãozito rodeando um ovo mexido e um copo de leite, ou os dois sanduíches que comprou no restaurante da Ilha quando espiava o casal de árabes a almoçarem com T, ou as quatro ou cinco cervejas entretanto varridas, que podiam servir de paliativo. Comer de pé um cachorro-quente numa roulote ou uma sanduíche sentado num carro não era propriamente comer. Refeição só era mesmo quando sentado a uma mesa, com pratos e talheres e guardanapo amarrado ao pescoço. O resto são minudências, engana-parvos, canapés-de-recepções-diplomáticas, restos-em-cova-de-dente, espinha-chupada-por-gato, e mais brincadeiras de *nouvelle cuisine* que ele evidentemente desconhecia mas que aproveito para denunciar como pretenciosamente pós-modernista e imprópria para consumo.

Acompanhou o casal até casa de T e encarregou Armandinho de continuar com a espia, pois este tinha o vício de gostar de bundas mas não de comer. A propósito, Armandinho tinha desenvolvido uma teoria, na sala dos detectives e na época em que Jaime Bunda aquecia o tampo de cadeira que acabou deformada com o seu peso, a qual teoria escandalizou o estagiário. Dizia o agente apreciador de bundas que comer era realmente uma perda de tempo e dinheiro, pois muito diferentes podiam ser as coisas que se metiam pela boca, ia dar tudo no mesmo, pois merda de arroz de pato temperado com molho de framboesas não se diferencia de merda de pão velho com margarina. Então bastava comer a coisa mais rápida, sanduíche ou hambúrguer ou cachorro quente, pois ia dar tudo na mesma merda. Jaime Bunda nem ousou contestar, sentado na cadeira dos inúteis e sem palavra. Mas era a mancha negra no seu relacionamento, de resto excelente, com Armandinho. Desta vez, ficou muito contente que o outro continuasse atrás dos árabes, que ele ia jantar lautamente e tratar da vida, tinha mais que fazer. Foi pois o chamado Land-Rover dos SIG que perseguiu o casal árabe até ao restaurante e que quase foi descoberto, como descrito pela minha simpática colega no seu livro. Mas no último minuto desconfiou da desconfiança de Said. Em vez de continuar a perseguição, encostou o carro. Armandinho sorriu daí a momentos quando viu o outro, tranquilizado, voltar pela faixa interior e estacionar à frente do hotel. Árabe esperto e suspeitoso, resmungou com apreço. Observou como atravessavam a avenida para entrarem no restaurante, com Said a olhar para todos os lados. A experiência nos riscos era uma coisa bonita e Armandinho sabia apreciar os adversários competentes. Sempre dava muito mais gozo conseguir enganar um tipo qualificado do que um zero à esquerda, um tipo de pés grandes e cabeça de grão de bico.

Deixemos pois o bófia na vigília, acompanhado dos seus filosóficos considerandos, que Bunda foi postar-se à frente da casa de Florinda, depois de se empanturrar com uma feijoada na tasca de um português, dos resistentes que já tinham tasca nos anos cinquenta no bairro

Marçal e depois da independência empurraram a tasca um pouco mais para o centro da cidade. Feijoada com todos os toucinhos e orelhas de porco capazes de o fazerem esquecer as agruras da vida, ainda por cima condimentados com um litro de vinho tinto em pacote. Por isso T saiu de casa depois dos árabes com o afilhado Tozé, alegadamente para ir a um jantar, sem nenhuma vigilância, e nós ficamos sem saber que tenebrosa conspiração aproveitou preparar.

Entretanto, Jaime ouvia música do rádio do carro, arrotando ainda o jantar. De súbito lhe bateram na janela. Assustou. Julgou vislumbrar a cara de Antero Lopes, o marido de Florinda, ameaçando-o com um olho vazado a escorrer sangue. Mas era Antonino Das Corridas, quase agachado, encostado à porta da viatura. Baixou o vidro.

— Que fazes aqui, Antonino?

O outro disparou logo, eu é que vim perguntar o que estás fazer, desaparece daqui, pois, como vês, estou a trabalhar, ao que Bunda teve que responder quase lamentosamente, vinha saber. Depois do serviço executado eu te digo, agora vai, tendo Bunda ainda acrescentado uma pergunta, para quando é? Quando ele sair, mas só vai sair de manhã, o que obrigou Antonino a encher o peito para dizer da forma perfeitamente arrogante que tem todo o tipo que domina uma situação, sei muito bem disso e vamos andar atrás dele até o apanharmos a jeito, já tenho ideia onde vai ser. A menos que mude de hábitos...

— Então é amanhã.

— Positivo, meu. Depois te aviso.

Jaime Bunda fez um aceno apenas com a mão e Antonino Das Corridas voltou a confundir-se com a sombra de uma árvore. Bunda arrancou com um pensamento de apreço para Antonino, o qual levava a sério o seu trabalho. A malta do Sambila6 é assim, não brinca em serviço. Nada tinha a fazer ali e o marginal-segurança tinha razão, não devia dar a cara, sobretudo agora que estava iminente a sua desforra. Zarpou para a Vila Alice.

Teve prazer particular em estacionar o carro em frente da casa, porque viu na varanda o vulto engelhado de tia Sãozinha, como sempre a espionar a vizinhança e o que passava na rua. Velha kuribota, não tinha juízo. Deu duas aceleradelas fortes antes de desligar o motor, maneira de chamar ainda mais a atenção. Avançou pelo jardim da vivenda, com a chave do carro bem à vista na mão, e atirou um boa noite desprendido. Tinha ultrapassado a varanda, quando ouviu nas costas:

— Xê, menino.

Parou, o contrário seria falta de respeito. E ele era polícia mas não mal educado. Aprende-se nas boas famílias...

— Sim, tia?

— Esse carro foi ela que te deu?

— Ela quem? — sabia perfeitamente que a velha rabugenta se referia a Florinda, mas ignorou.

— A tua amante casada...

Ouviu a voz furiosa de tio Jeremias na sala, deixa lá o rapaz, Sãozinha. O velho assistia à novela brasileira que passava na televisão mas estava sempre atento à varanda, com um ouvido finíssimo, ouvido treinado a descobrir as traiçõezinhas que lhe preparavam

constantemente no serviço os mais novos que lhe ambicionavam o disputado lugar de chefe de departamento. Curioso era ser ele o interessado na novela, ele e Laurinha. Tia Sãozinha preferia ficar na varanda a bisbilhotar. E do seu ângulo de visão pouco tinha para ver, apenas as casas da frente, habitadas por brancos estrangeiros, depois de os donos terem alugado as vivendas para irem para apartamentos mais baratos ou mesmo para regressarem aos antigos ximbecos nos musseques, vivendo das rendas em dólares. Em tempos de fracos salários e poucos negócios, o aluguer de uma vivenda era um capital que fazia viver mais que uma família. Por isso alguns bairros do centro da cidade eram cada vez mais habitados por estrangeiros, os nacionais voltando para os musseques que tinham abandonado na altura da independência, os quais por sua vez foram substituídos nos ximbecos pelos imigrantes do campo, fugidos da guerra e da fome.

— Esse carro é do serviço, tia. Boa noite.

— Hum, estás muito importante... Já te deram carro?

— É só para um caso.

Avançou decididamente para o seu quarto nos fundos, senão a velha ainda ia perguntar por Florinda e ele não tinha outra resposta senão está a dormir com o marido. Ou a ver televisão. Ou a... Xê, nunca poderia dizer isso à velha, era falta de respeito e a ele doía muito. No fundo, no fundo, quem se sentia corno era ele, Jaime Bunda, corneado pelo legítimo marido. Isso ia acabar, hoje era a última noite que Antero passava com a mulher, palavra de Antonino Das Corridas.

— Um caso — resmungou bem nitidamente a velha zongola. — Um caso. Eu é que sei de um caso...

— Sãozinha... — ralhou tio Jeremias lá de dentro.

Mas Jaime Bunda já metia a chave na porta do cubico, sonhando com a cama. O que faria nesse momento T? A pergunta foi maquinal, não lhe ia perturbar de maneira nenhuma o sono. O que lhe fazia arder a testa mesmo era saber Florinda nos braços de Antero.

Quem dormiu bem foi Armandinho, pois deixou os árabes entrarem no Hotel Ilha de Luanda, decidiu que nada aconteceria de interessante e foi cubar. De manhã cedo estava no Alvalade à espera de T, com nova matrícula no carro. E Bunda foi postar-se, mal dormido e muito nervoso, à espera de Said dito Benselama. Assistiu à cena do árabe se chatear com a presença do Tozé na praia e mandar a mulher para o hotel. Mas do carro só dava para apreciar que a dita Malika tinha um corpo de matar de cio um rinoceronte, não se apercebendo dos dramas psicológicos vividos na areia e já relatados pela minha gentil colega. Seguiu o casal nas suas andanças, anotando todos os endereços, nomes de lojas e detalhes fisionômicos dos encontros de Said.

Não foi em conversas à hora do almoço, pois podia perder a bunda alimentando-se apenas de sanduíches. Por isso entrou atrás do casal no restaurante da Ilha e achou curioso que o árabe, pouco tempo depois, deixasse aquele portento de mulher sozinha para se sentar na mesa de um tipo alto, de fato e gravata. Tinha de ser importante. De fato Armandinho tinha razão em andar sempre com uma minúscula máquina fotográfica. Como saber quem era o tipo alto, que nós conhecemos por Bubacar, se nunca tinha aparecido na televisão? Uma foto enviada para o D.O. resolveria o problema. Mas para isso serviam os telemóveis. Depois de

encomendar o almoço, ligou para o companheiro.

— Precisava de tirar umas fotos a um tipo.

— Vou para aí — respondeu Armandinho.

— Mas e o bagre fumado?

— Duvido que saia de onde está assim de repente. Tem muito com que se ocupar, está a bater-se num restaurante contra uma repugnante jinguinga e começou agora mesmo a pitar. Espera com calma.

Jaime Bunda deu o nome do restaurante onde se encontrava e nada mais havendo a fazer, entregou-se ao que realmente interessava. Esperava-o uma suculenta muamba de galinha, acompanhada de funji que ele escolheu de milho, era o que ficava melhor com muamba, ensinamento da avó que viera do sul. Aqueles atrasados de Benguela sabem comer, lá reconheceu o kaluanda inveterado, atascando-se nos molhos amarelos da muamba. Nem tinha acabado de derrotar totalmente o primeiro prato, quando Armandinho sentou na cadeira do lado. O bófia conhecido como Land-Rover meteu o dedo indicador da mão esquerda na travessa da muamba e provou o molho. Parece boa. Jaime Bunda seguiu a cena com visível indignação, podiam fazer-lhe tudo menos roubar comida, o que estava na travessa também lhe pertencia. Não podendo dizer nada, pois o outro estava a apoiá-lo desinteressadamente no caso, mas para evitar novas familiaridades com a sua comida, pegou na travessa e atirou o resto da muamba para o prato. Agora Armandinho se quisesse que lambesse a travessa vazia, apenas com restos de molho. E se tentar meter o dedo no meu prato furo-lhe a mão com o garfo.

— O tipo que quero fotografar é o que está com o Said, esse alto.

— Já tinha reparado no tipo, é o Bubacar, um maliano — disse Armandinho. — Uma fotografia dos dois juntos é boa para provar qualquer coisa no futuro, mas para identificar o outro nem é preciso.

Pela primeira vez Bunda não ficou admirado pelos conhecimentos do colega, antes irritado. Estavam todos sempre à frente dele, parecia que sabiam tudo. Luanda era uma terriola assim tão pequena que todos se conhecessem? A irritação vinha do roubo descarado de Armandinho no molho da muamba e ia demorar a desaparecer. Por isso foi com modos algo ríspidos que disse, tira uma foto aos dois, é a prova que Said entrou no país.

O outro virou-se um pouco de lado, pôs disfarçadamente um guardanapo sobre a mão que dissimulava a máquina e fotografou algumas vezes, olhando entretanto para todos os lados. Nesse momento o árabe levantou dali e foi sentar na mesa da mulher.

— Já agora vou tirar umas fotos ao casal.

O bófia levantou-se e foi perguntar qualquer coisa ao balcão. Jaime viu que lhe serviam uma laranjada. Armandinho bebeu rapidamente, fez um sinal de despedida e desapareceu. Como conseguiu tirar ele fotos aos dois? Deve ter sido no caminho para o balcão, respondeu a si próprio Jaime Bunda. Espero que não tenha tirado apenas a pés ou às mesas, nunca apontou a máquina como deve ser. Bom, ele lá sabe o que faz. Então esse alto se chamava Bubacar? E o resto? Armandinho não contou mais nada nem ele perguntou. Sempre podia telefonar para o móvel do colega a pedir mais esclarecimentos. Foi o que fez quando acabou com a muamba. O agente também fotógrafo teve o maior prazer de o informar que o Bubacar era maliano e já

tinha merecido o interesse dos SIG, pois se desconfiava que o seu armazém situado nos altos da Boavista podia servir para outras atividades que não apenas a venda de cerveja importada e de outros produtos de muito consumo. Mas até agora não se tinha apanhado o dito cujo com a boca na botija. Que ele morava no bairro Mártires de Kifangondo, perto do aeroporto, onde vivia uma grande comunidade de emigrantes da África Ocidental, à volta da mesquita construída com capitais dos próprios. Terminou dizendo que o inquérito de Jaime estava a levantar muitas perdizes e só podia humildemente felicitá-lo pelo faro que revelava. Bunda ficou totalmente reconciliado com ele, esquecendo o lamentável episódio da muamba.

Da sua mesa viu o dito Bubacar levantar-se e partir, sem um olhar para a mesa do casal. E este mais tarde levantou também. Já tinha pago a conta, lição primeira do manual do bom bófia, estar sempre pronto a bazar. Por isso deixou o casal sair e só depois de alguns instantes os seguiu. Atravessaram a avenida e entraram no hotel, o que ele já previra. Vão dormir a sesta, este calorzinho só convida a isto. E eu vou pôr o carro já em posição, para os seguir. Foi dar a volta à rotunda, parou bem antes da porta do hotel, puxou o banco todo para trás e ficou a dormitar. Caramba, neste momento é que gostaria de ter aqui o Bernardo, ele vigiava ao volante e eu cochilava, que aquela muamba estava pesada. Cochilou mesmo, apesar do incômodo da posição. Mas acordou a tempo de ver o árabe entrar para o carro, era o seu dia de sorte. E arrancou atrás dele, perdendo talvez a cena melhor, a de Malika ir à praia procurar Tozé e arrastá-lo para o motel. O D.O. teria gostado de saber que a bailarina recusava o boca-de-pargo, como ela chamava ao bagre fumado, (tudo linguagem da pesca, mas vamos fazer mais como, se a estória começou na Ilha de Luanda?). O picante era o fato de a bailarina recusar o bagre mas não desdenhar do jovem protegido dele. Mas se nem sequer Bunda conhece esses pormenores, como pode o D.O. divertir-se com eles?

A perseguição até ao alto da Boavista levou-o a passar ao lado do Roque Santeiro, sempre atulhado de gente lá dentro e atulhado de carros cá fora. Reconheceu a barraca da Confia, com o seu letreiro mal pintado, e lembrou pela milésima vez nesse dia o Antonino Das Corridas. Já devia ter feito o serviço. Agora não dava para o contatar, senão perdia o perseguido. Ontem à noite podia ter dado o número do telefone móvel ao Antonino, mas ele queria despachar-me com o seu zelo profissional e nem me lembrei. Não havia outra forma, logo que tivesse uma oportunidade passaria aqui no Roque para saber. Mas eram muitas horas de angústia à espera da informação que tinha livre o caminho até Florinda.

De repente o carro do Said parou à frente do portão de um armazém. E logo apareceu o mesmo Bubacar e entraram por uma portinhola lateral. Havia uma bicha de gente à frente do portão grande. Mandava as regras que estacionasse o carro longe e ficasse atento. Jaime Bunda assim fez. Toda a tarde ficou a ver as pessoas a entrarem pelo portão grande enquanto outras saíam transportando grades de cerveja ou embrulhos diversos. Parecia que só vendiam bebidas e objetos de plástico, baldes, banheiras e penicos. Supôs estar enganado, penicos? Eram penicos, sim, senhor, e de vários tamanhos e cores. Pelos vistos, tinham muita procura. Às tantas já estava farto de observar a bicha que nunca diminuía, pois ia chegando sempre gente. De quando em vez, um dos chegados entrava pela portinhola lateral. E um veio de carro, cuja matrícula foi prestemente anotada por Bunda. Este tinha aspecto de estrangeiro, alto como Bubacar e vestindo um bubu amplo à moda da África Ocidental. Saiu muito tempo

depois e desapareceu com o carro. Os dois comparsas nunca mais se despachavam e Jaime não podia dar um salto até à barraca do Roque Santeiro para saber o resultado da operação. Com o avançar da tarde, o nervosismo aumentava. Pois se fosse muito tarde não arriscaria parar no Roque. Nem estaria já o Antonino na sede da Confia. Quando o maliano e o libanês apareceram de novo na porta do armazém, Jaime Bunda já tinha amaldiçoado todos os muçulmanos do mundo que deviam ter entretanto rezado de bundas para o ar pelo menos uma vez. Era quase noite e ele teve de acompanhar Said no caminho de regresso. O trânsito era muito intenso à frente do mercado, onde só havia gente nos restaurantes e nas casas de putas. Estava tudo na rua, juntando-se aos carros que entravam na cidade vindos do norte. Uma balbúrdia perfeita. Claro que a barraca da Confia estava apagada. E não sabia como procurar Antonino à noite. Solução óbvia, teria de esperar pelo dia seguinte. Roendo os dedos pois já não tinha unhas.

Foi nesse momento que tocou o telefone. Atrapalhou-se um pouco, pois tentava desviar de um buraco na estrada pejada de gente a pé e de carros, mas conseguiu atender. Grata surpresa, era o primo D.O. Queria encontrá-lo às oito da noite num bar da Ilha. Jaime prometeu estar, ia fazer mais como? No entanto o encontro criava um problema, pois deveria abandonar momentaneamente a vigilância sobre Said. Por feliz acaso, este foi mesmo para a Ilha e não saiu do hotel até às oito. Esperemos que vá jantar ao restaurante da frente, que parece ser o único conhecido pelo casal, assim terei tempo de falar com o parente e apanhá-lo ainda aqui para a sobremesa.

O D.O., que entretanto já recebera as fotos enviadas por Armandinho (como conseguia o outro fazer tantas coisas ao mesmo tempo, sem largar a perseguição a T?), confirmava as identidades de Said e de Bubacar. A mulher não era conhecida e ia mandar investigar no Médio Oriente, mas sem grandes esperanças, havia poucos contatos nessa região. Será necessário relembrar aos leitores que nem Jaime nem o D.O. sabem ainda que Malika é argelina? Talvez fosse mais fácil para ele procurar referências no Norte de África que no Médio Oriente, pelo menos era o mesmo continente, mas o inimaginável Jaime Bunda só descobrirá mais tarde a identidade da bailarina, profissão da mulher que ele aliás também desconhecia, só que era boa como milho, para utilizar uma expressão sexista já considerada clássica nestes tempos de confusão entre sexo e gênero.

Depois de o estagiário lhe contar o que fizera à tarde, convenhamos que com muito pouco proveito, o D.O. fez uma confidência política da mais alta importância:

— Volta a falar-se na nomeação do bagre fumado para a chefia dos SIG. Já viste o desastre? Temos de o desmascarar antes disso. É vital saber qual é o negócio que une o bagre, o Said e certamente o Bubacar. Mesmo que não haja certezas, apenas uma indicação forte. Bastaria para eu fazer chegar uma informação ao chefe do Bunker. Se por acaso ele tem a intenção de o propor para os SIG, parará logo, não é nada parvo. Terá de esperar para aguardar o resultado do inquérito.

— Estou a fazer o máximo.

— Sei. Mas tens de fazer ainda mais. Tenho aqui o resumo da biografia desse senhor. Penso ser útil que conheças. Se quiseres depois a biografia completa, podes consultá-la. Vai estimular-te certamente.

O primo nem lhe ofereceu uma bebida. Mandou o parente estagiário avançar para o posto de observação ali próximo. Possas, aquele uísque que o D.O. bebia no bar devia ser um 15 anos dos bons. E ele, cheio de sede, ficou a ver o outro bebericar com agrado, falando baixinho e olhando em volta. Foi ao restaurante habitual mas não encontrou lá os dois árabes. E o carro de Said não estava no lugar onde o deixara. Perdi-os, ora sukuama. Só podem ter ido a outro restaurante, para variar, ou então foram mesmo tratar de assuntos importantes, mas agora não posso fazer nada. Se alguém tem culpa, é o D.O. que marcou o encontro para uma hora decisiva. E nem me ofereceu um uísque... Por isso foi ao balcão, encomendou um sanduíche e uma cerveja e foi para o carro comer e ler o papel que lhe fora entregue. O casal haveria de voltar.

A biografia de T começava com o nome e a data de nascimento, nesta cidade de Luanda, aos 2 de Novembro de 1950, Dia de Finados, pertencendo pois ao prestigiado signo do Escorpião (preciosismo que revelava a importância atribuída pelo bófia que fizera o relatório às datas e às estrelas; seria Armandinho?), tendo feito a escola primária no bairro Rangel onde vivia a família. O elemento é de mãe malanjina e pai de Catete, mas nunca aprendeu a língua kimbundo em casa, pois os pais eram dos que consideravam que só falando a língua dos brancos poderia ser alguém na vida, alienação que se espalhou pelas novas gerações. Com o propósito de fazerem do filho alguém acima dos seus compatriotas, conseguiram mais tarde que se matriculasse no Liceu Salvador Correia, onde a elite angolana, com o saudoso Agostinho Neto à cabeça, se tinha formado, apesar de todas as barreiras erguidas pelo sanguinário poder colonial. Por ter entrado no Liceu bem depois do glorioso 4 de Fevereiro, onde os heróis quebraram as algemas, iniciando a heroica e vitoriosa luta de libertação nacional, os colonialistas punham menos dificuldades ao estudo dos angolanos no Liceu, procurando aliciar a elite para os seus nefandos propósitos. Assim é que o elemento foi convidado pelo reitor do Liceu a denunciar todos os colegas que tivessem ideias de independência na cabeça, segundo testemunhos recolhidos e devidamente apresentados nos apêndices 12 e 13. Não existem provas objetivas de que o elemento tenha cedido às solicitações do reitor, mas alguns colegas recordam ainda a estranheza de o verem passar em História e Matemática, quando tudo apontava para zeros, coincidentemente com a prisão pela polícia política de três nacionalistas convictos, acusados de terem feito circular pelo Liceu um panfleto do MPLA incitando as massas populares à luta intransigente pela independência. Mais tarde o elemento também foi favorecido com uma mudança de nota na pauta, que estava nitidamente rasurada a seu favor, tendo aprovado a Geografia quando sempre confundiu o nome dos continentes, como o fazem habitualmente os cidadãos norte-americanos, o que é justo se bem que lamentável dizer vista a estima que os nossos Serviços lhes votam. Terminado o Liceu muito tarde, mesmo com os habituais apoios das autoridades acadêmicas, o elemento foi integrado na Secretaria de Educação, admitido sem concurso público como era de norma. No que alguns colegas perceberam o braço protetor da polícia política, da qual era indubitavelmente informador. Mais se salienta ter sido dispensado do serviço militar, escapando assim da guerra onde os colonialistas astutos e sem escrúpulos punham os angolanos a combater entre si para melhor reinarem. Infelizmente nunca tivemos acesso aos ficheiros da polícia portuguesa, mas quem os consultou e fez constar no documento 18,

carimbado de ultrassecreto, garante a certeza da denúncia. Depois do 25 de Abril de 1974 em Portugal e o início do processo de descolonização, o elemento apareceu no Rangel proclamando a existência dos Comitês de Salvação do Homem Negro (CSHN), apoiado pelos amigos Binho e Vito, um conhecido drogado e o outro chulo da quitata Esmeraldina do Bairro Operário, a qual é muito conhecida por ter iniciado nas práticas sexuais, hoje ditas genéricas, a juventude de Luanda que frequentava a próxima igreja de S. Paulo, estando os dois amigalhaços em parte incerta em Portugal desde a independência. Não se conhece ação nenhuma desses CSHN, senão a divulgação da sua existência, onde apregoavam a defesa dos angolanos contra o revanchismo colonial, antes de o MPLA se instalar definitivamente, e rezamos para que eternamente, no inconquistável Rangel. Quando o Movimento oficialmente mudou para a capital, em Novembro de 1974, o elemento começou a frequentar a sede, que estava precisamente no Rangel. E aí foi ficando, até ser integrado. Passou a ser conhecido como o "macaco dos comícios", pois se postava sempre na primeira fila, bem de frente para os dirigentes, pulando mais que todos a gritar as palavras de ordem e a aplaudir os discursos, o que lhe granjeou alguma simpatia por parte de certos responsáveis mais sensíveis a adulações e louvaminhas do que ao espírito verdadeiramente militante e científico. Graças a esses apoios, foi integrado no Departamento de Acção de Massas, o espantoso laboratório onde tantos quadros foram formados na prática e onde ele aprendeu a preparar a segurança para os comícios e a encomendar comidas e bebidas aos simpatizantes para alegrarem as recepções a dirigentes que visitavam algum empreendimento do bairro. Mais tarde promovido a ações a nível da província, o elemento deve ter conseguido enganar, com a sua reconhecida manha e língua doce, algum mentor menos avisado que o recrutou para o Bunker, onde realizava a única coisa que sabia fazer, pular nos comícios agora orientando as palavras de ordem, e recepções com beberetes e comeretes para responsáveis. Foi o introdutor das comiceiras na nossa prática política, sendo quase inútil explicar que por comiceiras se designam as meninas recrutadas para acompanhar os dirigentes nos comícios, indicando-lhes os lugares onde devem sentar, e continuam a acompanhá-los para lá dos comícios, servindo-lhes os pratos nos banquetes e continuam para lá dos banquetes, indicando-lhes os quartos onde se devem recolher para as sestas, não sendo do interesse de ninguém saber se nelas também os continuam a acompanhar. Chegado ao Bunker, logo foi indigitado para a seção de mobilização estratégica pelo prófugo Ricardo Antunes, esse mau elemento que conseguiu infiltrar-se na organização para depois fugir para Portugal, quando nasceram suspeitas sobre ele ser agente dos sul-africanos adeptos do apartheid. Na mobilização estratégica, o seu trabalho consistia em controlar grupos de jovens que eram constituídos para preencherem tempos livres. Durante algum tempo o elemento preparou excursões de estudantes, almoços de confraternização, sessões musicais e mesmo acontecimentos desportivos, para o que devemos reconhecer talentos especiais. Estes grupos contribuem, como se sabe, a apoiar os organismos do Estado vocacionados para mobilizar patrioticamente a juventude com o fito de manter a ordem estabelecida, a única que pode levar-nos para o futuro radioso há muito prometido e ainda não atingido por ação dos contrarrevolucionários ontem considerados contra o socialismo e hoje contra a democracia. Não demorou muito para que, esquecidas talvez as desconfianças que alguns responsáveis do Bunker lhe votavam, o elemento merecer uma

promoção, passando a planificar e a distribuir as verbas necessárias para a organização dessas atividades mobilizadoras, geralmente de conteúdo turístico. E aqui de novo começaram a surgir indícios que revelam a turva personalidade do cidadão em causa, pois vozes segredaram críticas aos benefícios exagerados atribuídos a determinados grupos em detrimento de outros talvez mais úteis. Chegou a pedir-se que os critérios de atribuição das verbas fossem uniformes e conhecidos de todos, mas o caso foi abafado e as vozes que tinham levantado as questões ficaram estranhamente mudas em seguida. Também aquelas que denunciaram sinecuras conseguidas pelo elemento no aparelho de Estado para alguns jovens dirigentes foram rapidamente abafadas, havendo mesmo suspeitas que o misterioso desaparecimento do jovem Adelino Amaro, uma esperança da vida política nacional, esteja relacionado com o discurso que proferiu numa reunião, protestando com o fato de não ter feito parte dos candidatos a deputado nas listas do Partido por não aceitar os ditames do citado elemento na organização dos célebres piqueniques na Quissama, onde alguns jovens levavam armas para caçar animais dentro do Parque Nacional, praticando assim um crime contra a ecologia e sujando o sagrado nome do Partido. Quando alguns patriotas, dentro do Bunker, se preparavam para afastar definitivamente o elemento, através das práticas habituais neste gênero de Serviços, foram absolutamente surpreendidos com a sua nomeação para conselheiro, o que na prática desconhecemos que funções significam. Entretanto começaram a surgir suspeitas de manobras de bastidores que o elemento terá utilizado para pressionar dois ministros a aceitarem uma proposta escandalosa de compra de fechaduras enchendo dez contentores e que se descobriu depois não terem chave nem sítio onde as meter; idem no caso do vinho falsificado, feito a partir de borras de uvas e álcool industrial misturado com água; idem na privatização gratuita do centro de ultracongelados que ficou para um amigo seu, tendo o Estado pago ainda um subsídio volumoso para pôr a funcionar o complexo, o qual sempre funcionara bem antes da privatização; idem nos aviários de criação de galinhas sem patas nem cabeça, as quais desconseguiram de se reproduzir, apesar do enorme investimento feito pelo Estado, não sei se por falta da cabeça ou por falta das patas. Como indicam os anexos 24, 25 e 26, são inúmeras as suspeitas dos nossos homens sobre negócios ilícitos e sobretudo negócios ruinosos em que o elemento consegue fazer o Estado participar, usando do seu tráfico de influências. Na sequência desta prática escandalosa apontam-se algumas propriedades ao imprestável cidadão, embora oficialmente estejam em nome de outras pessoas. Assim, fala-se de uma mansão com três piscinas na Sicília e de um rancho de reprodução de palancas negras na África do Sul, de ações em empresas multinacionais de petróleo e medicamentos. Finalmente, de notar que na época em que o país seguia uma política coerente de socialismo científico e combate à reação internacional, o elemento recebeu um diploma de sócio honorário da Liga dos Periquitos do Chile, governado na altura pelo ignóbil general Pinochet.

O documento não tinha qualquer assinatura nem vinha em papel timbrado. Também não estava acompanhado dos apêndices citados, os quais provavelmente fariam parte da biografia completa que ele podia consultar. Rejeitou imediatamente a oferta, já estava suficientemente assustado. Se T fosse para a chefia dos SIG, o primo D.O. podia dizer adeus a tudo, pois iria parar a um campo de concentração. E ele? T já o tinha ameaçado, embora veladamente.

Estremeceu de horror. O parente estava com toda a razão, era preciso arrumar de vez a sinistra personagem, suspeito dos piores crimes. Ligou para Armandinho, informando-o que tinha perdido o casal, por acaso estariam na casa do bagre fumado? Nem sombra deles, o bagre estava aparentemente sozinho em casa, certamente se preparando para sair, como geralmente acontecia à noite. Devem ter ido a outro restaurante, decidiu o estagiário. Ia passar a noite no carro, cheio de fome, mas tinha de ficar à espera que voltassem. E rezando para que a essa hora Florinda estivesse a fazer a mala do marido, assustadíssimo, uma perna sabiamente partida, tentando fugir para o estrangeiro.

---

[6] Nome popular do bairro Sambizanga, onde nasceram Jaime, Antonino e Florinda.

2

AFINAL PERCEBEMOS DE ONDE VEM AQUELA BUNDA, NEM TUDO SÃO MISTÉRIOS

Jaime Bunda levantou-se de péssimo humor. Não por falta de sono, ou pelo menos de horas passadas na cama, pois o casal árabe chegou relativamente cedo ao hotel, com aspecto de quem foi mesmo jantar fora e não degolou muita gente entretanto. Regressou pois a casa a horas decentes, encontrando ainda tia Sãozinha na varanda. O pior foi depois. Amaldiçoa hoje o mosquito que não parava de fazer voos picados sobre a sua cabeça e de vez em quando lhe ferroava um ombro nu. Mas visita de mosquitos tinha ele todas as noites e nem reparava. A insônia era derivada dos dois assuntos que lhe trabalhavam a cabeça: não saber o resultado da operação comando contra Antero kamanguista e o muito medo que lhe inspirava a provável nomeação de T para chefiar os SIG. Não sabia se o país ficava melhor servido, pois o atual Diretor-geral pouco se mostrava e ele não estava evidentemente posicionado para poder julgar sobre competências bóficas. Mas o poder que T tivesse nas mãos serviria para o esmagar como a um mosquito, como ele gostaria de fazer ao bicharoco que sobrevoava os seus pensamentos. Nessa altura acendeu pela primeira vez a luz, mas o inseto voador fez umas fintas de futebol misturadas com *faenas* tauromáquicas, até Bunda se cansar, o que era rápido de acontecer, pois sabemos que nunca se dedicou muito a esses desportos. Deitou de novo, distraído em pensamentos de aviões de caça, mosquitos e outras peças voadoras. Quando estava quase a adormecer, de novo veio o pensamento terrífico de ter de explicar ao futuro chefe dos SIG porque andava a persegui-lo. E de novo o mosquito. E Florinda chorando a perda do marido, quando devia ficar feliz por se livrar dele e se entregar inteiramente a Jaime. E acendeu a luz e tentou umas palmadas na parede, agora com um sapato. Ficaram as marcas das solas sujas na parede relativamente branca, mas o mosquito continuava quietinho num canto mais sombrio, pronto para zumbir quando o escuro voltasse. O que acabou por acontecer. A meio da noite, uma dor de barriga muito forte fê-lo correr para a sanita no quarto ao lado. Nem encontrou os sapatos, saltou da cama e correu no escuro, descalço. Obviamente que um dos pés descalços pisou em qualquer coisa mole e gelada, que ele interpretou logo como sendo uma cobra. Mas conseguiu chegar até ao quartinho do lado. Sentado na sanita sentiu de repente um frio invadir-lhe o ventre. E percebeu que a dor de barriga não tinha nada a ver com intestinos e não exigia sanita nenhuma. Fora apenas uma inesperada ideia que lhe tinha revirado a tripa. De fato andava a vigiar os suspeitos, ele e Armandinho, e depois deixava-os dormir. Como se os criminosos dormissem as noites todas como anjinhos. Como se os criminosos não se levantassem pé ante pé à noite para irem cometer os seus desmandos. Foi essa lembrança que lhe provocou a descomunal dor de barriga. E não dormiu mais, bastava cochilar um pouco para logo acordar ou com o mosquito ou com fatídicos pensamentos. Ou

com a preocupação de saber se cobra que não pica quando é pisada é sinal de desgraça maior ou não. O seu mundo foi abalado, pela primeira vez na vida sentiu algumas dúvidas sobre o que aprendera nos livros policiais. Na realidade, as coisas não estavam a correr da mesma maneira. Nos livros, bastava o detetive ficar umas horas a vigiar o suspeito que logo a ação estourava como pipocas em panela de alumínio. Um só detetive. Aqui não, era preciso um batalhão de tipos para vigiarem todos os gestos e momentos. E não acontecia nada.

Foram sobretudo estes pensamentos que o puseram de mau humor. Depois de se lavar e preparar o matabicho, telefonou para o D.O. Que se lixe se ainda está a dormir! De qualquer modo, o parente perdia mais do que ele com a promoção de T, portanto que também fizesse sacrifícios. E foi com voz bem mais firme que habitualmente que se dirigiu ao primo, quando este respondeu no móvel. E explicou que podiam estar a perder parte das informações por não poderem vigiar os suspeitos toda a noite. O D.O. primeiro resmungou que não tinha homens e meios, mas depois disse que ele tinha razão, ia providenciar quando chegasse ao serviço. E, de fato, estava ainda Jaime Bunda na Ilha à espera de Said, que se devia banquetear com o soberbo bufê do hotel, quando o chefe telefonou a dizer que seguiam para junto dele dois tipos, com dois carros e dois telemóveis, à sua disposição. Assim é que era falar e Jaime felicitou-o, confundindo os papéis respectivos. O outro deixou passar a excessiva familiaridade, mas disse, olha, com o Ramiro podes contar em todas as ocasiões e para tudo, é de confiança. Já o mesmo não posso dizer do Pica-Chouriços, Pica-Chouriços, chefe? Exato, Pica-Chouriços, foi apanhado a roubar chouriços numa loja do musseque quando era miúdo e a alcunha pegou. Depois adotou isso como nome de guerra, naquela altura em que todos usavam alcunha, era revolucionário, mesmo os que só tinham feito guerra de galinha, conheces, a de roubar galinha no vizinho e saltar o muro. Mas não é por isso que deves desconfiar dele. Não sei se manterá segredo se souber que vigiamos o bagre fumado. Pode alinhar na cambada do Chiquinho Vieira, embora nem ele nem o Ramiro sejam dos SIG. Foi o que se conseguiu arranjar assim tão de repente. Por isso é melhor que o ponhas a vigiar os estrangeiros. E diz ao Ramiro e ao Armandinho para fazerem equipe e não informarem o Pica-Chouriços de nada, mas não se preocupe, chefe, se eles formam uma equipe os dois, só eu contatarei o Pica-Chouriços.

O Ramiro era vesgo e baixo, o Pica-Chouriços era alto e nada vesgo, mas só olhava de lado. Jaime Bunda explicou a Ramiro o sítio onde se encontrava Armandinho e mandou-o lá. Entretanto telefonaria a explicar o que isso significava. E já que tinha um adjunto à disposição, disse-lhe para seguir aquele carro, mostrando o veículo de Said, não o largues nem que morras, e anota todos os endereços aonde ele vai e vê se reconheces pessoas com quem ele fala, que eu tenho outro assunto urgente a resolver. Trocaram os números dos telemóveis e o estagiário, promovido agora a chefe de equipe, foi resolver os assuntos fundamentais que o preocupavam mais, isto é, foi tentar encontrar o Antonino Das Corridas no Roque Santeiro. Mas a agência estava fechada. E uma senhora vendendo micates ali ao lado foi logo dizendo, o senhor Antonino não está, não veio abrir o escritório, o que pareceu um exagero a Bunda chamar escritório àquele ximbeco de um só quarto numa casa de pau a pique, de escritório tem apenas dois letreiros, um maior virado para a rua e o outro virado para o mercado. Possas, a operação deve ter sido ontem de manhã, faz umas vinte e quatro horas. Sucedeu qualquer

coisa e ele adiou para hoje? Pode ser. Se culpou de preguiça por na véspera à noite, depois de os árabes terem voltado para o hotel, não ter passado na casa de Florinda. O Antonino ia bravar por estar a descumprir as regras conspirativas que mandam que o mandante não se aproxime do mandado próximo do local do crime, mas ao menos já saberia a razão do atraso. Telefonou para Pica-Chouriços, vou demorar mais do que o previsto, o homem já se manifestou por aí? Ao que respondeu um entusiasta bófia, mas que portento, chefe, aquilo é que é mulher, ela foi para a praia, saiu do hotel já despidinha e tudo, o tipo arrancou no carro, vou atrás dele, pena que o chefe disse para eu seguir o automóvel, seria melhor controlar a mboa. Jaime Bunda fez valer os seus novíssimos galões de chefe e pregou-lhe uma lição de moral, serviço é serviço, segue o homem e anota tudo o que ele faz, ouviu bem? Gostou da sua voz autoritária, mas foi forçado a reconhecer que o Pica-Chouriços apesar de olhar de lado descortinara com muita perspicácia as arabescas formas da bailarina.

Jaime fez o que via nos filmes. Meteu uma nota de Kwanza na mão da vendedora de micates e lhe disse para avisar o Antonino que ele voltava já, que esperasse. E lhe digo um nome?, perguntou ela, o que não valia a pena, só que sou um cliente. E partiu para a zona dos restaurantes, onde, embora fosse muito cedo, já se grelhavam frangos. Voltou meia hora depois mas não havia traços de Antonino Das Corridas. Foi perguntando à micateira se só Antonino atendia no escritório, o que ela confirmou, na sede da Confia nunca se via mais ninguém, nem uma mulher para varrer o chão, mas porque ele não lhe comprava uns micates, tinha cara de estar com fome. Bunda não gostou da observação pois tinha acabado de derrotar um churrasco de galinha, por medida preventiva, sabia lá a que horas poderia almoçar. Por força deste complicadíssimo caso, que começou com o assassinato de uma catorzinha e que toda a gente provavelmente já esquecera, Bunda se tinha metido numa vida muito agitada, ele que sempre fora amante de rotinas. E micate não comia. Sabia lá com que óleo fritavam elas os doces. Há muitos anos, gente morreu. A polícia descobriu que os micates que tinham ingerido foram fritos em óleo de carro usado, foi pelo menos o anunciado. Ainda ele morava no Sambizanga com os pais, os quais lhe proibiram de voltar a tocar em tal tipo de doce. E ele até hoje respeitava a proibição. A propósito, podia dar um salto à casa da mãe, agora que tinha um carro para mostrar. Repetiu as recomendações à vendedora, voltou para o carro e se meteu pelos becos do Sambizanga. Deixou o carro num resto de largo, agora quase inteiramente ocupado por casas construídas sem autorização nem planeamento. E avançou a pé por estreitos caminhos, rodeado de um bando de miúdos pedindo-lhe dinheiro para comprar pão. Xê, deixa tio Jaime, lhes gritou enxotando um rapaz de uns doze anos, que logo se colou a ele. Bunda tinha tantos irmãos e irmãs que primeiro supôs que o rapaz fosse filho de um deles, crescido entretanto no seu desconhecimento. Mas depois reparou que não, era filho de um vizinho. E claro, filho de vizinho era sobrinho, cultura de Luanda. Como o era filho de amigo ou filho de irmão, tanto fazia. Foi perguntando pelas pessoas do bairro e recebendo as respostas, até que chegou à casa onde nascera. Um sobrinho, esse verdadeiro, viu-o chegar e entrou a correr em casa, gritando é tio Jaime, é tio Jaime. Logo apareceu a mãe de Bunda, limpando as mãos no avental, pois já estava em trabalhos de cozinha. Por ela se percebia onde o filho tinha puxado: a senhora mandava um valente traseiro, largo e calmo, saliente em colinas para todos os lados, isto anotado com a máxima deferência e discrição, pois é uma

viúva de muito respeito que pariu oito filhos. Que me compreendam bem, sou pessoa respeitadora e que não olha com maus pensamentos para bunda alheia, mesmo se vaga por viuvez e assente numa senhora de certa idade. Mas que não escapa ao olhar mais inadvertido, nisso temos de convir. E como dizia muito Jaime Bunda no princípio deste relato e ultimamente não lhe temos dado oportunidade, *in vino veritas*, o que para ele quer dizer, venho sempre à verdade.

A casa modesta de adobe e a cair aos bocados era apesar de tudo das maiores daquela zona, pois tinha três quartos e um pequeno quintal, com um muro constituído por chapas de zinco, tábuas e arame farpado. No quintal imperava a indispensável mandioqueira, tão velha que virara árvore de tronco nodoso. À sua sombra se cozinhava e comia. Do outro lado do quintal havia uma latrina, que era apenas uma fossa cavada no chão, tapada à volta por entrançado de caniços e sem cobertura. Os quartos serviam para se dormir e guardar coisas. A vida social se passava no quintal, onde também lavavam roupa. Como sempre, estava limpo, molhado e varrido várias vezes ao dia, de tal forma que já não tinha areia, a terra vermelha batida mais parecendo tijoleira. Foi naquele quintal, sentado à mesinha das refeições, que Bunda estudou as lições enquanto frequentou a escola. Olhou para aquilo tudo sem saudade, no fundo era o único dos irmãos que conseguira sair do musseque e viver em casa definitiva no centro da cidade, mesmo se num anexo para criado do colono. Graças à bondade do tio Jeremias.

Depois dos cumprimentos, estendeu umas notas à mãe, não é muito mas dá para algumas despesas e ela logo guardou o dinheiro na blusa e se queixou da vida, tão difícil, nesta terra nada cresce, nada avança, só os preços. Tu que sabes, diz uma coisa, filho, o governo não vê como estamos? Pergunta comprometedora para um bófia que tinha de zelar pelo bom nome do governo, mas vai melhorar, mãe, vai melhorar, os responsáveis estão a trabalhar, ia dizer mais como? No fundo, no fundo, a mãe estava a repetir o choradinho dos jornais que o colega Honório examinava à lupa e com luvas. A mãe de um detetive estagiário dos Serviços de Informações Gerais não devia dizer o mesmo que esses pasquins desqualificados, ficava mal. Mas Jaime não tinha coragem de chamar a atenção da mãe, nem a dos irmãos ou cunhados, os quais falavam o que queriam, sem se importarem com a sua delicada posição. Só uma vez ousara dizer, não falem muito alto, por favor, ainda posso ter problemas no serviço, mas eles riram, o que dizemos não é novidade para ninguém e agora há democracia, então é para falarmos mesmo. O Gégé sobretudo, que estava agora com vinte anos e em riscos de ir para a tropa, era o mais agressivo. Da última vez que Jaime tinha visitado a mãe ele foi muito claro. Se for incorporado, não me apresento. Fico aqui no bairro, quem vem me buscar? Na tropa não vou, na guerra ainda menos. Que vão primeiro os filhos dos ministros, dos generais, dos empresários... Esses que quando chegam na idade de dar o nome para a tropa vão logo estudar para o estrangeiro e escapam sempre. Já perdemos um irmão na guerra, chega. Nós, os que não temos pais que nos arranjam bolsas de estudo para fora, é que morremos ou ficamos mutilados. E depois nos dizem para irmos pedir esmola nas ruas, porque nem pensões para mutilados pagam. Com efeito, todos os irmãos tinham feito a guerra, e o Anacleto morreu num combate, dez anos atrás. Só Jaime tinha escapado do exército, aproveitando um período de vários anos em que não houve incorporação militar, por causa dos acordos de paz e a

consequente reestruturação das Forças Armadas, que não tinham mais lugar para novos recrutas. Quando de novo a guerra rebentou, já havia muitos jovens para serem chamados e não arregimentaram os da idade dele. Mesmo à justa...

O Gégé devia andar metido nalgum partido da oposição, embora nunca o tivesse afirmado. Nem Bunda ousava perguntar. Mas a conversa dele era mais militante que a dos outros irmãos. Estes só se queixavam, mas de forma algo temerosa. E eram precisas
algumas cervejas para levantarem mais a voz. Já o Gégé, que nunca provara álcool, aquecia logo e era de fato sempre ele o motor da discussão. Até brincou uma vez com um ditado, o que fez todas as pessoas da família menos Jaime rirem até se atirarem no chão com dores de barriga. Explicou Gégé, há o ditado que diz: "quem parte e reparte e não fica com a melhor parte ou é burro ou não tem arte". Aqui, nesta terra da ganância, quem parte não reparte porque fica com toda a parte. É ou não é? Gégé é de certeza um subversivo, só espero que não me arranje mais problemas.

Felizmente apenas a mãe e uma cunhada estavam em casa. Dos que moravam ali, um irmão trabalhava no porto, e uma irmã era professora numa escola no bairro, ambos casados e com filhos. E o Gégé, solteiro, que fez um curso médio de jornalismo mas ainda não conseguira emprego. Vendia rádios ou pequenos produtos elétricos pelas ruas. Comprava as mercadorias no Roque ou nos armazéns da Boavista e passava o dia no cruzamento de duas ruas importantes, mais cinquenta outros desempregados, abordando os motoristas dos carros que paravam no semáforo. Essa impossibilidade de arranjar um emprego onde aplicasse os conhecimentos adquiridos no curso ainda mais o revoltava. Cada casal dormia com os filhos num quarto, o terceiro quarto sendo para a mãe e Gégé. Na casa de três quartos dormiam exatamente treze pessoas, o que fazia dela uma das residências menos congestionadas do bairro. Por isso Jaime tinha de reconhecer que era um privilegiado ao ter podido abandonar o Sambizanga. Os outros irmãos viviam nos seus próprios ximbecos, quase todos no bairro, e só em momentos especiais a família toda se reunia no quintal da mãe. Um aniversário, um batizado ou casamento, o Natal, o Dia da Independência e o dia de Nossa Senhora de Fátima, imposição da mãe, que sempre foi muito devota da santa.

O sobrinho que avisara da sua chegada já tinha entretanto recebido o mujimbo dos que estavam na rua e veio dar a novidade à mãe e à avó, tio Jaime tem um carro bué fixe, o que causou o espanto natural nas duas mulheres, que fez Jaime imediatamente esclarecer, não é meu, é do serviço e vai já avisar os teus amigos aí fora para tomarem conta dele, não deixem ninguém lhe tocar, o que o sobrinho cumpriu com zelo, saindo a gritar, ninguém méxiéé no carro do meu tio éé.

Jaime Bunda só ficou na casa da mãe o tempo suficiente para ouvir as notícias da família, as quais não traziam novidades, e as habituais queixas sobre a situação que não era paz nem guerra, mas em que morria muita gente, uma guerra de fraca intensidade, limitou-se ele a esclarecer usando a expressão técnica debitada pelo discurso oficial. Não, que não ficava para o almoço, tinha umas diligências a executar, foi só um saltinho para ver como vocês estão, o dever chama. E com esta afirmação patriótica e absolutamente falsa, como veremos em seguida, se despediu da mãe e da cunhada e foi pela ruela se despedindo das vizinhas que entretanto já sabiam, o Jaimito agora não andava mais de candongueiro, tinha o seu próprio

carro de serviço, era diretor ou quê, em todo caso estava a mandar bué. Acalentado pelo orgulho da sua gente, deu duas aceleradelas que mereceram as palmas dos miúdos que rodeavam o carro. E partiu aclamado como um novo herói. Também o seria, provavelmente até com mais entusiasmo, se o carro tivesse sido roubado.

Voltou à barraca vazia da Confia para receber a mesma notícia, o segurança não apareceu. Tinha deixado o automóvel do outro lado da estrada e para lá voltou, decidido a esperar pela volta do outro, caramba, aquele tinha de se manifestar de alguma maneira. Chegou a hora do almoço e foi ao restaurante mesmo por trás da Confia, o mesmo onde encontrara Antonino Das Corridas. Encomendou bacalhau com batatas e repolho. Dali saberia se alguém chegasse à barraca que vigiava, podia estar tranquilo. De qualquer modo a vendedora de micates sabia onde ele estava, podiam olhar-se um ao outro. Está mesmo aflito esse rapaz, pensou ela, lhe ameaçaram de morte? Se reparasse melhor, a micateira poderia verificar que a aflição não devia ser de molde a diminuir o apetite de Jaime Bunda, que devorava como habitualmente tudo o que vinha na travessa. Depois de comer, telefonou para Pica-Chouriços, estou na Boavista, chefe. Pela descrição, o armazém era o mesmo da véspera. Quer dizer, o negócio é mesmo com o Bubacar, se de negócio se trata. Telefonou também para Armandinho, o qual lhe explicou que estava a regressar da praia para lá do Morro dos Veados, onde T frequentemente se banhava, pelos vistos. De fato o elemento (usou mesmo a palavra) nadou bastante, sozinho, e depois meteu-se no caminho do regresso, estamos a chegar à Samba, pelos vistos é um grande desportista. E o Ramiro? Tinha-o mandado dormir de dia, para vigiar de noite, devia estar portanto em casa. Jaime Bunda desligou, com uma ideia incômoda na cabeça. No seu grupo, quem ia vigiar de noite? Pica-Chouriços, evidentemente, pois o chefe de grupo não faz rondas noturnas. Mas então Pica-Chouriços tinha de descansar de dia, o que implicava abandonar a perseguição a Said. E quem a faria? Teria de ser ele, Jaime Bunda, mas então o que faço com o Antonino, também tenho de vigiar a barraca para o apanhar no regresso. Problema dos diabos! E aquele bandido não aparecia. Mandou vir um café para não adormecer ao volante do carro, mais tarde. Pagou a despesa. Depois se arrependeu e mandou vir um copo de uísque, para apressar a digestão. Sentiu saudade da bebida tomada no gabinete de Kinanga, uma grande pomada. Um desses dias, quando estivesse menos atarefado, tinha de lá ir retomar as inspeções sobre o importante caso da Catarina Kiela. Contentou-se com o que tinha à mão e virou o copo. E voltou de novo a ligar para o Pica-Chouriços, que nesse momento já estava na baixa da cidade atrás de Said, evidentemente que a caminho do hotel. O que vale é que esse árabe tem rotinas.

Jaime Bunda voltou para o carro e depois de uma soneca leve, a qual era irrecusável depois daquele almoço e com o calor ainda não muito intenso de Novembro, decidiu substituir o Pica-Chouriços na vigilância, o outro teria de comer e descansar para fazer a vigília noturna. Atravessou mais uma vez a rua e foi entregar um papel com o nome Jaime e o seu número de móvel à micateira. Com umas notas de Kwanza também. Diga para ele telefonar com muita urgência para este número, pode ir descansado, moço, só saio daqui ao anoitecer e lhe entrego o recado.

Chegado à frente do hotel, viu o carro de Pica-Chouriços e estacionou atrás. O outro veio fazer o relatório que não variava, o casal estava a comer no restaurante em frente, ela em fato

de banho e com um pano a tapar-lhe as coxas, como veio da praia. E Said tinha estado a manhã inteira no armazém da Boavista, onde entrava muita gente pela porta grande para comprar coisas e muito pouca gente entrava pela portinhola de serviço, para fazer não se sabe o quê. Nada de anormal se tinha passado entretanto. Apenas um caso, bem, anormal não era, mas se o chefe quisesse saber, achara estranho foi chegar ao armazém uma carrinha e ser carregada só com penicos, encheram a carrinha de penicos de plástico, chefe, amarelos, vermelhos, azuis, verdes, um festival de penicos, ao que Jaime Bunda replicou que já ontem reparei eles vendem muitos penicos, têm muita saída, deve ser para os velhos não terem de sair de casa à noite para irem à latrina do quintal. Na minha casa do musseque nunca se usou penico, concluiu Jaime Bunda. Na minha casa também não, respondeu Pica-Chouriços, mas eu vivo em apartamento com retrete. Jaime Bunda não gostou nada do reparo do outro, uma forma de dizer que nunca tinha vivido no musseque. Onde tinha o D.O. arranjado este tipo que se sentia superior à chefia? Devia tê-lo deixado fazer a vigilância toda a tarde e depois dizer-lhe ao anoitecer, agora continua até amanhã de manhã. Era o que merecia, ele e mais o seu apartamento com retrete. Só que ia dormir toda a noite no carro e os bandidos faziam todos os latrocínios à sua frente que ele nem notava. Pica-Chouriços foi embora, muito alegre e olhando de lado para o restaurante onde estava a boazuda e Bunda ficou de vigília, pensando em Florinda que não via há tanto tempo. E sem confirmação da fuga precipitada do Antero, amparado em muletas, dizendo choroso para este país é que nunca mais volto, canibais...

E a rotina cumpriu-se. Embora com almoço atrasado, pois começaram a comer muito tarde, os árabes foram fazer a sua sesta. Também Bunda continuou a sua. E depois Said saiu e o estagiário foi atrás. E Malika deixou logo o quarto e foi a pé até ao motel, que não era muito longe, e se enfiou num quarto com Tozé, no mesmo onde já tinha estado de manhã. E os bófias a passarem ao lado da melhor parte da estória... vamos fazer mais como, nesta terra sempre houve falta de gente qualificada para o muito que há a fazer, mesmo um serviço tão importante como os SIG por vezes desconsegue de mobilizar vigias para todos os suspeitos. [*Espero que os leitores perdoem ao esforçado narrador esta controversa justificação de alguma menor operacionalidade da bófia por falta de efetivos, o que acontece em todo o lado, mesmo nos sítios onde cada cidadão é o polícia do seu vizinho.*]

3
O CAÇADOR CAÇADO

E de repente começou tudo.

Mais tarde Jaime Bunda lembrou que também foi assim quando a barragem de Cambambe veio abaixo. Estava tudo parado, a água sossegada, como um espelho refletindo o céu. De fato ela inchava por baixo do espelho como barriga grávida de oito gêmeos. Num instante o gavião da sombra piou e a água começou a passar por cima da barragem e no instante a seguir a barragem se rompeu com fragor, partida aos pedaços aquela massa imensa de cimento e ferros. Uma avalancha do tamanho de um mar veio por ali abaixo, arrastando tudo à sua passagem. A água que momentos antes era azul, refletindo o tranquilo céu de depois da chuva no Planalto Central, ficou barrenta e com manchas escuras, ameaçadoras. Ele estava mesmo no meio do antigo leito do rio, paralisado de estupor, e viu aquela montanha de água num estrondo ensurdecedor avançar para ele. Acordou todo mijado.

Também agora tinha estado tudo parado e ele se preparava para ceder o seu lugar de espia ao Pica-Chouriços, que ele chamara para a Ilha, depois de ter perseguido Said toda a tarde e finalmente ter desembocado na casa de T, onde teve de ficar estacionado muito longe, por medida de precaução. Passados tempos, apercebeu finalmente o carro de Armandinho também na vigia, só que em movimento constante. Said não ficou ali muito tempo e partiu para a Ilha. Foi nessa altura que Jaime chamou o adjunto para pegar no turno de guarda. E o telefone tocou. Era Antonino Das Corridas, finalmente, pá, onde tens andado? Que não podia falar muito, que fosse ter com ele ao bar Elísio, lembras-te, na rua de Benguela do Bairro Operário. Como havia de esquecer o bar Elísio, o sítio onde apanhou a primeira bebedeira de cerveja e caporroto, ainda era miúdo? Não podia ser coincidência, Antonino devia se lembrar da cena e escolheu o bar de propósito para o desmoralizar, recordando fraquezas antigas. Por causa dessa desagradável memória ele evitava desde então a rua de Benguela e até ficou com raiva da cidade de mesmo nome, conhecida por ser de grandes feiticeiros e boas mulatas. Vem o mais rápido, não posso ficar aqui muito tempo, exigia Antonino numa voz sumida que mal se ouvia dado o barulho de fundo provocado pelas gritos e discussões dos frequentadores. Dentro de meia hora estou aí, vem mais cedo, não posso, meu, estou longe. Mas de fato dava para chegar um pouco antes, se Pica-Chouriços fosse pontual. Pela voz de Antonino adivinhou maka grossa, só podia.

Encontrou a tempo o adjunto e lhe passou a missão de vigiar o árabe toda a noite. Arrancou para a rua de Benguela quando tocou de novo o telefone. Desta vez era o D.O. Quanta honra, quanta honra, ia começar a dizer com ironia, quando ficou mudo pelo tom de voz do chefe, desafinada, nervosa, amanhã tenho de ir falar com o chefe do Bunker e inventar uma estória para ele não propor o bagre fumado para nosso diretor-geral. Sei de fonte limpa que ele o vai fazer neste fim de semana. Por isso tens até amanhã de manhã para me

arranjares pretexto. Mas como, chefe, para o que não havia como nem comes, arranja um crime, ainda não descobriste nada? Só vagos indícios, há um armazém interessante no alto da Boavista, mas nada de concreto, só que tem muitos penicos, penicos?, sim, de plástico. E que quer dizer penicos de plástico? Não sei o que quer dizer, chefe, mas fiquei curioso, ao que o D.O., sempre direto e prático, retrucou, já deixaram de os fazer de folha há muito tempo, desde que inventaram os plásticos, ainda tu não eras nascido. Bom, chefe, de penicos deve saber mais que eu, mas voltando ao caso... porra, tu é que falaste dos penicos, pensava que eles escondiam alguma coisa, muita merda se pode meter neles. Jaime ia responder que para isso mesmo serviam mas de novo foi interrompido pela voz excedida do outro, deixa-te lá de merdas que os penicos servem mesmo para isso, arranja uma suspeita de crime, que crime pode ter cometido o bagre fumado ou está para cometer? Não faço ideia, chefe, ter metido no país um mafioso que já tinha sido expulso não chega? Não, sempre pode dizer que era uma isca para infiltrar nalguma quadrilha, ou qualquer desculpa no gênero, esse gajo é um artista em passear por cima do fogo. Até amanhã de manhã inventa-me uma estória credível que eu possa apresentar. Mesmo que depois se tenha de alterar, não faz mal, é preciso masé ganhar tempo. E o D.O. desligou sem mais uélélés.

E esta? Em que crime vou implicar o cara feia? Sair todas as manhãs do serviço para ir nadar é crime? Cheira a pouco. Ser suspeito de ter violado e matado uma catorzinha é crime? De fato nem suspeito era, apenas o carro se parecia com o do assassino, segundo uma testemunha pouco credível, o velho Salukombo, analfabeto e já distinguindo mal as coisas. Se pudesse ser provado, seria suficiente, embora fosse melhor serem doze as catorzinhas, uma em cada dia trinta. Distraiu-se do raciocínio encetado e da condução do automóvel, pois lembrou que Fevereiro não tinha trinta dias, o que complicava as contas. Seria melhor escolher outra data para as doze catorzinhas que o bagre fumado mataria, um assassino em série como nos modernos romances policiais, modernos também nem tanto, já o Barba Azul... Teve de esquecer os reconfortantes pensamentos em literatura policial, pois ia chocando no Alto das Cruzes com um carro de polícia que desrespeitou a prioridade à direita, nunca respeitam nada estes sacanas, julgam o mundo é deles, só porque têm uma migalhinha de poder. Controlou as ganas de ir atrás do infrator, brandindo o seu cartão do Bunker para o estarrecer, tinha assuntos mais importantes a tratar. Seguiu para o B.O., como lhe pediu Antonino Das Corridas.

O bar Elísio estava bem pior do que o tinha deixado na última vez em que lá pusera os pés. E a rua também. Evitou dois buracos que podiam engolir o carro e estacionou muito perto da porta. O Gégé no outro dia tinha invectivado o governador de Luanda que só mandava regar plantas, numa cidade sem água, mas não tapava buracos de rua. Agora também ele ia dar razão ao subversivo mano mais novo? Desculpou-se mentalmente pelo pensamento pouco ortodoxo. Mal entrou no ambiente escuro, pois havia falta de eletricidade na zona e só dois candeeiros a petróleo alumiavam o interior, percebeu o vulto de Antonino Das Corridas se fazendo de mais pequeno ainda, numa mesa, com uma cerveja à frente. Os fregueses não eram muito numerosos, pois a maior parte tinha ido jantar e os restantes fugiram da escuridão e da falta de televisão. O bar tinha um balcão a cair aos pedaços e quatro mesas muito tortas. Tudo num espaço muito reduzido. Havia uma discussão entre cabo-verdianos, provavelmente sobre

música, pois referiam Pedro e Maiúca, um conhecido e exímio duo do arquipélago crioulo, residente há bué de tempo em Luanda. Mal chegou à mesa de Antonino, este levantou, vamos para fora. Jaime tentou protestar, deixa-me ao menos beber uma, mas o outro já estava a sair do bar e não teve outro remédio senão acompanhá-lo. Indicou o carro, vamos então para ele. E reparou que o segurança andava a muito custo, todo dobrado.

Entraram para o carro e a luz que se acendeu quando as portas ficaram abertas fez ver uma cara inchada e um olho fechado, que te aconteceu, meu?

— Me deram muita porrada, kamba kyami, me deram mesmo muita porrada.

— Mas quem?

Antonino se acomodou mais no assento. Tinha a cabeça sobre o peito, como para esconder as feições todas deformadas, preocupação aliás inútil, pois o carro estava às escuras numa rua iluminada apenas pelas lamparinas das mulheres da zunga que vendiam bebidas, pão e cigarros nos passeios. A voz ganhou um pouco mais de força.

— Eram militares, meu.

— Militares?

— Estavam fardados de militar. E na conversa entre eles falaram de um general.

Jaime esperou mais explicações, mas o silêncio se instalou. Devia ser difícil para o Antonino falar, com a boca daquela maneira. Lábios inchados, sem dentes, cortes e amolgadelas por todos os lados.

— Queres beber qualquer coisa? Mandamos vir umas cervejas para o carro.

O espancado assentiu com a cabeça e Jaime chamou uma mulher da zunga, que logo veio limpando a saia, duas cervejas mas bem geladas. Vais ver, a minha cerveja te vai partir dentes de tão gelada, mano, respondeu a zungueira, revistando a caixa térmica, o que provocou um imperceptível movimento de susto da cabeça de Antonino, reação instintiva à lembrança de quebra de dentes, suspeitou o detetive estagiário, muito virado nesse momento para psicologias. Depois de servidos, este insistiu:

— Conta lá tudo.

E Antonino começou a falar a muito custo, mas depois se animou e a boca foi ficando mais anestesiada pelo exercício ou quê, o certo é que se exprimia com mais facilidade, explicando que tinham estado toda a noite, naquela noite em que Jaime foi saber como corriam as coisas na rua Marien Ngouabi, a vigiar a saída do prédio e de manhã o Antero saiu de casa sozinho, deixando a mboa que não era nada de desprezar, a cara não lhe era estranha mas Antonino Das Corridas desconseguia de lembrar onde já a vira, não interessa, meu, continua, atalhou logo Bunda com pouco interesse em ouvir as encomiásticas observações sobre Florinda que, claro, o outro devia conhecer do bairro, embora ela fosse mais velha, dizia pois o segurança que foram atrás do marido e ele rumou para o aeroporto, mas, chegado aí, deu a volta ao largo e não parou, atravessando a cidade toda até à baía, de vez em quando falando no telemóvel que do carro deles bem viam todos os gestos do animal, durando esta perseguição bastante tempo, pois da baía voltaram para o centro passando pelo hospital Josina Machel, indo pela Samba, para subirem nos semáforos até ao aeroporto de novo, e o tipo de vez em quando telefonava, começando Antonino a ficar preocupado pois não tinha assim tanta gasolina no bólide, sabes como é, meu, o kumbú não abunda, só rico enche o depósito nestes tempos que

correm, mas ao fim de duas horas o Antero estacionou o carro num terreno vago nos novos condomínios em construção de Luanda-Sul, não era o terreno que eu previa mas este até era melhor para uma abordagem, parecia mesmo o tipo nos esperava, e de fato vi um dos jipes, mas não liguei, parecia vazio e ali nos estaleiros o que mais há é carros desses dos ricaços que vão inspecionar as obras das suas futuras vivendas, por isso os três se aproximaram do carro de Antero, ele, o seu sobrinho Nini, um miúdo de treze anos que era só para fazer número, e o sacana do Não Recua, cognome ganho no exército e que se vangloriava muito da sua força física, mas que de pouco valeu, pois mal ele disse a Antero, tens doze horas para deixar o país e te vamos... ia ele dizer que lhe partiriam uma perna como amostra, foi o céu que lhes caiu em cima, pois uns militares vindos do inferno lhes colocaram imediatamente arma na cabeça de cada um dos três, os atiraram para um jipe, afinal eram dois carros, e arrancaram dali sem mais palavras, o que para Antonino Das Corridas era novidade, nunca tinha sido cangado nem raptado assim, mas não durou muito tempo e logo os carros saíram da estrada asfaltada, altura em que lhes taparam os olhos com panos, hoje é hoje, pensei com vontade de rezar, mas já tinha esquecido todas as rezas que aprendemos na igreja de S. Paulo, lembras, mas Bunda estava sem vontade de se lembrar de rezas e apressou o outro, o qual continuou o seu relato, ao fim de algum tempo os carros pararam e eles foram levados para uma casa, provavelmente em alguma quinta e lhes tiraram as vendas, reparando então os raptores que Nini era muito miúdo, que idade tens, tão criança ainda e já andas metido com bandidos, que não sou bandido, só vim ajudar o meu tio e o tio era eu que ele me apontou, o que fez levar o Não Recua dizer até nem sei o que se passa, só estava a acompanhar este senhor, e apontava para mim, ele é que é o dono do serviço, quer dizer, o sacana do Não Recua retirava em debandada logo à primeira confrontação, sempre quero saber quem lhe deu aquele nome heroico, deixando-me sozinho com a responsabilidade, o que vendo bem até que era verdade, Antonino era o dono do serviço pois só ele tinha sido contratado por Bunda, o qual começava a assustar, porque se o sobrinho e Não Recua se despreocupavam tão rápido em guardar as aparências e se desresponsabilizavam imediatamente, talvez Antonino Das Corridas não fosse melhor a guardar segredos, esquecida com o susto a tão apregoada ética profissional que não deixa revelar o nome dos mandantes, mas o segurança voltou ao tom lamuriento, contando que soltaram o Nini com umas porradas e agora vais a pé para casa, assim aprendes, amarraram o Não Recua sem lhe baterem e me levaram para outro quarto, onde começaram a bater, eram três a arrear e o quarto só olhava, queriam saber evidentemente quem encomendara o serviço, mas Antonino resistia e eles batiam cada vez mais, até que resolvi lhes assustar e disse trabalho para o Bunker, o que fez parar imediatamente a tortura, tendo ele que repetir, mas o quarto homem disse bolas, então o Bunker está muito por baixo que já contrata homens assim e saiu, voltando daí a pouco a dizer, telefonei, vamos esperar pelo chefe, ele é que vai dizer o que fazemos com esse sacana, aproveitando me enfiar um murro no estômago que me atirou ao chão de dor, essa foi a pior dor porque aí compreendi que eles não estavam nada assustados com o Bunker ou pouco acreditaram, nunca lhes devias dizer isso, tu prometeste que não denunciavas nunca quem te contratava, ralhou Jaime, mas o mal já estava feito pois apareceu então o chefão, devia ser o tal general mas vinha desfardado e logo perguntou quem é te encomendou o serviço, foi o Bunker ou alguém do Bunker?, o que

aproveitei para responder perguntando que se alguém fala em nome de um órgão, quem fala é o indivíduo ou o órgão, que ele Antonino não sabia, só lhe tinham mandado perseguir o Antero e lhe assustar para deixar o país, por causa de quê, perguntou o chefão, por causa de diamantes?, mas eu de diamantes nunca tinha ouvido nada, respondi que a ordem era assustá-lo para deixar o país, mais nada, se havia kamanga no meio ou não para mim era azul ou amarelo, tanto faz, e parece que não gostaram da resposta ou gostaram demais, o certo é que voltaram a cair-lhe os três em cima, a murro e pontapé até o deixarem a sangrar por todos os cantos, ouvindo ainda dizer, agora vais explicar bem quem foi a pessoa que te mandou fazer esse serviço ou então não passas esta noite, aqui não há ninguém, a noite vai ser escura e cavamos o buraco num instante, ficas enterrado aqui mesmo e ninguém vai saber, por isso fala, quem foi que encomendou o serviço, e tu denunciaste-me, Antonino, mas ia fazer mais como, um homem não é de ferro, porrada era demais, eu nem sabia que o general afinal não se interessa pelo Bunker, só pela kamanga, e resta ainda saber se é mesmo general, que os homens eram militares sem prática em tortura, doía sim, mas podia ser muito pior se eles fossem profissionais de interrogatório, conta mas é o que disseste sobre o mandante, ora, resisti muito, meu kamba, resisti mesmo, mas eles encostaram a pistola no meu ouvido e disseram reza só uma Ave Maria, então Antonino contou que foi Jaime Bunda, antes vizinho do Sambizanga, que o procurara no seu escritório do Roque Santeiro porque queria pregar um susto num tipo e o resto vocês já sabem, vigiei dois dias e depois fui apanhado na vossa armadilha, foi assim que falei e agora eles andam atrás de ti, mas porquê não apareceste logo para me avisar, queixou Bunda, e como querias que avisasse se só me soltaram hoje e fiquei sem carro pois o que deixei abandonado já lá não estava quando o fui buscar, roubaram o carro que já era roubado, tive mesmo que vir a pé, andando todo o dia, assim aleijado que parece caí na mina e depois encontrei o teu recado no Roque, então andei à procura de um telefone e fui ao bar onde costumo ir beber meus copos, é esse o mambo todo.

Jaime Bunda estava com as mãos na cabeça. O caçador foi caçado, era tudo de que se lembrava. Uma fábula, um conto, texto de algum livro de leitura? Havia uma estória assim, cuja moral era o caçador acabou caçado. Ou era uma poesia antiga? E andavam no encalço dele. Como Antonino Das Corridas sabia que ele era do Bunker? Tinha a certeza de ter dito que era de um organismo policial da Cidade Alta, mas não falara no Bunker. Sempre seria menos preciso. De qualquer maneira, o nome dele não era fácil de esquecer. Neste momento certamente já o localizaram, tiveram quase dois dias para isso. Restava agora saber o que fariam. Tinha de pensar, tinha de pensar. Mas só havia uma ideia na cabeça, o caçador foi caçado.

— Vou embora — disse Antonino Das Corridas. E desapareceu na noite escura.

Ainda bem que não lhe paguei adiantado, nem um sinal. E agora que faço? Podem estar à minha espera em casa. A esta hora está o tio Jeremias amarrado, a tia Sãozinha com a boca maldizente tapada com adesivo e a Laurinha fechada no quarto. Será que violam a velha e a Laurinha por vingança e gosto? E quer o D.O. que lhe invente um crime para atirar para cima do bagre fumado, tenho lá cabeça. Teria de ter calma, folhear alguns livros da sua coleção, arrancar uma ideia a algum mestre do romance policial, para já não falar do Smith O'Hara, pseudônimo que escolheria se um dia tivesse paciência de escrever algum. Mas com militares

atrás de si, como poderia inventar uma ideia decente?

E depois ficou estranhamente calmo. Se não se manifestaram até agora, é porque não sabem o que fazer. Deu uma palmada na cabeça. Claro, à frente do Antonino não podiam demonstrar, mas ficaram borrados de medo quando souberam que o Bunker estava por trás. Que pensa um general (supondo que se tratava dele) metido em diamantes que tem um sócio conhecido como traficante num negócio mais ou menos legal de mina, se souber de repente que este sócio está a ser perseguido por um carro suspeito? Manda os seus homens defenderem o sócio e saber qual o motivo da perseguição. Afinal se descobre que é nada mais nada menos que o Bunker, ou alguém do Bunker. Que faz o general e os seus militares? Dão uma boa porrada no tipo, claro. Mas vão parar a pensar, que sabe afinal o Bunker? Não vão dar um passo enquanto não souberem a razão. E estão cheios de medo, sim, senhor. Porque não lhes passa pela cabeça que é um gesto individual, que não tem nada a ver com a sua atividade kamanguista, que a partir de agora até pode ser legal mas que é sempre olhada de lado e condiciona a sua maneira de pensar e ver as coisas. Suspirou fundo, aliviado, depois de tão profunda análise. Ainda não era desta que tia Sãozinha ia conhecer o sabor de uma violação por três militares. Encomendou mais uma cerveja à zungueira, que lha trouxe, perguntando mas esse teu amigo estava mal, lhe deram?, foi a mulher que lhe apanhou com outra, lhe deu porrada com uma garrafa de uísque cheia, garrafa de uísque afinal também serve para corrigir os maridos, espantou ela. Era dessas falsificadas na Nigéria, concluiu Bunda. A mulher foi contar a estória às colegas sentadas em banquinhos ao longo do passeio. Devia ter dito que era garrafa de champanhe russo falsificado em França, tinha mais piada, pensou Jaime Bunda, talvez um pouco a despropósito. E bebeu com gosto a cerveja.

Depois telefonou para Armandinho, temos que falar. Se deram encontro na ponta da Ilha às dez da noite, pois pouco antes Ramiro ia substituí-lo na vigia a casa de T, onde por acaso e já que se falava no caso, também se encontrava Said, numa visita rápida. Só espero que o Pica-Chouriços não conheça a casa do bagre fumado, pois deve estar aí atrás do Said, disse Jaime. É, o D.O. preveniu-me quanto ao camarada, disse Armandinho, o que desagradou profundamente ao estagiário, então o parente confidenciava tudo ao Armandinho, já não havia segredos a preservar? Se não era falta de confiança na família, para lá caminhava.

Assim foi que, depois de comer uns pinchos de frango com pão e mais duas cervejas, Jaime Bunda passou por casa sem mesmo parar, reconhecendo o inconfundível vulto de tia Sãozinha na varanda. Estava pois tudo em ordem. E partiu para a Ilha. A única pessoa que podia suspeitar da verdade quanto ao fracassado atentado contra Antero era Florinda, pois em princípio o marido nem sabia o nome dele nem da sua existência. Certamente Florinda nunca lhe contou os jeitos que Jaime lhe fez, usando os conhecimentos da bófia, e a forma como ele se fez pagar. São coisas que se escondem dos maridos, para que preocupar os pobres coitados que correm tantos riscos para trazer dinheiro para casa e oferecer presentes suntuosos? Portanto, Antero e o general seu sócio (se fora mesmo a ele que o kamanguista pediu socorro com os tais telefonemas do carro quando se apercebeu que era seguido e por isso andou, andou, até haver tempo de armarem a cilada ao ingênuo Antonino Das Corridas, um verdadeiro nabo...) só suspeitavam que o Bunker investigava o negócio deles. Mas Florinda, ao ouvir o nome dele, percebeu logo, claro, ela não era burra. Talvez seja bom. Assim, quando

Jaime a procurar outra vez, Florinda não vai armar em parva de que tenho de dormir cedo para amanhã estar bonita para o meu marido ou como foi que ela respondeu antes. Ela vai ter medo das reações imprevisíveis de Jaime Bunda, já sabe do que ele é capaz, um perfeito ator no mundo ou no submundo. E vai passar a comer na mão dele. O nosso herói (se me permitem falar também por vocês, caros leitores) sorriu, afinal as coisas até que correram muito bem. O caçado ainda pode voltar a ser caçador.

Armandinho chegou mesmo na hora. Foram encomendar uns hambúrgueres numa lanchonete da praia e umas cervejas e se sentaram no carro de Jaime, com música baixa para criar ambiente.

— Recebi um telefonema do D.O.

— Sei — disse Armandinho. — Está atrapalhado. Já tens alguma ideia?

Mais uma vez o outro estava informado. Mas o D.O. passava a vida a telefonar para Armandinho, não tinha mais nada que fazer? Quem era o responsável do caso, afinal? Tinha que ter uma conversa apertada com o parente, assim ele nunca mais deixava de ser estagiário. Mas logo encolheu os ombros, deixa para lá, o craque mesmo é o Armandinho, ele é que é o homem do D.O., eu estou aqui só porque o caso me caiu à toa nas mãos. Sem dúvida, um pensamento comoventemente humilde, pouco próprio para alguém vindo de famílias antigas de quatrocentos anos, orgulhosas de terem sido grandes donos de escravos, embora Jaime disso pouco se tenha aproveitado por modéstia ou inépcia do pai. Respondeu um pouco bruscamente:

— Nem tive tempo de pensar no caso a sério. E achei melhor conversarmos, a dois talvez seja mais fácil.

De repente, Armandinho largou a garrafa de cerveja e pôs-lhe a mão na coxa. Perguntou num tom muito baixo, conspirativo:

— Acreditas em Deus?

Bunda estava tão admirado pelo gesto brusco de familiaridade (que podia ser interpretado de muitas maneiras por nós que conhecemos por relatos anteriores as preferências de Armandinho mas que o estagiário na altura dos casos desconhecia), como pela pergunta pouco a propósito, mas lá foi respondendo:

— Bem... sim... nem tanto...

— Pois só rezando muito, mano. Tendo muita Fé. Porque a situação está complicada. Já viste, o bagre fumado como nosso diretor? Aquilo é que vai ser um corre-corre, um salve-se quem puder, um aiué mamaué...

— Ele é assim tão mau?

— Satanás em pessoa, mano.

— Porra.

O arrepio veio acompanhado de uma figura adejante que roçava no vidro da frente, um sinal do além, caverna de todos os chocalhares de ossos e cheiros a enxofre, recordações saídas dos livros de fantasmas e feiticeiras europeias montadas em vassouras, cobras e vampiros, o campeão do horror, o próprio cazumbi, o cara feia, Belzebu reencarnado, o bagre fumado, T.

— Temos muito pouco para lhe cortar as pernas — disse Armandinho, retirando a mão da

coxa de Jaime e voltando a beber pela garrafa. — Meteu o Said no país sem passar na polícia de fronteira, o que até pode negar. Será a palavra do Said contra a dele. E depois, mesmo se fica provado que o meteu cá? Não é isso que o derruba. Tem de ser uma suspeita de golpe de Estado, roubo do cofre do Palácio com as joias e cuecas da primeira-dama, tentativa de estupro da avó do primeiro ministro, espionagem a favor de... de quem? Hoje em dia já nem se sabe qual é a espionagem que dá prisão e a que dá medalha, enfim...

— O D.O. vai se lixar — disse Bunda.

— Esse é o primeiro. Foi o próprio chefe do Bunker que o meteu nos SIG, porque tem confiança nele. Mas se o bagre chega a diretor, rapidamente inventa um pretexto para desterrar o nosso parente, vai aguentar vinte anos no Bentiaba ou noutro campo de concentração qualquer.

— Mas o bagre tem experiência de serviços secretos? Na biografia dele não vi nada...

— E é preciso? Agora a ordem é de alegrar a maralha, por causa dos direitos humanos, que estão na moda. Então metem à frente um tipo que só sabe organizar farras para o engate. Vamos ter todos os polícias a dançar uns com os outros. E com os criminosos.

— E o chefe não vê que isso não dá?

— Por isso nos mandou descobrir qualquer pretexto...

— Não falo do D.O. Falo do chefe dele, o chefe do Bunker.

Armandinho benzeu-se. Disse entre dentes e olhando para todos os lados:

— Não cometas blasfêmia. Nunca invoques o seu nome em vão... Nem imaginas como dá azar.

Bunda sentiu outro arrepio. De quem devia ter mais medo, do cara feia ou do invisível chefe do Bunker, do qual aliás não sabia praticamente nada? Claro que devia ter medo do bagre fumado. Por isso o arrepio ficou apenas a dever-se ao tom utilizado por Armandinho. Toda a gente sabia que o chefe do Bunker era candidato a uma canonização pela Igreja, mal batesse as botas, devido ao seu amor indefectível pelas criancinhas, especialmente meninas, as quais acariciava sempre muito e protegia de todos os males, não falhando uma missa na Igreja de Jesus, onde por vezes recebia a hóstia do próprio arcebispo. Curioso. Como podia o comandante ir sempre à missa e à comunhão, embora em cultos especiais sem testemunhas, e ninguém saber como ele era, dizendo-se que estava sempre metido no buraco? Contradição da propaganda de rua? Preferiu acabar com a cerveja em silêncio.

— Estamos a fazer tudo certo — disse Armandinho. — Perseguição apertada aos principais suspeitos e agora a todas as horas do dia. É só esperar e eles próprios nos vão revelar os seus planos criminosos. Mas esta pressa do D.O. complica tudo.

— Temos só que inventar uma boa estória...

— Não tens uma ideia?

— Muitas — disse Jaime, com um ar superior, o que lhe restara do orgulho da grande família de onde provinha.

— Então diz lá uma.

— Ora... Assim, de repente?

— Então não disseste que tinhas muitas?

Jaime Bunda não estava tão convencido de que o general da kamanga se encolhia por

medo das supostas investigações do Bunker. Por isso de vez em quando olhava para trás, para a rua da Ilha onde o fluxo de viaturas ainda era constante, apesar das horas. Isso impedia-o de pensar no magno problema que estavam com ele. Atirou sem fazer mira, como um caçador desesperado por falhar todos os tiros:

— O bagre trouxe o casal de árabes para cá, pois o Said tinha muitas ligações com os grupos de libaneses, paquistaneses, ou senegaleses que andam aí nesses armazéns a fazer negócios, uns lícitos, os outros ilícitos. Vieram montar uma fileira para trazer cocaína da Colômbia e metê-la na Europa. A droga vem nos contentores, num ou outro penico de plástico importado. Uns penicos estão mesmo vazios, a maior parte. Outros têm um fundo falso, onde vem a droga.

— Esse penicos são importados da Colômbia?

— Não faço ideia.

— Descobre-se logo que não são. Devem vir do Oriente, é onde essa fancaria é feita e mais barata.

— Tudo bem — disse Bunda, mantendo o ar superior.— Então o que vem nos penicos não é cocaína mas heroína. Essa vem do Oriente, ou não?

— Sim. E como metem depois eles a heroína na Europa?

— Ainda não sabemos tudo, ainda não os apanhamos com a boca na botija. Por isso é necessário continuarmos as investigações, no maior segredo. E é bom que o chefe do Bunker fique muito quietinho para não espantar a caça.

[*Este narrador que escolhi gosta de imagens venatórias, pelo que me apercebo. Até já se referiu aos desmandos feitos no quase desertificado Parque da Quissama por jovens políticos armados em atiradores. Nada mal, se não meter nenhum rinoceronte a dançar a dança do ventre no meio da estória. Deixo-o continuar a pescar e a caçar, com algumas prudentes reservas, no entanto.*]

— Para arredondar, até se pode dizer que já apanhamos o Said e a mulher a fumar liamba, que o quarto deles está cheio — acrescentou Armandinho, entusiasmado. — Podemos passar essa estória ao D.O., ganhamos uns dias.

Jaime Bunda se sentiu muito cansado. Ficou em silêncio, como se toda a sua capacidade de existir tivesse sido sorvida pelo esforço repentino de inventar uma estória. E a cerveja tinha acabado, mas já não lhe apetecia beber mais. Armandinho voltou a pôr-lhe a mão na coxa.

— És um gênio, Jaimito. Vais longe nos SIG.

O estagiário ganhou novo vigor. O Land-Rover apreciava a sua imaginação criadora? Num momento em que a autoestima estava um pouco embaixo, por causa do fracasso da operação partir pernas, o elogio tinha caído bem, revigorou-o até certo ponto. Foi pois com muita gratidão que disse:

— Obrigado. Mas tenho de ir dormir.

— Só uma coisa. Temos de nos assegurar que os penicos são mesmo encomendados de um país asiático. Amanhã de manhã cedo vou descobrir. Compro um a uma zungueira... Mas esses produtos de plástico muitas vezes não têm a origem marcada... Ou vou mesmo a um kamba meu da Alfândega que ele me descobre isso imediatamente. Não fales ao D.O. antes de eu te telefonar a confirmar.

— E se não vierem do Oriente?

— Será uma merda. Teremos de mudar a estória. No momento inventas outra, já vi que tens jeito. Mas tenho certeza que vêm da Ásia, essa maralha compra tudo lá, é mais barato, põem as crianças a trabalhar em fábricas por uma tigela de arroz e poupam nos custos de produção.

Armandinho deu mais uma palmadinha na coxa de Jaime, saiu do carro com um até amanhã cedo, cedinho. Bunda deu ao arranque, com medo do que podia acontecer à noite na Ilha, sítio de muitos mistérios, como já sabemos. Com mais medo ainda do que poderia encontrar em casa.

4

FLORINDA VAI À CAÇA

Mas medo sentiu quando foi arrancado do sono pelo insólito ruído do telefone. Ficou um bom momento a se perguntar, estou a sonhar com telefones ou está mesmo um a tocar, depois lembrou que lhe tinham entregue um móvel há dias. Despertou então de vez. O medo partiu para a noite, provisoriamente rendida. Levantou-se e foi aos encontrões, com a clareza que começava a se infiltrar pelas frinchas da janela, até à mesa onde deixara o objeto na véspera. Era o D.O. a acordá-lo, já tens o pretexto que te pedi? Acendeu a luz e viu que eram seis menos um quarto. Bolas, o chefe não dormia? Tinha dito para lhe arranjar uma estória para a manhã, não para antes de o galo cantar. Tem de ser para já, chefe? É que a estória está alinhavada mas preciso de confirmar só uma coisa. O parente disse-lhe, bom, se a coisa está avançada, então está bem, às dez da manhã encontramo-nos no mesmo bar do outro dia, se estiver fechado não faz mal, estarei lá à frente. Com o D.O. também tudo tinha de se passar na Ilha, compreendeu Jaime Bunda. E em bares onde bebia sozinho uísques caros. Era a profissão que o levava a ficar sozinho nesses sítios? Ou era como o elefante solitário? Tentou dormir mais um pouco, mas era inútil, desconseguia. A vida estava cada vez mais complicada e perigosa, só tinha razões para preocupações, não para preguiçar gostosamente na cama como um milionário.

Abandonou mesmo o leito e foi se lavar na salita ao lado. Depois aproveitou fazer uma limpeza ao quarto, não podia contar com tia Sãozinha para esses trabalhos domésticos. Preparou o pequeno almoço no fogãozito a gás. Acabava de comer quando alguém empurrou a porta que só estava encostada. O coração parou, seriam os homens do general? Juntou toda a coragem para se virar e ver Florinda, encostada à porta, uma cara toda amarrotada, de quem acordou também cedo demais para o seu hábito e sobretudo o seu gosto. Toda a luz do mundo inundou a vida de Jaime por tão inesperada e promissora visita.

— Sabia que te apanhava a esta hora, ordinário da merda!

Jaime esperava tudo menos agressividade. Quatro dolorosos dias sem se verem, para ele uma eternidade que suportara pensando na recompensa, e ela nem sequer o cumprimentava? Então não vinha toda doce e feliz comer na sua mão? Pelas trombas, parecia que bem antes pelo contrário...

— Cabrão, contrataste o bandido do Antonino para partir uma perna ao meu marido. E agora vou eu partir-te uma... Espero que aprecies as sensações...

Ela não fez outro aviso. Avançou para ele e lhe meteu traiçoeiramente as unhas na cara, nas duas bochechas rechonchudas. Bem que o gemebundo Jaime tentou afastar-lhe as mãos, mas estavam fincadas como as da onça no pescoço da gazela. Mas que estória é essa, deixa-me, me estás a arranhar, Florinda. Podia gritar ou suplicar, ela estava uma fera, leoa a proteger os filhotes. Só quando teve a certeza que o tinha bem marcado, ou então porque se lembrou que

podia partir as unhas, largou as bochechas. E lhe ferrou um tremendo par de estalos, cabrão, filho da puta, bandido, bófia da merda, julgavas o quê, o Antero fugia e me deixava, não nos conheces, mais um estalo a acertar desta vez no olho esquerdo, e o meu marido admirado porque esse Jaime Bunda lhe queria fazer aquilo e eu a perceber tudo, ele e o general a pensarem que era a concorrência que os queria afastar daquele filão de diamantes e eu a ver que era o sacaninha da merda que foi buscar o kamba do bairro, o gajo que já aos dez anos roubava relógios nas donas, para amedrontar o meu Antero, porque querias ficar comigo, não vês que só te aceitei enquanto me foste útil, assim controlava tudo o que a bófia sabia sobre o Antero e quais as suas intenções ou julgas que alguma vez me interessei por ti, meu merdas bundeiro que nem foder sabes?

Jaime Bunda ficou mais desorientado ainda. Então ela só o usou? Começou a ficar ofendido, porra, também estava a exagerar. As bochechas ardiam, mas teve medo de passar a mão por elas. Procurava desesperadamente um meio de manter alguma dignidade, de controlar o pânico que adivinhava estar a tomar conta de si. Porque a fúria de Florinda era muito humilhante. A pancada não era para doer, era para rebaixar. Só havia desprezo na maneira como ela falava. Mesmo os seus méritos sexuais, até então dignos dos maiores elogios, foram achincalhados, atirados por terra. Tinha de ripostar, mas de uma forma resoluta e definitiva.

— Deve haver um grande mal-entendido. Ainda não percebi de quê que falas. Intriga, é uma intriga...

— Intriga um caralho. É tudo muito claro, seu merdas. O Antonino contou tudo...

— Antonino? Quem é o Antonino?

— Sabes muito bem, tu é que o contrataste. Bem podes negar, não acredito. Não vim sequer para discutir. Só para te dar essas chapadas e dizer nunca mais me apareças pela frente, que da próxima é pior. Da próxima vez que precisar de um amante, arranjo um homem a sério, não um paneleiro como tu.

E como ele ia falar, talvez justificar-se, talvez propor um medianeiro internacional para a controvérsia, como estava na moda, nem Jaime sabia muito bem qual o passo que daria a seguir, ela espetou-lhe mais uma estalada. Com as costas da mão, como um profissional. Florinda tinha uns nós das costas da mão muito acentuados e os lábios rebentaram. Nem esperou o resultado da última chapada, foi embora, deixando a porta toda aberta. Jaime se sentou na cama, olhando fixamente a parede da frente, a cabeça como esvaziada pelas chapadas que a fizeram várias vezes abanar. Ouviu vagamente tia Sãozinha berrar:

— Logo de manhã a fazer escândalo na casa alheia? Não tens mesmo marido, sua vaca?

E a voz de Florinda, amável como sempre:

— Meta-se na sua vida, velha zongola. E trate do merdas do seu sobrinho que bem precisa...

Depois de algum tempo de silêncio, talvez motivado pela saída de Florinda ou por alguma observação moderadora de tio Jeremias, a velha voltou a gritar, agora para o sobrinho abatido na cama do quarto:

— Mete mulheres casadas em casa, umas ordinárias. Depois acordam toda a vizinhança aos berros. Isto é uma casa decente, de família. Não é casa de munhungo. Quem não sabe

respeitar a família, volta para o musseque. Nunca de lá devia ter saído masé.

Jaime levantou da cama e fechou a porta com estrondo. A tia calou-se. Mas era só o primeiro ato, ele teria de passar ao lado da varanda para sair e dona Sãozinha aproveitaria para lhe encher os ouvidos de zagalotes bem grossos. Pôs a mão na cara e sentiu o sangue. Se mirou no espelho da parede e viu os estragos. Vários sulcos fundos nas bochechas inchadas sangravam. E os lábios estavam rebentados e já tumefatos. O D.O. vai ver isto e não tenho uma explicação heroica para dar, foi a única coisa em que pensou. Merda do Antonino Das Corridas, incompetente e ainda por cima delator. Que defendia o nome do mandante até ao fim, no seu negócio tudo se passava na base da credibilidade. Tretas. Bastou uma porradazita para esquecer a ética profissional. É por isso que este país não avança, já não há gente de palavra, só há Antoninos. Paradoxalmente, este pensamento fez-lhe bem, pois remetia para o coletivo qualquer culpa que tentasse abrir caminho nas parcas e confusas ideias. O D.O. que se lixe, invento uma desculpa qualquer. Gato não pode ser. A referência óbvia ao bicho podia explicar os arranhões mas não as beiçolas inchadas que nem as tetas de uma palanca. E aqueles arranhões eram de onça, não de gato. Mulher também não podia invocar, a verdade era demasiado humilhante. O nosso herói não se lembrou de evocar um mitológico encontro com Diana, a caçadora, o que serviria de uma perfeita justificação. Até o D.O. sabia que Diana era lésbica, amante de raposas, e atacava os homens antes que estes pudessem declarar-lhe o seu amor suicida.

Continuou a olhar para o espelho, deixando que o sangue fosse coagulando nos ferimentos e ficasse cada vez mais embaciado pelas lágrimas que lhe surgiam com o pensamento terrífico que o dominava naquele momento, perdera irremediavelmente Florinda. Isso tolhia-lhe o cérebro, estava incapaz de fazer qualquer coisa ou tomar uma decisão. Voltou a sentar na cama. Foi aí que lhe encontrou o discreto toque na porta. Era Laurinha, quase segredando, abre a porta, Jaimito. Obedeceu maquinalmente. E ela pôs uma mão na boca para sufocar a exclamação de espanto. Entrou no quarto e encostou a porta.

— Ela fez-te isso? Foi a Florinda?

Jaime não teve vergonha de confirmar com a cabeça. Não havia vergonha para Laurinha, embora ela já tivesse crescido e os seios pontudos furando a blusa apontassem uns dezesseis anos muito pródigos. A prima como irmã era de fato a única pessoa que podia saber o que quisesse de Bunda, para ela ele não tinha nunca segredos. Já quando era pequenina ele lhe contava todas as suas esperanças e frustrações.

— Vou te fazer um curativo. Espera, volto já.

A miúda saiu e voltou a entrar num instante. Limpou-lhe as bochechas com gaze embebida em água oxigenada, aplicou uma pomada qualquer e depois tentou ocultar os cortes por adesivos. E ia falando.

— Nunca mais te vi sair e desconfiei que houvesse maka séria. Já passou a hora de ires para o serviço. Tens de ir mesmo assim, já dá para disfarçar um bocado. Os beiços é que...

— Deixa, nunca tive beiço fino.

— Mas não assim. Também lhe deste? Não pareceu, ela saiu toda direitinha. E sempre a armar em fina... Mas agora acabou, não é? Rompeste o namoro, por isso ela fez esta cena.

Que bom ter uma prima que nos admira, vê em nós um herói sempre vitorioso. Mas Jaime

Bunda em relação a Laurinha não precisava mentir para ganhar afeto e respeito.

— Acabou sim, acabou tudo. E sofro por isso.

— Então?

— Não fui eu que rompi.

— A grande cabra! Ela rompe e ainda te bate? Que grande ordinária!

Laurinha acabou de lhe fazer o curativo, totalmente solidária e esforçando-se por magoar o menos possível. Olhou no fim a sua obra com espírito crítico, torcendo a boca.

— Não ficou muito bem. Mas vai sarar, é o que mais interessa. Vê no espelho.

Bunda levantou e mirou a cara disfarçada pelos esparadrapos. Assim, dava mais a ideia que tinha saído de um combate de boxe contra o grande Cassius Clay. Mas ao menos ninguém pensaria ser obra da fúria vingativa de uma mulher.

— E que vais dizer lá no serviço?

— Do atraso? Hoje não tenho horário, estou a investigar um caso muito complicado.

— Mas os teus colegas vão te gozar, eles são terríveis, como sempre dizes. Vão querer saber como aconteceu este... acidente... Tens de arranjar uma boa estória.

— É só o que faço. Arranjar estórias credíveis...

— Não percebi essa.

— Deixa, depois vou te contar tudo. Mas só quando isto terminar, é um caso muito complicado, como te disse.

— E perigoso? Mete bandidos?

— De certeza.

— Então já sei. Diz que foste atacado por três ou quatro dos bandidos, quantos mais melhor. Que como estás quase a descobrir o chefe da quadrilha, eles montaram uma... uma...

— Emboscada... é isso?

Laurinha confirmou com a cabeça. Os olhos dela brilhavam de excitação. Jaime Bunda era mesmo o seu herói e não queria saber de mais nada. Sempre viu o primo como o detetive dos livros que ele lhe foi emprestando desde que ela aprendeu as primeiras letras, embora gostasse mais de ler romances de amor. Tia Sãozinha nunca gostou desses empréstimos de livros nem da amizade entre os dois, aliás nunca gostou de nada que tivesse relação com Jaime Bunda, empecilho principal de não ganhar uns dólares com o aluguer do anexo. Pouco valia o argumento de tio Jeremias e de Laurinha mais tarde, quem tem necessidade de viver em anexo nunca viu a cor de um dólar. Odiava Jaime e acabou. Era o exemplo à frente dos seus olhos da parte fracassada da família de Jeremias, o que podia acontecer aos seus filhos e netos. Dava azar. E como sempre desencorajava a ligação entre os primos, logo gritou pela filha, Laurinha, não tens que tratar da casa, que estás a fazer?

A menina saiu do quarto com um sorriso cúmplice nos lábios. E Bunda acabou de se aprontar com lentidão. Saiu, evitando sequer afrouxar o passo perto da varanda e não respondeu às difamantes invectivas de tia Sãozinha, vês o que dá meteres-te com mulheres casadas e ordinárias, agora parece que estiveste num bombardeamento aéreo, bem feito, aquela cabra marcou-te bem para ganhares juízo. Banana, deixa uma vaca daquelas lhe dar porrada. Jaime fingiu não ouvir, fechou o portão, entrou no carro e arrancou para enfrentar as sombras criminosas que não queriam saber dos seus problemas e reclamavam, com os seus

sórdidos empreendimentos, toda a sua atenção na defesa inquebrantável do povo.

Povo esse certamente protegido pelo D.O., já posicionado antes das dez à frente do bar, esperando ainda no carro que abrissem as portas do estabelecimento. O que aconteceu exatamente às dez horas e dois minutos, tendo ele entrado em seguida e esperado o parente estagiário, para o que tinha de provar já então o primeiro uísque do dia. O qual parente chegou esbaforido às dez e dezoito, estando o uísque a meio. Trazia a cara toda amolgada e atulhada de esparadrapos, para espanto do chefe.

— Mas que aconteceu contigo?

— Desculpe a demora — disse Bunda, sentando-se à mesa sem esperar convite. — Fui atacado há menos de uma hora.

Antecipando o relato que tinha de ser heroico, fez um gesto ao criado a apontar o copo do D.O., outro igual, não tendo o chefe tempo de reclamar, também ia dizer o quê, que não se bebe no serviço? Jaime tinha decidido no carro antes de vir para a Ilha, andando pela cidade à espera do telefonema do Armandinho, o qual chegou por volta das dez e estava ele a safar-se do trânsito da Baixa, que não ia ter mais rodeios nem uélélés e que o parente havia mesmo de lhe pagar um uísque, quisesse ou não. O único azar seria se o D.O. estivesse com uma água mineral à frente por causa da ressaca da véspera, mas Deus não ia permitir, era pai, não padrasto. Com efeito Deus cumpriu a sua parte, aliás previsível para quem conhece minimamente os hábitos e vícios do responsável da bófia.

— Atacado por quem?

— Três tipos com aspecto de seguranças. Desses privados que abundam pelo Roque Santeiro e que recebem encomendas para assustar pessoas, sabe como é. Pregam uma surra num tipo, partem-lhe pelo menos uns dedinhos e depois deixam o recado, não te metas nisso. Às vezes também fazem segurança a empresas. Eu tinha dito que era preciso confirmar uma coisa, pois bem, o Armandinho confirmou há pouco. De fato os penicos vêm do Oriente. E esta, chefe?

O D.O. fazia esforços para compreender o atabalhoado relatório, ainda por cima obscurecido pelos lábios inchados que não deixavam passar bem os sons. Preferiu beber um gole do copo.

— Explica desde o princípio.

— Fui ver o que faziam num armazém de onde saem penicos e outros bens, entre os quais caixas de cerveja. Na Boavista.

— Isso já eu sabia.

— Sabia, chefe?

— Dos penicos. Não falas noutra coisa, que mania tens tu dos penicos. Usas? Ainda te ofereço um mas dos antigos, que eram esmaltados e bem pesados. Parece, as mulheres casadas e enganadas atiravam com eles à cabeça dos maridos que chegavam tarde demais a casa. Conta lá masé como te atacaram.

Jaime bebeu primeiro uns golitos do copo que acabaram de lhe trazer. Tão bom ou melhor que o do Kinanga, que é isso?, claro que era melhor, 15 anos pelo menos, esse parente não olhava a despesas quando estava em serviço investigativo. Por pura questão de hombridade profissional, devemos aqui revelar que antes deste caso Bunda estava muito pouco habituado a

uísque, pois só bebia cerveja e nem sempre da melhor qualidade. Por isso os seus julgamentos sobre a qualidade destes deliciosos licores escoceses não são muito fiáveis.

— Fui verificar umas coisas no tal armazém e saltei pelo lado para examinar o pátio das traseiras, muito bem protegido por um muro alto. Mas encontrei uma passagem. Quando podia reparar no que por lá havia, apareceram dois tipos com mau aspecto, de guardas ou capangas. Gritaram a chamar ajuda. Logo veio outro a correr. Rodearam-me e trocamos uns murros e pontapés. Depois, como eles eram muitos, saquei da pistola que o primo deixou no carro...

— Deixei uma pistola no carro? Qual carro?

Caramba, o parente estava mesmo perturbado pela hipótese de o bagre fumado ser o novo diretor-geral dos SIG, já nem seguia facilmente as conversas. Então não lhe tinha emprestado o carro com que Bunda agora se deslocava? No porta-luvas estava uma providencial pistola, que o estagiário passou a usar, embora tivesse pouca prática. Para dizer a verdade, nunca tinha dado um tiro em toda a sua vida. Culpa do chefe Chiquinho Vieira que não lhe permitia usar pistola, pois podia se magoar, como dizia com escárnio. Onde já se viu, polícia sem pistola? Jaime aproveitou a deixa para fazer esta queixa ao parente, sabendo que tudo que dissesse contra o Chiquinho Vieira caía em bons ouvidos. Esclarecido o mal-entendido, Bunda explicou que colocou os seguranças em sentido, que eles são capazes de levar uns murros para receberem umas notas, mas não são parvos, também têm medo de balas. Retirou tranquilamente embora com algumas dores e foi receber tratamento no primeiro sítio que encontrou, evidentemente no Roque Santeiro, onde havia um posto médico sem licença nem do Ministério da Saúde nem do das Finanças, mas que funcionava todo o tempo com uma enfermeira de bata mais ou menos branca, pois com o pó de milhares de pés a pisar aquelas areias vermelhas nunca nada era verdadeiramente branco, apenas uma força de expressão.

— Eles agora já estão prevenidos — disse o D.O., desprezando os detalhes. — Sabem-se espiados.

— Não tem maka. Pensaram que eu ia roubar.

— Ainda bem — disse o D.O., afirmação que Jaime não apreciou muito ouvir, então ele podia ser confundido com ladrão? — Bom, defendeste-te bem, gosto disso. E a estória para contar ao chefe do Bunker?

O detetive estagiário terminou o seu copo de uísque, é para anestesiar as dores da boca, disse, talvez um segundo me fizesse bem, o que levou o magnânimo D.O. se virar para o criado que bocejava contando as moscas, e fazer o gesto de repetir as doses. Então Bunda foi avançando devagar com a sua invenção sobre a entrada de heroina no país para daí atingir a Europa, Angola orgulhosamente guindada a plataforma giratória para o tráfico de drogas juntando o Oriente e o Ocidente, no sentido contrário ao dos navegantes que descobriram o caminho marítimo da Tuga para a Índia. E terminou a explanação, quase fazendo um brinde com o novo copo de uísque.

— E há alguma coisa verídica nessa estória? Se o Bunker mandar uma outra equipe investigar?

— Os penicos são verídicos e vêm do Oriente, foi confirmado.

— Já estavas há demasiado tempo sem falar nos penicos... Aposto que te deram porrada

hoje com um penico...

Bunda não achou graça, pois a cabeça lhe doía demais para brincadeiras de mau gosto, mas aguentou estoicamente, é hoje o meu karma. O D.O. bebeu em silêncio, matutando muito profundamente. De vez em quando deixava escapar um assobio entre os lábios. Quando terminou o copo, disse:

— Vou vender essa estória ao chefe. Pode ser que a compre. Pelo menos vai perder algum tempo a averiguar as possibilidades, ganhamos uns dias. E vocês vejam se resolvem rápido este assunto.

— Não depende de nós, chefe. Estamos a fazer o melhor possível.

O parente se apoiou familiarmente no ombro dele e levantou da cadeira, eu sei que vocês estão a fazer tudo, eu sei. E tu estás a revelar-te um grande agente, estou muito orgulhoso. Foi ao balcão e pagou a conta. Saiu do bar pegando amistosamente no braço de Bunda e dizendo com ar malandro, com que então te pancaram um penico na cabeça, foi isso. Jaime achou que parecia mal voltar a fazer cara de caso e se esforçou por sorrir desportivamente. Mas foi uma careta que lhe saiu, porque os lábios inchados não lhe permitiam senão esgares. Uma pacaça que apanha um tiro de 375 no lombo ainda dá uma gargalhada?

5

MINISTRO ESCAPA AOS CROCODILOS

Depois de deixar o D.O. partir para as suas conspirações de sobrevivência, Jaime telefonou para Pica-Chouriços, como vão as coisas por aí, cheio de sono, chefe. Depois de concordar com as queixas do subordinado, de fato o olhador de lado estava há muitas horas de vigília, prometeu, aguenta só mais um coche, vou ainda fazer uma coisa que é importante e depois fico no teu lugar, mas que não demore muito, chefe, há riscos de acidente com o carro, mal posso abrir os pobres olhos. Jaime desligou, achando que Pica-Chouriços exagerava um bocado nas queixas e reivindicações, bolas, os soldados servem mesmo para isso, aguentarem a batalha enquanto os oficiais estudam os mapas. Às vezes uns oficiais ficam apenas a jogar às cartas, dizendo que estão a elaborar estratégias enquanto os soldados se deixam massacrar, também acontece, mas este pensamento nem aflorou a sua desorientada mente.

Foi fazer uma coisa que já devia ter feito há dias, se queria manter o emprego sem sobressaltos, falar com o chefe Chiquinho Vieira e justificar as suas faltas. Aparecendo assim disfarçado de acidentado, não precisava sequer de apresentar atestado médico. Tinha preparado uma desculpa diferente da apresentada ao D.O., como era evidente, pois Chiquinho Vieira não podia saber que estava a investigar um caso, qualquer que fosse. Por isso deixou o carro numa rua lateral e foi a pé, chamando a atenção das pessoas postadas nas eternas bichas dos serviços da Cidade Alta por causa da sua cara camuflada. No serviço também foi alvo de todos os olhares, embora ninguém ousasse travá-lo nos corredores para inquérito, pois podia acontecer tratar-se do resultado de alguma batalha contra os inimigos do povo tão bem combatidos pelos SIG e a pergunta atrasar o vitorioso relatório. Resolveu passar primeiro pela sala dos detetives, onde a cadeira abaulada estava tristemente vazia, saudosa do seu peso. Aos gritos de que te aconteceu, foste atropelado por um gato, contou a mesma estória que repetiria em seguida à bela e burra Solange e finalmente ao chefe Chiquinho Vieira, que tinha sido assaltado por vários tipos que tentaram roubar-lhe o relógio e tudo o mais em plena Mutamba, o centro e coração da cidade, que se defendeu como pôde, o que não foi muito melhor porque saía pela primeira vez de casa depois de um demoníaco ataque de paludismo, daqueles que derrubam um tipo por duas semanas na cama, mas como ele é forte só ficou três dias, embora debilitado, ocasião em que de fato sentiu a falta de uma pistola, nesta cidade perigosa só armado se pode enfrentar a rua de todos os desafios, o que ele sabia ser um evidente exagero mas talvez criasse alguns remorsos no coração empedernido do chefe. Recebeu muitas provas de solidariedade dos colegas, mesmo do frio Isidro, que apresentava um novo fio de ouro a sair-lhe do pescoço para cima da camisa azul celeste, para não destoar daquela epígrafe já célebre, ouro sobre azul.

Mas logo o esqueceram e às suas mazelas, pois estavam a discutir apaixonadamente um caso insólito que vinha referido nos jornais, a morte por suicídio de um velho acusado de

feitiçaria. A história era simples, segundo um dos periódicos. Um velho habitante de um bairro popular de Luanda elogiou muito a mangueira do quintal da vizinha, a qual dava saborosas mangas mais que uma vez ao ano e nesse momento apresentava belas folhas novas contra todas as regras da Natureza. A vizinha ficou vaidosa com os elogios, pois toda a gente no bairro sabia que o ancião era parco de palavras e ainda menos para elogiar os outros, sendo considerado esquisito, reservado. Passou essa noite e no dia seguinte a mangueira apresentava evidentes e assustadores sintomas de secura. Dias depois estava morta. Uma árvore daquelas, frondosa e fresca, não podia morrer de um dia para o outro senão por causas sobrenaturais. Na discussão em casa, a vizinha lembrou os elogios do velho. Mesmo a partir da altura em que a voz dele lhe sussurrou tantos elogios no tronco rugoso, a mangueira começou a secar à velocidade do som, muloji, muloji, só podia ser obra de feitiçaria, mau olhado poderosíssimo. Há plantas que se tem em casa expressamente para captarem o mau olhado e estiolarem, assim protegendo os moradores, mas são plantas pequenas, fetos ou begônias, nunca uma árvore frondosa e sadia, essa resiste a todas as invejas. A vizinhança se reuniu em peso no quintal da dona da árvore, apreciando o tronco seco, mas seco mesmo como o deserto do Namibe, aquele tronco onde dias antes corria uma abundante seiva. E todos gritaram, só pode ser obra de feitiçaria, muloji, muloji. Ouvindo as reclamações e xingamentos que vinham do quintal do lado, associados ao seu nome, o velho disse para a filha assim também já é demais. Saiu de casa e só voltou mais tarde, macambúzio, com um frasco. Tomou o conteúdo do frasco durante a noite. De manhã encontraram-no morto, envenenado por aquele produto retirado de uma casca de árvore. Uma das primeiras conclusões é que árvore morre, árvore mata. Outra, a evidente, é que o velho se cansou das injustiças da vida e das kuribotices da vizinhança.

O que se discutia nos SIG não era tanto o drama do velho homem. Um velho a morrer nem era drama nenhum, pois todos já ficavam indiferentes às dezenas de crianças que tombavam por dia. O que intrigava os elementos da bófia era o destaque dado pela imprensa a este fato banal. Suicídio por alguém ser injustamente acusado de feiticeiro merece notícia? Ou haveria alguma razão por trás do mujimbo? Muito provavelmente, uma razão política. Isso se discutia. O especialista nestas questões, o inefável Honório, deixou as luvas e pinças de lado e pegando no governamental Jornal de Angola deu finalmente a sua douta opinião, não, se vem também neste jornal é porque não há nada de mal por trás, o Jornal de Angola é uma Bíblia de decência jornalística. Foi esse o momento que Jaime aproveitou para se despedir, pois sempre que Honório dava uma sentença sobre um artigo da imprensa se seguia um silêncio respeitoso.

Solange abriu exageradamente os grandes olhos, levantou o curvilíneo corpo da secretária onde aparava as unhas, juntou muito os lábios e lhe saiu, onde se meteu para ficar assim? Jaime desta vez foi gentil e repetiu a explicação dada antes, aumentando um pouco os murros e pontapés que conseguiu aplicar nos assaltantes. E ficou com o relógio? Bunda mostrou o pulso, desconseguiram de me roubar. E também não ficaram muito bem, aposto que foram para um posto médico receber curativos. A parva da Solange fazia ares extasiados e o peito agitava-se em emoções de desvanecimento. Jaime decidiu de novo que passaria a dedicar mais atenção àquela mboa, que valia a pena. Mas agora tinha pressa, com Pica-Chouriços a dormir

em pé, ou melhor, sentado ao volante. Por isso pediu na sua voz mais macia para ser anunciado imediatamente ao chefe.

Chiquinho Vieira não escondeu a má cara que sempre fazia ao cruzar com o subordinado, mas ouviu o relato com metade da atenção e no fim até condescendeu um acanhado coitado, esses bandidos puseram-no num triste estado. Bunda explicou que precisaria ainda de uns dias de descanso, até para aparecer com melhor aspecto no serviço. Demonstrando grande humildade, ficou de pé, apesar de tão barbaramente ferido. Chiquinho Vieira foi tocado por algum sentimento de remorso ou de caridade cristã, pois ia fazer o gesto convidando-o para sentar à sua frente. Mas reparou no rosto de Bunda. Apesar dos esparadrapos que lhe ocultavam alguns traços, os olhos estavam intactos se bem que o esquerdo ligeiramente fechado e se encontravam nesse momento fixos com insistência e alguma perplexidade no quadro da natureza morta que dominava a parede. Era sinal que devia ser despachado rapidamente do escritório antes que descobrisse qualquer coisa que desorientasse de novo as hierarquias. Bunda ficava sempre atônito perante o quadro, como se algo na pintura tentasse despertar uma reminiscência vaga. O muata ainda não tinha esquecido a humilhação dos atacadores dos sapatos, uma indesculpável mancha no seu currículo de galã. Estes dias tinham sido tão tranquilos sem o estagiário no serviço... O chefe disse pois vá já para casa, vá já descansar, não se preocupe com os dias de faltas, estão mais que justificados, mas vá imediatamente antes que se sinta mal e acabe no hospital. E Jaime aproveitou sem mais aquelas para deixar o gabinete pouco cuidado e incômodo, tão diferente do acolhedor escritório de Kinanga, a propósito, que faria o simpático polícia? Que vida desgraçada levava agora, nem tinha tempo de lhe fazer uma visitinha e beber um trago daquela maravilhosa garrafa.

Foi fazer um rodapé a Solange, caramba, colega, por que ainda não concorreu a Miss Luanda, está o país a perder, é uma questão de puro patriotismo mostrar a todos os seus dotes. E ela muito satisfeita, lambendo-o com os grandes olhos. Fazia isso a todos os homens que lhe davam alguma atenção e não se preocupava muito com diferenças de estatuto social, podiam ser chefes, chefinhos ou patas rapadas, todos mereciam o seu interesse, uma verdadeira democrata (antes, nos tempos do partido único, dir-se-ia que se comportava como uma verdadeira socialista ou uma revolucionária, mas estes são termos que não ficam hoje bem, pois denotam forte carga ideológica, e devemos respeitar as últimas modas ditadas em Washington).

Era muito perto do meio-dia quando Jaime substituiu um estafado Pica-Chouriços, vá descansar que às oito da noite cá o espero, mas já às oito horas, chefe, nem dá para descansar. Bunda tinha apanhado gosto pela autoridade no pouco tempo em que tinha um subordinado. Fez cara de superior furioso, semblante reforçado pelos esparadrapos que indicavam ao caxico quantos riscos ele corria pelo serviço.

— Todos nos sacrificamos, porra. Ou não?

— Está bem, chefe, às oito horas estou pronto.

Faltou dizer que o encontro se fez de novo no célebre armazém da Boavista, onde Pica-Chouriços estava a controlar Said. Não havia dúvidas que era este o quartel-general da operação criminosa. E lá ficou Jaime no carro, vendo as movimentações das mulheres a

entrarem e a saírem do armazém com caixas de cerveja ou bacias e penicos, enquanto de vez em quando uma viatura estacionava, penetrando alguém pela portinhola do lado no santo dos santos. Said era homem de hábitos certos e à uma da tarde saiu de lá, certamente para ir almoçar com Malika ao restaurante à frente do hotel. Entretanto e para passar o tempo, Jaime tinha telefonado umas duas vezes para Armandinho, o qual lhe fez o relatório, T também não tinha modificado os seus hábitos e a meio da manhã seguiu o percurso habitual para ir nadar. Mas como era sábado, a novidade é que do banho já não voltou ao serviço e foi para casa.

Afinal Bunda estava equivocado. Said de fato foi até ao hotel, mas apenas para apanhar Malika e os dois rumarem a casa de T, de onde saíram quase de seguida. O par vinha desfeito, pois a árabe entrou num todo-o-terreno azul de T, ela ao lado do horroroso bagre fumado e Tozé no banco de trás, enquanto Said seguiu no seu carro em outra direção. Nem foi preciso combinarem para Armandinho ir atrás do todo-o-terreno enquanto Bunda escoltava o árabe. O detetive estagiário bem que gostava de ter invertido os papéis para poder observar as cenas seguintes, embora não lhe aparecessem tão picantes quanto a nós que podemos facilmente imaginar Malika em estado de certa tensão pois era claro que T ia fazer avanços durante o passeio e o Tozé não perderia uma palavra, uma entoação insinuante, um olhar mais lambezudo, mordido de raiva, ciúme e impotência. Saberemos em seguida por telefonema do Armandinho para Jaime que se dirigiram para lá de Viana para uma espécie de quinta onde havia um ótimo restaurante com uma piscina e um tanque com crocodilos, onde almoçaram os três, tendo depois se juntado ao grupo o ministro dos transportes para um café e conhaque. Armandinho referiu que o ministro vinha acompanhado de uma mulata encimada por uma portentosa peruca loura quase até à cintura e que dizia constantemente o senhor ministro acha que... o que fazia perceber que era uma espécie de porta-voz oficioso do ministro. A conversa se passava em português e de vez em quando Tozé traduzia para Malika, segundo o minucioso relatório do bófia, sentado umas mesas depois com as antenas ativadas ao máximo, embora não desse para perceber sobre que falavam.

Mas a parte mais saborosa do relatório, que fez Bunda se arrepender mil vezes de não ter tomado as devidas precauções no princípio da estória e agora estar impossibilitado de seguir T, aconteceu depois do café e conhaque. O bagre foi passear com o ministro à beira da piscina e do tanque dos crocodilos, em conversa amena e sigilosa. Todos sabemos que este ministro quando fala fecha os olhos, hábito de criança. De maneira que às tantas, estava ele numa qualquer explicação impossível de detectar, dada a distância, quando tropeçou num torrão de terra por caminhar de olhos fechados e não fosse a rapidez de reflexos de T, segurando-lhe o braço, teria caído em mergulho no tanque dos crocodilos, o que seria perda irreparável para o governo. A partir dessa altura continuaram o passeio de braço dado. Até que, mais exaltado, T parou, se virou para o ministro de dedo em riste e soltou o braço, numa atitude de nítida ameaça. O outro baixou a cabeça, fechou os olhos e partiu para outra explicação, mas ficando parado, o que diminuía os riscos de novo acidente. Este ministro, quando ainda era criança, tinha sido várias vezes atropelado pois ao atravessar as ruas na conversa não via chegar os carros. E mais tarde os colegas lhe pregavam a partida de falarem para ele na rua, só para o verem replicar, fechar os olhos e chocar contra um candeeiro. As más línguas lhe chamavam “Fala cego” porque parecia estar sempre a discursar quando lhe davam a assinar os contratos

importantes, daí advindo graves danos para o país e grossas comissões para poucos. Seria sobre algum desses casos que T agora o incriminava? Nunca o saberemos, muito provavelmente.

Said, pelo seu lado, foi almoçar sozinho no restaurante do costume e depois partiu para os altos da Boavista, onde o armazém estava aberto, apesar de ser sábado à tarde. Não seria uma contravenção suficiente para se ir investigar o que lá haveria dentro? Jaime não tinha a certeza se era obrigatório fechar o armazém num sábado à tarde, desconhecia as leis laborais e do comércio. Mas registrou a possibilidade para, em caso de necessidade, se utilizar esse argumento. Não ficou no mesmo sítio das outras vezes, encostando o carro à sombra de uma casa, de modo a que não desconfiassem da insistência de carros parados ali perto com um homem dentro. E passou tranquilamente a tarde, vendo os penicos azuis, verdes, vermelhos e amarelos passarem à frente do seu nariz. Felizmente ainda não tinham sido utilizados e os odores que lhe chegavam eram dos virtuais frangos constantemente assados no Roque Santeiro. Virtuais para ele, claro, longe do sítio onde podiam ser comprados.

Uma feliz coincidência resolveu em parte o seu problema de fome constante. Um carro tinha parado do outro lado da rua, um jipe todo artilhado e com as colunas de som no máximo, de forma que se podia ouvir a música a cinco quilômetros. Um rap, por sinal. Bunda gostava deste gênero de música, por ser americana, era a moda do Bunker. E tinha estado mesmo a pensar, quando começou a ouvir a música, que havia uns intelectuais armados em finos que detestavam o rap, que não consideravam sequer música. Tipos da oposição ao poder vigente evidentemente, pois com tão mau gosto e fora de moda só podiam ser elementos com preferências de esquerda, até mesmo com certo pendor anarquista. Foi o rap que lhe fez reparar no condutor do carro, um rapaz que batia a mão no volante, marcando o ritmo. E não é que reconheceu o Quim Sortudo? Com sorte estava ele, Jaime Bunda, desta vez. Tinham sido colegas de escola durante muito tempo. E amigos. Ultimamente não se encontravam com frequência, mas Jaime acompanhava a carreira do outro, com a sorte que lhe valeu o nome já nos tempos da escola. O pai do Quim tinha estado preso no tempo colonial, acusado de lutar pela independência. E depois desta foi considerado herói e teve cargos importantes, os quais lhe permitiram amealhar muito kumbú. Com as mudanças havidas no dealbar dos anos noventa, já sem cargos de destaque por ter exagerado em algumas traficâncias, se meteu a sério nos negócios, uns legais, outros nem pouco mais ou menos, e enriqueceu que nem um Midas. Se dizia que tinha uma fortuna espalhada pelos paraísos fiscais do mundo. Quim teve sempre uma vida fácil. Aparecia na escola com brinquedos novos todo o tempo, que o pai trazia das suas numerosas viagens ao estrangeiro, numa altura em que não havia brinquedos senão no Natal e todos iguais. E ia passar férias à Europa ou ao Pacífico quando os colegas nem sonhavam em ir até Benguela. No entanto, sempre foi fraco em Geografia. Estudava pouco mas tinha sorte, ou os professores queriam agradar ao pai dele, o certo é que passou sempre e com notas melhores que as de Jaime, o qual se esforçava muito mais. Foi depois para o estrangeiro, primeiro Portugal, depois Inglaterra, mas nada conseguiu estudar, o tempo era pouco para a farra. Vivia do dinheiro do pai e ainda assim conseguia arranjar bolsas de estudo, pois já se sabe que dinheiro chama dinheiro, o que a alguns parecerá flagrante injustiça. Regressou há tempos da Inglaterra, sem mesmo um certificado qualquer de um curso para

limpar garagens com mangueira de meia polegada.

Jaime foi ter com ele e se cumprimentaram efusivamente. Mas só depois de o Sortudo ter gozado a camuflagem de Jaime, é nova moda ou quê, mal te reconheci com esses pensos. Não é camuflagem, mas são ossos do ofício. Falavam em alta gritaria, única maneira de se fazerem ouvir por causa da música no máximo. Se perguntaram depois pelas respectivas vidas e o que faziam em sítio tão estranho. Quim estava à espera de uma garina com quem tinha marcado encontro, mas não podia ir a casa dela, o pai tinha proibido a filha de sair com meninos ricos, sabes como é, só porque tenho este carro que vale 75000 dólares já sou ladrão ou kamanguista ou sei lá o que ele pensa, por isso ficava um pouco distante e punha o rap preferido dela a tocar, era o sinal que estava nas paragens, vais ver que daqui a pouco aparece a caça, mas também queria saber o que Bunda fazia ali e de carro, meu, estás finalmente a subir na vida, infelizmente era só do serviço e estava em missão secreta que não lhe podia contar, compreendes, há coisas que é melhor um tipo não saber, assuntos de Estado, mas Quim Sortudo já tinha ouvido dizer que o outro estava ligado a uma bófia qualquer, o que o agente estagiário não apreciou, não é uma bófia qualquer, é a verdadeira, a própria Bófia, o que fez o amigo sorrir aquele sorriso desdenhoso que têm os filhos dos ricos, invulneráveis, inatacáveis, acima de todas as polícias pois o papá safa-os logo de algum deslize, seja a própria Bófia, meu, não te ofendas, mas claro que não estava ofendido e precisava que lhe fizesse um favor, pediu Jaime sem rodeios, vai ao Roque me comprar uns pinchos de galinha e um pão e mais uma ou duas cervejas, estou a morrer de fome, meu, toma o dinheiro, mas que o bundão aguentasse um pouco a fome, a garina tinha de vir primeiro, imagina que ela chega e já não estou, pensa que estou a gozar, ainda vai dar razão ao pai careta e ela é uma pinta daquelas, meu, vais ver só, aguenta um coche que te compro o pitéu todo, mas conta lá, esse negócio pode dar tiros ou só estás a espiar um pobre bandido sem pernas, o que fez Bunda sorrir por sua vez, não te digo nada, escusas de insistir, então não conheces o secretismo destas operações, deixa de partes, meu, até já percebi pela maneira como olhas que estás a galar aquele armazém onde tem mulheres a comprar cerveja, afirmação que fez Jaime se sentir mal, então era assim tão evidente o seu camuflado propósito e ainda por cima gritado acima do barulho das colunas no momento mesmo em que o rap terminou e se seguiram os segundos que poderiam ser de silêncio se Quim não tivesse berrado aquela frase que podia deitar a perder toda a operação, não que os do armazém ouvissem, estavam demasiado longe para isso, mas algum transeunte mais atento e suspeitoso que poderia imediatamente farejar negócio e ir vender a descoberta ao Bubacar, tem um tipo a galar o armazém de longe, boa coisa não pode ser, é aquele carro lá no fundo, e bem poderia o D.O. dizer adeus à carreira, pois não apanhariam mais o bagre fumado com a boca na botija ou a mão no bolso alheio, tanto faz, mas cala lá a boca, meu, essas coisas não se falam mesmo que se suspeitem, baixa o som e podemos conversar normalmente, mas não posso, meu, já expliquei, é preciso que a garina ouça este rap e lá pôs de novo a música a tocar, comprei este cêdê nos Estados Unidos na última vez que lá estive, já faz dois meses, que saudades, meu, aquilo é que é terra, pois da próxima vai visitar a casa onde cresceu o Dashiel Hammet, vale a pena, e quem é esse gajo, então não conheces o autor do "Falcão Maltês", e que merda é essa desse falcão, é algum rap, o que fez desesperar Jaime Bunda, tão cioso dos seus ídolos, aquele Sortudo ia aos Estados Unidos todos os três meses e

nem sequer conhecia um dos maiores clássicos do romance policial, que ignorância, é por isso que este país não avança, pensamento este interrompido prontamente antes que no seguimento chegasse à conclusão que o regime dá dinheiro a quem não o sabe utilizar, o que era uma clara crítica ao sistema e por isso mudou o registro, mas como achas então os Estates, é mesmo a maravilha que dizem, aquilo é que é terra, mas eu prefiro uma ilha que eles têm lá que se chama Flórida, porra não é ilha, faz parte do mesmo território, corrigiu Jaime, ora, pá, aquilo tem água por todos os lados, mas não interessa, gosto de ir lá à Disneylândia, podes ver milhares de coisas e depois também têm lá uma terra num deserto que só tem cassinos, já me esqueci do nome, uma maravilha, encontras estrelas de cinema, atletas, cantores, tudo ali a jogar e a mostrar roupas caras, um mundo, sim, os Estates são o máximo, mas da próxima não te esqueças, vai ver a casa do Dashiel Hammet, estou cagando para esse gajo, meu, não me lixes, quero é gajas, mas vem aí a garina, olha só como ela anda, e de fato teve Bunda (e tive eu) de reconhecer que era uma palanca de perna longa e gingado de anca que faria até um elefante cantar, embora fosse extremamente jovem, uma catorzinha, o que Jaime lhe disse, mas é uma catorzinha, não, te garanto já tem quinze anos e não olhes para mim como se eu fosse um pedófilo, ela já tem muita rodagem e não fui eu quem primeiro carregou no acelerador, ocasião mesmo em que a moça chegou ao pé do carro e sem hesitar abriu a porta do outro lado e subiu para o assento, recebendo logo uma festa na coxa brilhante, enquanto o agente estendia as notas para o outro, vai então comprar o meu pitéu, está bem, faminto, pareces um deslocado de guerra, aguenta só aí, volto já.

O jipe arrancou e Jaime regressou ao seu carro, esperando que Quim fosse suficientemente honesto para não fugir com o dinheiro. Da mesma maneira que os ricos não gostam de pagar dívidas, os seus filhos não são de confiar, mesmo para os amigos, sabe-se lá de que vícios caros são escravos... Mas os seus pensamentos pessimistas foram desmentidos, pois o outro voltou logo com duas latas de cerveja e um embrulho em papel de jornal onde estavam pedaços de frango grelhado e um pão cacete. E ainda sobrou troco. Bom apetite, meu, nós vamos passear e fazer outras coisas agradáveis, não é, piteuzinho? Com um adeus, temos que nos ver mais vezes, sabes onde é a casa, Quim partiu. De fato Jaime conhecia a casa do pai dele, era no Alvalade, muito perto da moradia de T, o qual passeava com o ministro dos transportes pelo braço, como lhe contou nesse momento Armandinho. E este lhe relatou ao vivo, mesmo com uma fífia de susto na voz, a frustrada queda do ministro no tanque dos crocodilos. Foi então que Bunda comentou para o colega, que sorte tivemos em ele não ter caído, imagina só, o dinheiro para a reconstrução de uma ponte ou de uma estrada seria desviado para o funeral, pois ministro comido por jacaré merecia óbito com muitas iguarias e bebidas de uma ponta à outra da cidade, senão mesmo do país, para que a alma estraçalhada pelas mandíbulas encontrasse paz nalgum sítio. Haka, escapamos. Armandinho, sempre com o móvel ligado, mostrou a sua admiração pelo fato de a mulata loura não ter reparado sequer no drama que poderia ter sido vivido no tanque dos crocodilos, pois falava, falava, com muitos gestos que por vezes faziam deslocar a peruca. E Tozé deixava-a falar, nem traduzia para Malika, muito mais entretido a roçar as pernas pelas coxas da árabe. Não me digas, fez Bunda, é mesmo o que te estou a dizer, estão num grande farfalho por baixo da mesa, confirmou Armandinho.

— Mas essa árabe é mesmo uma mulher das Arábias, como diria o Philip Marlowe — disse Jaime Bunda.

— Quem é esse?

— Porra, não conheces o Philip Marlowe? O grande detetive dos livros do Raymond Chandler, um escritor americano...

— Ah! — fez Armandinho, contrariado, pois não gostava de ser passado para baixo. — E por que é das Arábias?

— Então? Vem com o marido, tranca-se no quarto do hotel com o bagre fumado e agora está na marmelada com o jovem que não sabemos quem é...

— Sabemos, sim — replicou Armandinho imediatamente, tentando recuperar vantagem na disputa de conhecimentos. — Chamou-me a atenção ontem, pois saiu do serviço com o bagre fumado e recordei que já me tinhas falado nele. Pus então os arquivos a funcionar. É filho do célebre Kondi, herói que morreu na guerra contra os sul-africanos. Foi adotado pelo bagre, que lhe tem pago os estudos e apoiado no resto. Esteve a estudar em França mas agora está cá. E é um ingrato que vai pregar os cornos ao padrinho, está-se mesmo a ver. Não é fascinante? O D.O. vai delirar com isto... Mas olha, agora estão a discutir duro. O bagre está a dar uma reprimenda ao ministro, de dedo em riste.

— Agora é que cai no tanque. Fica com atenção, pode ser que empurre o “Fala cego” para os bichos.

— Hum, não creio. Então tinha-o deixado ir há bocado. E seria acidente.

— É pena. Podíamos acusá-lo de assassinato de ministro e apanhado em flagrante. Todo o problema estava resolvido.

Todo não, Jaime era um otimista compulsivo. Nada estaria de fato resolvido pois não sabiam o que arquitetavam os cérebros da criminosa operação, reunidos no misterioso armazém da Boavista. E não é ainda agora que vamos saber, pois Said apareceu inopinadamente na portinhola, acompanhado do Bubacar e subiu para o carro sem lhe apertar a mão, como só fazem os conhecidos íntimos. A única curiosidade foi o árabe dirigir o carro para a Ilha, mas, entrado nesta, mudar o habitual percurso para o hotel. Virou a meio para a baía, antes da floresta. Bunda não arriscou segui-lo imediatamente, podia ser descoberto. Deixou passar algum tempo e depois se meteu também na estrada secundária. Viu o automóvel de Said parado junto do mar. Havia muita gente que andava de um lado para o outro, pois era sábado à tarde e a Ilha estava cheia de visitantes que vinham tomar banho ou simplesmente passear, mas ali não se viam outros carros. Não ousou aproximar-se mais. Mas lhe pareceu que Said, ao lado da viatura, olhava para os barcos ancorados na baía. Ou então admirava apenas a rara beleza de Luanda debruçada sobre o mar, o que denotaria um insuspeito pendor poético e apurado gosto. Mas, bolas, se lhe cuiava olhar para a cidade, havia melhores sítios de observação. Quando o viu entrar no carro, fez logo meia volta e adiantou-se, em velocidade de passeio. O árabe não tinha outro caminho e em breve o ultrapassaria. Foi o que de fato sucedeu, minutos depois. Said se dirigiu para o hotel. E Jaime pôde pensar no estômago faminto, pois não eram uns magros pedaços de frango e um pão que lhe forravam o apetite.

Mas outra dor se sobrepunha sempre à fome ou a qualquer outro sentimento, a lembrança

da desmedida e injusta reação de Florinda nessa madrugada. Tudo o que fez fora por amor, ela devia ter percebido. Afinal acabou por ser muito clara, estava com ele apenas porque era bófia e podia ajudá-la num aperto criado pela ganância do maridinho. E agora já não precisava mais de amizades com bófias, o Antero tinha finalmente atividades diamantíferas legais e ainda por cima protegido por um general. Foi sincera ou aquilo lhe saiu apenas por fúria? Não importa, doía, rebaixava, ainda por cima desmerecendo das suas performances sexuais. A vingança serve-se fria, tinha dito Buda ou Confúcio, não lembrava bem naquele momento. Havia de se vingar de Florinda e do Antero e até mesmo do tal general que tinha mandado torturar o Antonino Das Corridas, embora este fosse um merda e um traidor. Mas ia pensar muito cuidada e friamente na vingança, nem que durasse anos a esfriar. Apalpou as faces e a interrogação terrível atravessou-lhe a mente, será que ia ficar com marcas das garras daquela onça raivosa? E se Florinda estava infectada, precisava de tomar uma vacina contra o tétano? Preocupações e sofrimento, eis o triste destino de um bófia consciencioso e incompreendido.

6

O ATAQUE FRONTAL

Foi rendido pelo Pica-Chouriços e jantou no primeiro restaurante barato que encontrou no Bairro Operário. Toda a gente se preparava para as farras que iam animar muitos dos quintais e das discotecas daquela zona, como em todos os fins de semana. Foi logo a seguir para casa, pois se sentia cansado e melancólico. Encontrou Laurinha na varanda. Explicou, os pais tinham saído para visitar a tia Leopoldina, irmã da mãe, que tinha tido um novo ataque do coração. E convidou Jaime para ficar na varanda com ela ou mesmo para ver televisão. Ele sentou mas recusou a televisão, só fico um momento, estou morto de sono.

E teve de cumprir a promessa feita de manhã, explicando o que tinha acontecido com Florinda. Há coisas, evidentemente, que um bófia não pode contar à priminha que o considera um herói, por isso omitiu totalmente o contrato feito com Antonino Das Corridas e estava mesmo pronto a jurar que nunca tinha conhecido tal personagem. Acabara de descobrir que Florinda era cúmplice do marido no negócio da kamanga e chamou a atenção dela que isso era ilegal e podia dar cadeia. Ele ficou em situação difícil, pois o seu dever profissional era denunciar o latrocínio feito ao Estado, repetiu a palavra que sabia ser desconhecida de Laurinha, a qual no entanto não pediu esclarecimento pois deve ter entendido o sentido. Mas, por outro lado, era demasiado doloroso criar complicações a quem ele amava de um amor tão puro. Calou, pois, a sua comprometedora descoberta. Ora, ontem os seus colegas resolveram interrogar o marido, sem que Bunda soubesse, e parece que não o trataram muito bem, enfim, uns apertos a mais e algumas bofetadas à mistura. Florinda pensou ser ele o instigador de tal selvajaria e veio de manhã se vingar traiçoeiramente do que ela achava ser uma escusada crueldade. Jaime ficou tão pasmado com o ataque que nem reagiu, mal se defendeu. Florinda aproveitou a surpresa para lhe ferrar as garras nas faces, com o resultado que Laurinha tão bem conhecia, e ainda o insultou com toda a baixeza. Só depois Bunda ligou os fios todos e percebeu que foram o Honório, um gajo horrível que só gosta de ler jornais mas de vez em quando se diverte com as tesouras de recortar a imprensa na pele de um prisioneiro, e o Isidro, o mais sinistro, que dá murros com anéis de ouro nos dedos, dizendo leva lá uma surra dourada, chefiados pelo execrável Chiquinho Vieira, o engomadinho, os autores daquele abominável serviço e provavelmente deixaram escapar o seu nome, de Jaime Bunda, só para o incriminarem vilmente. Estava tudo terminado com Florinda e agora era ele que não queria mais nada, pois ela mostrara acreditar logo em mujimbos furados e não ter confiança nenhuma no amor dele. Laurinha limpou uma furtiva lágrima como um réquiem a mais um amor desfeito.

— Amanhã te faço mais um curativo.

— E quando estiver com melhor aspecto te levo a uma discoteca. Achas que os teus pais deixam?

— Duvido que a mãe deixe. Ela acha que tu és um tipo sem moral, sempre metido com mulheres casadas…

— Só foi uma…

— Para ela a Florinda já se multiplicou — disse Laurinha. — Mas podemos tentar. O pai talvez a convença. E se não for contigo, com quem vou a uma discoteca? Nunca fui.

Bunda comparou a prima com a catorzinha que tinha saído à tarde com o Quim Sortudo. Laurinha era mais baixa, mas mais cheia. E nitidamente mais velha. Um ano, mas nessas idades um ano é muito. E nunca tinha ido a uma discoteca, enquanto a outra até marcava encontros ao som de rap. Só que não pôde avançar muito a conversa, pois ouviu o portão a abrir, chegaram os teus pais, não quero que a tua mãe me veja aqui, e escapuliu pela porta de trás para o seu quarto.

Ficou a ver televisão, com o som no mínimo. Dava para ouvir a tia Sãozinha a gritar lamúrias para a filha, a minha pobre irmã, toda torta, nem imaginas, a boca assim, os braços sem mexer, deitada, sem poder falar, que mal fez ela aos santinhos, coitada aiué, e ia partir para mais uma cena de óbito quando o tio Jeremias, já farto dos excessos kombísticos da mulher, lhe deu um berro, para já com isso, ela ainda não morreu, e tia Sãozinha diminuiu instantaneamente os decibéis, ficando a choramingar, ai a minha querida mana, aiué, com a boca torta a se babar, aiué. Foi então que Jaime aumentou o som da televisão e olhou a sério pela primeira vez para a tela, onde desfilavam velhas gordas em fato de banho em mais um concurso de misses, desta vez o da Miss da Terceira Idade.

Foi adormecendo, ainda vestido, sentado numa poltrona ao lado da cama, quando o ruído do telemóvel o despertou. Era o Pica-Chouriços, tentando ciciar apenas as palavras:

— Venha já para a Ilha, chefe, vai ver uma coisa interessante. Desembarque clandestino.

— Desembarque clandestino?

— O Said e mais uns quantos estão aqui do lado da baía a descarregar uns caixotes que saíram de algum barco ancorado. A esta hora da noite só pode ser contrabando.

Bunda olhou para o relógio, faltavam dez minutos para a meia-noite, quando estava metade da cidade nas farras de sábado. Já vou para aí, disse, depois de receber a indicação do sítio. Curioso, era o mesmo local onde Said tinha estado à tarde, certamente a certificar-se que o navio cuja carga lhe interessava estava fundeado na baía. Era comum usarem esse meio para escapar à alfândega, descarregando clandestinamente a carga suspeita antes de o barco encostar ao cais. Droga vinda do oriente? Seria sensacional se tivesse adivinhado o esquema real, quando o inventou para o D.O. utilizar nas suas maquinações políticas. Às vezes acontecem destas coincidências. A imaginação a provocar a realidade.

Já no carro, telefonou para Armandinho, desculpa acordar-te, mas não estou a dormir, meu. Bunda explicou-lhe o que se passava. O outro disse que nunca perderia tal espetáculo por nada deste mundo e zarpava para a Ilha, mas que era melhor prevenir já o D.O. Quanto a T, tinha-o deixado em casa antes de ser rendido pelo vesgo Ramiro. Que voltaram da quinta ao fim da tarde, tendo o bagre depositado Malika no hotel e sem lhe tocar, ocasião em que Armandinho e Bunda se cruzaram, tendo trocado um discreto adeus. Segundo informações de Ramiro, o bagre e Tozé ainda estavam no Alvalade, talvez negociando duramente quem comeria a árabe. Bunda duvidava, não achava T capaz de negociar coisas dessas, impunha-se

ao afilhado com dois murros e pronto. Nem o afilhado tinha peito para reivindicar direitos sobre Malika. Armandinho achava que há gente para tudo e o bagre fumado era muito capaz de ser um desses devassos que gostam de partilhar mulheres por vários indivíduos e portanto ser tudo combinado entre afilhado e padrinho.

Jaime Bunda não seguiu o conselho de Armandinho. Telefonaria ao D.O. só quando confirmasse as informações do Pica-Chouriços. Contando que chegasse a tempo, pois a descarga provavelmente não demoraria muito. E foi realmente o que aconteceu, pois logo o comparsa lhe avisava, meteram os caixotes numa caminhonete e vão arrancar daqui. Estava nesse momento Bunda a deixar a avenida da Ilha para fletir na direção da baía, no mesmo gesto que fizera à tarde. Apagou as luzes do carro e encostou-o, deixando o motor a trabalhar. Depois corrigiu a ideia inicial, que podia dar nas vistas. Deu meia volta e regressou à avenida, sempre de luzes apagadas. Foi andando até à primeira rotunda e voltou para trás, estacionando então no sítio onde a caminhonete teria de passar, quer fosse até à rotunda, quer fizesse uma infração e entrasse logo para a avenida no sentido contrário. Tinha decidido ir à frente da caminhonete e em contato permanente com Pica-Chouriços. Dois carros atrás da caminhonete iam de certeza chamar a atenção, pois não havia tanto trânsito assim à meia-noite, apesar de ser sábado de todas as farras.

— Estão a arrancar. Que faço, chefe? Há o carro do Said e a caminhonete, vou ter de deixar um.

— Segue a caminhonete. O Said, ou vai com ela, ou sabemos onde o encontrar.

Nesse momento voltou a telefonar a Armandinho, atrasaste, eles já descarregaram e se puseram a caminho, vamos nos cruzar certamente, vem com atenção ao meu carro. Viu as luzes de dois automóveis se meterem pela avenida, um, o do Said, tomando a direção legal para o fundo da Ilha, onde ficava o seu hotel, e a caminhonete cometendo a infração e arrancando para a cidade na contramão. Seriam só alguns metros de sentido proibido que logo entrava na faixa correta. E ele já tinha arrancado à frente, controlando as operações pelo retrovisor. Muito lá ao fundo viu o carro do Pica-Chouriços que também entrou na avenida em contramão. Ainda bem que ficou de olho no retrovisor, pois assim descobriu que o carro de Said contornara a rotunda e se postou atrás do de Pica-Chouriços. Será que o árabe tinha desconfiado da caçada? Preveniu o outro, o árabe não quis andar na contramão e afinal foi dar a volta, agora está atrás de ti, é melhor deixá-lo ultrapassar-te mas fica de olho, pode ser que ele esteja desconfiado e não foi pela contramão exatamente para te apanhar na armadilha. Pica-Chouriços não ficou aflito com a mudança, de perseguidor se tornar perseguido, como qualquer novato ficaria, disse OK, chefe, tudo joia, expressão inspirada de uma telenovela brasileira. Como a avenida era muito longa, Bunda lá da frente viu finalmente o carro de Said ultrapassar o colega e ficar atrás da caminhonete. Assim estava bem, os bandidos enquadrados pelos cavaleiros defensores da lei e da ordem.

Foi nesse momento que cruzou com Armandinho, o qual reconheceu a comitiva pois fez um gesto. Bunda lhe disse pelo móvel que suspeitava do destino do passeio. Não será um certo armazém no alto da Boavista?, perguntou Armandinho. Era também o seu palpite. Resolveu então telefonar ao D.O. Pelo barulho de música muito alta e vozes, o chefe devia estar numa grande farra. Certamente com aquele bom uísque de 15 anos. O parente gritou, não estou a

ouvir nada, espera um pouco que vou lá fora para um sítio menos barulhento, a música é boa, disse Bunda, o quê, a música é boa, mas o responsável ouvia mal e o agente estagiário teve mesmo que esperar. O que aconteceu instantes depois, tendo o D.O. sido informado em pormenor, mesmo da cena de o ministro ter escapado das mandíbulas vorazes dos crocodilos, mas o que tem esse Fala Cego a ver com esta estória, que não tinha nada mas o parente gostaria certamente de saber que o afilhado Tozé anda no marmelanço com a árabe que o bagre fumado quer ou anda a comer, mas pelos vistos o D.O. estava de muito mau humor ou pressionado pelo tempo, pois respondeu de forma desabrida, não mistures as coisas, trabalho é trabalho, porra, e não estás a me telefonar a esta hora para contar mujimbos de saias, quero é saber que mercadoria eles descarregaram e apanhá-los com a boca na botija e chegar até ao bagre fumado, ora que caraças, está bem, está bem, que esta mercadoria tem coisa o chefe deve reconhecer que tem, senão passava pelo porto e pela alfândega, portanto já apanhamos o Bubacar e o Said, agora é só estender a rede, mas não sei se o chefe quer que os prendamos agora, nós os três parece pouco, ou se esperamos para depois, tendo ouvido uns berros exagerados, quero que os apanhem agora, mas primeiro é preciso saber para onde vão, quando tiveres a certeza que só pode ser para o alto da Boavista, avisa-me imediatamente, que mandarei reforços, reforços, chefe? Bunda ficou muito mais descansado pois lhe parecia que havia vários homens na caminhonete e mais o Said, sem contar com os guardas do armazém, eram certamente demais para a capacidade dos três perseguidores, embora o efeito surpresa contasse. Com reforços, o caso seria mais fácil.

Ao saírem da Ilha e continuarem pela marginal, Bunda tinha quase a certeza que o destino era mesmo a Boavista. Ele pelo menos para lá se dirigia e até parecia que era o guia do cortejo. Ligou de novo o telefone e o barulho ensurdecedor do outro lado indicava que o chefe tinha voltado para a farra, o parente não podia ficar longe do copo de uísque durante muito tempo. Mas não falou, ficou só a ouvir. Passados momentos o D.O. berrou do outro lado, mas que brincadeira é esta, quem é o brincalhão, porra, sou eu, chefe, sou eu, o Jaime, espera aí que volto a sair daqui. Com estas e outras passou tempo. Teve de abrandar para ser ultrapassado pela caminhonete pois havia duas opções para seguir rumo à Boavista e não sabia que caminho iam escolher. Ficou entre a caminhonete e o carro de Said. Logo percebeu que escolheram o caminho de baixo, mais direto mas mais perigoso, pois infestado de marginais que viviam de roubos no porto. Acelerou então e ultrapassou de novo a caminhonete, distanciando-se mesmo. O D.O. finalmente atendeu, pode mandar os reforços, já estamos no caminho da Boavista, vão mesmo para o armazém do Bubacar. O parente disse que ia pô-lo em contato com a polícia, eu depois ligo-te. Demorou uns dois minutos. O D.O. disse, dei o teu número a um meu kamba que chefia uma unidade de intervenção, ele vai combinar contigo, boa sorte, vou também para aí, depois explicas-me o local. Afinal o chefe também queria meter a mão na massa e deixar o copo e as garinas? Era operação a sério, sim, senhor. Pelo retrovisor viu a caminhonete ao longe, assim não despertava certamente suspeitas. O kamba do D.O. telefonou então, estamos a caminho da Boavista, qual é o sítio? Ele lá explicou, mas que tivessem cuidado para não espantarem a caça e fizeram contas para que os agentes especiais chegassem depois deles. O que aconteceu.

Incrível a precisão da bófia, deve ser reconhecido. Armandinho já se tinha colado tempos

atrás ao escape de Pica-Chouriços. E os dois deixaram que a caminhonete e o carro de Said estacionassem à frente do armazém. Bunda tinha ido para o local que ocupara à tarde, um pouco ao lado, e viu a chegada dos quatro veículos. Ligou para o chefe dos especiais, dando indicações para que viessem primeiro ter com ele. E no tempo que levaram os meliantes a abrir a portinhola e a dar indicações aos guardas que estavam no armazém, chegaram os dois carros com onze especiais da unidade de intervenção. Pelo menos em número, superamos os gajos, pensou o agente estagiário, admirando os uniformes pretos dos polícias, enquanto se dirigia para eles.

Indicou o armazém ao chefe da equipe, que perguntou se havia alguma porta por trás. Bunda teve de reconhecer que desconhecia a existência de tal porta. O chefe da equipe perguntou:

— Quantos são vocês?

— Somos três.

— E estão armados?

— Eu estou. E penso que os outros dois também.

— Então chame os seus colegas e vá para trás do armazém, para impedir que fujam por trás. Nós atacaremos pela frente. Ataque frontal, percebe? Sem nhénhés nem uélélés.

Bunda percebeu que o chefe da equipe era do gênero decidido, embora não lhe agradasse nada a ideia de ficar de emboscada na parte detrás do armazém, pois teria de andar no escuro por ravinas desconhecidas. Mas teve o bom senso de não protestar, o outro passara a mandar na operação para a qual tinha cursos e mais treinos feitos em Espanha. Jaime telefonou para Armandinho, vem com o Pica-Chouriços para aqui, e explicou o sítio, que temos reforços e vamos entrar em ação. Os outros dois vieram a pé. Bunda explicou-lhes o que fazer, enquanto os especiais se posicionavam para o ataque frontal, abrindo em leque a cem metros da porta do armazém, com o chefe no meio.

— Vamos esperar que vocês cheguem lá atrás — disse o chefe.

Pica-Chouriços tomou a dianteira, em seguida Jaime e no fim Armandinho, este mais entretido a olhar a bunda que à sua frente rebolava por causa dos acidentes do percurso do que a fazer atenção ao caminho por onde tinham quase de escorregar. Muitos gemidos teve Jaime de abafar para não perigar a operação da polícia especial que esperava em cima que eles chegassem às posições combinadas. Estava escuro e só conseguiam ver os próprios pés. Foram descendo e chocando contra obstáculos no escuro, apenas ajudados pelo clarão das luzes que rodeavam o porto. Por isso ainda não tinham completado o cerco, quando ouviram as ordens de fica quieto, mãos ao ar, todos parados, gritadas pelos especiais para o grupo que descarregava a caminhonete e levava as caixas para dentro do armazém pela portinhola do lado. Pica-Chouriços correu no escuro e conseguiu chegar perto das portas traseiras do armazém, que afinal eram duas, com a pistola na mão. Armandinho passou por Jaime e lhe deu uma palmadinha na bunda, apressa-te, vamos. O estagiário lá conseguiu chegar à frente das portas e também sacou da pistola.

— Se algum abrir uma porta gritamos logo — ordenou Armandinho.— Assim nem tentam fugir por aqui.

Jaime se lembrou nesse momento do D.O. Devia estar a caminho e sem saber onde ficava

o armazém. Não, se já tivesse chegado, telefonava-lhe. Agora não tinha tempo de ligar para o parente, todo compenetrado em segurar com as duas mãos uma arma que nunca tinha disparado na vida. Faz muito barulho? Dá coice? Só sabia essas coisas por conversa e a ignorância provocava-lhe um frio na barriga. Soou então o tiro. Vinha da parte da frente do edifício. E Jaime sentiu uma coisa quente escorrer pela perna direita. Ouvira dizer, quando se leva um tiro não se sente dor nenhuma, só uma coisa quente a escorrer que é sangue, ou então falta de força num membro atingido. Me acertaram? Ficou parado, atordoado, sem reflexos para se atirar ao chão. Mas não havia mais tiros, só gritos e barulhos dentro do armazém. Depois o silêncio.

— Já devem ter sido apanhados — disse Armandinho, confiante.

Bunda levou então a mão à perna molhada e percebeu finalmente que se tinha mijado. Acidente chato!

O telefone tocou. Era o D.O. Estava entre o cassino e o Roque Santeiro e queria saber o destino. Gaguejando um pouco, Jaime explicou como chegar ao armazém. Com a precipitação, esquecera de pedir o número do móvel do chefe da equipe especial. E agora estavam ali os três, perdendo a festa, sem saber se podiam já abandonar as traseiras do edifício.

— Esqueceram-se mesmo de nós — disse o Pica-Chouriços. — Vou saber se já podemos sair daqui?

— Não — disse Armandinho. — Temos de defender esta posição e três não somos demais. Há que aguardar. Quando o D.O. chegar ele liga para nos chamar. Assim é que deve ser.

Armandinho tinha muito mais experiência destas missões, por isso Bunda ficou quieto. Até que não se estava nada mal ali no escuro, sobretudo porque os ruídos que vinham do armazém eram tranquilizadores. E se passasse tempo demais sem o D.O. ligar, seria ele a tomar a iniciativa. Afinal, estavam a fazer horas extraordinárias e nem um copo de uísque iam ter como paga, estava seguro, pois o parente parecia começar a ficar ingrato e mal disposto.

Finalmente, o telemóvel tocou de novo. E era mesmo o Diretor de Operações a dizer, podem vir, está tudo na rede. Deram a volta ao armazém e entraram pela tal portinhola de lado num espaçoso escritório com uma secretária, uma ampla mesa e vários cadeirões e poltronas. Viram Said, Bubacar e mais sete tipos a serem algemados. Um dos caixotes estava arrombado e mostrava notas de mil kwanzas. O D.O. sorriu com ferocidade para os seus agentes e disse:

— Fizeram um bom trabalho. Estes bandidos tentaram introduzir no país dinheiro falso.

Um dos tipos, um angolano pela pronúncia, queixou:

— Não me prendam, eu sou só guarda do armazém. Não sei de nada, chefe. Eu e o meu colega...

— Vai tudo dentro — disse o D.O. — Depois vamos ver a parte de responsabilidade de cada um.

Bunda tocou numa das notas que saíam da caixa. Perguntou ao parente:

— É mesmo falsa? Parece verdadeira.

— Uma boa falsificação. Já saberemos onde foi feito este trabalho. Estes gajos vão explicar tudo.

Said estava muito pálido. Desta vez não seria apenas expulso, por muitos amigos que

tivesse. Tinha sido apanhado em flagrante e num crime que dava pena maior, tempos atrás até possivelmente prisão perpétua. Mas Bunda reparou que não havia nenhum com aspecto de estar ferido.

— Ouvimos um tiro.

— Foi para o ar, só para travar dois tipos que queriam escapar — disse o chefe da equipe de intervenção.

Os prisioneiros estavam todos algemados e em fila. O D.O. não queria perder tempo. Deu as suas ordens. E Bunda, orgulhoso, reconheceu no parente verdadeira voz de comando.

— Tragam todos os carros para aqui. Vamos levar esta gente para um sítio calmo onde começar os interrogatórios. Um grupo vai ficar a tomar conta do armazém, porque temos de o passar a pente fino.

O chefe da equipe concordou com o kamba e designou quatro homens, vocês vão ficar aqui, de manhã são rendidos. O D.O. pegou num maço de notas e mostrou-as a toda a gente.

— Vou levar estas, o nosso laboratório vai começar a analisá-las já agora.

Os três agentes e mais os motoristas da equipe especial foram buscar os respectivos carros. À frente do armazém só estavam a caminhonete, o carro do Said e o do D.O., o qual chegou mais tarde e por isso não precisou de esconder o veículo. Bem que Bunda dispensava a caminhada de duzentos metros até à sua viatura, estava esgotadíssimo. Mas nem pensou em contrariar o chefe, imbuído agora de um tom autoritário mais acentuado. Sempre tinha lido isso, a ação faz os homens mais enérgicos e dominadores. Ou então a arma terrível que o D.O. passava a ter contra T lhe dava segurança e mesmo uma certa arrogância, as quais, diga-se de passagem, não lhe ficavam nada mal. Bufou mas seguiu os outros, bem mais ligeiros e querendo acabar rapidamente com o trabalho para irem dormir.

Complicado foi distribuírem os presos pelos carros. Não podia ir um condutor com um prisioneiro ao lado, pois, mesmo algemado, este podia tentar alguma coisa. Assim, Armandinho deixou o seu veículo para ir no de Jaime, no banco de trás, controlando o prisioneiro que se sentou ao lado de Bunda e o que ficou no banco de trás. Nos carros da equipe especial também se dividiram do mesmo modo para levarem o resto dos presos, pois eram viaturas grandes. O D.O. dispensou Pica-Chouriços, podes ir descansar, já fizeste um grande serviço. Bunda percebeu, o parente não confiava mesmo no Pica-Chouriços e queria vê-lo longe do teatro de operações, para ter pouco que contar mais tarde. Assim, o D.O. ficou sozinho no carro, postando-se à frente do cortejo como um verdadeiro comandante e conduzindo-o para norte, para fora da cidade. Andaram pela estrada que vai dar ao Cacuaco, mas antes de entrarem na vila fizeram um desvio em direção ao mar. O D.O. estacionou junto de uma grande casa isolada, rodeada por uma vedação. Apareceu um guarda que reconheceu o distintivo apresentado pelo chefe da comitiva e abriu o portão. Todos os carros entraram.

— É uma casa do Bunker — segredou Armandinho para Bunda. — Costumam organizar aqui seminários e cursos de formação. Bom sítio para guardar e interrogar os presos, sem que ninguém saiba. Porque vamos ter muito trabalho aqui, podes ter a certeza.

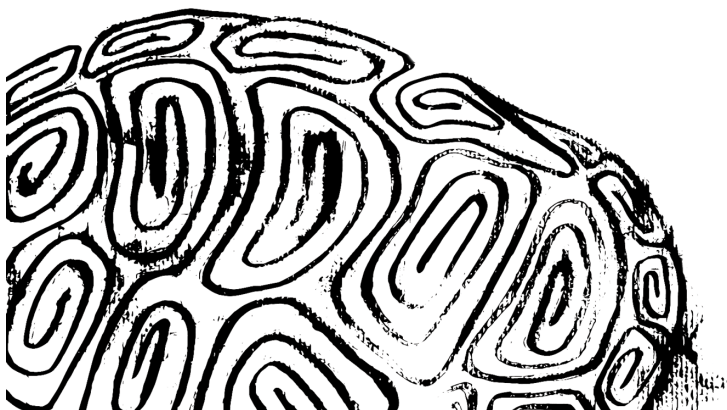
Jaime Bunda, o verdadeiro herói da noite, encheu o peito. Cada vez se sentia mais perto do Poder, aquele que cria e espezinha tudo à sua volta. Já entrava em casas secretas, em círculos reservados. Quem sabe, um dia, pela mão amiga do D.O. não entrava num

subterrâneo mítico do Bunker, um daqueles subterrâneos úmidos e calafrientos que aterrorizam mas ao mesmo tempo atraem impreterivelmente quem ambiciona respirar a majestade que se julga para além do bem e do mal?

[*Este narrador amante de caça até tem uma voz que reconheço se ter redimido. Mas, por questões de economia, tenho de abdicar dele e escolher outro, mais próximo dos cânones clássicos do gênero. Com todos os mais sentidos agradecimentos. Também com os agradecimentos dos leitores? Talvez me perguntem por que tenho de inventar outro narrador. E sou obrigado a saber? Se tudo fosse racional, estas coisas não tinham piada nenhuma.*]

LIVRO DO QUARTO NARRADOR

Onde se conclui a estória, provavelmente sem conclusão expressa, mas em quatro partes, que é o mais sagrado dos números, por ser o número de patas do cágado, sobre o qual assentam os poderes do mundo.

1

UM RASTRO DE SANGUE NO CORREDOR

O próprio D.O. abriu a porta da casa com um molho de chaves que trazia no bolso, o que indicava que antes de se dirigir para o armazém de Bubacar já se preparara para os passos seguintes. Não dá ponta sem nó, pensou Bunda, vaidoso do parentesco. Se sentia no centro de uma alta operação a combater ao lado de portentos dos serviços secretos, ele, Jaime Bunda, até então eterno estagiário. O chefe Chiquinho Vieira que se cuide, vou ser promovido depois desta vitória do D.O. E o galã de terceira é que teria problemas por ser da corja do bagre fumado, definitivamente derrotado. Empurraram os presos para dois quartos, tendo tido o cuidado de colocarem o Said num e o Bubacar no outro, de modo a que não pudessem comunicar. Os outros eram sequazes sem importância, angolanos contratados para aquele serviço mas sem conhecerem os detalhes da operação. O D.O. dispensou a equipe de intervenção, com grandes abraços ao seu chefe.

— Agora nós fazemos o resto do serviço, podem voltar para o quartel.

E mandou Armandinho dar uma volta pela propriedade para se inteirar dos sistemas de guarda.

— Há uma outra casa mais pequena, onde moram os seguranças — explicou ele ao Land-Rover. — Vê se está tudo em ordem e quantos guardas temos. Não convém que se aproximem da casa, não têm nada que ouvir as conversas.

Abriu uma porta e disse a Bunda para entrar para a sala, onde havia duas mesas e várias cadeiras. Devia servir para aulas, pensou o estagiário.

— Bem, agora vamos interrogar o Said e o Bubacar. Talvez nem seja preciso perguntar nada aos outros, são caxicos.

— E a mulher, chefe? — lembrou Bunda.

— Depois ocupamo-nos dela. Está no hotel, não?

— Sim.

— De manhã vais colhê-la e trazer para aqui.

— Sozinho?

— Com o Armandinho. Convém serem sempre dois, para não haver possibilidade de fugas. Quanto ao Pica-Chouriços, penso que já não precisas dele. Deixa-o dormir, amanhã dispenso os seus serviços. Agora vai buscar o Said. Começamos por esse.

Bunda se pôs quase em sentido e saiu para cumprir a ordem. Foi ao quarto onde estava o libanês e lhe fez sinal para o acompanhar, sem uma palavra. Achou, assim era mais intimidativo.

Encontraram Armandinho no corredor, vindo da inspeção fora de casa, com o gesto de polegar no ar. Entraram os três ao mesmo tempo na sala.

— Tudo conforme, chefe — disse o Land-Rover dos SIG.

O D.O. não se levantou da cadeira. Mandou Said sentar à sua frente, do outro lado da mesa. Como ninguém lhe disse nada, Bunda foi sentar numa cadeira ao pé da parede, ficando assim fora de cena. Armandinho se pôs atrás de Said, pronto para bater, se para tal recebesse ordem. Se via, a equipe formada por D.O. e Armandinho já tinha trabalhado inúmeras vezes em operações semelhantes, pois comunicavam com os olhares. Jaime estava muito atento, para aprender todos os detalhes. Já sabemos, queria aprender tudo sobre as técnicas policiais.

— Fala português, senhor Said Benselama, eu sei — disse o D.O. de forma bastante cortês.

O prisioneiro mexeu a cabeça, confirmando.

— O seu verdadeiro nome é Said Bencherif e não Benselama. Entrou clandestinamente em Angola, usa outro nome, provavelmente outro passaporte também e foi apanhado em flagrante introduzindo no país muito dinheiro falso. Já antes tinha sido expulso por atividades criminosas. Tem consciência do que o espera? Há poucas hipóteses de sair da cadeia nos próximos vinte anos. Sabe disso?

Confirmou tristemente com a cabeça, fazer mais como? Já devia ser uma consolação não lhe brandirem com a possibilidade de ser degolado sumariamente.

— Portanto, sendo inútil negar as coisas... o melhor é contar tudo desde o princípio, onde o dinheiro foi fabricado, por quem, como o iam distribuir aqui, quem são os seus sócios angolanos, que tem de os ter, etc., etc. Fale. Quanto menos tempo perdermos, melhor serão as suas condições de detenção... E poderão ser encontradas atenuantes.

Said devia ser muito bom na organização de circuitos de crime. Era sobretudo um tipo inteligente e frio. Porque antes de falar qualquer coisa, perguntou em francês:

— Mas afinal quem são vocês? São da polícia? Quem me garante?

O D.O. mostrou-lhe o cartão dos SIG, um novinho e reluzente. Porque será que o que pertence aos chefes é sempre de melhor qualidade, se perguntou Bunda. O seu cartão não brilhava, era feito de um papel baço.

— Sou o Diretor de Operações deste serviço, que controla todas as polícias. Pertencemos ao Bunker, que deve conhecer, pelo menos de nome. E agora fala?

Jaime, que contemplava fixamente o libanês, percebeu um brilho nos olhos dele quando o D.O. se referiu ao Bunker. Não o sobressalto amedrontado que todos esperavam, mas um brilho de esperança. Por causa do bagre fumado? Pensava que ia receber condescendência ou poder reverter a situação por T ser também do Bunker? Mas o brilho dos olhos dele podia também ser de terror, refletiu Bunda. Consoante as culturas, as expressões dos sentimentos variam. Alívio ou terror? Nem sempre os olhos falam claro, como diria Jonas no escuro dentro da baleia, sentenciou para si próprio o agente estagiário.

— Vou falar.

E Said explicou em francês, língua que os três agentes podiam entender, pelo menos o sentido geral. O D.O. revelaria aliás na sequência do interrogatório que dominava bem a língua, aprendida na escola no tempo colonial e reforçada com estágios no estrangeiro.

Contou Said que a operação consistia em introduzir no país notas falsas de mil kwanzas, que seriam trocadas por dólares. Ele conhecia algumas pessoas que alimentavam redes de kínguilas com notas ou de dólar ou de kwanza, conforme o interesse do mercado. Por isso tinha sido chamado do estrangeiro, pois tinha esses contatos e certo prestígio no meio, razão

pela qual tinha sido expulso antes, não por ter cometido qualquer ilegalidade mas porque quiseram ficar com o negócio dele, sobretudo o seu antigo sócio, Meritório Tadeu, que se assenhoreou do seu armazém e toda a cerveja que estava lá dentro, mas como era angolano, as autoridades fecharam os olhos. Pois bem, o Meritório Tadeu também estava implicado neste negócio dos kwanzas falsos, ele não se limitou à venda de cerveja. Mas não sabia bem como estava implicado, porque recusou qualquer contato com ele, como era óbvio. Pumbas, já denunciou um tipo e pelos vistos para uma saborosa vingança, pensou Bunda, com verdadeira admiração, vendo o D.O. tomar apontamento do nome de Meritório Tadeu num papel. O esquema era muito simples. O dinheiro veio num barco desde a África do Sul, onde alguém imprimiu as notas. Foi descarregado do barco à noite, como todos sabiam, e levado para o armazém do Bubacar, que também controla algumas redes de kínguilas. Essas redes iriam comprar dólares no mercado, tranquilamente, não grandes somas no princípio para que o valor da moeda americana não subisse demais e sobretudo para não despertar a atenção.

O D.O. nessa altura olhou uma nota contra a luz.

— Parece que está bem falsificada, mas não tem a linha de água. Achavam que as kínguilas não iam descobrir que eram falsas?

Said fez um gesto de resignação com a mão, suspirou.

— Algumas iam descobrir e aceitar, pois os lucros eram muito elevados, também para elas. Outras teriam medo de entrar no negócio, mas ficavam caladas, pois precisam dos meus amigos para terem sempre as notas verdadeiras. Se falassem, perdiam os negócios futuros.

— Quanto pensavam arrecadar? — perguntou o D.O.

— Alguns milhões de dólares ao fim de certo tempo. Não só aqui. Havia a possibilidade de ter lucros na Lunda, pois lá os kwanzas podiam servir para comprar os diamantes do garimpo, furando o monopólio instituído.

Bunda se sobressaltou quando ouviu falar da Lunda e de diamantes. Embora devesse manter-se em atitude de aprendizado, não resistiu em saltar para a frente da batalha e quase gritou em português:

— Nomes, os nomes dos tipos que iam entrar nesse negócio da Lunda.

Mas Said frustrou as suas expectativas, não deu o nome do odioso Antero nem nenhum nome, era só um projeto, mas nem era da sua área, ele se encarregava das kínguilas apenas. Também não sabia quem imprimira as notas na África do Sul, apenas que um karkamano chamado Karl Botha as meteu no barco.

— Quem as mandou imprimir? — voltou o D.O. a assenhorear-se do interrogatório.

Sabia ainda menos. Pelo menos assim afirmou.

— Muito bem — disse o D.O. — Além do Meritório Tadeu, quais são os sócios angolanos? Porque alguém o meteu no país, por exemplo. Quem foi? Sabemos que não passou na polícia de fronteiras. Dê-me o seu passaporte para ver se tem carimbo de entrada.

— Deixei o passaporte no hotel.

Só então Bunda lembrou, não os tinham revistado. Ele chegou tarde ao escritório onde estavam a ser algemados e no momento não reparou. Mas de fato não havia nenhum molho de documentos, lenços e chaves, essas coisas que se usam nos bolsos e são recolhidos na altura da captura. Até papéis secretos com nomes de código, números de conta em bancos, podem ter

sido engolidos pelos próprios utentes para destruir provas. Bunda farejou amadorismo na equipe dos especiais, mas de fato eles não estavam treinados para isso, antes para fazer ataques frontais ou laterais. Já o D.O. não tinha desculpa. Este, de qualquer modo, não deu muita importância ao caso, provavelmente porque se aproximavam do momento que ele tanto esperava, de ouvir da boca de Said o nome de T.

— Sabemos que não passou pela polícia de fronteira, em todo o caso. E daqui a pouco recolhemos o seu passaporte no hotel. Quem vos fez passar a fronteira?

Bunda se inclinou mais para a frente na cadeira. O D.O. olhava para a boca do árabe com indisfarçável avidez. Mesmo a postura de Armandinho, de costas para Jaime, revelava rigidez, nem parecia respirar.

— Então, dê esse nome e a sua situação vai melhorar muito, talvez até se safe com uma pena muito mais pequena — insistiu o D.O.

— Passamos a fronteira em Cabinda. Viemos do Congo e entramos por terra em Cabinda. Em Cabinda apanhamos o avião para Luanda. Em Cabinda de fato evitamos a fronteira. Eu tinha sido expulso, podia haver o perigo de alguém se lembrar, embora viesse com outro nome. A minha companheira trazia um visto e não tinha problema nenhum, mas como eu devia passar de lado ela também passou. Ela está fora de tudo, só tem esse pequeno problema de não ter o passaporte carimbado na fronteira.

O D.O. dificilmente conseguia esconder a frustração. Pensava ia ter a denúncia sobre o seu inimigo imediatamente. Levantou muito a voz ao replicar.

— Sobre a sua companheira veremos depois. Quero é saber o nome do vosso sócio angolano, do tipo que pensou o esquema todo, que mandou imprimir as notas na África do Sul, que o chamou para vir cá, que mandou o tal Botha meter as notas no barco, o chefe, numa palavra. O mesmo que vos levou, a si e à sua companheira mais as malas do aeroporto para o hotel. E o que ia meter as notas na Lunda para comprar diamantes do garimpo.

— De quem fala? Do senhor... — e Said deu o nome verdadeiro de T que o autor, por sábia prudência, proibiu todos os narradores deste livro revelarem.

— Exatamente! — gritou um triunfante D.O., dando uma palmada forte na mesa. — É mesmo esse nome que quero. Confessa então?

— Espere lá. Não confesso nada. Esse senhor foi muito simpático, estava no aeroporto, viu que esperávamos ali e ninguém aparecia para nos levar, se aproximou e perguntou se tínhamos algum problema. Mais tarde percebi que ele se tinha afinal interessado também pela Malika, que temos de reconhecer, é um bom pedaço. Mas esse senhor é uma pessoa muito gentil e educada, nunca tentou nada de ofensivo, só uns olhares mais gulosos. E eu não sou ciumento, nem a Malika é minha mulher... Pronto, simpatizamos e temos nos encontrado. Mas ele não tem nada com esta estória, até pensa que venho investir no ramo dos refrigerantes.

— Que brincadeira é essa? — gritou o D.O. — Pensa que sou parvo?

— Brincadeira nenhuma. É a verdade.

O D.O. olhou para Armandinho, sempre atrás de Said. Olhou apenas. E Armandinho levantou as mãos esticadas dos dois lados da cara do prisioneiro e subitamente bateu nas orelhas dele. Um choque seco, em simultâneo. Com o susto, o árabe ia saltando da cadeira.

— Vamos lá começar a falar sério — disse o D.O. em português. — Então esse senhor anda

atrás da sua mulher e você fica nas calmas... Conte a sua ligação com ele antes que comecemos também a falar a sério. Mas de outra maneira...

Com as mãos algemadas, Said não podia esfregar as orelhas, que era o gesto natural. Ficou só a esfregar a orelha direita com as costas da mão esquerda. Armandinho mantinha as suas à altura da cara dele, em ameaça.

— Podem bater que não muda nada à história, que é verdadeira — replicou o prisioneiro, muito calmo, expressando-se em francês, como sempre.

— Veremos — disse Armandinho.

Seguiu-se uma boa sessão de murros e pontapés, que atiraram o libanês ao chão. O D.O. olhou para Bunda, que se fez desentendido. O estagiário continuou a observar o espetáculo, esforçando-se por não demonstrar nenhuma emoção. A única dúvida que o assaltava era, e se o parente lhe desse ordem expressa de também começar a bater? Bunda não era propriamente contra a violência e a cena de Antonino Das Corridas provava-o. Mas era contra o seu esforço físico. Ficava cansado só de pensar no que doía dar pontapés e murros. Ele já estava ferido, quase estropiado, quanto mais se também tivesse de usar mãos e pernas para obrigar o recalcitrante a falar. Ficou quieto, evitando olhar para o D.O., o qual, como bom muata, estava sentado sem molhar a sopa.

Armandinho parou um bocado para respirar e o D.O. perguntou, então fala a verdade ou não? Said tinha a cara toda deformada e sangrenta, com os lábios rebentados, alguns dentes a menos e os olhos fechados. Mas repetiu a sua verdade, a ligação com T era a coisa mais inocente do mundo. Continuou a sessão de tortura. Armandinho voltou a parar para recuperar o fôlego. E mais uma vez o D.O. perguntou:

— Quem o mandou vir a Angola?

— Vim de minha iniciativa. Recuperar o que me roubaram da outra vez. Quando tivesse dois milhões de dólares meus, ia embora.

— Quem organizou a operação toda?

— Não sei.

— Foi esse senhor que anda atrás da sua mulher, nós sabemos.

Silêncio. Mais porrada. Mais silêncio. Armandinho estava extenuado. O D.O. falou para Bunda:

— Leva o prisioneiro para a cela.

Bunda se levantou com o esforço que todos conhecemos e pegou num braço do outro, pensando, esse parente até já chama cela àquele quarto onde estes tipos estão. Teve de amparar Said, perfeitamente incapaz de andar. E o sangue do prisioneiro sujou a sua camisa, que era branca ainda por cima. Acabou por arrastar literalmente o Said pelo corredor até ao outro quarto, onde o depositou. Ficou um rastro de sangue no chão. Voltou à sala, ofegante pelo esforço, esfregando as mãos para fazer desaparecer as manchas. Inutilmente. Notou, Armandinho também tinha as mãos em sangue.

— O gajo é mais duro que parecia — disse o D.O. — Vamos experimentar o Bubacar.

Bunda primeiro foi à casa de banho e lavou as mãos. Não tentou limpar as manchas da camisa, depois se encarregaria dela. Foi ao outro quarto e fez sinal ao maliano para o seguir. Este tremia. Tremeu ainda mais quando viu o rastro de sangue no corredor e no chão da sala.

Sentou na cadeira sem conseguir controlar os movimentos desordenados das mãos e dos joelhos, que batiam um no outro. Não era da mesma têmpera do seu associado, estava claro. Armandinho se colocou na mesma posição que usara com o libanês, de pé por trás dele.

— Senhor Bubacar, só queremos que confirme umas coisas que o seu amigo Said nos disse.

O maliano suspirou fundo. De alívio? Ou de susto, por ver que o companheiro já tinha falado e não saber o quanto tinha revelado?

— Esse dinheiro foi impresso na África do Sul, certo?

Bubacar assentiu com a cabeça.

— Quem mandou imprimir?

— Penso que foi o Said, mas não tenho a certeza. Conto tudo. Ele contatou-me quando ainda estava em Dakar, que vinha cá me propor um grande negócio. Depois chegou e avisou-me. Pediu-me para ir ter com ele a um restaurante para conversarmos. Mas eu não queria, sabia que o Said tinha sido expulso e portanto estava aqui ilegalmente. Estou bem aqui, não quero problemas. Falhei o primeiro encontro, falhei o segundo. Mas o Said afinal sabe uma coisa sobre mim. Ameaçou que me denunciava... Então eu acabei por ir ao terceiro encontro que ele marcou.

A que eu assisti, pensou Jaime, no restaurante à frente do hotel. E que Armandinho cobriu fotograficamente.

— Que coisa sabia sobre você? — perguntou o D.O.

— Um negócio que correu mal com um colega libanês de Dakar, há muito tempo, antes de eu vir para cá. Esse colega acha que eu o enganei de propósito. Mas não, foi um acidente, essas coisas acontecem nas transações comerciais. Ele saiu prejudicado e eu beneficiado. Enfim, agora já não tem importância. Era aborrecido que se soubesse aqui em Luanda, junto da minha comunidade, perdia prestígio no grupo da mesquita. Por isso acabei por aceitar encontrar-me com o Said. Ele então explicou o seu plano. Queria que utilizássemos o meu armazém para guardar o dinheiro falso. E que o ajudasse a tirar os caixotes do barco, quando este chegasse.

— Não me vai fazer crer que era só essa a sua participação?

— Que mais poderia ser? Bem, conheço uma rede de kínguilas, todos nós temos umas relações para podermos obter dólares para comprar a mercadoria lá fora. Fica mais barato e muito mais rápido que se for pelo banco. Vendemos os produtos em kwanzas, com esses kwanzas compramos dólares nas kínguilas e com esses dólares compramos os produtos no estrangeiro. É conhecido o esquema. Pois bem, o Said convenceu-me a utilizar a minha rede de kínguilas para reciclar os kwanzas falsos. Mas nem cheguei a fazer isso, como sabe.

— Então acha que foi o Said que montou toda a operação? Que mandou imprimir dinheiro falso na África do Sul, que mandou o Botha meter o dinheiro no barco...

— Sim, sei... o Karl Botha.

— Conhece-o?

— Não. O Said disse-me que foi esse Botha que meteu o dinheiro no barco. Eu nunca fui à África do Sul, não tenho lá conhecimentos.

— E quem chamou o Said para Angola?

— Alguém o chamou? — respondeu Bubacar e levou o primeiro par de estaladas nas

orelhas.

O D.O. tinha olhado imperceptivelmente para Armandinho, isso podia Bunda jurar. Aqueles dois tinham treinado muito juntos. O maliano deu um grito, mais de susto que de dor, pois o golpe não era tão doloroso assim, era sobretudo desorientador.

— Juro que não sei quem o chamou. Tem de acreditar em mim. Sempre pensei que tudo era iniciativa dele.

— Nunca lhe falou de nenhum sócio angolano?

— Não.

— Tem a certeza?

A acompanhar a pergunta estavam de novo os dois estalos sincronizados. O maliano pulou de novo na cadeira com um grito.

— Os únicos angolanos foram os que vocês apanharam. Mas uns trabalham comigo. Guardam o armazém. Os outros eu recrutei no Roque Santeiro para carregarem os caixotes no barco e em terra. Não sabiam o que vinha dentro dos caixotes. Nem conheço o nome deles.

— O Meritório Tadeu?

— Quem?

— Não conhece o Meritório Tadeu?

— O antigo sócio do Said?

— Esse mesmo.

— Não sabia que estava nisto. O Said é que disse?

— Quem faz as perguntas sou eu.

— Acho estranho. O Said odeia esse senhor, até falou em cortar-lhe o pescoço antes de ir embora. Como é que o mete num negócio destes? Mas se ele disse...

— E... — o D.O. deu o nome do inominável bagre fumado.

Bubacar abanou energicamente a cabeça.

— Nunca ouvi falar.

Armandinho se preparava para iniciar uma sessão a sério de perguntas e respostas, não aquelas brincadeiras de estalos nas orelhas. Já tinha recuperado o fôlego e ansiava por movimento para não criar barriga, embora a barriga próspera seja moda constante para mostrar que se tem algum poder, por pequeno que seja. Mas o D.O. fez um gesto de apaziguamento.

— Senhor Bubacar, eu quero acreditar em si. E o senhor tem todo o interesse em que eu acredite em si. Até pode ser que a pena seja leve, que continue a fazer o seu comércio, se eu acreditar em si. Por isso só a verdade interessa. Imagino que você e o Said combinaram o que deviam dizer e não dizer, se por acaso a operação corresse mal e enfim... acontecesse o que aconteceu. Mas não combinaram tudo, não era possível preverem o que nós sabíamos à partida. Diga-me, acha que sou burro? Então fazem isto tudo e não têm a cobertura de nenhum angolano? Pode ser?

— Senhor inspetor...

Ninguém tinha dito a Bubacar que o D.O. era inspetor ou comissário ou o que fosse. Mais ingênuo que Said, admitiu logo que fôssemos polícias, mesmo sem mostrarmos nenhum documento nem sequer termos iniciado a conversa apresentando-nos, pensava Bunda. Ou

seria uma ingenuidade construída? Porque a dúvida podia sempre existir, o tipo fazer-se passar por um pau mandado do Said, aceitando colaborar com ele à força de chantagem, não saber de nada, causar quase pena aos agentes defensores da lei e da ordem, e afinal ser o cérebro escondido da conspiração internacional, e que evidentemente não queria queimar o tipo bem situado que podia ajudá-lo mais tarde a safar-se da enrascada. Ele estava a atirar as responsabilidades para cima do Said e até sobre o Meritório Tadeu foi muito hábil, pois criou a dúvida sobre as declarações do Said. Se o Said mentiu só para se vingar do Tadeu, então podia estar a mentir no resto. Para o caso de o implicar mais que a sua conta. Qual das duas versões era verdadeira, o Bubacar ingênuo ou o diabólico? Cada homem tem sempre uma parte de um e do outro, de anjo e de diabo, como diria Júlio César no seu famoso livro sobre os chineses, observação acutilante de Jaime Bunda.

— Senhor inspetor, só posso dizer o que sei. O Said convocou ao meu escritório alguns outros comerciantes, que posso nomear, para os meter no negócio. Uns malianos, outros congoleses, um senegalês... Eles conhecem kínguilas e podiam ficar com uma parte do dinheiro falso. Mas realmente angolanos, que eu saiba...

Bubacar deixou a frase em suspenso e ficou também suspenso, rígido, à espera das chapadas nas orelhas. Que não aconteceram.

— Então é mentira o que disse o Said? Que o senhor montou isto tudo em associação com esse senhor que diz não conhecer? E que chamaram o Said de Dakar para vir montar o esquema?

— O Said disse isso? — a voz esganiçada do maliano tremia, de medo ou de indignação pela mentira?

— Já lhe disse que nós sabemos muito. Ele falou bué. Aliás, o problema dele é mesmo esse, quando começa a falar nunca mais se cala...

Ao atirar o seu anzol, o D.O. apontava com ar de lástima para o sangue fresco que sujava o parquê, como se fosse prova de covardia e não de coragem. De onde se pode concluir que um detalhe pode reforçar a ideia geral que se tem de um conjunto, qualquer que este seja. Ou de como uma frase pode ser entendida segundo o sentido do preconceito existente à partida. Bubacar estremeceu, daquela maneira característica que têm os homens altos e magros, só com os ombros.

— Mas não é verdade. Ele é que sabe de tudo, me convenceu a mim e não o contrário. Estava tranquilo a vender a minha cerveja e os produtos de plástico, tão úteis ao povo...

— Os penicos — falou pela segunda vez Jaime Bunda e em português.

Bubacar concordou com a cabeça. Replicou no seu português:

— Penicos também... muito bom à noite... as casa do musseque não tem pia... velhos custa ir mijar no quintal.

— Um verdadeiro filantropo! — concluiu o D.O., regressando em seguida ao francês — E para ajudar os velhinhos, mete-se neste esquema que provocaria muito maior inflação e faria disparar os preços dos penicos, entre outras coisas. E os velhinhos tinham que mijar mesmo no chão no escuro porque não tinham dinheiro para comprar os penicos.

Armandinho, sempre por trás de Bubacar, já aborrecido por não receber autorização para passar à ação, desfez a extraordinária harmonia da equipe, dizendo:

— Chefe, desculpe, mas este sacana só vai falar a verdade com bué de porrada.

Bubacar levantou logo os braços compridos, por favor, chefe, não faz isso não, já tenho idade. O D.O. levantou por sua vez um braço, vamos experimentar ainda a via pacífica. Se via, o parente sofrera alguma malévola influência das conversas das ONG's pacifistas, pensou Jaime.

— Pela última vez, senhor Bubacar, não nos escondeu nada?

— Só disse a verdade.

— Então vamos buscar o Said Bencherif — e fez um sinal para Bunda.

O estagiário deu à volta à mesa e falou ao ouvido do D.O. Sugeriu uma rápida reunião para troca de ideias, só os três. O chefe assentiu só com a cabeça. Bunda levou o Bubacar e fechou-o à chave na casa de banho, para não o misturar com os outros presos. Disse à guisa de consolação:

— Pode aproveitar a pia, sempre é melhor que penico, não entorna.

— Mas meu penico não entorna, ser muito pesado, forte, bom e barato.

E a equipe da bófia reuniu para balanço e estudar estratégias, como se faz nos melhores romances.

— Só falta uma boa garrafa de uísque — disse Jaime, se sentando a cavalo numa cadeira como Humphrey Bogard em tantos filmes.

— No que tens razão — concordou mais uma vez o parente. — Uma garrafa dava jeito e tenho uma por acaso no carro. Armandinho, deves saber onde encontrar.

E atirou as chaves para a mão do Land-Rover dos SIG. Então, Jaime Bunda se sentiu num momento perfeito, particularmente feliz. Agora sim, agora estava verdadeiramente dentro de uma estória de James Ellroy.

2

ONDE SE FALA DE NOVO DE BOCA-DE-PARGO

Antes de começarem a análise, beberam em copos de plástico que Armandinho também encontrou no carro do D.O. Faltava só uma caixa térmica com gelo. Jaime tinha ouvido dizer que uma figura importante da República andava sempre com uma no carro, mas para refrescar champanhe que bebia a qualquer momento. Das melhores marcas francesas, evidentemente. Mas é de regra ser prudente ao ouvir esses mujimbos, muitas vezes lançados pela impotente oposição só para denegrir o Estado, pensou o prudente agente estagiário. O D.O. foi o primeiro a terminar o copo e a servir-se de mais uísque. Disse:

— Estão com a lição bem estudada, pelo menos o Said. Não quer enterrar o bagre fumado nem por nada.

— O gajo é duro — disse Armandinho, olhando para as mãos feridas. Os nós dos dedos tinham perdido a pele.

— Ele sabe que o bagre pode salvá-lo — disse o D.O. — Se ficar de fora, sempre lhe consegue reduzir a pena por bom comportamento ou sugerir o nome dele para uma amnistia, coisas assim. Agora, se falar e incriminar o bagre, levando-o a perder toda a influência, apanhará mesmo uma pena pesada e sem esperança de ter alguém que vele por ele. Devem ter combinado isso antes, para o caso de serem descobertos.

— De qualquer modo a acareação pode dar alguma coisa — disse Bunda. — Esse Bubacar é muito esperto, pode estar a esconder muito. Ele sugeriu que o Said estava a mentir ao denunciar o Meritório Tadeu...

— Bem visto — disse o parente. — Sugeriu que o Said pode estar a mentir desde o princípio. Vamos atacar pelo caso de chantagem, esse é o ponto fraco, é onde eles se podem zangar um com o outro e começarem a acusar-se.

— Há outra coisa — disse Armandinho. — A mboa. Que é que ela veio cá fazer? Talvez devêssemos esclarecer isso antes de fazer a acareação. Pode avisar o bagre fumado que o Said não apareceu no hotel. E começarem a procurar. Descobrem logo o assalto ao armazém, vem no relatório do chefe do grupo de emergência. Essa informação pode chegar ao bagre e ele ligar as coisas. Por isso convinha...

— Colher a flor no hotel e atrasar a feitura do relatório, ou pelo menos restringir num primeiro tempo a sua leitura, não é isso?

— O chefe compreendeu rápido a minha ideia — disse Armandinho.

Nesse momento, Jaime Bunda deu com a mão na testa, como quem tem uma lembrança inesperada e preocupante.

— Os telemóveis...

— Quais telemóveis? — fez o D.O.

— O Said e o Bubacar não têm telemóveis? Onde ficaram? Estão com eles?

Correram os três, panicados, cada um ao seu sítio onde havia prisioneiros, para revistarem os cantos. Bunda foi procurar na casa de banho, o chefe no quarto onde estava Said e Armandinho no outro, onde antes estivera Bubacar. Regressaram à sala, mais aliviados, sem terem encontrado nenhum aparelho.

— Bom, pelo menos não conseguiram comunicar com o exterior — disse o D.O. — Se tinham algum, deve ter ficado no escritório do Bubacar.

— A minha ideia era que... — Bunda interrompeu a frase para encher de novo o copo.

— Qual era a tua ideia? Diz lá.

— Se tivéssemos conosco os telemóveis deles, podíamos captar alguma ligação de um cúmplice preocupado por não ter notícias. Estão a ver?

— Sim, entendo — disse o D.O. — Podíamos reconhecer a voz do bagre fumado. Mas ele não ia dizer mais nada ao perceber que não era o Said ou o Bubacar que atendiam. E isso nunca podia ser prova. Não temos meios aqui de gravar a chamada.

— Mas era mais um dado.

— Não te chegam estes? Ou estás a acreditar que o bagre só anda atrás da mulher do árabe?

O que uma pessoa não faz pelo amor de uma mulher, reconheceu para si próprio Jaime Bunda. Mas ficou calado, ninguém tinha nada que saber das loucuras feitas por causa da Florinda e de suas funestas consequências.

— Então, chefe? — perguntou Armandinho, que gostava pouco de palavras e mais de ação.

— Vão lá buscar a mulher. Chamem o Ramiro para vos ajudar. A esta hora é melhor serem três. E passem uma revista no quarto, pode haver documentação interessante. Não esqueçam os passaportes. Eu vou fazer um telefonema para alertar o meu kamba da equipe de emergência. Se ele puder atrasar um pouco o relatório é melhor. Precisamos de algumas horas sem que outros interfiram. Vão então.

— E trazemos gelo, chefe — disse Jaime Bunda.

O D.O. ficou a olhar para ele, sem saber que pensar. As razões do primo muitas vezes deviam ultrapassá-lo completamente, criarem aquela inquietação provocada pela descoberta de não atingirmos totalmente o pensamento alheio. Sobretudo quando se trata de cérebros especiais, que não sabemos definir. Já o estagiário tinha cruzado a porta e ele ainda estava meditativo, olhando o vazio.

Os agentes foram no carro de Armandinho. Este telefonou para o Ramiro, convocando-o para o hotel da Ilha, dizendo que ele certamente chegaria primeiro e por isso era melhor esperar no carro, quietinho. E resumiu rapidamente a colheita que tinham feito. O outro assobiou ao telefone, admirado com tantos milhões de kumbú apanhados. Às duas da manhã faz-se bem o caminho do Cacuaco até Luanda, a estrada está completamente vazia. No Roque Santeiro, só um cão kabiri atravessava a rua, cheirando os montes de lixo acumulados durante o dia e que a brigada de limpeza ainda não tinha recolhido. Ao chegarem ao Hotel, já lá estava o Ramiro, ensonado. Ficou lixado da vida quando cheirou os vapores de álcool que os colegas destilavam, estes não tinham esperado para comemorar a apreensão do dinheiro falso, mas engoliu em seco e ficou calado, que era um simples subordinado. Foram os três à recepção,

onde dormia um rapaz por trás do balcão. Acordaram-no.

— Vem conosco para abrires um quarto — disse Armandinho, mostrando o cartão dos SIG. — E sem discutires.

O rapaz imitou Ramiro segundos antes, engoliu só em seco. Pegou num molho de chaves e perguntou qual era o quarto.

— O 128 — respondeu Bunda sem hesitar.

O recepcionista destacou uma chave do molho de reserva. E subiu com eles ao primeiro andar. Aí chegados, Armandinho fez sinal com a cabeça e o rapaz abriu a porta. Novo sinal de cabeça indicava ao rapaz para descer as escadas. Entraram no quarto e viram Malika dormindo na cama, uma coxa nua saindo da camisa de noite, ao luar que se infiltrava pela janela mal fechada. Uma coxa branca morena, roliça, uma peça de arte, digna de Boticelli, murmurou num relâmpago inspirado Jaime Bunda, fazendo recurso a todos os seus conhecimentos. Armandinho fechou a porta à chave e acendeu a luz, revelando pouco interesse pelo comovente espetáculo. A mulher acordou e se soergueu num pulo, pronta a gritar. O Land-Rover mostrou o cartão e disse:

— Police.

Bunda puxou do seu péssimo francês para dizer na mais melodiosa voz que ela podia se vestir na casa de banho ao lado, enquanto os outros atacavam as malas e as gavetas à procura de documentos. Malika aprontou-se rapidamente e ficou a olhar revirarem as suas coisas e as de Said, sem protestar. Encontraram uma pasta com vários papéis e Armandinho ficou com ela, veriam aquilo com calma depois. Encontraram os passaportes, os bilhetes de avião e outra documentação pessoal, que juntaram à pasta. Ao fim de dez minutos, com o quarto todo revirado e as roupas espalhadas por tudo o que era canto, fizeram sinal à mulher para os acompanhar. Ela não ofereceu resistência, desceu com eles a escadaria como Bunda a tinha visto fazer antes, vestida para a noite. A lembrança da coxa clara emergindo no luar não saía da cabeça do estagiário, um eterno romântico. Por isso lhe deu o braço para ela se apoiar, o que provocou o mau humor de Armandinho, possivelmente uma ponta de ciúme.

— Vamos masé rápido, temos muito trabalho.

Ramiro voltou para a casa de T, completar a sua vigília, e os dois agentes levaram Malika para o Cacuaco, Armandinho a guiar e Bunda e ela atrás. Calados. O estagiário olhando de lado, na esperança impossível de repetir a visão encantadora de uma coxa aparecendo no escuro.

Chegados à casa de estágios, levaram imediatamente Malika à presença do D.O., o qual se mexeu na cadeira, certamente assombrado com a visão que lhe trazia a noite, mas mandou-a sentar à sua frente, sem uma palavra. Bunda sentou no mesmo sítio de antes, constatando imediatamente que o parente tinha reduzido nitidamente o nível do líquido na garrafa, para matar o vazio tempo de espera. Malika viu o sangue no chão e estremeceu ligeiramente. Armandinho entregou os documentos ao chefe e a pasta com os papéis e ficou de pé por trás da mulher. Ele consultou os dois passaportes, depois a pasta. Separou dois papéis. Deixou de lado os bilhetes de avião, sem os estudar.

— A senhora é argelina. E solteira. É verdade ou isto tudo é falso como o do seu pretenso marido?

— O meu passaporte é verdadeiro. Sou argelina. Não sou casada.

— E não tem carimbo no passaporte, embora tenha um visto de entrada passado pelo nosso consulado.

Ela baixou a cabeça.

— Como entrou no país?

— Viemos do Congo para Cabinda, por terra. Aí apanhamos um avião para Luanda.

— E por que não lhe carimbaram o passaporte em Cabinda?

— Passamos ao lado do posto da fronteira.

— Por quê, se tinha visto?

— Porque o meu companheiro não tinha.

— Muito bem. E passaram sozinhos?

— Não. Um congolês indicou-nos um caminho. A troco de umas notas.

O D.O. consultou os bilhetes de avião. Fez hum, hum, continuou a examinar os quatro bilhetes.

— De fato estão aqui dois bilhetes Dakar-Bruxelas-Kinshasa e dois bilhetes Cabinda-Luanda. O que confirma a sua afirmação que passaram por terra do Congo para Cabinda. E chegaram então a Luanda. Quem estava à vossa espera no aeroporto?

— O senhor Ezequiel.

— Ezequiel? — o D.O. olhou para Bunda, que fez também uma cara de desconhecimento. Nova personagem? Interessante. Mas o chefe voltou a falar: — Pode descrever esse senhor?

— É baixo e forte, sem pescoço, com boca de peixe...

— O bagre fumado agora é Ezequiel? — disse Bunda.

O parente deu uma gargalhada com muito gosto, perante uma Malika mais surpreendida que assustada. Agora parecia ter ganho alguma confiança, como quem diz, não tenho nada a esconder. O D.O. fitou a mulher e depois Jaime Bunda.

— Pela boca morre o peixe — disse em português. — Que necessidade tinha ele de se apresentar com um nome falso, se foi por acaso que se conheceram no aeroporto e se ele ficou interessado na mulher? — Jaime Bunda neste momento achou que o parente revelava pouca prudência, pois quem lhe garantia que a mulher não entendia o português? Mas o D.O. voltou a falar para ela e em francês: — Foi ele que disse que se chamava assim ou o Said?

— Foi ele.

— E o Ezequiel cumprimentou logo o Said quando desembarcaram? Esperaram muito por ele no aeroporto? Conte como chegaram.

Malika pressentiu alguma rasteira? Se via, ela hesitava, procurava palavras, tentando adivinhar nos olhos do D.O., sorridentes e benévolos, o que ele sabia e não sabia.

— Chegamos normalmente. Esperamos muito pelas malas, mas depois foi tudo rápido.

— E o senhor Ezequiel já estava à vossa espera.

— Acho que sim.

— Então desembarcaram, foram para a sala onde sai a bagagem, foi isso? Não apresentaram nenhum documento, não era preciso...

— Sim, foi isso.

— Levantaram as malas e saíram do aeroporto. Correto?

— Sim.
— Quando saíram, encontraram o senhor Ezequiel.
— Sim, ele estava lá.
— E ele cumprimentou-a e disse que se chamava Ezequiel.
— Foi, sim.
— E cumprimentou o seu companheiro. Como?
— Cumprimentou. Apertou a mão.
— Já se conheciam antes, então.
— Pareceu-me.
— Pareceu? Não tem a certeza?
— Podiam se conhecer, mas sem familiaridade. Foi um cumprimento formal.
— Bom. E o senhor Ezequiel disse que vos levava ao hotel. Disse se tinham quarto reservado?
— Disse que nos levava ao hotel, mas não me lembro se falou de quarto reservado. Mas fomos logo para o Hotel Ilha de Luanda, sim.
— Então quando chegaram não ficaram atrapalhados... Sabe, acontece muitas vezes a quem chega a Luanda, não se conhece ninguém, aparecem logo os taxistas a querer puxar as malas, a propor levar as pessoas... Uma pessoa até fica assustada com o assalto de uma multidão de taxistas. Com vocês não houve confusão, pois o senhor Ezequiel já lá estava.
— Sim.
— Mas então o Said tinha avisado o senhor Ezequiel da chegada. É porque se conheciam antes. O Said não disse como conhecia o senhor Ezequiel?
— Não. Só disse que havia alguém à nossa espera.
— E quando o Said viu o senhor Ezequiel no meio daquele aperto da saída do aeroporto disse-lhe a si, é aquele ali que nos vem buscar, foi isso, não?
— É, mais ou menos.
— Portanto o Said conhecia o senhor Ezequiel, pelo menos de vista. Reconheceram-se logo um ao outro naquela confusão.
— Penso que sim.
O D.O. olhou triunfante para Bunda. Jaime lembrava perfeitamente de Said dizer que conheceu por acaso o bagre fumado no aeroporto, estavam à espera sem saber bem o que fazer e ele foi muito amável, talvez atraído pelos encantos de Malika, perguntou se precisavam de alguma coisa. Esta contradição era suficiente para apertar o Said até despejar tudo cá para fora? Talvez. O parente estava a ir muito bem no interrogatório, reconheceu o estagiário, de novo com uma ponta de vaidade. Alguns deslizes, como o caso de não ter mandado revistar os prisioneiros e se ter esquecido dos telemóveis tinham diminuído o seu prestígio aos olhos do primo, mas agora mostrava o que valia. Inspiração do uísque de 15 anos? Ou da atração evidente que experimentava pela argelina? Bem precisava ele, Bunda, de mais um copo, mas não ousava chegar à garrafa no meio de um interrogatório, podendo desviar a atenção dos diretamente implicados. A mínima distração podia provocar um desastre.
— Muito bem. Mudemos de assunto. No seu passaporte diz que é artista como profissão. Que gênero?

— Sou bailarina. Faço dança do ventre.

Jaime Bunda quase saltou da cadeira. Aquela mulher mandava surpresas. Primeiro era argelina e não libanesa. Depois dançava o que ele só tinha visto em filmes mas que adoraria contemplar ao vivo. Tinham de arranjar uma sessão, ali mesmo naquela casa do Cacuaco, quando o assunto estivesse mais ou menos esclarecido. Isso explicava a maneira suave como ela andava, se movendo como uma onça, passos de pandeiro. Explicava a beleza da coxa, as curvas das ancas, sim, há profissões que marcam os corpos e a postura no espaço, concluiu o filósofo agente.

— Said e Bubacar... conhece? Foram apanhados com milhões de kwanzas falsos que procuravam distribuir no país. Sabia?

A notícia foi dada de chofre, para provocar um choque, embora com voz suave. E ela empalideceu, ficou que nem uma vela, daquelas fabricadas no Lubango antes que os karkamanos sul-africanos viessem bombardear a fábrica. Branca de sal. O D.O. repetiu a pergunta enquanto lhe galava como uma cobra enfeitiçando o pássaro sacanjuele. A mulher negou firmemente com a cabeça. Se até aí pensava que tinha sido presa por não ter carimbado o passaporte na fronteira, agora devia estar a fazer contas à vida e a dizer, caramba, a coisa está muito mais feia.

— Como veio com o Said, vive com ele, está indiciada como cúmplice, é claro. Ainda por cima entrou clandestinamente no país. Só se entra escondidamente se há uma razão forte, por exemplo um projeto de provocar um aumento vertiginoso da inflação prejudicando enormemente o nosso povo. Sabotagem, numa palavra. Terrorismo.

Malika torcia as mãos em desespero. Nós imaginamos que ela não sabia de nada e estava mais preocupada com os encontros escondidos com o Tozé. Mas como provar inocência em tal situação? O sangue no chão também não devia ajudar a tranquilizá-la. Compreende-se a sua aflição. Demorariam muito as lágrimas a aparecer nos belíssimos olhos negros? As lágrimas resistiam, ela mostrava grande coragem.

— Não posso dizer que não desconfiava de qualquer coisa... Mas a esse ponto... Juro que desconhecia totalmente. Said contatou muitas pessoas mas eu ficava no carro. Nunca assisti a nenhuma das conversas dele com Bubacar ou com alguns árabes ou indianos que visitou nas suas lojas.

— Se nunca a informou de nada, por que a trouxe? Diga-me lá, no esquema do Said, para quê a senhora servia? Ou está apaixonado por si ao ponto de a trazer para o perigo só para não se separar de si?

Ela abanou a cabeça, sem esconder a confusão que lhe ia por aquela zona do corpo.

— Não está apaixonado por mim... Eu servia de isca ... ou de moeda de troca para estabelecer uma aliança.

— Pode ser mais clara? Conte tudo e seremos muito benevolentes em relação a si. Atendendo mesmo ao país de que é originária, tenderemos a ser compreensivos. Mas só se disser a verdade...

— O Said queria casar-me com um angolano importante, ou rico ou com um bom cargo. Assim teria um parceiro que o protegia em caso de necessidade.

— E como atraía alguém se vivia consigo? Não seria melhor fingirem que eram irmãos ou

só amigos?

— Aí é que está... Ele foi enganado da outra vez que esteve aqui — Malika devia ter ruminado muito o assunto, pois as palavras começaram a sair mais fáceis e alguma cor lhe voltou ao rosto. — E por isso desta vez tomava todas as precauções. Descobriu que Ezequiel só é atraído por mulheres com compromisso, casadas, noivas ou amantizadas. Eu era a isca para o Ezequiel, o qual, pensando-me amarrada ao Said, faria tudo para me ter. E assim ele arranjava um sócio que não o ia trair mais.

— Alto psicólogo! — disse Armandinho.

— Chefe, o meu francês não dá — disse Bunda, aproveitando a interrupção do colega. — Pergunte-lhe se acha que o Ezequiel não é atraído por virgens.

O D.O. traduziu e Malika negou firmemente com a cabeça.

— O Said tinha a certeza que o Ezequiel sente um verdadeiro horror por virgens. E por mulheres livres, de uma forma geral. Não sei como ele obteve essa informação, mas repetiu-ma várias vezes. E sábado, de uma forma indireta, o próprio Ezequiel confirmou. Passava uma moça extremamente bonita, sozinha na estrada. O Tozé, que é o afilhado dele, disse vês como na minha terra há grandes belezas? O Ezequiel mal olhou, só disse bah, deve cheirar a leite, até fico arrepiado de nojo. E não exagerou só para me agradar, não.

Os outros estavam todos a olhar para a argelina e não repararam na cara consternada de Jaime Bunda. A ser verdade essa kijila, o bagre fumado nunca poderia ser o violador e, portanto, assassino da Catarina Kiela. Lá se desvanecia no fumo de uma dança do ventre o seu principal suspeito. Era preciso recomeçar tudo de novo?

— Parece-me um pouco forçado — disse o D.O. — Mas admitamos que você só servia para aproximar o Said do Ezequiel. Mesmo assim, desconfiava ou tinha a certeza que os dois estavam num negócio?

— Falavam por vezes a sós. Pensava que sim, estavam a montar um negócio em conjunto. Mas não forçosamente ilegal. O Said dizia que havia em todo o lado operações ocultas, não totalmente legais, mas para benefício dos próprios governos. Ezequiel é um tipo importante. Podia ser uma coisa de acordo com o governo até, sei lá. Nunca me passou pela cabeça que era moeda falsa, isso dá cadeia. E sobretudo prejudica o povo, tem razão, senhor. Se soubesse que era esse o negócio, nunca teria aceite vir para cá.

— Ainda não explicou por que veio afinal.

— Há muita pouca riqueza nesses países onde eu estava, os cabarés pagam muito mal, não há clientes com muito dinheiro, vivia pois com muitas dificuldades. Said propôs-me esta viagem para um sítio onde há gente muito endinheirada, é conhecido... Podia ser que encontrasse uma situação. Ele dizia que me arranjaria um bom casamento e eu acabei por acreditar. Como na altura tinha um interesse particular no próprio Said, inútil negar...

— Estava mais apaixonada por ele que o inverso...

— Paixão talvez seja palavra pesada demais. Um interesse, sim. Said pelo seu lado nunca mostrou muita consideração por mim. Sabe, um árabe nunca considera muito uma mulher com a minha profissão.

— Compreendo. E quanto ao Ezequiel? Chegou a estabelecer uma relação, hum, mais íntima com ele?

— Aí é que o plano do Said estava condenado. Eu nunca podia aceitar ir para a cama com um tipo tão nojento como o Boca-de-Pargo (ela disse Bouche-de-Pargo). Ele bem tentava uma aproximação, prudente aliás, mas eu mantinha-o à distância... Depois soube. Ele demora sempre a passar a vias de fato, vai-se excitando com encontros espaçados, uma palavrinha hoje, outra amanhã, enredando, enredando, gozando com a espera. Chama a isso a arte da verdadeira caça. Foi o Said que me disse. Mas a técnica dele comigo ia falhar...

— Preferia o protegido Tozé — disse Armandinho, displicentemente, num péssimo francês.

Ela virou-se vivamente para trás e corou. Finalmente perdeu de todo a cor da cera de vela. Não chegou a encarar o Land-Rover, que estava mesmo nas suas costas, só disse:

— Como sabe?

— Nós sabemos muita coisa — disse Armandinho.

A frase soava mais a ameaça, dita de um jeito pouco amável, no que contrastava com o seu chefe, que parecia fascinado pela beleza da argelina mas fazia com voz de mel sair tudo o que queria da boca dela. O chefe falou para Malika, mas olhando Bunda:

— Sabe que acho graça ao nome que arranjou para o Ezequiel? Em português é Boca-de-Pargo. Muito próximo da realidade. Outros usam outros nomes, mas sempre de peixe. Olhe... Vou propor-lhe um trato. Vai escrever a sua vida, isto é, como entrou nesta estória toda. Vai ficar fechada num quarto confortável e escreve esse relatório. Pode pôr o que quiser. Teremos em consideração a sua ajuda.

Malika foi fechada num quarto com vários beliches e uma secretária, com uma casa de banho anexada. Descobriram papel e canetas, pois a casa estava adaptada para os seminários de formação que nela decorriam normalmente. Ela se pôs imediatamente ao trabalho.

[*Esse relatório, com pequenos cortes e alguns arranjos, muitas vezes derivados da tradução, mas sobretudo para disfarçar o estilo de relatório, constituiu o Livro do Segundo Narrador, como os leitores certamente já repararam, se não andaram a saltar demasiadas páginas só para descobrir viciosamente como acaba a estória*.]

Eram quatro horas da manhã quando a garrafa ficou vazia. Jaime Bunda não tinha cumprido a promessa de trazer gelo mas os outros também não tinham reparado. Foram bebendo mesmo assim, logo que terminou o interrogatório de Malika, e conversando sobre as estórias anedóticas do serviço. O Diretor de Operações estava mais quente que os outros, pois tinha começado muito antes que eles o seu combate contra o álcool, interrompido apenas quando se deslocou para o armazém do Bubacar. A língua começou a enrolar-se na boca, ainda não a ponto de tornar a sua fala numa algaravia incompreensível, mas o suficiente para que os subordinados trocassem olhares de inteligência.

— Talvez fosse melhor descansarmos um pouco, chefe — sugeriu Armandinho. — Esta casa tem camas que chegam.

— Uma coisa vos digo e repito, essa moça foi sincera, disse a verdade, está fora desta jogada — disse o D.O. sem ligar para a sugestão de Armandinho. — O futuro dirá se estou errado.

Jaime Bunda abriu ostensivamente a boca. Tocou na cara com a mão e se lembrou de

Laurinha. Precisava de ir a casa de manhã para que a prima lhe fizesse um novo curativo. Mas antes queria dormir um pouco e começar a pensar na vingança. Porque Antero e Florinda e o general não iam ficar a rir, sobretudo agora que triunfava neste caso e dele sairia com uma promoção e com o reconhecimento do poderoso D.O., o qual entretanto continuava a afirmar para o ar a inocência de Malika perante um seráfico Armandinho.

— Chefe, vamos descansar um pouco. Depois interrogamos de novo o Said e o Bubacar...

— O Bubacar, é isso, vai chamar o Bubacar.

— A esta hora, chefe? — perguntou Bunda. — E não era melhor interrogar o Said?

— Ora, estás a ficar muito atrevido, miúdo. Quem é aqui o chefe?

Jaime se encolheu na cadeira, o álcool começava a ter efeitos acelerados e a tornar o D.O. agressivo, o que era um problema sério. Armandinho veio em seu apoio, com medo que a bebedeira do parente anulasse as vantagens que tinham adquirido no inquérito.

— Chefe, é melhor deixar o Bubacar para o fim. Vamos interrogar primeiro o Said, explorando as contradições do depoimento dele e da mulher. Mas só depois de descansarmos um bocado.

O D.O. levantou-se numa fúria, deu umas passadas pela sala, resmungando com voz pastosa:

— Descansar uma porra, cambada de preguiçosos, não querem trabalhar. Vão masé arranjar mais uísque, já não tenho no carro.

— A esta hora? — perguntou Bunda. — Está tudo fechado e estamos no Cacuaco, onde nem deve haver bares com uísque velho.

O chefe voltou a cair na cadeira e Armandinho arrancou para a porta, dizendo que ia fazer café, devia haver algum resto na cozinha, de café é que estavam a precisar. O D.O. soergueu-se de novo na cadeira, conseguiu articular:

— Mas isto é uma rebelião ou quê?

Só que não se aguentou nessa posição e voltou a cair sobre a cadeira. Deitou a cabeça na mesa e adormeceu instantaneamente. Bunda se levantou por sua vez, aproximou da mesa, fitou-o longamente. Estava mesmo a dormir. Suspirou, pois era melhor assim, e foi avisar Armandinho. O qual tinha encontrado um saco de café inteiro e o apontou, todo contente para Bunda.

— Vou fazer um forte para levantar mortos, mas fica lá dentro a tomar conta do chefe que eu depois levo.

Para adiantar serviço, Bunda carregou três chávenas, colheres e o açúcar. Depositou os objetos na mesa no momento em que começou a tocar o telemóvel do D.O. Primeiro pensou que fosse o seu, mas logo percebeu o erro. O do parente estava no bolso do casaco. Esperou que parasse, mas havia insistência. O D.O. não acordava e o telefone não se calava. Resolveu meter a mão no casaco do chefe e retirar o móvel. Quando o ligou, uma voz furiosa de mulher bradou:

— Ó meu cabrão, vens ou não vens para casa? Estás com que puta esta noite, seu sacana? Vem já para casa ou parto-te os cornos quando te apanhar. Bêbado, munhungueiro da merda, nem pensas nos teus filhos, todas as noites é a mesma coisa, vinho, putas e batota. Só quando te esvaziarem os bolsos é que te lembras que tens família e uma casa, cabrão ordinário.

Jaime Bunda não respondeu e desligou, como se fosse o D.O., chateado com a cena que lhe fazia a esposa. Porque devia ser a legítima, cansada de esperar e sem imaginar sequer que o marido podia estar a trabalhar. Bem, pensou Jaime, olhando para a figura abatida sobre a mesa, também não se podia dizer que estivesse a trabalhar embora o tivesse feito até algum tempo antes. Então, vinho, putas e batota? Nunca tinha ouvido dizer que o parente andasse com quitatas, mas isso acontecia, não era de estranhar. Agora batota? Poker a dinheiro? Ou um inocente 7 e meio a fósforos? Quem sabe se roleta ou bacará? Isso era mau, um tipo ficava depenado e com péssimo estado de espírito para afrontar os desafios do dia seguinte, como diria tio Jeremias em noite inspirada para sermão. Ainda ele era pequeno e já o pai o prevenia, cuidado com o jogo de cartas, é um vício terrível, o pior de todos. E quantas estórias tinha conhecido de gajos que são derrotados pelo jogo? Luanda mandava casas de todo o tipo de jogos de azar e até mesmo cassinos, um dos quais mesmo em frente do Roque Santeiro. O parente não estava mal servido de locais para derreter as notas do chorudo salário que devia receber. Ou era na casa de algum amigo ou nas traseiras de um bar para um poker entre conhecidos? Pôs o telefone no bolso interior dele e veio sentar na sua cadeira, esperando pelo café.

E pensando que poderia estar neste momento todo impaciente para sair dali porque Florinda o esperava. Afinal, Florinda dormia toda enroscada no sortudo Antero, um sacana que além do mais agora era dono de uma mina de diamantes e sócio de um general com capangas armados. E Jaime Bunda não estava impaciente por sair dali, não estava impaciente com nada, só tinha sono e uma vontade tremenda de chorar.

3
NEM SEMPRE O MERITÓRIO AJUDA

Desistiram de acordar o chefe para que ele tomasse café. Beberam o deles e deixaram-no a dormir na mesa, com a cafeteira arrefecendo ao lado. E foram procurar camas. No quarto de Malika a luz ainda estava acesa, devia trabalhar obstinadamente, arranhando o papel para salvar a pele.

Armandinho foi o primeiro a acordar, às sete horas estava a pé. Foi dar uma volta pelo exterior para controlar o estado de vigilância dos guardas e depois entrou em todos os quartos onde havia prisioneiros, a contá-los. Entrou sem bater no quarto de Malika, encontrou-a ainda à mesa.

— Era melhor descansar um pouco, vou aquecer café para si, mas depois durma.

Por fim foi visitar Bubacar à casa de banho. Mandou acompanhá-lo e fechou-o num quarto mais confortável, sozinho, onde até havia uma cama. Depois preparou o café para Malika e só então acordou Bunda, que atroava os ares com os seus roncos. Quando teve a certeza que o estagiário tinha acordado, disse para irem ver como estava o chefe.

Este, deitado sobre a mesa, insensível ao incômodo da posição, também ressonava, embora menos barulhentamente que o primo fizera antes. Parecia de propósito, o telefone dele voltou a tocar. Bunda já ganhara experiência, foi ao bolso do chefe e sacou o celular. A mesma voz furibunda de mulher, ó meu cabrão, ela não tinha outra maneira de cumprimentar, pelos vistos. Apesar de estremunhado e não se ter ainda lavado, Jaime utilizou a sua voz mais refinada para dizer, minha senhora, desculpe, mas o chefe está numa reunião importante e não pode atendê-la, se me der o número passo-lhe o recado...

— Olha, pois dá-lhe o recado que vá para a puta que o pariu que eu vou com os miúdos para a casa da minha mãe.

Possas, era brava e rugosa essa parente que ele tinha apenas vislumbrado ao longe duas vezes. Como é que o chefe não haveria de se comover com as adivinhadas maciezas de Malika?

Ao fim de muito esforço lá conseguiram acordar o D.O. Armandinho meteu-lhe logo uma chávena de café quente à frente do nariz, só faltava abrir-lhe a boca à força. O chefe nem protestou, bebeu o café amargo. Depois fez uma careta e perguntou pelas horas. Tinha de fato despertado. Lavaram-se como puderam e depois reuniram para escolher estratégias, tinham que recuperar o tempo perdido. Se via, o D.O. tinha muita prática destas noites sem dormir, pois o cérebro começou a funcionar normalmente. Como se não tivesse interrompido o raciocínio, disse:

— Temos de arranjar comida para esta gente. E mais uns elementos para interrogarem a caça menor. Que acham de eu convocar o Isidro?

Armandinho achou bem, Bunda nem por isso, mas ficou calado. Nesta altura dos

acontecimentos, o D.O. já não estava preocupado em esconder as coisas do Chiquinho Vieira ou então sabia que o Isidro jogava noutra equipe. De fato, o Isidro parecia pertencer ao seu próprio grupo, pelo que Jaime conhecera das suas jogadas com o Antero em tempos passados. De qualquer modo, se ele fosse ocupar-se apenas do pessoal menor, os guardas e os carregadores, arriscava-se a saber muito poucos detalhes. E eles podiam concentrar-se no que verdadeiramente interessava, os peixes graúdos.

Bunda aproveitou o entretanto em que Armandinho explicava ao Isidro como podia chegar à casa do Cacuaco, para informar o chefe dos telefonemas que interceptara no seu casaco.

— E dizes tu ela estava furiosa.

— Pois se até ameaçou que ia para casa da mãe...

— Sim, deve estar, esta semana foi toda muito passada fora de casa, há tantos assuntos a tratar, tantas preocupações... mas que linguagem utilizou quando tu atendeste?

— O parente que me desculpe mas tenho de ser fiel na linguagem e no conteúdo e ela começou por ó meu cabrão...

— Então fico mais tranquilo, ainda não estava na pior das raivas, porque quando está no grau máximo só me cumprimenta com ó meu panasca da merda, o que é bem pior.

Coisa de que Bunda duvidou, o que será pior, cabrão ou panasca? Pode depender do ponto de vista e do momento, pois as duas palavras se equivalem na ofensa assim como no seu poder contundente. O chefe pelos vistos não se comoveu muito com o recado, pois disse que ela logo voltava para casa com os miúdos, acompanhada pelo pai, que já tinha experiência desses acessos de raiva, não havia grande crise.

— Temos é de mandar vir uns pães para os presos, também não quero que me morram de fome nas mãos antes de falarem tudo que têm para contar.

E telefonou por sua vez a encomendar o abastecimento, que consistia de pão e leite para os prisioneiros e coisas mais sérias para eles e Malika, em que sobressaía uma garrafa de uísque, água mineral e uma grade de cerveja, além de fiambre, ovos, batatas fritas e fruta. O D.O. em seguida telefonou para algum chefe qualquer de polícia, a pedir para passarem o armazém de Bubacar a pente fino e o fecharem e selarem até novas ordens. E lhe entregarem os resultados da busca em mãos e só a ele, porque o caso era muito sério. Fez um terceiro telefonema para alguém da Marinha, para aprisionarem o barco onde tinha vindo o dinheiro falso e cujo nome estava num dos papéis apanhados ao Said. Jaime Bunda esquecera completamente o barco, nem sequer o tinha visto no escuro da noite. A consideração pelo parente voltou a subir, de fato podia dar indicações importantes, pelo menos confirmar a estória de Said do tal Botha que metera o dinheiro a bordo, muito certamente com a conivência de alguém da tripulação. Não se podia descurar nenhuma pista e o D.O. até parecia que aproveitara o sono e o estado de embriaguez para pôr as ideias em ordem. Grande família, exclamou para si com orgulho o estagiário.

Estes dispositivos acertados, o chefe mandou chamar Said. Apesar da bebedeira, não esquecera a sugestão de Armandinho de se começar primeiro pelo libanês, de onde se pode concluir que o álcool por muito que seja não apaga todas as impressões, pelo menos em certos cérebros privilegiados ou já vacinados por muita embriaguez. Jaime, que não era muito

resistente às bebidas destiladas, usando muito mais a cerveja e não em excesso, admirava a real capacidade do D.O. em se refazer rapidamente das investidas traiçoeiras do uísque.

Said apresentava realmente muito mau aspecto, umas horas depois da surra dada por Armandinho. As equimoses tinham escurecido e os golpes ficaram de cores mais vincadas, desde o castanho escuro até ao mais vivo vermelho e azul, em suma, a sua cara parecia uma paleta de pintor. E o D.O. começou logo ao ataque:

— O senhor Said mentiu e agora nós estamos muito zangados, mesmo muito zangados. Então não conhecia o Ezequiel, ele é que se aproximou de vocês no aeroporto atraído pela sua companheira? Você conhecia muito bem o Ezequiel, ele estava à sua espera.

Jaime Bunda admirou a sutileza do primo, ao usar o nome Ezequiel logo de chofre. Era uma sugestão poderosa, Malika tinha falado. Mas se estava à espera que Said se desmanchasse todo como um baralho de cartas, tinha muito para se desiludir. Não mexeu nem um músculo, apesar de sentir a presença de Armandinho por trás dele. Perante o silêncio altivo do prisioneiro, o D.O. insistiu:

— Teima em dizer que não conhecia o chamado Ezequiel, Boca-de-Pargo?

— Só de vista.

— Ah, mas já é um progresso. E como sabia que ele o ia esperar?

— Não sabia. Quando o vi, reconheci-o, era um tipo importante. Como ele parecia interessado na Malika, pedi-lhe boleia.

— Continua a mentir. E eu não gosto disso.

— Olhe, estou farto — disse arrogantemente Said. — Podem bater que não falo mais, nem um sim nem um não.

Era uma maneira orgulhosa, quase aristocrática, de acabar a conversa e os mandar à merda. Armandinho nem esperou pela ordem do D.O. Começou mesmo a bater no libanês com um bocado de mangueira que tinha encontrado na sua última ronda pelo quintal e que enchera previdentemente de areia. O outro apanhou, gemendo e sem gritar, até desmaiar. E continuou, portanto, calado. Não ganhamos muito com isto, pensou Jaime Bunda. O próprio D.O. se levantou e foi buscar um jarro com água que despejou na cabeça de Said. Não fez efeito imediato como nos filmes cômicos, mas o árabe acabou por despertar.

— Tu só estás vivo ainda porque queremos saber a verdade. Não percebeste isso? Se não falares, não nos serves para nada. Como nem sequer entraste no país, oficialmente não estás aqui, percebes, podes desaparecer e nunca ninguém virá reclamar sequer o corpo. Se queres ficar vivo, torna-te útil portanto.

Pela primeira vez Said estremeceu. Um arrepio ligeiro que lhe tomou os ombros até às pernas dobradas. Talvez não tanto pelo que foi dito mas pela maneira fria, desdenhosa, como foi dito. O D.O. respondia também de forma aristocrática, quase britânica, como quem tem um incômodo monte merda em baixo do nariz. O inquisidor sentiu a sutil mudança operada no prisioneiro e voltou à carga.

— A nós interessa-nos sobretudo é esse senhor que se fez passar por Ezequiel e que antes chamaste pelo verdadeiro nome. Por que alguém que não vos conhece se apresenta com um nome falso? Não te fez espécie? Malika compreendeu que havia algo de errado logo desde o início. E a estória de a quereres casar com ele para reforçar a aliança indica que vocês eram

sócios, que vieste com a conivência dele para armarem juntos este golpe. Já temos as declarações de Malika e, portanto, elas vão valer muito mais que as tuas em qualquer julgamento, podes ter a certeza. Se queres ficar vivo e se queres ter alguma diminuição de pena se por acaso fores a julgamento, do que eu começo a duvidar a sério, o melhor é falares já e tudo. Se pensas que o dito Ezequiel se vai safar para te ajudar depois, desengana-te, porque, com as declarações da Malika, muito em breve vai ter de responder diante dos chefes dele.

— Quero colaborar — disse Said, num tom mais humilde, para alívio geral. Estava deitado no chão e Armandinho ajudou-o a sentar-se de novo na cadeira. Ele continuou, firmando bem os pés no chão: — Mas não posso mentir. E a verdade é que só o conhecia de vista e foi como disse, vi-o no aeroporto e pedi boleia. Como pareceu interessado na Malika, ótimo, era uma amizade que poderia ser útil para o futuro. É tudo.

— Só o conhecias de vista e no entanto sabias como o interessar, pondo-lhe em baixo dos olhos uma mulher comprometida. Como sabias então que ele não se prende a mulheres virgens ou livres?

— Ouvi dizer e não esqueci. Mas ele não tem nada a ver com os kwanzas falsos.

Se via, o D.O. estava bastante desfeiteado com a teimosia do outro e começava a perder a orientação. Devia hesitar entre uma sessão de tortura a sério, com choques elétricos ou técnicas ainda mais sofisticadas aprendidas de russos e americanos, e uma sessão intelectual de pergunta e resposta, confundindo-o através das contradições. Foi numa voz claramente enfastiada e sem esperança que perguntou:

— E então quem organizou tudo?

— O Diallo Keita.

— Quem é esse? — quase gritou o D.O., se pondo de pé.

— Um guineense que vive em Conakry. Nunca veio a Angola. Ele é que mandou fazer o dinheiro na África do Sul e me contratou para vir montar o esquema da distribuição.

— Dá mais detalhes. Vou investigar. Se é mais uma invenção, juro-te que nem a cor dos teus tomates vai sobrar.

Said encolheu os ombros. Deu um endereço de Conakry.

— Essa é a residência oficial, se quiserem saber. Mas é inútil tentarem a extradição, o governo dele nunca aceitará. E não há perigo de ele aparecer por aqui ou noutro sítio, a religião dele proíbe-o de andar por cima de água, quer em avião quer em barco, ou mesmo a pé por cima de uma ponte. Por isso ele nunca saiu da sua cidade natal.

Estranha religião, pensou Bunda, mas neste mundo há de tudo, já dizia Frei Bartolomeu de las Casas ao converter os infiéis das Filipinas.

— E se chover e houver uma poça de água, como é que ele faz? — perguntou o estagiário, curioso.

O libanês respondeu de mau modo, sem sequer se virar de lado para o encarar:

— Se é uma poça em que o pé fica afundado tem de dar a volta à poça, não pode passar por cima ou saltar.

— Porra, pouco me interessam estas discussões sobre religiões e poças de água — cortou o D.O. — Daqui a bocado estamos a discutir se pode sair de casa com chuva ou não.

Jaime interpretou esta rude interrupção do parente como uma perda para o interrogatório e para a cultura geral, sinal evidente que o inquiridor estava cansado. Pois às vezes é nos detalhes mínimos que se apanham as grandes verdades e este assunto da religião do dito Diallo podia ser muito revelador. Mas o chefe queria resultados rápidos e até se permitia ser incorreto para ele, Jaime Bunda, membro da sua própria parentela. Pois que continuasse sozinho a tentar puxar pela incriminação de T. O libanês, prometendo colaborar, não saiu destas afirmações. Promessas ou ameaças, pancada ou palavras moles, nada o demovia.

Já desesperado, o D.O. mandou ir buscar o Bubacar, mas a confrontação nada adiantou. Said não ficou nada perturbado com a acusação de chantagista, disse que qualquer outro nas suas circunstâncias faria o mesmo, tinha pressionado de fato o maliano para que ele aceitasse entrar no esquema pois precisava do seu armazém e dos seus conhecimentos. Que tinha usado as armas ao seu dispor e portanto a ameaça de revelar a maka com o outro comerciante de Dakar era perfeitamente legítima. Ao não contrariar as afirmações de Bubacar, que no essencial não diminuíam a verossimilhança das suas, Said acabava por construir uma posição mais ou menos sólida e que podia satisfazer um juiz. Foi mandado a Angola pelo tal Diallo, que guardava para si os contatos com a África do Sul, e usou as pessoas que conhecia em Luanda. Essas pessoas apareciam como comparsas sem grande importância, o próprio Bubacar e os outros malianos ou libaneses que ajudariam mais tarde a distribuir os kwanzas falsos pelo mercado das kínguilas ou o pretenso cúmplice Meritório Tadeu. E fechava o círculo na sua pessoa. Said era a chave e o bagre fumado ficava de fora, para o que desse e viesse. As pequenas contradições nos depoimentos dele e de Bubacar e mesmo de Malika acabariam por passar despercebidos ou serem minimizados em julgamento.

Embora sem acreditar muito na sorte, o D.O. tinha de fazer fogueira com o primeiro pau ao seu dispor. Por isso telefonou para uma polícia qualquer, nunca se sabia muito bem que estruturas ele utilizava, mandando prender o Tadeu. E que o trouxessem à casa do Cacuaco. Mais uma acareação se preparava. A qual, como todos já esperávamos, deu em zero umas horas depois. O dito Meritório Tadeu, pessoa de muita jactância, daquelas que estão em todas as festas apertando a barriga volumosa em fatos sempre estreitos por muito novos que sejam, mas também com muita capacidade de choro, utilizou estes atributos com abundância. Primeiro protestou por ter sido preso ao domingo e levado sem explicações para aquela casa e ameaçou com altas individualidades das suas relações, pois ele não era uma pessoa qualquer que se apanha na rua, por acaso até foi no seu escritório mas para o caso tanto fazia, e se reboca num carro sem ar condicionado para fora de Luanda. Depois de ver o cartão do Bunker que o D.O. exibiu e ser inteirado do caso, fartou de choramingar como é que o antigo sócio, que ele recebeu em sua casa sem um dólar, que protegeu e apresentou a pessoas das suas relações, podia agora acusá-lo de estar numa operação de nítido recorte contrarrevolucionário e antipatriótico, ele que até tinha colaborado com a polícia no célebre caso dos diamantes, nos anos 80, denunciando algumas práticas menos corretas por parte de gente que tinha obrigação de dar o exemplo às gerações mais jovens. Que o citado Said, grande ingrato, ao ser expulso do país pôr nas suas costas se dedicar a negócios escuros, ainda o acusou de estar por trás dessa expulsão e ficado com o negócio. Claro que ficou com o armazém e as grades de cerveja que tinham encomendado, pois era sócio e esses bens lhe pertenciam por direito, uma vez

que o outro tinha abusado da sua confiança e cometido os piores desmandos contra o país e se encontrava ausente em parte incerta. Agora o tenebroso Said se vingava dizendo que ele se associara na fraude dos kwanzas falsos, mas podia jurar que era a primeira vez em muito tempo que via o antigo sócio, nem sequer em sonhos imaginou que ele poderia voltar a Luanda.

O Said foi chamado para a acareação, depois das primeiras declarações do Meritório Tadeu. E, mal o viu, tentou saltar-lhe ao pescoço, mas foi impedido pelas algemas, pelo rápido Armandinho e também pelo estado de enorme cansaço que as sucessivas surras lhe provocaram. Mas vociferou que nem um condenado que haveria de degolar o traidor, ali reluzente de tão gordo, engordado com o dinheiro dele, parecendo mais um rato inchado que um homem. Berraram os dois um para o outro, cada um na sua língua, até que Meritório Tadeu voltou a protestar inocência e a chorar a sua triste sina que sempre lhe punha pela frente vigaristas sem escrúpulos que abusavam da sua reconhecida boa fé. Era a palavra de um contra a do outro e por ali estava visto que não se conseguia grande coisa. Embora Bunda achasse que o Said tinha mesmo mentido antes, pois se tinha convidado o Tadeu a entrar no negócio dos kwanzas falsos, não havia muita razão para agora perder a cabeça e querer esganá-lo à frente de todos. O Tadeu foi convidado a se deixar fechar num quarto, depois de lhe explicarem que de fato não estava preso, apenas detido por alguns momentos, até porque era um conceituado empresário da nossa praça e ninguém tinha interesse em manchar a sua reputação. O D.O. lhe prometeu que ainda hoje, antes da noite, seria libertado e levado para o escritório, mas precisava de o ter à mão para mais uma acareação. Pelo que nos apercebemos mais tarde, a citada acareação podia ser com o bagre fumado, nas esperançosas conjecturas do inquiridor principal. Bunda, entretanto, não disse nada sobre a sua conjectura em relação ao Tadeu. Já que o parente acordara da bebedeira muito inteligente mas com certa desconsideração em relação a ele, também não interferiria mais nas coisas. Só se perguntado.

Pelo seu lado, o Isidro nada de novo tinha arrancado dos comparsas menores da operação. Ou eram guardas e não sabiam mesmo de nada, o seu trabalho era tomarem conta do exterior do armazém, ou eram os carregadores que confirmaram o que Bubacar dissera, foram por este contratados no Roque Santeiro para descarregarem uns caixotes de um barco para uma chata e desta para uma caminhonete, mais nada sabiam nem que podiam estar a incorrer em algum crime. Ao fazer o seu relatório, Isidro revelava uma certa acrimônia, talvez por ter sido relegado para uma condição inferior de interrogador, quando o Armandinho e o bundão formavam equipe com o D.O. em pessoa para trabalharem os verdadeiros criminosos, no que ele devia considerar uma verdadeira injustiça e claro nepotismo, pois toda a gente sabia que eram parentes do chefe. E o verdadeiro alvo da operação escapava-lhe totalmente, religiosamente guardado pelos três. Acrimônia reforçada pelo fato de o D.O., depois do relatório feito, dizer para ele se retirar pois queria conferenciar com os outros dois.

O parente graúdo parecia mais humilhado que furioso. Nem ousava encarar os companheiros. Imaginava talvez que Armandinho e Jaime julgavam com severidade a sua técnica de interrogatório e sobretudo o observador primo encontrava pontos fracos. Mas esta é uma suposição de narrador, obrigado de vez em quando a condimentar a prosa, pois nada na atitude aparente dele mostrava que se sentisse diminuído perante os subordinados, denotava

apenas a humilhação do fracasso.

— O Said é coriáceo, não há dúvidas — acabou por dizer. — Só me resta fazer uma coisa.

Jaime Bunda ficou à espera que o chefe falasse. Armandinho também. Só que ele não se decidia a confidenciar o que lhe restava fazer. E ficaram em silêncio, o chefe de cabeça baixa analisando as manchas de sangue no chão, Armandinho coçando o ouvido com a longa unha do dedo mindinho e Jaime olhando uma aranha a formar a sua teia num canto de parede. Não era propriamente um ambiente de vitória. Já que ninguém se decidia a perguntar, que vai fazer, chefe, este teve de romper o constrangedor silêncio:

— Vou à Cidade Alta pedir autorização ao chefe para interrogar o bagre fumado. Explicar-lhe tudo o que passou, as nossas suspeitas, e garantir que num interrogatório ele vai escorregar, vai entrar em contradição com o Said e os outros, vamos apanhar-lhe nalguma...

Armandinho moveu a cabeça de um lado para o outro, não se sabendo se aprovava ou não. Bunda estava estático, sem se decidir se teria coragem de enfrentar o bagre fumado olhos nos olhos, mesmo se fossem três contra um. É que o personagem era feio para meter medo. Mas lhe parecia que o parente não tinha alternativa senão essa que indicara, ir falar com o chefe do Bunker e rezarem os três para que a sinistra personalidade de fato caísse em contradição ou se afundasse em depressão propícia a todas as confissões.

— Vai ter de dizer que o Said até agora não incriminou o bagre... — arriscou dizer Jaime, com a cara mais inocente do mundo.

— Claro — disse o chefe, olhando para ele de maus modos. — O bagre fumado é um figurão, tenho de pedir autorização para o deter e interrogar. E devo dizer a verdade, até agora não há nada que o incrimine exceto o fato de andar com o Said, que apanhamos com a mão na massa, e se ter apresentado a Malika com nome falso, o que é um forte indício...

— E ir nadar nas horas de serviço, já agora.

— O que é que queres dizer? — decididamente o D.O. estava um bocado agastado com Jaime Bunda, porque já não tinha benevolência ao ouvir os seus ditos.

— Contei ao chefe e o Armandinho também confirmou. Ele costuma ir nadar todas as manhãs. E se engravata de novo todo para voltar ao serviço.

— E em que isso é crime, não me dizes?

Jaime respirou fundo, já arrependido de ter falado. Que mania a sua de dar palpite... Mas agora tinha de prosseguir, defendendo a sua posição, pois recuar, remeter-se ao silêncio vencido, seria pior, levaria o parente a tratá-lo de atrasado mental.

— Só estou a dizer que o chefe deve aproveitar e contar tudo o que sabe sobre o bagre fumado. Fazer o que o meu tio Esperteza do Povo chamava de xima do Leste. Ele que andou na guerrilha lá onde funji se chama xima e dizia que quando o dito funji já estava duro ainda lhe botavam mais farinha em cima. Aqui também o chefe deve fazer um bruto xima, acrescentando tudo. Pode ser que o chefe do Bunker não saiba desse detalhe e não aprecie que um seu conselheiro perca tempo...

— Tem juízo, estou a falar de coisas sérias.

E o D.O. levantou da cadeira de maus modos, nem despediu, abriu a porta e se perdeu pelo corredor, perante um Jaime algo desorientado, pois só queria ajudar.

— Não ligues — consolou Armandinho lhe tocando ao de leve na anca. — O chefe está

cansado e os interrogatórios não lhe correram como ele esperava. Acho que temos de passar a meios mais fortes. Entretanto descansemos um pouco.

Nessa altura apareceu na sala o Isidro, que se apercebera do fim da reunião secreta entre os três. O Land-Rover, sempre prático, disse:

— Ainda bem que apareces. Vamos aproveitar para comer o que trouxeram. Não sabemos quando o chefe vai chegar, guardamos qualquer coisa para ele.

— O mais certo é ele almoçar na cidade — disse Bunda, preparando imediatamente uma sandula de pão com fiambre para o ajudar a esquecer os maus modos do parente.

— Depois eu levo a comida à mulher — disse Armandinho

— Que mulher é essa? — perguntou Isidro, no seu tom mais humilde, o que era raro e demonstrava que se sentia muito por fora dos assuntos.

Jaime olhou para Armandinho, deviam contar? Apenas o essencial, devem ter pensado os dois, pois Bunda disse entre duas mastigadelas:

— É a amante do Said Bencherif.

— Qual Said Bencherif? Espera, Said Bencherif? Aquele...

— Esse mesmo — disse Bunda. — Foi expulso mas voltou. E é o chefão deste tráfico de dinheiro falso.

— Nos interrogatórios que fiz ouvia sempre falar no libanês que estava com o Bubacar, mas ninguém sabia o nome. Então o Said Bencherif — e assobiou de admiração. — Quem o caçou?

— Aqui o menino Jaime — disse Armandinho, carinhoso. — O Jaime é que filou este assunto todo, sozinho e desde o princípio.

O Isidro estava verdadeiramente abuamado, nunca lhe podia passar pela cabeça que o estagiário, que ele utilizara algumas vezes para fazer número em buscas e detenções, considerado pouco mais que parvo pelo chefe Chiquinho Vieira, atirado para andar atrás de um assassino de menor sem a mínima importância, pudesse ter metido a mão sozinho em tão importante caso. Minha Nossa Senhora, agora é que vamos ter de o aturar, pensou o invejoso agente. E como vai ficar o chefe Chiquinho, completamente arredado deste assunto e a ter de lidar com o vitorioso Jaime Bunda, caçador do Said Bencherif e do dinheiro falso? Pensamento este acompanhado de um sorriso malévolo do rancoroso agente, que nunca tinha perdoado a Vieira o tê-lo ultrapassado na promoção para que concorriam os dois, por ter sugerido anonimamente que o Isidro tinha alguma coisa a ver com comissões estranhas saídas do garimpo ilegal de diamantes. Na bófia, mesmo as denúncias anônimas acabam por mostrar o nome e Isidro, tempos depois, descobriu quem a tinha feito. Um dia haveria de se vingar, mas pelo momento ia rir com a careta de Chiquinho Vieira quando o bundão recebesse os elogios pelo grande desastre que tinha evitado à economia nacional.

4

O CHEFE DO BUNKER MANIFESTA-SE

Ainda bem que comeram e voltaram a comer, esperando o chefe. Pois este só voltou ao princípio da noite. Tiveram de passar o dia conversando para matar o tempo ou ficando a olhar as plantas do jardim. Bunda, que era um romântico como já sabemos, preferiu ir para a varanda de trás da casa, que dava para o mar, apreciando o fraco movimento dos barcos de pesca, pois estes preferem a noite para trabalhar. A situação da casa era privilegiada, por se situar numa elevação do terreno, o que permitia a espetacular visão do sol a encostar no mar, com todos os laranjas e violetas do mundo. Como seria delicioso um fim de semana com Florinda naquele lugar longe do monstro urbano e sobretudo longe do Antero... Foi nesse momento que chegou o D.O.

Os guardas se agitaram e Jaime recuou para dentro de casa. O D.O. entrou calado na sala onde se processaram os interrogatórios. Fez um gesto a Isidro para este sair, o que ele obedeceu mas com uma carranca sugestiva.

— Então, chefe? — perguntou Armandinho.

Só podia ser mesmo o Land-Rover a perguntar qualquer coisa. Bunda não o faria, com medo de ser mal interpretado e receber uma resposta salgada. Ficou apenas sentado na cadeira habitual, fingindo que não era nada com ele. O D.O., que também voltou para a cadeira da secretária, suspirou, descoroçoado.

— O chefe acha que não há matéria para interrogar o bagre fumado.

— Como assim? — fez Armandinho.

— Assim mesmo. Que são apenas suposições, as nossas. Que o bagre é conhecido por não resistir a uma mulher comprometida ou mesmo acompanhada apenas por um homem. Logo a quer comer. Complexo de corno invertido, segundo classificação do chefe, o qual chegou a suspirar quem não tem as suas fraquezas? Que o fato de usar nome falso não quer dizer nada, quem não se esconde muitas vezes atrás de um pseudônimo? Para não ser chateado com pedidos ou com chantagens, um tipo importante muitas vezes oculta o nome ou usa outro ao se apresentar a desconhecidos e isso não quer dizer que se prepare para cometer um crime. Enfim, o fato de o bagre fumado se ter aproximado de um criminoso como o Said pode ser imputado ao fato de não resistir aos seus inocentes impulsos sexuais, ou impulsos de gênero, como agora lhes chamam. O chefe até se referiu ao preconceito que existe de os africanos serem todos assim, pensarem primeiro com as pilas e só depois com a cabeça, o que de fato é um exagero racista mas às vezes bate certo. Bom, numa palavra, se não arranjarmos mais indícios, ele não autoriza o interrogatório, que será sempre humilhante e desprestigiante para um responsável. Pois vai acabar por se saber nos serviços, ele próprio poderá um dia dar publicidade ao fato de ter sido interrogado, o que prejudica de alguma forma a credibilidade do regime. De qualquer modo, ficou em banho-maria e por muito tempo a proposta do bagre

para diretor-geral dos SIG. Só isso ganhamos. Pois quando for altura de substituir o atual diretor, já o chefe esqueceu o bagre, ou este já foi para outras funções muito diferentes ou outro nome mais consensual já apareceu. Disso estamos livres, valha-nos Nossa Senhora da Bófia.

Depois deste longo discurso, o maior que Bunda ouviu por parte do primo em toda a sua vida, o chefe se calou e olhou para a garrafa de uísque a meio da secretária. Se serviu de um copo cheio. A garrafa, que já tinha sido visitada frequentemente durante a tarde, ficou com um quarto do líquido e não ia durar muito. Depois de beber o copo inteiro sem desencravar, era muita sede e muita frustração acumuladas, o D.O. lembrou:

— Ah! E temos ordens de soltar imediatamente o Meritório Tadeu. Com um pedido de desculpas.

— Ele bem que protestou quando lhe dei o pão seco com leite — disse Armandinho, mortificado. — Se isso era refeição para um empresário importante... Se o queríamos matar à fome... que não tinha nascido de pata rapada como muitos de nós, que sempre comeu pão com manteiga desde o berço etc.

— Não lhe deram mais nada?

— O chefe só falou da mulher que comia o mesmo que nós... O Tadeu foi tratado como os outros presos.

— Porra! — disse o D.O. — Mais uma queixa que vamos ter.

— Ele é assim tão importante?

— Também fiquei admirado. Pelos vistos, é muito importante para o chefe do Bunker. Nunca me tinha apercebido. E eu devia saber...

Foram frases banais mas Bunda, sempre atento aos pormenores que escapavam a outros, detectou algo muito tênue mas terrivelmente preocupante na voz do parente. O tom não escondia lá no fundo uma crítica ou um ressentimento em relação a quem todos deviam respeito e amor absolutos. Crítica, ressentimento, despeito, fosse o que fosse, em relação ao chefe do Bunker era apostasia, heresia, crime de lesa santidade, sentimento totalmente impensável, sacrílego. Quase rezou para que estivesse enganado e fosse a sua própria tristeza por não terem podido agarrar definitivamente a sinistra personagem que o levasse a supor na voz do D.O. o prenúncio do mais grave dos delitos, o parricídio primordial, o crime que dá origem a este e a muitos outros mundos

— Vai lá buscar o homem. Peço-lhe desculpa, que remédio!

Armandinho foi cumprir a ordem e o D.O. escondeu a garrafa de uísque na gaveta da secretária. Jaime aproveitou o momento para dizer ao chefe que a prisioneira Malika tinha terminado o seu volumoso relatório, o qual estava na gaveta onde tinha ido parar a garrafa. O que levou a dita gaveta a ser de novo aberta e dela ser retirado o maço compacto de folhas escritas em francês, que Jaime tinha antes tentado decifrar com pouco ou nenhum êxito. O D.O. se recostou para trás e começou a leitura, com visível empenho e prazer.

Em breve apareceu um amarrotado Meritório Tadeu, cheio de vênias e lamentos, certamente aterrorizado perante a ideia de um verdadeiro interrogatório, senão uma sessão de tortura. Não lhe tinham certamente escapado as manchas de sangue pelo chão que ninguém se preocupara aliás em ocultar.

— Bem, senhor Tadeu, o senhor está livre. Aqui o meu ajudante vai levá-lo a casa ou onde quiser. E pedimos desculpa pelo tempo em que esteve detido, mas compreenda que a acusação que o Said lhe fez...

Onde foi resgatar tão rapidamente a empáfia? O homem perdeu imediatamente o ar de desgraçado e cresceu como o feijoeiro da estória infantil, para readquirir a arrogância com que entrara pela primeira vez naquela sala.

— Eu sabia, eu sabia... Receberam ordens para me soltar, não é? Mas eu não vou esquecer o que me fizeram passar, nem sequer me alimentaram, atiraram-me para um quarto miserável...

— Estava limpo e tinha uma cadeira — corrigiu Armandinho, pouco diplomata e que continuava a ver nele um perigoso criminoso.

— Cadeira, cadeira, chama cadeira àquilo? Com o tampo mais duro que a sua carne. Mas vão ouvir ainda falar de mim. E quero ver o que fazem ao bandido do Said. Vou estar atento, podem ter a certeza.

— Jaime, leva o senhor a casa — cortou o D.O., furioso mas contendo a irritação.

Jaime saiu à frente, ouvindo os impropérios do agora destemido Meritório Tadeu, ameaçando tudo e todos, cada vez mais excitado e falando mais alto à medida que se aproximavam do carro e portanto da rua. De onde vinha o poder deste homem, fato que até espantara o parente, informado de tudo por obrigação? Mistérios e mais mistérios, esta terra está cheia de mistérios, disse para si mesmo Jaime Bunda, a dar ao arranque. Provavelmente é casado com uma filha da realeza, ou cunhado de algum membro da corte. Ou sabe mujimbos explosivos sobre os cortesãos e o seu silêncio convém comprar. De que é feito o poder nesta terra? Mistérios, só mistérios, como diria o mítico futebolista Di Stefano ao falhar incompreensivelmente a primeira grande penalidade da sua carreira, segredou para a sua barriga Jaime Bunda, agente secreto, agora transformado em motorista de um ricaço encolerizando-se crescentemente consigo próprio.

Entretanto, o D.O. se deleitava com o relatório biográfico de Malika, a bela bailarina de dança do ventre. E se imaginava também ele despindo os sete véus com que ela se cobria, em cerimônias rituais, lembrando as Mil e uma Noites de Bagdá. Por isso estava distraído quando acedeu ao pedido de Armandinho, o qual queria exercer a sós as suas capacidades inquisitoriais sobre o duro Said. Bem que Armandinho se esforçou por confundir o libanês e ao ser desfeiteado pela palavra passou a mais uma sessão de pancadaria com o tubo de mangueira. Inutilmente. O árabe vomitou sangue por todos os lados, devia ter algum órgão interno partido em quatro partes, mas mantinha as suas afirmações. O D.O., que antes de sair fizera um telefonema a mandar pedir à Interpol que enviasse informações urgentíssimas sobre o guineense Diallo Keita e reações sobre as suas possíveis implicações na falsificação de dinheiro, lia com cada vez maior prazer as revelações da argelina, esquecido das baixarias desta vida tão traiçoeira e ingrata.

Às vezes há coincidências, umas felizes, outras nem tanto. E aquelas que não têm a mínima importância. A referida aqui é a de ter sido exatamente no momento em que Bunda transpunha a porta de entrada da sala, de regresso da cidade, ainda com os ouvidos a arder de tanto ter ouvido Meritório Tadeu berrar ameaças no carro, o mesmo momento em que o D.O.

terminou a leitura do relatório de Malika. Podia ter terminado cinco minutos antes e preencher o tempo que dista para a chegada de Jaime Bunda com a derrota definitiva da garrafa de uísque. Mas não. Um a entrar e o outro a fechar o relatório. Uma coincidência apenas. Que certamente não mudou em nada o curso da História.

— Vai chamar a senhora — ordenou o D.O. a Armandinho, que parecia ser o anjo da guarda de Malika.

Jaime sentou na mesma cadeira de sempre, o que mostrava a sua fidelidade. Em silêncio. O chefe também não disse nada. Era já tarde e o estagiário tinha aproveitado uma paragem forçada numa roulote para comer alguma coisa e beber duas cervejas. Mas tinha saudades de um verdadeiro jantar. Seria hoje? Só se terminassem cedo. Mas pelo ar do parente, não parecia que terminassem imediatamente. Nenhum deles tinha tomado banho ou mudado de roupa e os desodorizantes tinham ficado nas casas respectivas. Havia pois um ar pesado naquela sala. Mas o chefe parecia não notar nada, todo metido nos seus dramas íntimos.

Malika também não estava muito arranjada. Os cabelos exigiam algum cuidado e a roupa estava enxovalhada pois se deitara, depois de escrever, mesmo vestida. No entanto, não podia esconder ser uma bela mulher. E o chefe não escondia, também ele, que estava fascinado. A voz com que a recebeu, toda melada, era muito mais própria para uma conversa ciciada à mesa de um bar a meia luz do que para um interrogatório policial.

— Li o seu relatório. Uma coisa fica clara. Embora sem apresentar nenhuma prova, está convencida que o Said e o Ezequiel são sócios. O Said disse-lhe claramente isso?

— Não. Ele nunca me disse tenho uma sociedade com esse senhor e fazemos isto ou aquilo. Mas quando se referia a ele é como se de fato tratassem de negócios.

— Também não pode dizer que os dois estavam combinados ou em contato, antes de vocês virem para Luanda.

— Em Dakar, Said nunca me falou do Ezequiel. Nem se tinha alguém cá com quem se associar. Apenas me dizia que me ia arranjar um casamento com um tipo cheio de bala.

— Mas está convencida hoje que ele então se referia a Ezequiel?

— Acho que sim. Mas não posso afirmar taxativamente.

— Poderá ser que no aeroporto quando Said viu Ezequiel pensou, aí está o homem ideal para ti?

Ela ficou em silêncio, meditando. Recordando as cenas. Depois abanou a cabeça de um lado para o outro.

— Sinto muito, não sei. Pode ter sido só no aeroporto que pensou no Ezequiel. Podia ser antes. Realmente não posso afirmar.

— Bom, paciência! Outra coisa. Ouviu o Ezequiel falar sobre o Meritório Tadeu?

— Sim, foi ele que confirmou que o Tadeu ficou com o armazém e os contentores de cerveja do Said. Que foi o Tadeu que armou a coisa com a polícia para expulsar o Said de Luanda. Pus isso no relatório...

— Sei. E que lhe pareceu? O Ezequiel não deve então gostar muito do Meritório...

— Odeia-o, tenho a certeza.

O D.O. ficou a olhar para ela. Estaria a ponderar na informação que recebera? Um conselheiro do chefe do Bunker odeia um tipo que pelos vistos é protegido do chefe do

Bunker. Esse mujimbo podia servir para alguma coisa? Era uma informação. Às vezes serve, outras vezes não. Jaime reparou então que o chefe hesitava, comendo a argelina com os olhos. A qual sustentava o olhar com gentileza mas sem se intimidar. O parente também não ia fazer uma declaração de amor ali à frente dos subordinados, caramba. Mas era mesmo isso que transparecia da maneira quente como a mirava.

— Vamos levá-la ao hotel, deve precisar de se lavar e mudar de roupa. Aliás todos nós estamos a precisar. Eu acredito em si e por isso vai ficar no hotel. Pode lá receber quem quiser, mas não sai, está bem?

Ela confirmou com a cabeça, aliviada. Jaime Bunda noutra altura protestaria, pois o chefe estava a ser demasiado liberal para com a mulher. E se ela bazasse? Não era difícil, bastava um telefonema ao bagre fumado. Se o seu depoimento não era muito comprometedor, no entanto podia ser utilizado mais tarde e portanto não convinham interferências.

— É do seu interesse manter afastamento do Ezequiel. Ele vai estranhar que só o Said fique detido. Pensará que você entrou em algum acordo conosco e poderá querer fazer-lhe mal.

— Por mim, terei muito prazer em nunca mais o ver na minha vida.

— Quanto ao Tozé... Bem, não precisava de ter posto aquela parte final, enfim, ninguém tem nada com isso... Se quiser retirar do seu relatório a parte do motel...

— Pode ficar — disse Malika. — É a verdade.

— Achei graça. O Boca-de-Pargo, como lhe chama, ser enganado pelo afilhado...

O D.O. lançou finalmente para o ar a gargalhada que há muito retinha. Jaime e Armandinho, que desconheciam a que parte cômica o chefe se referia, ficaram mudos e com caras de parvo, completamente fora da jogada. Estavam sobretudo estupidificados pelo rumo que levava o interrogatório, contra todas as regras da bófia.

— Diga-me uma coisa, menina Malika. Está interessada em ficar por cá e fazer a dança do ventre aí num cabaré? De forma perfeitamente legal, claro... Posso arranjar-lhe isso.

A argelina sorriu. Existia um clima entre os dois que agradava a ambos, era evidente.

— Sim, gostava de conhecer um pouco mais este belo país. Acho as pessoas boas e simpáticas.

— Amanhã vou ao hotel falar consigo. Agora o meu ajudante vai levá-la. Até amanhã. E descanse.

A mulher foi ao quarto buscar a carteira e Bunda ouviu Armandinho perguntar ao chefe se era de fato bom deixá-la ficar solta no hotel, com possibilidades de contatar com quem quisesse.

— Este caso está no fim — respondeu o D.O., cordialmente. — Pelo menos não vai mais longe que isto, tudo indica. Desconseguimos de apanhar o bagre fumado, pelo menos por enquanto... Por que então não a deixar ficar confortável, com as suas loções de corpo e perfumes? Quem me dera também dormir na minha cama...

— Então estamos à espera de quê, chefe?

— Da resposta da Interpol. Sobre o tal Diallo Keita.

Jaime Bunda teve esperanças que viessem detalhes sobre essa estranha religião que proibia de sobrevoar águas, mesmo as putrefatas, como era comum nas ruas africanas. Mas

Malika apareceu no corredor e ele teve de a levar ao hotel. Decididamente, tinha sido injustamente remetido pelo parente para o papel secundário de motorista, ele que tinha descoberto todo o criminoso bando. Ao menos não iria ouvir imprecações como da vez anterior com o Meritório Tadeu. E talvez pudesse rever as roliças coxas da bailarina, no entra e sai do carro, o que já era uma consolação. O D.O. é que se preparava para ver partes mais íntimas, estava na cara. E sem se preocupar minimamente com o que poderia pensar Armandinho, que afinal era familiar da mulher dele. Depois era tratado de cabrão ou panasca da merda, com alguma razão, temos de convir.

À entrada da Ilha, um polícia de trânsito mandou parar o carro, para ver os documentos da viatura e a carta de condução. Mais um a tentar melhorar o miserável salário, pensou Bunda, com benevolência, talvez por ter uma beldade ao lado. Era conhecido que os polícias nem viam os documentos se no meio deles estivesse uma nota boa de kwanza, a chamada gasosa. Saíam aos bandos para a rua nos fins de semana, sobretudo na Ilha, que era o ponto de maior circulação por causa das praias, para extorquirem os cidadãos e particularmente os candongueiros, cujos carros teriam sempre qualquer coisa que justificava uma multa ou apreensão de veículo. Jaime mostrou o cartão dos SIG e recebeu uma temerosa continência em troca. Sorriu e disse, condescendente:

— Vai descansar, colega, já é tarde. O dia esteve fraco?

O polícia não respondeu, medroso. Qualquer que fosse a resposta podia incriminá-lo, pois seria sempre admitir que se deixava corromper. Jaime arrancou, deixando o outro na dúvida sobre o seu verdadeiro estatuto, pois podia se tratar de um fiscal em ronda de inspeção. Quem não sabia que os SIG era a polícia dos polícias?

Jaime Bunda deixou Malika subir para o seu quarto, recomendando-lhe de novo para não entrar em contato com ninguém, pensando ele em T ou Ezequiel, como se quiser, e pensando ela em Tozé. Que chamou logo pelo telefone, mal arrumou um pouco o quarto ainda todo descomposto. Se via, o pessoal do hotel deve ter tido medo de mexer naquela confusão, por receio de represálias futuras de quem o tinha virado do teto para o chão. Tozé correu para a Ilha, como será de prever. Fascinado por à sua aventura lasciva se acrescentar agora uma aventura a sério, de crimes e sangue. Mas não nos diz respeito, que vamos com Jaime Bunda forrar o estômago ali para os lados do Roque Santeiro, num telheiro onde a especialidade era o excelente cabrité trazido pelos malianos e acompanhá-lo depois até à casa do Cacuaco, onde um desesperado D.O. já tinha recebido a resposta da Interpol. Como Bunda ficou a saber pelo Armandinho, que o recebeu na varanda e lhe contou os mambos, a bófia de Conakry fora eficiente apesar de ser domingo e assegurava ser impossível o dito Diallo Keita ter alguma coisa a ver com dinheiros falsos, pois era um inofensivo maluco que tinha inventado uma pacífica filosofia semirreligiosa de que todos se riam com benevolência, mesmo os guardiães mais fanáticos do Islão. Era inconcebível que ele tivesse contatos facinorosos com a África do Sul por ser analfabeto, nunca ter saído de Conakry e incapaz de fazer mal a uma mosca. A bófia de Conakry e a Interpol, sempre cautelosas em afastar uma suspeição, pois aplicam sistematicamente o lema de que todo o cidadão é culpado antes de provar a sua inocência, neste caso eram totalmente afirmativas, Diallo Keita estava a ser vítima de uma acusação ainda mais falsa que os kwanzas apreendidos.

Se compreende pois o desespero do D.O., que teria de enfrentar de novo o duro Said para lhe dizer que ele tinha mentido. Bunda cada vez entendia menos o parente, pois lhe parecia que até era bom que fosse tudo mentira. Havia de novo a esperança de o Said ceder e incriminar o bagre fumado.

— Não estás a perceber, talvez por seres ainda novo nestas coisas — explicou com jesuítica paciência o Armandinho. — O chefe já não pode sequer tocar no nome do bagre fumado, pois ele foi inocentado pelo nosso muata do Bunker. Aí acabou. Se o muata diz está inocente, é porque está inocente. Portanto, o D.O. agora quer apenas fechar o caso. Seria bom arranjar um cérebro fora do país, mesmo que escapasse em seguida à justiça, para se provar ao mundo que mais uma vez tinha havido uma conspiração internacional contra nós e fomos injustiçados. Assim, temos como cérebro da operação apenas o Said, o que é pouco, pois os seus objetivos eram puramente de dinheiro e dificilmente podemos apresentar o caso como político. E como o Said não vai falar, nem será mais interrogado para dar o nome do bagre fumado, acabou, ficamos assim mesmo. Percebeste?

— Nem por isso.

— Um dia perceberás totalmente como pensa o D.O. Ah, uma coisa ainda que ele me disse. O chefe do Bunker vai mandar o bagre fumado explicar por escrito o que fez no dia da Independência, o feriado em que mataram a miúda da Ilha. Vais poder continuar o teu inquérito por esse lado. Quem sabe não agarras o tipo pelos tomates?

— Hum, hum! Se ele não se interessa por virgens...

— É, fica difícil — concordou Armandinho com toda a simpatia.

Para terminar o domingo em beleza, pois se aproximavam da meia-noite, o D.O. mandou chamar o Said para lhe dizer que Conakry já tinha respondido e que era tudo uma armação dele contra um pobre maluco convencido de profeta. O libanês sacudiu a cabeça muito contundida e respondeu que muito se admirava da rapidez da Interpol. O que a seu ver provava que estavam a mentir só para o incriminar. O D.O. resmungou de maus modos, esqueces que o mundo hoje está a ficar globalizado. Mas o libanês não saiu da sua versão. Armandinho ainda olhou insistentemente para o chefe, pedindo permissão para utilizar o seu pedaço de mangueira municiado com areia. Mas não recebeu autorização. O D.O. chegava ao ponto de desconfiar da eficácia da violência na História, como advogava Engels.

Resolveram arrumar as suas coisas. O chefe fez dois telefonemas e transferiu a responsabilidade pela guarda dos prisioneiros principais para os serviços habituais e mandou soltar os outros, os guardas do Bubacar e os carregadores recrutados no Roque Santeiro. Estes foram avisados que depois teriam de servir como testemunhas no julgamento. Ainda tiveram a coragem de perguntar como faziam para regressar ao bairro, pois o Cacuaco ficava longe. Levaram uma corrida do Isidro, que os ameaçou de apodrecerem uns dias mais presos à espera de carro que os levasse para casa. Sem resmungarem, meteram-se a pé pela noite dentro, mortos de fome mas chateados apenas por não terem sido pagos pelo trabalho que tinham de qualquer modo executado. Muito provavelmente no dia do julgamento ninguém saberia onde os encontrar, mas também não tinha grande importância.

Jaime Bunda, Armandinho e o D.O. voltaram para a cidade, depois de numa rápida conferência, receberem as instruções do superior. Entretanto, o vesgo Ramiro foi dispensado

pelo chefe de vigiar o bagre fumado. Era inútil, na medida que o sinistro personagem fora considerado inocente, apenas vagamente suspeito de ter violado e assassinado Catarina Kiela no dia da Independência, o que seria ainda mais difícil de provar. Por outra inexplicável coincidência, apenas devida ao arbítrio dos deuses, no momento mesmo em que o vesgo Ramiro recebeu a ordem de largar a vigília começou a chover copiosamente. Como era normal em Novembro.

5
UM FECHO DE SEGURANÇA

No dia seguinte, segunda-feira, Jaime Bunda se apresentou ao serviço com novos pensos, mais discretos e colocados com mais cuidado pela carinhosa Laurinha. Tinha contado à prima a vitória de sábado à noite e deixou em aberto a possibilidade de ainda caçar um grande figurão, cujo nome ocultaria por razões de segurança. A prima não perdeu tempo e contou à mãe, pois o pai já tinha ido para o serviço. De maneira que quando Jaime passava perto da varanda da casa de tia Sãozinha, recebeu um bom dia, menino, excepcionalmente caloroso. Noutra altura poderia ser prenúncio de um dilúvio ou terramoto, nesta terra abençoada onde tais pragas nunca aconteceram. Encheu o peito, começavam a reconhecer o valor dele, até mesmo a rezingona tia Sãozinha.

Foi também triunfal a entrada nos SIG, porque Armandinho, o qual pouco comia e menos dormia, já tinha alertado os colegas da colheita feita no fim de semana, tudo graças à persistência e lucidez de Jaime Bunda. O próprio Isidro, com olheiras e mal disposto por ter trabalhado em fim de semana, também teve de confirmar. De maneira que o mujimbo tinha corrido pelo serviço quando o agente estagiário chegou, razoavelmente atrasado, como se deve a um herói. A bela Solange estava no cimo das escadas e bateu palmas quando o viu. Pregou-lhe dois beijos, cada um em cima de um esparadrapo, e introduziu-o imediatamente no gabinete do chefe Chiquinho Vieira, não sem antes anunciar confidencialmente que o D.O. ainda não tinha sido visto por ali.

Era claro o constrangimento de Chiquinho Vieira, que o mandou sentar com alguma deferência e muita reserva. Jaime percebeu logo que o outro não sabia como o tratar, pois em princípio estava perante um inferior que lhe tinha claramente mentido mas que estivera envolvido numa feliz operação debaixo da autoridade do seu próprio superior hierárquico, isto é o D.O. Operação que lhe passara completamente à margem do afinado nariz, vergonha eterna.

— Já sei que conseguiram apanhar uma importante rede de falsários...

O estagiário concordou com a cabeça. Mas não falou. Um silêncio demorado passou.

— E vejo que já está melhor dos ferimentos.

Novo gesto da cabeça de Bunda para confirmar as evidentes melhoras. Se o chefe pensava ele ia ajudar na conversa, atirando frases de conveniência para o ar, bem podia alisar todos os cabelos um a um.

— Quanto ao inquérito sobre aquela morte... Talvez fosse melhor deixar cair. Se o Ministério do Interior até agora não descobriu nada...

— Posso ir lá saber se houve resultados entretanto — falou Bunda pela primeira vez, tocado no brio profissional.

— Como ache melhor.

Havia grande mudança, pois o chefe Chiquinho já deixava ao seu critério o encaminhamento do inquérito. E então Bunda compreendeu: o outro estava assustado pelo fato de quase toda a gente do seu departamento ter sido utilizada pelo D.O. para a operação e não ele. O seu afastamento significava obviamente uma desconfiança. E o D.O. saía daquilo também vitorioso, portanto mais reforçado. Embora Bunda achasse, muito a sós com os seus botões, que o D.O. saía de fato vitorioso, e assim apareceria para o exterior, mas nada satisfeito por ter desconseguido de arrumar de vez com o asqueroso T. Aliás, à medida que as coisas avançavam ou não avançavam, ele se desiludia e descarregava a sua frustração em Jaime Bunda, por ser o parente mais próximo, bunda preparadinha para levar as primeiras palmadas. Estava então tudo claro, o chefe Chiquinho Vieira agora batia a bola baixo em relação a ele. Pois bem, ia aproveitar.

— Penso útil fazer uma visita ao Kinanga, para saber como vão as coisas sobre o outro assunto. Mas tenho de entregar o carro ao D.O., pois ele me emprestou só para aquela operação. Preciso de um carro...

— Sim, o Bernardo está à sua disposição.

— E uma arma...

Chiquinho Vieira baixou os olhos para esconder qualquer comentário mais malicioso que pudesse transparecer no seu rosto e escreveu umas palavras num papel que lhe entregou. Jaime viu que era uma requisição para uma pistola Makarov e munições.

— Leve isso ao setor do chefe Cruz.

Jaime Bunda saiu do gabinete de cabeça erguida e sem reparar no quadro da natureza morta que sempre o atraíra irresistivelmente. Fez uma festa na face da bela Solange, sentada à secretária a mostrar as longas coxas. Ela reteve a mão dele entre as suas, bateu as pestanas, só faltou dizer meu herói. Tinha mesmo de a convidar para ir tomar um refresco depois do serviço, pensou Bunda, decidido a esquecer definitivamente a traiçoeira Florinda de unhas tão envenenadas. Com esta não havia perigo de envenenamento, não tinha inteligência para isso.

O Bernardo estava à frente do edifício, dentro do carro. Bunda ia explicar que de fato o chefe Chiquinho Vieira pusera o carro à sua disposição, mas Bernardo nem lhe deu tempo.

— Onde vamos, chefe?

Jaime sentou ao lado dele com as dificuldades habituais devido à economia de espaço e material que os carros europeus e asiáticos sempre apresentam. Não há nada como as banheiras americanas, suspirou para dentro. Perguntou:

— Mas como sabe que tenho direito a carro de novo?

— Ora, chefe, está no vento.

Como partiram, o agente pôs a mão de fora para ver se de fato sentia o vento. Estava lá, sem dúvida, ainda relativamente fresco, esclarecendo as coisas e comunicando os mujimbos. Bernardo foi contando as últimas da cidade, enquanto se dirigiam para o Ministério do Interior. Parecia a Bunda que o motorista estava satisfeito por de novo o transportar.

Mais satisfeito ainda lhe pareceu Kinanga. Fez uma verdadeira festa, mandando-o sentar e perguntando a razão de tamanha ausência, até tinha telefonado na sexta-feira para o serviço dele, onde ninguém o conseguiu contatar. Jaime ficou muito agradavelmente surpreendido porque tanta felicidade não podia ser devida ao antecipado conhecimento do êxito do fim de

semana, tinha de ser apenas porque Kinanga gostava realmente dele e sentia a sua falta.

— Tivemos aí um caso... Bom, apanhamos uma quadrilha com milhões e milhões de notas de mil kwanzas... Falsas, claro. Peço-lhe para não comentar muito por aí, porque vai haver só logo um comunicado. Por enquanto ainda não é público.

— E essas hum... marcas na sua cara... são devidas a isso?

— De fato foi preciso lutar um bocado — disse Bunda com o seu ar mais modesto. — Mas não são ferimentos graves. O que interessa são os resultados.

— E essa quadrilha? Gente conhecida?

— Estrangeiros. Um libanês e um maliano... Há depois outros tipos metidos, comerciantes... E alguns angolanos, mas sem grande importância. Logo vai haver uma conferência de imprensa para se apresentar alguns dados... enfim, o que for conveniente apresentar.

— Pois eu também tenho boas notícias para lhe dar — disse Kinanga, sorrindo por todos os lados. — Por isso lhe telefonei. Já apanhamos o assassino da Catarina Kiela.

— Afinal? Pois eu vinha mesmo para saber disso.

— E está a dar a maior confusão, por isso também mantivemos o caso o mais escondido possível. Como não o encontrei na sexta e depois se meteu o fim de semana, nos SIG ninguém ainda deve saber. Nem mais acima, espero. Mas vai dar confusão.

— Por quê? — perguntou o curioso Jaime Bunda, todo inclinado para a frente.

— Imagine. O criminoso é filho de um deputado. Da bancada majoritária, ainda por cima. Se fosse da oposição não seria grave... Eu tenho sempre azar com estas coisas, sai-me cada ás na manga!

E Kinanga contou a Bunda que afinal aquela testemunha, o apanhador de mabangas, tinha dado uma informação preciosa da segunda vez que o interrogaram. O carro, da marca e modelo habitualmente destinados aos deputados, estava amachucado no lado esquerdo à frente. Com estas informações, a polícia passou uma busca a sério, até porque tinha sido muito pressionada pelo Bunker através do seu agente Jaime Bunda. E também teve muita sorte, pois descobriu três carros com sinais semelhantes. Maior sorte ainda por Altino Rodrigo da Glória, o adjunto de Kinanga, ter lembrado de utilizar os poderes que poucos reconhecem oficialmente em Dona Filó, a guarda de alguns espíritos protetores. A velha senhora da Ilha passou a mão pelo assento dianteiro de cada um dos carros e indicou um, naquele tinha estado o corpo de Catarina, ainda sentia as suas vibrações ou o que fosse, ela falou em calor. Altino não hesitou e interrogou quem andava nesse carro. Pertencia ao deputado e nessa qualidade lhe tinha sido destinado, mas como estava já um pouco usado ele deixava ser conduzido pelo filho, jovem metido a bebidas e muitas fanfarronadas próprias do meio. O dito jovem primeiro negou tudo, mas desconseguiu de arranjar rapidamente um álibi. Pressionado, acabou por confessar que de fato deu boleia à menina na Ilha, trancou as portas e levou-a para fora da cidade, embora ela protestasse mas sem veemência, pois no fundo iam a passeio e devia ser a primeira vez que ela tinha oportunidade de andar num carro tão cômodo, com ar condicionado e música. Ele violou-a naquele sítio meio isolado da saída sul da cidade, embora dos carros que passavam na estrada pudessem ser vistos, mas as pessoas considerariam que era um casal de namorados em debates mais enérgicos. A menina lutou muito e ele não se

apercebeu que lhe apertava cada vez mais o pescoço. Só depois de ter tido o seu prazer é que notou que ela estava morta.

— Homicídio involuntário, portanto — concluiu Kinanga. — A violação não dá assim tantos anos de cadeia. E ainda por cima de uma rapariga que não é de família importante. Com um bom advogado, o rapaz safa-se relativamente bem. Convenceu-se de estar imune por ser filho de quem é e nem fez grande esforço para esconder indícios ou arranjar uma desculpa. Se fosse menos arrogante, nunca o teríamos apanhado. E, apesar de ter confessado, não é certo que possamos resistir às pressões do pai e amigos. Que levamos para o tribunal? O testemunho de Dona Filó nunca pode ser considerado. Como sabe, a nossa justiça rege-se pelos princípios europeus, racionalistas e cegos. Provavelmente o advogado vai ensinar o criminoso a negar tudo e que confessou porque o pressionamos. E o apanhador de mabangas não é grande testemunha, viu o carro, não o condutor. Estou cético quanto ao castigo. Mas fizemos o nosso trabalho.

Jaime tinha fixado o pormenor relativo a Dona Filó. A velha lhe tinha dito que quando estivesse perto do criminoso ele ia ter muito medo. Mas medo teve de fato quando esteve perto de T, aliás continuava a borrar-se de medo só ao pensar em enfrentar o sinistro personagem. A velha estaria a falar da mesma coisa? Parecia que os dois crimes se misturavam, o do filho do deputado e o atentado contra a economia nacional. Desde o princípio. Devia era pôr em confronto o bagre fumado e Dona Filó. Se não saísse fumo ele atirava a cabeça para baixo de um comboio. Mas Kinanga tinha vencido e queria levar a taça. Acrescentou:

— Afinal, você não tinha razão. Tudo se passou mesmo no carro. Não houve barcos na estória.

Jaime fez um gesto com o braço, como a afastar os mambos, apaziguador. Ele tinha tido a sua vitória, Kinanga também podia ter a sua.

— De fato houve barco, mas foi no outro crime. O dinheiro falso veio de barco.

Mas nem queria falar muito sobre isso. Outra coisa mais urgente o preocupava, Kinanga não manifestava a mínima intenção de se levantar e ir até ao armário onde guardava as bebidas. Por isso Bunda teve de tomar a iniciativa:

— E o seu uísque? Ainda é um bocado cedo mas não caía mal.

— Má notícia — disse Kinanga, sorrindo abertamente, divertidíssimo. — Cortaram-nos as despesas de representação, há contenção de gastos e portanto acabou o uísque nos gabinetes. Suponho que são novas determinações do FMI.

O agente do Bunker ficou incomodado. Não só pela falta de uísque, mas também pelo ar descontraído e até mesmo impertinente de Kinanga. No entanto, evitou criar conflito. Já nada o prendia ali. Deixou o polícia entregue às pressões vindas do pai deputado para se arquivar o caso do falecimento infeliz de Catarina ou solução parecida com essa. Foi saber se o D.O. já tinha chegado ao serviço, o que de fato acontecera.

— Vim entregar-lhe o carro e a arma, chefe. E dizer que já apanharam o assassino da miúda que eu andava a investigar. É filho de um deputado...

— O quê? — o D.O. quase saltou na cadeira. — Filho de quem?

— Não me disseram o nome.

O chefe ligou imediatamente para o Ministério do Interior. Entretanto entregou silenciosamente a Bunda uma folha escrita à mão. Era o depoimento de T sobre o que fizera no dia da Independência. O D.O. informava-se da prisão do filho do deputado com prazer evidente e Jaime leu o depoimento, onde o bagre fumado dizia que nesse dia nem saiu de casa por grandes distúrbios intestinais causados certamente por um peixe menos bom que comera na véspera. Foi tão forte o mal estar que pela primeira vez em vinte e tal anos faltou ao comício de comemoração da Independência, de manhã. À tarde teve de chamar o médico, o Dr. Salustiano Eyovo, o qual podia certamente confirmar a veracidade das suas afirmações, pois ninguém esquece ter de abandonar um lauto almoço familiar do 11 de Novembro para atender um doente que está a diarreiar (sic).

O chefe tinha acabado o telefonema e estava de olhos brilhantes, olhando para Bunda. Este disse, perplexo:

— Diarreiar?

— Parece. Tudo confirma que ele não tem nada a ver com a morte da miúda. Uma coisa muito interessante é que o criminoso é filho do Jerónimo, essa peça de artilharia medieval que ainda mexe só por causa da muita liamba que fuma. Amigo e aliado do bagre fumado. Começo a compreender por que o Chiquinho Vieira te pôs a controlar o assunto. Queria estar ao corrente de tudo que apurassem.

— Acha, chefe?

— Por que razão então? Aí há gato.

Muito diferente seria a opinião de Kinanga, que pensava terem conseguido chegar ao assassino por este ter facilitado demais, convencido das suas imunidades. Arrogância, foi a palavra que o inspetor usou. Seria por o jovem ter explicado ao pai o que passara e este meter o Bunker no barulho para abafar o caso? Ficou tão tranquilo que nem se preocupou em pensar mais no assunto e arranjar uma desculpa para a hipótese de ser interrogado. Parece estúpido demais? Mas quem sabe até onde vai a estupidez humana? Nem mesmo o Imperador Calígula, que era esperto para burro apesar do mau nome.

— Às três horas vais ter uma surpresa — disse o D.O. com um ar misterioso. — Mas vem antes para a conferência de imprensa que eu vou dar.

Bunda, agora com carro à disposição, fez uma entorse a todos os seus regulamentos e normas morais: convidou o Bernardo para irem comer funji de pacaça ao Kiko's Bar, no Bairro Operário. Um herói devia ser generoso e quando Bernardo disse que muito gostaria de aceitar o convite, funji de pacaça era das suas comidas preferidas, mas tinha de prover a duas casas e dois orçamentos, o estagiário logo disse que as despesas corriam à conta dele, pois claro. O que fez o motorista assobiar, de prazer e admiração. E com que voracidade Bernardo comeu a funjada... Bunda, adepto da boa comida e sobretudo da muita comida até parava para contemplar o motorista.

A conferência de imprensa serviu para ser mostrado o dinheiro falsificado e serem apresentados os dois criminosos, Said e Bubacar, os cabecilhas conhecidos até então, embora pudesse ainda haver desenvolvimentos, como explicou o D.O. Além dos chefes, diretor-geral incluído, estavam presentes os agentes que tinham participado nos inquéritos. O diretor-geral, sentado na mesa ao lado do D.O., mais parecia um seu adjunto, pelo ar amarfanhado que

ostentava. Talvez já soubesse que o chefe do Bunker sonhava com outro para o substituir e não se sentia à vontade. Said, esse, estava irreconhecível. Para disfarçar as equimoses, a maquiadora profissional dos SIG aplicou-lhe uma base espessa e muito pó de arroz na cara para ficar da cor de um finlandês. O máximo que os jornalistas podiam dizer é que o árabe era mais feio que a célebre noite da chuvada que fez Noé famoso. Mas nem eles nem os telespectadores poderiam afirmar convictamente que tinha servido de saco de murros, para tranquilidade e alguma frustração das ONG que apregoavam os direitos humanos.

Terminada a conferência de imprensa e ficados os bófias a sós, apareceu a surpresa anunciada a Jaime Bunda pelo parente. Surpresa aterrorizadora, é preciso dizer. Felizmente para Jaime, estava ao lado de Armandinho que o amparou, senão havia riscos de se ter estatelado no chão, tal a comoção e o medo.

Pois a surpresa era T em pessoa. Veio cumprimentar todos os agentes implicados na exitosa operação, trazendo os cumprimentos e congratulações do chefe do Bunker. E fez questão de apertar a mão de cada um deles, por pedido expresso de quem era conselheiro. Apertou a mão do diretor-geral, de forma neutra, apertou a mão do D.O., sorrindo com muito afeto, no que foi imitado, apertou a mão de Bunda, olhando-o fundo nos olhos. As pernas do estagiário tremiam, mas aguentou-se encostado ao corpo de Armandinho, por trás dele a amparar. Jaime nesse momento só lembrou de Dona Filó que lhe dizia, quando tiveres muito medo vais lembrar de mim. Com efeito, Dona Filó era feiticeira de respeito, sabia das coisas.

A sinistra personagem abriu uma garrafa de champanhe que trouxera para um brinde em nome do chefe do Bunker. Surgiram logo as taças não se sabe de onde e depois do brinde T foi embora tão depressa quanto veio, deferentemente acompanhado por Chiquinho Vieira até à porta. O D.O., segurando ainda a sua taça de champanhe, passou familiarmente a outra mão pelo ombro de Bunda e sussurrou com malícia:

— Que tal a surpresa?

Não parecia estar minimamente incomodado. Como viria a saber mais tarde Bunda, o parente estava pronto para tudo, pois, afastado o perigo de ter o bagre como chefe, só lhe interessava agora o encontro que ia ter com Malika no hotel da Ilha. Já lhe tinha arranjado um contrato para um cabaré, também na Ilha, e o visto de permanência no país. Depois lhe montaria casa. E a proibiria de rever Tozé, evidentemente. Nos primeiros tempos até mandaria montar uma discreta vigilância, para se certificar que ela cortara com Tozé, mas também para a proteger de alguma veleidade do bagre fumado, porque nestas coisas nunca se pode fiar.

E como é preciso arranjar um fecho de segurança para isto tudo, vale a pena adiantar que a prisão da tripulação do barco que trouxe o dinheiro deu em nada. Certamente havia um cúmplice na tripulação, pois não se faz uma operação de pirataria em plena baía de Luanda sem que ninguém no barco se aperceba, mesmo se a maior parte andava atrás das catorzinhas nas ruas escuras da cidade. O fato é que ninguém viu nada, as caixas tinham sido expedidas regularmente, havia os papéis da alfândega sul-africana que confirmavam. Da mesma maneira a polícia da África do Sul garantia que o tal Karl Botha era uma invenção, pois de família tão notável e respeitável nunca poderia sair nenhum gesto criminoso, ainda menos visando o bem estar da população de Angola, um país irmão que sempre morara no coração condescendente

dos Botha. Assim, Said Benselama, aliás Bencherif, ficou mesmo para a História e a Justiça como o responsável máximo da criminosa operação.

EPÍLOGO

Onde o autor dispensa narradores e pega de novo na palavra. Para fechar os ciclos. Ou para abrir novos?

[*Era um fim de tarde fresco. Jaime estava sentado no quintal à frente da porta do seu quarto, com a perna engessada assente num banquinho com tampo de pele de cabra. Afinal fora demasiado otimista quanto ao general sócio do Antero. Não se intimidou demasiado por saber que um agente dos SIG tinha mandado partir uma perna ao sócio kamanguista. Demorou uns dias até confirmar de forma irrefutável que não era nada relacionado com as suas atividades mineiras, mas provavelmente um assunto pessoal. Insistiram com Florinda que acabou por contar, evidentemente ressaltando todas as atenuantes, algumas cenas elucidativas. Florinda levou umas chapadas e tudo ficou por aí. Já quanto a Jaime Bunda, resolveram aplicar-lhe o castigo que ele reservara ao virtuoso Antero, marido enganado ainda por cima. Três subordinados do general apanharam Bunda a jeito e partiram-lhe uma perna com um maço destinado a destruir paredes. E agora ele tinha para uns dois meses de imobilidade, amparado pela paciência e carinho de Laurinha.*

Foi então que lhes apareceu Gégé, o irmão mais novo, o irreverente e subversivo Gégé. Era a primeira vez que Jaime recebia a sua visita.

— Mano, vim te dar uma notícia. Vou começar a trabalhar.

Gégé tinha feito o curso médio de jornalismo há uns tempos, mas nunca tinha conseguido emprego e por isso vendia aparelhos de rádio pelas ruas. Disse o nome do jornal onde começaria no dia seguinte a trabalhar, é um semanário pequeno mas independente e com boa linha editorial. Bunda ficou arrepiado, era um daqueles jornais que o colega Honório pegava com pinças e espirrando. Era mesmo o pior jornal, que o obrigava a tomar dois comprimidos antialérgicos antes do exame.

— Não conseguiste melhor que isso? — perguntou Bunda, tentando travar o entusiasmo do outro.

— Era mesmo o que eu queria. Mano, nos tempos do tio Esperteza do Povo os jovens iam para as matas, pegavam em armas para combater o colonialismo e sonhar criar uma sociedade melhor, mais justa. Esse tempo passou. Depois outros jovens foram para as matas, pegaram em armas, para combater o regime que o tio ajudou a criar. Esse tempo também passou. Agora eu pego na caneta para contar a verdade aos meus conterrâneos. Só a verdade interessa. É o nosso tempo.

Bunda já via o filme a seguir. Honório a dizer este teu irmão não tem juízo, olha quem ele acusa de roubar o povo. E o D.O. furioso, já nem a família se respeita, como irmão mais velho tens que te impor, calar esse miúdo atrevido, para quê contar essas estórias que não interessam? E todos no serviço a olharem de lado para ele, agora que deixara de ser estagiário para ser temido bófia do quadro, mas incapaz de aplicar a autoridade na família. Adeus futuras promoções, não ascende a cargos mais altos quem tem um irmão subversivo que quer contar todas as verdades. Como explicar a Gégé que há verdades que incomodam e por isso devem ficar pudicamente sob sete véus?

Era esse discurso que ia começar a fazer, mas Gégé nem lhe deu tempo, só vim para te avisar, agora vou rápido contar lá no bairro que têm um jornalista para pôr nos olhos e ouvidos do mundo tudo aquilo que a população sempre marginalizada sente e quer.

Fez uma festa na cabeça da prima Laurinha, que sorriu para ele, e saiu, quase a correr, alegre e de peito aberto, para ajudar a reformar o mundo. Um peito-de-lacre trinava na árvore mais frondosa da Vila Alice mas ele nem ouviu, com os sentidos apenas para as pessoas, os carros e o bulício da cidade.]

Luanda, janeiro de 2001

Pepetela

Glossário

A

atacador: cadarço; fio para amarrar calçados.

autocarro: ônibus.

B

bassula: golpe em que se derruba o adversário com os pés.

bicha: fila.

bófia: policial; polícia.

C

calundus: espíritos.

cambulador: aquele que chama, atrai o cliente.

candongueiro: motorista ilegal de táxi; trapaceiro; contrabandista.

canvanza: confusão.

casbah: cidadela cercada por muros.

caxexe, de: furtivamente; às escondidas.

caxico: ajudante.

cofre do tablier: porta-luvas (de veículo).

D

djin: gênio.

F

fato: 1. roupa; 2. acontecimento (Br.).

funji: papa de farinha de mandioca ou milho acrescida de caldo e/ou algum tipo de carne.

G

garina: mulher jovem; rapariga; namorada.

I

imbanda: mercadoria que se carrega às costas.

K

kabiri: cão sem dono; vira-latas.

kaínga: policial.

kaluanda (caluanda): de Luanda.

kalulú: comida feita com peixe seco, ou carne, e óleo de palma.

kamanga: tráfico de diamantes.

kandengue: criança.
kijila: preceito, regra ritual.
kimbanda: curandeiro; adivinho.
kínguila: negociante de moeda estrangeira; cambista.
kitia: prostituta.
komba: cerimônia fúnebre.
kumbú: dinheiro.
kuzuo: prisioneiro.
kwanza: moeda de Angola.

M

maka: discussão; briga.
mambos: problemas; questões.
matabicho: café da manhã; desjejum.
mateba: tipo de folha de palmeira.
matumbo: pessoa do campo.
mozabita: habitante do M'zab, região do sul da Argélia, no deserto do Saara.
muadiê: pessoa de respeito.
muata: chefe.
musseque: bairro periférico; comunidade; favela. [Em kimbundu, escreve-se com um só "s", mas com o valor fonético de dois "s"].
muloji: feiticeiro.

N

ngombo: tambor para rituais.
nkisi: espírito ou objeto representativo, protetor dos lares.

P

pacaça: búfalo vermelho; búfalo da floresta.

R

rebuçado: doce; bala comestível.
roulote (roulotte, rulote): veículo sem motor que pode ser atrelado a um veículo motorizado; trailer; utilizado para venda de comida, lanches; food-truck.
ruca: automóvel.

S

secretária: 1. mesa de trabalho; escrivaninha. 2. auxiliar administrativa.

sekulo: ancião de reconhecida sabedoria.

sítio: lugar.

soba: chefe africano.

T

tablier: painel, em geral de veículo; [cofre do tablier: porta-luvas].

telemóvel: telefone celular.

V

viatura: veículo; automóvel.

X

ximbeco: cômodo pequeno e velho.

Z

zongolar: intrometer-se na vida de estranhos.

O autor

PEPETELA (Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos) nasceu em Benguela, Angola, em 1941, onde fez o Ensino Secundário. Em 1958, partiu para Portugal onde frequentou a Universidade em Lisboa. Por razões políticas, em 1962, saiu de Portugal para França e, seis meses depois, foi para a Argélia, onde se licenciou em Sociologia e trabalhou na representação do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e no Centro de Estudos Angolanos, que ajudou a criar.

Em 1969, foi chamado para participar diretamente na luta de libertação angolana, em Cabinda, quando adotou o nome de guerra PEPETELA, que mais tarde utilizaria como pseudônimo literário. Em Cabinda, foi simultaneamente guerrilheiro e responsável no setor da Educação.

Em 1972, foi transferido para a Frente Leste de Angola, onde desempenhou a mesma atividade até ao acordo de paz de 1974 com o governo português.

Em novembro de 1974, integrou a primeira delegação do MPLA, que se fixou em Luanda, desempenhando os cargos de Diretor do Departamento de Educação e Cultura e do Departamento de Orientação Política.

Em 1975, até à data da independência de Angola, foi membro do Estado Maior da Frente Centro das FAPLA (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola) e participou na fundação da União de Escritores Angolanos.

De 1976 a 1982, foi vice-ministro da Educação, passando posteriormente a lecionar Sociologia na Universidade Agostinho Neto, em Luanda, até 2008. Desde sua fundação, desempenhou cargos diretivos na União de Escritores Angolanos e foi Presidente da Assembleia Geral da Associação Cultural “Chá de Caxinde” e da Sociedade de Sociólogos Angolanos. Em 2016, foi eleito para Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Academia Angolana de Letras, de que é membro-fundador.

Obra

Livros publicados pela Kapulana no Brasil:

- *O cão e os caluandas*, 2019.
- *O quase fim do mundo,* 2019.
- *Sua Excelência, de corpo presente,* 2020.
- *O desejo de Kianda,* 2021.
- *Jaime Bunda, Agente Secreto,* 2022.

Obra completa

- *As aventuras de Ngunga*, 1973.
- *Muana Puó*, 1978.
- *A revolta da casa dos ídolos*, 1979.
- *Mayombe*, 1980.
- *Yaka*, 1985.
- *O cão e os caluandas*, 1985.
- *Lueji*, 1989.
- *Luandando*, 1990.
- *A geração da utopia*, 1992.
- *O desejo de Kianda*, 1995.
- *Parábola do cágado velho*, 1996.
- *A gloriosa família*, 1997.

- *A montanha da água lilás*, 2000.
- *Jaime Bunda, Agente Secreto*, 2001.
- *Jaime Bunda e a morte do americano*, 2003.
- *Predadores*, 2005.
- *O terrorista de Berkeley, Califórnia,* 2007.
- *O quase fim do mundo*, 2008.
- *Contos de morte*, 2008.
- *O planalto e a estepe*, 2009.
- *Crónicas com fundo de guerra*, 2011.
- *A sul. O sombreiro*, 2011.
- *O tímido e as mulheres*, 2013.
- *Como se o passado não tivesse asas*, 2016.
- *Sua Excelência, de corpo presente*, 2018.

Prêmios

- Prêmio Nacional de Literatura de 1980: *Mayombe*.
- Prêmio Nacional de Literatura de 1985: *Yaka*.
- Prêmio especial dos críticos de arte de São Paulo (Brasil), 1993: *A geração da utopia*.
- Prêmio Camões de 1997, pelo conjunto da obra.
- Prêmio Prinz Claus (Holanda) de 1999, pelo conjunto da obra.
- Prêmio Nacional de Cultura e Artes de 2002, pelo conjunto da obra.
- Prêmio Internacional para 2007 da Associação dos Escritores Galegos (Espanha).
- Prêmio do Pen da Galiza Rosalía de Castro, 2014.
- Prêmio Fonlon-Nichols Award da ALA (*African Literature Association*), 2015.
- Prêmio Oceanos 2019 — finalista com o romance *Sua Excelência, de corpo presente*.
- Prémio Literário Casino da Póvoa 2020, 21ª. ed. do Festival Correntes d'Escritas: *Sua Excelência, de corpo presente*.
- Prémio Literário dstangola/Camões 2021, vencedor: *Sua Excelência, de corpo presente*.

Destaques

- Medalha de Mérito de Combatente da Libertação pelo MPLA, 1985.
- Medalha de Mérito Cívico da Cidade de Luanda, 1999.
- Ordem do Rio Branco da República do Brasil com o grau de Oficial, 2003.
- Medalha do Mérito Cívico pela República de Angola, 2005.
- Ordem do Mérito Cultural da República do Brasil, grau de Comendador, 2006.
- Nomeado pelo Governo Angolano Embaixador da Boa Vontade para a Desminagem e Apoio às Vítimas de Minas, 2007.
- Doutor *Honoris Causa* pela Universidade do Algarve, Portugal, 2010.
- Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, 2021.